REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO LV | DEZEMBRO DE 1974 | No 16

MANAUS AMAZONAS

QUADRO DE SÓCIOS EFETIVOS

(EM DEZEMBRO DE 1974)

Cadeiras	Patronos	Ocupantes
1	PERICLES MORAES	Cosme Ferreira Filho
2	EUCLIDES DA CUNHA	Cláudio de Araújo Lima (eleito)
3	GONÇALVES DIAS	Agnello Bittencourt
4	SILVIO ROMERO	Newton Sabbá Guimarães
5	ARAÚJO FILHO	André Araújo
6	ADRIANO JORGE	João Nogueira da Mata
7	MARANHÃO SOBRINHO	Paulo Jacob
8	TORQUATO TAPAJÓS	(vaga)
9	MACHADO DE ASSIS	(vaga)
10	BARÃO DO RIO BRANCO	Mario Ypiranga Monteiro
11	JOSÉ VERISSIMO	Djalma Batista
12	OLAVO BILAC	Elson Farias
13	ESTELITA TAPAJÓS	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	BARÃO DE SANTANA NERI	Moacyr G. Rosas
15	GRAÇA ARANHA	João Mendonça de Souza
16	JOÃO LEDA	João Chrysostomo de Oliveira
17	FRANCISCO DE CASTRO	Leoncio de Salignac e Souza
18	JONAS DA SILVA	Jorge Tufic
19	COELHO NETO	Genesino Braga
20	JOÃO RIBEIRO	Raimundo Nonato Pinheiro
21	TENREIRO ARANHA	(padre)
22	FARIAS BRITO	Plinio Ramos Coelho (eleito)
23	CRUZ E SOUZA	(vaga)
24	JOAQUIM NABUCO	Nunes Pereira
25	ARAÚJO LIMA	Sadoc Pereira
26	RUI BARBOSA	José Lindoso
27	TAVARES BASTOS	Oyama Cesor Ituassu da Silva
28	ANIBAL TEÓFILO	Pereira Machado Jr. (eleito)
29	CASTRO ALVES	(vaga)
30	ARARIPE JUNIOR	Thiago de Mello
31	RAIMUNDO MONTEIRO	Carlos de Almeida Barroso
32	BERNARDO RAMOS	(vaga)
33	ANTONIO BRANDÃO DE AMORIM	Walter G. Nogueira (cônego)
		(vaga)
34	ERMANO STRADELLI	Manoel Bastos Lira (eleito)
35	D. FREDERICO COSTA	Moacyr Alves
36	INGLES DE SOUSA	(vaga)
37	BENJAMIN LIMA	Carlos de Araújo Lima
38	BARBOSA RODRIGUES	William A. Rodrigues
39	ALFREDO DA MATA	Mario Moraes
40	PAULINO DE BRITO	Waldemar Batista de Sales

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

N.o 16

1972 - 73 - 74

Manaus — Amazonas

Presidente de Honra
Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

1972 — 1973

Presidente	DJALMA BATISTA
1º Vice-Presidente	ANDRÉ DE ARAÚJO
2º Vice-Presidente	JOÃO CHRISOSTOMO DE OLIVEIRA
Secretário Geral	GENESINO BRAGA
Secretário Adjunto	OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA
Tesoureiro	Con. WALTER G. NOGUEIRA
Bibliotecário	MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

1974 — 1975

Presidente	ANDRÉ DE ARAÚJO
1º Vice-Presidente	GENESINO BRAGA
2º Vice-Presidente	MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO
3º Vice-Presidente	OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA
Secretário Geral	JOÃO MENDONÇA DE SOUZA
Secretário Adjunto	NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
Tesoureiro	WILLIAM A. RODRIGUES
Tesoureiro Adjunto	MOACIR ALVES
Bibliotecário	ELSON FARIAS

Diretor da REVISTA
MENDONÇA DE SOUZA

SUMÁRIO

G.B. — Apresentação 11

TRABALHOS ORIGINAIS

Sociologia e Folclore — André Araújo 12

Pena de Morte — Agnello Bittencourt 22

Alfabetização — Agnello Bittencourt 24

Emanuel Kant e a Análise do Pensamento Especulativo — Almeida Barroso 26

O Patrimônio Histórico e Artístico da Amazônia — Arthur Cézar Ferreira Reis 33

Um Personagem Rabelaisiano — Cláudio de Araújo Lima 37

Ferreira de Castro: Presença e Mensagem — Carlos de Araújo Lima 52

O "Crime" de Henry Wickman — Cosme Ferreira Filho ... 57

Brancos e Índios na Formação da Amazônia — Djalma Batista 61

Poeta Como Nenhum — Genesino Braga: 74

A Emboscada — João Chrysostomo de Oliveira 86

Cassiano Ricardo, Poeta de um Mundo Só — João Mendonça de Souza 91

A Expedição de Pedro Teixeira — João Nogueira da Mata ... 134

Antigo — Jorge Tufic 140

Castro Alves, o Abolicionista — Moacyr Alves 141
O Enamorado do Amazonas — Genesino Braga 217
O Matador de Gatos — Moacyr G. Rosas 157
Alusão, Epígrafe & Plágio — Mário Ipiranga Monteiro 165
A Política de Estabilidade de Pierre Werner, Chefe do Governo do Grão-Ducado de Luxemburgo — Newton Sabbá Guimarães 180
O Cinquentenário do Movimento Literário de 1924 e Suas Conotações Com o Movimento Revolucionário de 1930 — Petrarca Maranhão 192
NOSSA LUZES DO PASSADO 195
"Essa Negra Fulô" — Benjamim Lima 196
Um Artista Clássico, Fernando de Azevedo — Péricles Moraes 202
Um Terceto do "Purgatório" — Adriano Jorge 207
OS MORTOS 212
O Adeus! Ao Mestre — Genesino Braga 212
Ramayana de Chevalier — Genesino Braga 221
IDÉIAS E FATOS 224
Sociedade Amazonense de Professores 226
Exercício da Presidência 227
Alteração nos Estatutos 227
O Governo João Walter de Andrade e a Academia 228
Novo Acadêmico 229
"Coleção Acadêmica Amazonense" 230
Mais Livros de Acadêmicos 230

Edições da Fundação Cultural do Amazonas 231

ATAS ACADÊMICAS 237

ACADEMIAS DE LETRAS ESTADUAIS

APRESENTAÇÃO

Expressando o pensamento de cultura e o **élan** das atividades literárias da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, esta Revista alcança, com o presente, o seu número 16. Remontando a julho de 1920 o seu primeiro número, 54 anos consagram-lhe a existência, — uma existência toda ela voltada para o trato e o aprimoramento das letras no Amazonas, toda ela nutrida de idéias altas e de concepções claras e amplas, em função da cultura, nos homens que se dedicam ao convívio das letras, na Casa de Adriano Jorge.

De quase todos os membros da ilustre Companhia o presente número apresenta trabalhos literários que se recomendam não só pela superioridade dos temas tratados como também pelos cuidados dispensados à forma literária, enriquecendo-se assim esta publicação de matéria de boa joeira, o que lhe dá, sem favor, posição de vanguarda entre as revistas de seu gênero, no País.

Da Revista da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS foram os primeiros dirigentes, em 1920, os saudosos Acadêmicos Raul de Azevedo, Benjamim de Lima e José de Chevalier, que lhe imprimiram a feição gráfica francesa, tão em voga, então, com o respectivo sumário à capa. O número atual, que como outros anteriores, tem a direção do Acadêmico Mendonça de Souza, mantém à capa, como vem acontecendo desde o número 12, uma das faces da Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Academia.

Genesino Braga

SOCIOLOGIA E FOLCLORE

André ARAÚJO

O folclore é uma ciência de interpretação. É uma ciência social que tem íntima interpenetração com a sociologia, com a etnografia e com a etnologia, sendo que esta é, em realidade, segundo uns, a própria ciência do folclore.

Todas elas são ciências humanas, ciências sociais, sendo que todas estão ligadas também à antropologia, à psicologia, à história.

Esse aspecto do íntimo relacionamento entre essas ciências humanas ou ciências antropológicas, acentuou-se recentemente, na segunda metade deste século, através de investigações, de pesquisas, de estudos dos especialistas em sociologia, antropologia, quando alguns cientistas desceram à profunda análise de estudos regionais, estudos das sociedades primitivas, ou das sociedades arcaicas.

Uma consulta ligeira sobre a bibliografia existente referente aos múltimos temas sociais, mostra de logo um relacionamento entre sociologia e folclore.

Sobre esse assunto, é importante voltar as vistas para a obra de George Gurvitch, no seu monumental "Tratado de Sociologia", em que cita um trabalho de J. Gillin em que este examina as relações existentes entre etnologia, a psicologia e a sociologia, nos enfoques em que abrangem a cultura e a personalidade, bem com a sociedade, tentando-se de edificar uma ciência do homem social.

Não se pode negar profundas relações entre folclore e sociologia, entre sociologia e etnologia.

Kroeber chega a fazer da Cultura, como ciência, o verda-

deiro campo do universo humano. Sabemos que a Culturologia, como ciência da cultura, é campo específico do folclore, como ciência.

É evidente a íntima relação entre sociologia e etnologia, portanto entre sociologia e folclore, ciências sociais das mais importantes para a interpretação do homem, nos seus mais diversos campos de ação, de suas instituições, de seus grupos, de sua cultura, de sua personalidade, de sua estrutura social, de sua comunidade, de sua família, da ordem de seu parentesco, da ecologia humana, do seu comportamento coletivo, até de seus problemas sociais.

Murdock (Y.G.P.) também aceita que a cultura constitue uma base fundamental da entropologia cultural.

Tudo isso vem restringir a amplitude que muitos querem dar à sociologia, como o grande Durkheim, que deseja uma sociologia comandando quase todas as ciências sociais.

Não se pode deixar de aceitar uma certa relação entre a etnografia, etnologia e antropologia, embora sejam todas elas diferentes, segundo nos ensina Georges Gurvith.

A etnografia, como estudo das raças, do ponto de vista físico, antropológico, antropométrico, é observação direta das raças, dos grupos humanos, dos tipos sociais, é uma investigação das razões físicas da cultura.

A etnologia, complementa em mais profundidade, essa síntese, a ação do homem, geograficamente, culturalmente e historicamente.

Claude Levy Strauss, Radecliffe-Brown, Boas, Kroeber, Wissler e muitos outros como Ruth Benedict, C.G. Yung, Margaret Mead, Milinowsk, Sumner, Grandner, Parson, com algumas restrições, muitos deles e outros com maiores distenções, seguem, com pequenas diferenças e técnicas, quase os mesmos rumos.

Ressalto, com esta lista de cientistas, a importância do folclore na vida das culturas e na história dos povos.

Levy Strauss chega até a alcançar a verdade com o estudo da mitologia, essa amplitude da entropologia, como ciência global do homem. Bem aprofundado o tema, podemos concluir que o folclore é um campo da sociologia, visto ser este um detalhe de antropologia cultural. Sua tarefa está amplamente definida pela sua importância, pela sua necessidade, como método de interpretação sociológica de certos fatos sociais da vida de sociedade, em geral.

Tão importante é esse assunto que duas correntes sobre esse tema se degladiam: uma na Inglaterra e outra nos Esta-

dos Unidos, a respeito do que sejam, antropologia social e antropologia cultural.

Uma polêmica, tão importante como aquela que durou mais de uma década de anos, entre Durkheim e Gabriel Tarde, sobre sociologia, — ainda está em vias de um acomodamento, sobre o assunto, entre Antropologia Cultural e Antropologia Social, estabelecida entre G.P. Murdock e R. Firth, a respeito da distinção entre ordem social e ordem cultural, entre o tipo culturalista e o tipo sociológico.

Para Radecliffe Brown, a antropologia social é uma sociologia comparada, que estuda fatos sociais, como estruturas e funções.

A antropologia cultural estuda os fatos relativos ao fazer, ao pensar, ao agir do homem, nos diversos campos de sua atividade.

Há também, os que pensam que antropologia social e antropologia cultural são uma só ciência.

É importante, para nossa compreensão, saber o conceito de folclore, analisarmos o conceito sobre cultura. De certo, que devemos buscar nas fontes mais antigas, os conceitos mais primitivos sobre cultura. E, para isso, devemos partir da definição de Taylor, no seu clássico livro sobre Cultura primitiva.

Não se pode negar que, tanto a antropologia, quer social, quer cultural, — como a sociologia, a etnologia, e a etnografia, todas elas ciências sociais, — são partes do campo do estudo do homem.

A antropologia, como ciência mais ampla do estudo do homem, é disciplina que se integra com a prehistória, com a história, com o folclore, com a antropologia física e cultural, bem como com a antropologia social, para os que divergem de haver uma unidade entre a sociologia cultural e social.

É muito vasto o campo que escolhi para esta conferência. Uma definição, quer da sociologia, quer da antropologia, quer do folclore, — importa, em muitos aspectos, a que se queira especificar o modo de encarar o estudo que nos interessa.

Basta que se saiba que Bronslaw Malinowski viu nessa questão da definição, diversos aspectos como sejam: o filosófico, o moral, o estético, o humanista, o teológico.

Em regra, hoje, já se compreende que definir um problema ou uma ciência, é uma das cousas mais difíceis.

Talvez, entrando no campo da cultura, possamos integrar, no sentido de u'a melhor compreensão, o conceito de cultura, como uma forma de melhor compreender.

Tão delicada é a interpretação sobre cultura, que muitos

admitem seu campo de ação seja mais superorgânico do que orgânico, tais os seus aspectos transcendentes e delicados.

M. J. Herskovits, no seu livro "O homem e suas obras", define a cultura como o produto das atividades dos homens que vivem em sociedade. Isso se compreendendo como material e ideal. Tão delicado é o assunto que não existe uma definição que seja integralmente aceita, unanimemente, mesmo em se tendo em consideração as investigações extraordinárias de Claude Levy Strauss.

O assunto é tão transcendental que até hoje há uma diferenciação profunda e imensa entre todos os aspectos do problema cultural, como sejam aqueles que relacionam com as estruturas e funções, o chamado estruturalismo e o funcionalismo, campos em que debatem os maiores cientistas nos setores da sociologia, da antropologia, da etnologia ou do folclore.

Os conceitos de estruturas e funções sociais não são recentes. Vêm de longe, com Spencer e Albert Scheffle.

Estrutura se refere a certa ordem dos elementos sociais, à constituição da cultura. A função se refere à interconexão entre estrutura social e os processos de vida em sociedade, segundo esclarece Georges Gurvitch. O conceito de função é mais antigo. Foi contra esse conceito que Levy Strauss fez vigorosa crítica a favor da estrutura, ou do estruturalismo.

A etnologia tem íntima relação com o folclore como ciência. Isso se dá também em relação à sociologia e a antropologia. Todas elas são ciências do homem, em particular, embora tenham suas especificidades próprias.

A sociologia é ciência fundamental, quando se trata de relações humanas, de ação humana, da produção humana.

Gillin escreveu uma ciência do homem social; Kardner teve profundas preocupações com o homem e a sociedade; Kroeber teve sua vida toda voltada para a antropologia; Claude Levy Strauss fez uma antropologia estrutural e devastou descobrindo o mundo mitológico do homem; Malinowski foi um dos mais entendidos em assuntos de culturologia; Mauss analisou profundamente os conceitos sobre sociologia e antropologia; Radcliffe-Brown mergulhou nos problemas da estrutura e da função da sociologia primitiva, e, com outros, muitos outros que estudaram as ciências sociais, todos enriqueceram de conceitos o mundo folclórico, como método para descobrir processos, problemas das ciências sociais, ligando esse mesmo mundo folclórico, como meio de pesquisas sociológicas.

O folclore pode ser meio de interpenetração de questões sociológicas; pode ser meio de aproximação para aberturas sociológicas no campo das pesquisas sociais.

Estudando antropologia, meditando os campos da sociologia, aceitando os métodos etnológicos como os métodos sociológicos, — podemos concluir que a sociologia, — sem sentido de inferiorização, — pode lançar mão dos métodos folclóricos, para investigação dos problemas da sociedade, em todos os seus processos, em seus conceitos fundamentais, em suas abordagens sociais e sociológicas.

O que se sente, nos estudos gerais das ciências, a que temos referido, é que existe uma aproximação muito profunda entre sociologia, especialmente, com a ciência social do folclore.

Devo assinalar aqui esse ponto importante das relações entre folclore e etnologia, embora saibamos que etnologia tem ligações íntimas com o Folclore. Essa intimidade é tão grande que muitos ainda querem admitir que folclore seja um simples aspecto da etnologia.

Refere-se Georges Gurvitch que, certos técnicos consideram a sociologia como uma intermediária entre a etnologia (ciência onde se enquadra bem o folclore) e as demais ciências sociais. Sociologia e etnologia sempre andam juntas no campo das pesquisas, dadas as intensas aproximações existentes entre essas ciências. Sempre que falamos em etnologia, algo nos vem a respeito de folclore, de sociologia, de antropologia cultural e social, especialmente, para uma figura central como Claude Levy Strauss. Parece-nos que Kroeber sobre elas falou de irmãs gêmeas, dadas as relações da sociologia com a etnologia, mesmo nos métodos empregados nas investigações, nas buscas das origens dos fatos sociais, sociológicos e etnológicos.

Os campos das ciências que temos referido, como sociologia, antropologia, etnologia, antropologia cultural, folclores, se relacionam profundamente.

Embora uma ciência como a etnologia, no campo dos métodos, tenha uma tendência para a classificação, inventário, descrição, se bem que a sociologia tenda mais para campos sociais parciais, níveis particulares da realidade social, embora saibamos que todas elas se entreligam, se relacionam, estudam a cultura com objeto e métodos próprios.

O folclore é um campo da cultura humana. É ciência também que se dedica ao estudo social, daí serem os campos do folclore, da antropologia, da etnologia, como estudo especial dos setores populares, das sociedades civilizadas, especialmente.

Mesmo que se atenda aos etnógrafos e antropólogos como Boas, Benedict, Parsons, Herkovitz, Bascon e muitos outros que

só aceitam o folclore somente investigando a literatura oral, os costumes populares, fatos esses que pertencem mesmo sob restritos aspectos, — aos campos da sociologia, da antropologia, mesmo que venham abranger a história, a geografia, os usos populares, pois tudo isso é também arqueologia e até etnografia, além de ser sociologia.

Todas essas ciências devem ser consideradas como ciências da cultura, como o folclore.

Todo o mundo de creação, todo o material das civilizações, das instituições; os conhecimentos relativos ao mundo, à técnica, à economia, às religiões, tudo isso é próprio da condição social do homem, com as suas mudanças culturais, a linguagem, a cultura pura em si mesmo, a vida social comunitária, os sistemas de sígnos, a totalidade da herança social, — tudo isso é sociologia, é enologia, é cultura, é folclore. Quando não sejam totalmente, em certos e determinados aspectos, têm um conteúdo profundo do que se entende por folclore.

— No próprio conhecimento humano, nas unidades globais da cultura, em geral, em todas as atividades do homem, talvez não exista uma cultura como a cultura geral, mesmo dentro daqueles conceitos de cultura entendidos por cientistas como Spengler, Ruth Benedict, Wilhelm Dilthey.

Sociologia, antropologia, e, especialmente etnologia, no começo se orientavam pela simples descrição, inventários e classificações dos fatos relativos à atividade dos homens, nesses setores.

As investigações não iam além desses pontos, salvo raras exceções. As sociedades eram estudadas dentro desse aspecto, tanto pela sociologia como pela etnologia e pela antropologia, esta no campo específico da cultura, dos modelos culturais da vida social. Veja-se a obra de Spencer, para dar um exemplo fecundo. Somente depois de Durkheim, de Tarde, de M.H. Lynd, Werner, Malinovski, Redfield, como seu trabalho notável sobre Yucatan, é que verdadeiramente melhor foram marcados os campos, tanto da sociologia, como da etnologia, do folclore, da antropologia, mas sem grande hostilidades em relação aos métodos, às finalidades, às relações científicas.

Verdadeiramente, não há conflitos, atualmente de campos, nesses setores, pois que sabemos que o folclore é ciência de cultura que se entrosa entre as ciências da culturologia.

O que é verdade, é que o folclore é uma ciência social, intimamente ligada à cultura geral. Passe-se em relance o que dizem a respeito os folcloristas Alfred Mutt, Sidney, Hartland, Stanislau Wake, todos notáveis anfropólogos, tão notáveis co-

mo Lemoine, Leo Pineau, Boggs, Franz Boas, Arthur Ramos, Joaquim Ribeiro, Cascudo e outros.

Analise-se os problemas fundamentais do folclore, bem como os temas principais das suas áreas culturais, e vemos o plano em que se colocam o folclore, a etnologia, a antropologia e a sociologia, quatro ciências das mais importantes para os estudos do homem, em qualquer plano em que se coloque, a conceituação de cultura ou de folclore, de fatos sociais ou problemas etnológicos.

Os mais modernos problemas abordados dentro dessas áreas, quer sejam o monogenismo, as teorias de Ratzel, Gerlandt, Frobenius, quer sejam os pontos relativos a origem múltipla, ou os determinantes da cultura, com as leis das necessidades ou a teoria funcionalista de Malinowski, — todos nos mostram as importâncias dos estudos da sociologia, bem como do folclore.

Entretanto, tenho para mim que é necessário uma visão global do pensamento de todos aqueles mestres, para se firmar conceituações precisas dos problemas sobre sociologia e sobre folclore.

Taylor, Herskovits, Lowie, Sapi, Kroeber, Horgan, Imbelloni, Birket Smith, Grahan Sumner, mostram através de sérios estudos o valor dos estudos das decorrências culturais como: alimentação, parentesco, abrigo, proteção, atividades, exercícios, higiene, quer nos campos da sociologìa, como nos setores do folclore, na enormidade de sua dispersão, na vibração de seu dinamismo cultural, através das múltiplas manifestações materiais, informações orais e escritas desconhecidas, anônimas, tudo valendo o tipo de interpretação, de conceituação, na dimensão dos quadros que forem recolhidos.

Folclore está em tudo: no direito, nas ciências; em todas as atividades humanas, nas danças, nas artes, na vida em geral, nas vivências sociais do homem, nas suas atividades mentais, materiais, espirituais, como a sociologia, ciência universal do social, encaradas em todos os seus aspectos reais ou não.

Sob certos aspectos é quase impossível, verdadeiramente, separar o folclore da sociologia. Quem se dedicar ao estudo dessas duas ciências, sente o mundo extraordinários os fatos que se entrelaçam e que são objetos de ambas.

Os grandes folcloristas, desde William J. Thomas, Saintives, Goguet que estudaram a posição do folclore no quadro das ciências, até os mais modernos, e os que viram no folclore as mesmas intenções e princípios da etnografia; os que estudaram a antropologia cultural, como a etnologia, — entraram

nos mais profundos temas da sociologia, e parece que mostraram relações, embora sem determinados objetivos, entre a sociologia e o folclore.

Se investigarmos os altos conceitos e definições do folclare, então aí deparamos com as íntimas relações do folclore com a sociologia, especialmente se tentarmos uma análise das enormes variações conceituais sobre a cultura, com autores que já citamos como Taylor, Lowie, Linton, Herskovits, Sapir, Gilberto Freire, Kroeber, Boas, Zuckermann, Morgan, Imbelloni, Claude Levy Strauss, Silliam Graham Sumner, Birket Smith Malinowski, Saintives, mesmo que se encare as múltiplas teorias de muitos desses autores, sobre funcionalismo, estruturalismo, através das muitas escolas como sejam: a difusionista inglesa, a germânica-austríaca, a escola americana, a da teoria ologénese cultural de Montandon, a da aculturação de Melville e J. Herkovits, a do funcionalismo de Malinovski e do estruturalismo de Clayde Levy Strauss.

Se analisarmos o problema profundo dos pontos de vista metodológico, histórico, geográfico e propriamente sociológico, — vê-se então, que se chega ao velho princípio científico de que todo fato folclórico deve sempre suscitar uma pesquisa sociológica.

Nos estudos comparativos desses fatos, quer sociológicos, quer folclóricos, enfrenta-se o tema das tendências daquelas escolas ou daqueles autores.

Assim, desejo chamar atenção das raízes sociológicas de assuntos, como no caso da divisão de Sains e Sancho que esquematizou este quadro:

a — escolas geográficas;
b — escolas históricas e sociológicas, (veja-se marcadamente, a sociologia);
c — escolas antropológica e psicológica.

A divisão de Maria Cadilla de Martinez, com:

a — escola mitológica,
b — escola oriental,
c — escola antropológica,
d — escola neo orientalista,
e — escola científica,
f — escola simbolista,
g — escola psicanalista.

Há outras escolas que fizeram trabalhos mais profundos, nessas divisões, com as de Joaquim Ribeiro, de Arthur Ramos.

O primeiro detalhou muito mais, deu tres fachas à sua classificação:

a — teorias mitográficas (clássicas),
b — teorias antropológicas,
c — teorias histórico-culturais.

Depois deu muitos detalhes a essa tríplice divisão, incluindo em sua divisão, pontos de Lubock, Mogan, Bastian, Tylor, Ratzel, W. Schimidt, Boas, Montandon e outros.

Arthur Ramos, é mais profundo, colocando em sua divisão as seguintes teorias:

a — teorias antigas,
b — teoria filológicas e alegóricas,
c — teorias naturistas,
d — teorias históricas e difusionistas,
e — teorias ritualistas e litúrgicas,
f — teorias antropológicas e psicológicas.

Dentro desses esquemas principais e fundamentais, incluem-se culturas, teorias e escolas as mais recentes.

De relance, se vê logo, o quanto há nisso tudo, de sociológico no campo do folclore, suas enormes relações entre esses dois mundos científicos, entre esses dois campos de investigações.

Todo estudo superior no folclore, fatalmente se deve conduzir para a sociologia, através de rumos diversos de outras ciências como a geografia, a antropologia, a etnografia, a etnologia.

Folclore e sociologia, folclore e etnologia têm campos que se atraem. A antropologia, o estudo natural do homem e nas suas variedades de raças; a etnologia através do estudo da cultura e dos costumes; a etnografia nos estudos da cultura material; a sociologia interpretando e expondo cruamente os fatos coletivos, têm os seus setores de trabalho, de investigação, de campos, similarmente relacionados e próximos.

Se prescrutarmos o de que trata o folclore, vemos que ele tem quatro campos fundamentais: o espiritual, o sociológico, o ergológico e o secreto. O homem, o universo, o populório nas muitas ciências, desde que trate de aspectos populares, num imenso universo de temas, de assuntos os mais variados, até assuntos sociológicos puros como a família, o parentesco, os costumes, a vida social, a comunidade, as instituições, a recreação, as técnicas, o artezanato, os ofícios, as profissões, o lar,

o trajar, a culinária, — todo esse mundo que é bem sociológico como o é também folclore.

Se bem que a sociologia não seja exclusivamente uma ciência de interpretação, de vês que o folclore o é, enquanto que a sociologia seja uma ciência da realidade dos fatos sociais, sem ter preocupações de interpretações dos fatos ou dos problemas, — a sociologia, é ciência básica no folclore.

PENA DE MORTE

Agnello BITTENCOURT

Não se mata a ovelha negra que aparece maculando o rebanho alvinitente. Ha processos de expurgo sem danos à vida, nem à economia da criação. Na sociedade humana, o problema da eliminação, de tão importante, não comporta um símile, muito menos o processo da morte, como solução final.

Por mais hediondo que seja o crime, a extinção do delinqüente ultrapassa os de um castigo: é uma requintada crueldade. Pensam muitos criminalistas que o assassino deve ser morto. Mas, isto não é um crime idêntico àquele que se quer punir?

Todos os êrros judiciários recaidos sobre inocentes, na revisão dos processos, podem ser reparados, e o tem sido tantas vezes. Tratando, porém, de pena de morte e sentença já executada, como o será?

A História está cheia de fatos, mesmo em nosso País, onde o primeiro caso oficial, ao tempo do Império, constituiu um triste escândalo, nos anais da Justiça. É duro relembrá-lo, no registro da autoria de um dos mais capacitados juristas do Rio de Janeiro.

A revisão de processos judiciários é fato trivial, dando em resultado, à luz de novas interpretações e de novos documentos, o conhecimento da verdade, na sua pujança insofismável. Ha supostos criminosos que, na prisão ou liberdade condicional, insistem na sua defesa, alcançando livrar-se após responder diante de dois ou tres juris; como, porém, fazê-lo aquele que foi vitima da fôrca ou do fuzilamento ou de outro qualquer modo de matar um homem?

Todos conhecem o aforismo jurídico: **Morte crimina extinguunter.** A infalibilidade dos Juizes, singulares ou coletivos, se não é uma ficção, anda-lhe perto.

Só a Justiça do Poder Divino é íntegra, porque infalível é o seu Autor.

Dentro do espiritualismo, o homem não possui o direito de dispor de **sua vida.** O suicida é criminoso de si mesmo, repudiado até pela Igreja, que não permite à sua alma a assistência da Bemaventurança divina.

O direito de viver, ainda que à pessoa atacada de moléstia incurável, é sagrado. Nem a Lei, nem a Ciência permitem o uso de medicamentos que abreviem a morte, no sentido de eliminar os sofrimentos do enfermo.

Façamos guerra de vida, mas nunca de morte, às atividades que mandam encostar ao "paredon" os seus adversários, e fuzilá-los às centenas. O direito à vida deve ser considerado intangível, se não sacratíssimo.

Todos estão concitados a cerrar fileiras contra a pena de morte, mesmo nos momentos de conflagração. Os prisioneiros podem e devem ser respeitados. Nós avançamos para a espiritualização de vida.

ALFABETIZAÇÃO

Agnello BITTENCOURT

"Abrir escolas é fechar cadeias". Este pensamento de Júlio Simón, filósofo francês da segunda metade do século passado, conserva sua atualidade, considerando-se a enorme porção de analfabetos que proliferam no mundo, inclusive em nosso País.

A ignorância popular é um peso morto na marcha do progresso, que bem pode hoje ser simbolozada no avanço de um avião eliminando o que era ontem a locomotiva.

Em verdade, ninguem contestará que mais vale quem trabalha guiado pela técnica e pela cultura especializada nas escolas, nas oficinas, ou seja nos meios intelectuais em que se aprende a realizar o maior rendimento dentro do menor tempo, tudo com a devida perfeição.

A competência nas profissões é a alma da produção. O rendimento é conseqüência lógica do **faciendo**.

No Brasil ainda ha cerca de 30% de gente que não sabe ao menos assinar seu nome, apesar do progresso do ensino elementar, nestes últimos quinqüênios, por motivo da criação de inúmeras escolas primárias e do Mobral. A prova disso está no fato de se encherem rapidamente esses pequenos centros de luz, pontos de partida para a valorização do homem.

Não há democracia verdadeira nos países em que os homens e as mulheres não estejam em condições de compreender e exercer os seus direitos cívicos.

A nossa democracia, além de fraca, porque ainda dependendo da alfabetização das massas, estaria aniquilada no dia em que os analfabetos — "bando de Panúrgio que os espertos

da politicagem levariam ao aprísco ou ao matadouro" — tivessem o direito de votar. Estaria voltada para cima a ponteira de ferro da bengala (apoio do regime) e para baixo o seu castão de ouro...

O progresso e a felicidade humana, em termos de liberdade, igualdade e fraternidade só pode sair de um homem para outro homem ou de uma escola para a Sociedade.

Há urgência na alfabetização de milhões de brasileiros que, nas cidades e vilas da hinterlândia, nunca empunharam uma caneta, porque integram aquele bando a que Victor Hugo se refere. A massa ignara do povo é uma calamidade nacional.

O "gigante deitado" já começou a se erguer. E a maneira rápida de caminhar é através do remédio salvador — a Escola. E, para isso, sugerimos que todos os patrícios nossos, sabendo ler e escrever, dotados de boa vontade e patriotismo, chamem a si a obrigação humana de ajudar o ensino de, pelo menos, adultos, contanto que fiquem sabendo a leitura corrente, as quatro operações aritméticas, noções de geografia e história do Brasil, sem esquecer um pouco de moral e civismo. Dir-se-á que é pouco, mas um bom começo. Dir-se-á também que esse plano é utópico. Lembrem-se os negativistas que muitos dos grandes problemas do progresso, na sua solução final, nasceram de um sonho, passaram à esperança e terminaram na realidade. Atestam-no vários inventos, entre eles a navegação aérea. Ninguém podia supor que o engenho e teimosia do homem podesse vencer o **mais pesado que o ar,** dominada a lei da gravidade...

EMANUEL KANT E A ANÁLISE DO PENSAMENTO ESPECULATIVO

Almeida BARROSO

No dia 24 de março último foi comemorado, pelos círculos de estudiosos da filosofia, notadamente aqueles que se preocupam com a obra realizada por EMANUEL KANT e sua influência na evolução do pensamento filosófico, a pasagem de dois séculos e meio do seu nascimento.

Nascido na cidade de Koenigsberg, então pertencente à Prússia Oriental, hoje Kaliningrado, na Lituânia (URSS) onde estudou e tornara-se professor da sua Universidade, Kant daí jamais se afastou vivendo, porém, o bastante para deixar quando faleceu com a idade de 84 anos, precisamente a 12 de fevereiro de 1804, uma obra que se incorporou ao pensamento especulativo universal. Uma obra importante tanto pela sua extensão, pelo número de livros que a representam, como pela profundidade com que seu autor soube penetrar nas diferentes áreas do conhecimento em que se pode espraiar o pensamento humano.

Antes de entrar no exame dos pontos principais da obra kantiana, situando-a na moldura do tempo em que surgiu, as correntes filosóficas com as quais se chocou por ocasião do seu aparecimento e sua influência posterior, é interessante lembrar alguns aspectos da vida do professor de Koenigsber. Era um homem extremamente metódico, de vida simples. Dele disse William Durant (A Filosofia de Emanuel Kant Ao Seu Alcance, na tradução de Maria Tereza Miranda): "A vida de Kant, diz um de seus biógrafos, passou como o mais regular dos verbos regulares. "Levantando, tomando café, escrevendo,

lecionando, jantando, andando," diz Heine, — "cada um tinha sua hora determinada. E quando Emanuel Kant, num casaco cinzento, bengala na mão, surgia à porta da sua casa e dirigia-se para uma pequena avenida de tílias, que ainda é chamada o "Passeio do Filósofo", os vizinhos sabiam que era exatamente tres e meia. Passeavam, assim, para cima e para baixo, durante todas as estações do ano; quando o tempo estava sombrio ou nuvens cinzentas ameaçavam chuva, seu velho empregado Lampe era visto seguindo-o ansiosamente, com um vasto guarda-chuva debaixo do braço, como o símbolo da prudência". E prossegue: "Seu físico era tão frágil que tinha de submeter-se a um severo regime de vida; achava mais seguro fazê-lo sem médico e assim viveu até os oitenta anos. Aos setenta escreveu um ensaio, "Do Poder da Mente em Dominar a Sensação de Doença por Força de Decisão." Um de seus hábitos favoritos era respirar somente através do nariz, especialmente quando ao ar livre; assim sendo, no outono, inverno e primavera não permitia que ninguém lhe dirigisse a palavra durante seus passeios diários; é preferivel o silêncio a um resfriado. Aplicava a filosofia até na maneira de segurar suas meias — por tiras que entravam nos bolsos das calças, onde terminava em elásticos contidos em pequenas caixas. Ele pensava a fundo sobre as coisas antes de agir e, consequentemente, ficou solteiro a vida toda. Duas vezes pensou em pedir a mão de alguém; mas refletia tanto tempo que, num dos casos, a senhora casou-se com um cavalheiro mais ousado e no outro a jovem mudou-se de Koenigsberg antes de o filósofo chegar a uma decisão. Talvez achasse, como Nietzche, que o casamento o atrapalharia na busca honesta da verdade; "um homem casado", costumava dizer Talleyrand, fará qualquer coisa por dinheiro". E Kant escrevera, aos 22 anos, com todo o entusiasmo sadio da mocidade onipotente: "Já me decidi quanto à linha que pretendo manter. Tomarei meu rumo e nada me impedirá de segui-lo."

Apesar do seu físico apequenado e da vida simples e bitolada que levava, como acontecera com Spinoza polindo as suas lentes, na pequena cidade de cuja Universidade veio a ser professor, nomeado, em 1770, para lecionar a cadeira de lógica e metafísica, nenhum pensamento dominou tanto o século XIX quanto o de Kant.

OS ANTECEDENTES — O CHOQUE DAS IDÉIAS

Quando Kant surgiu para os embates filosóficos, surpreendendo com a força do seu pensamento as correntes dominantes no seu tempo, pairava no ar a influência dominadora das ciências exatas como a matemática e a física, ligadas aos no-

mes de Descartes, Newton e Leibnitz, bem assim aos de Spinoza e Frencis Bacon, que haviam provocado tremendo impacto no pensamento filosófico-cristão que dominara na Idade Média, representado, entre outros, por S. Agostinho e S. Tomaz de Aquino.

Era a época em que o chamado Iluminismo, erigindo a Razão em verdadeira deuza, representado por Voltaire, Diderot, Helvécio, Holbach e La Mettrie, entre outros, apregoava a morte da metafísica. John Lock (1632-1704), apesar de bom cristão, escorando essa corrente de pensamento, expressou o seu despreso pela metafísica proclamando, com tranquilidade, que todos os nossos conhecimentos vêm da experiência e dos sentidos e que "nada existe na mente a não ser o que existiu primeiro nos sentidos." — **nihil est in intelectu quod prius non fuerit in sensu.** Aí estava uma proposição de fé materialista, inclusive contra a existência de Deus.

Opondo-se a esse pressuposto de endeusamento dos sentidos na formação dos nosos conhecimentos surgiu, todavia, com todo o entusiasmo de um legítimo representante do idealismo, disposto a recolocar a fé no seu antigo pedestal, o bispo George Berkely (1684-1753) defendendo a existência da mente anteriormente à dos sentidos. Para ele a mente, no início, se é uma **tábula rasa**, como queria Locke, todas as sensações que nela se inscrevem, através dos canais dos sentidos, organizando-se em percepções para nos dar o conhecimento das coisas exteriores, é o que existe, realmente, nada se podendo afirmar sobre a existência verdadeira das coisas materiais, sob o mundo exterior. O que existe, em última análise, são as Idéias das coisas e não estas. Sendo assim, só a intelligência, pode conhecer a realidade última, pode atingir a existência de Deus.

Berkely desfechara um violento golpe contra o materiallsmo dominante. Não contava, porém, com o aparecimento do cético escocês DAVID HUME (1711.1776). Este, aos 26 anos publicou um tratado profundamente herético — **Treatese on Human Natura** (Tratado sobre a Natureza Humana) onde dizia que no processo do conhecimento o que aparece como seus elementos constitutivos são idéias separadas, lembrança, sentimentos e jamais qualquer entidade como a **mente.** Esta, realmente, não existe como entidade separada daquelas. E conclula: "não há uma alma que se possa observar por trás do processo do conhecimento." Estava aí defendido, portanto, o mais claro ceticismo, com a negação da alma como entidade, capaz de atingir a realidade decorrente da intuição e das idéias abstratas.

Quando Kant entra na liça

Do seu isolamento de Koenigsberg o modesto professor universitário preparava-se, todavia, para surpreender o cenário cultural da sua época com um sistema de pensamento de extraordinária força de penetração e influência. Uma preparação sólida com a qual, de um lado, encarou o problema do conhecimento, sua extensão, suas possibilidades, seus limites e toda uma série de implicações que iria desenvolver na CRÍTICA DA RAZÃO PURA. (1781) Do outro lado, apesar de não se afastar da sua cidade natal, dalí mesmo acompanhava todos os movimentos sociais do seu tempo, como era o caso da Revolução Francesa, que teve a sua aprovação. Preocupava-se, assim, com o problema da ação humana, com o problema moral. Não lhe bastava saber o que era possivel conhecer a respeito do mundo e da realidade última, mas como o homem deve agir em relação aos seus semelhantes e o que deve fazer para atingir a felicidade e o bem supremo. Essa questão foi larga e profundamente discutida na CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA (1788).

Aquelas obras eram o coroamento de uma séria atividade intelectual anteriormente objetivada em obras como HISTÓRIA GERAL DA NATUREZA E TEORIA DO CÉU (1755), O ÚNICO ARGUMENTO POSSIVEL PARA UMA DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNC A DE DEUS (1763), Sonhos de Um Visionário, Interpretados Mediante o Sonho da Metafísica (1776), Dissertação Sobre a Forma e os Princípios do Mundo Sensivel e do Mundo Inteligivel (1770). E iriam ainda ser complementados por outras como PROLEGÔMENOS a Qualquer Metafísica Futura que possa vir a ser considerada como Ciência (1783), Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785) e Crítica da Faculdade de Julgar (1790). A leitura de Hume, como proclamara Kant, despertou-o do seu **sono dogmático,** fazendo-o partir para a sua aventura criticista.

CRITICA DA RAZÃO PURA

É nessa obra que Kant submete o nosso conhecimento a uma análise completa das suas possibilidades, mostrando o que é o conhecimento e o que podemos finalmente conhecer. Trata-se, como disse William Durant, de uma biologia detalhada do pensamento, um exame da origem e evolução dos conceitos, uma análise da estrutura herdada da mente" (Op. cit. p. 37). Para Kant isso envolve todo o problema da metafísica, tanto que afirma; "Neste livro tive como objetivo principal a plenitude e ouso afirmar que não deve existir nenhum único problema metafísico que não haja sido solucionado aquí ou para a

solução do qual não haja ao menos oferecido a chave." (prefácio à Crítica da Razão Pura, p. XXIV). Nas oitocentas páginas da "Crítica", de compacta e dificil leitura, escritas, como prescreveu o seu autor, para serem lidas por filósofos profissionais, foi dissecada toda a estrutura do conhecimento e indicadas as suas reais possibilidades. Na sua primeira parte, chamada de "Estética Transcendental", Kant procede à investigação dos princípios apriorísticos da sensibilidade. Mas não se trata de uma teoria do belo, e sim de uma teoria da sensibilidade. Esta, ele define como uma faculdade de intuição, pela qual os objetos são apreendidos pelo sujeito cognoscente. Kant aponta o espaço e o tempo como duas formas da sensibilidade, que são as condições do conhecimento. Mas o conhecimento universal e necessário não se esgota neles. Daí a necessidade do concurso apriorístico do entendimento, questão que ele desenvolve na segunda parte, que chama ANALÍTICA TRANSCENDENTAL. Nessa parte faz a demonstração das Categorias do Entendimento, partindo dos diferentes tipos de juizo já classificados pela lógica de Aristoles (348-322-Ac). Kant demonstra então que todo conhecimento resulta da síntese dos elementos ordenados pela intuição sensivel espaço-temporal, com o auxílio das categorias do entendimento. Nesse contexto de elementos se enquadram a matemática e a física, que porisso se podem arrogar o título de desciplinas científica.

Na terceira e última parte da CRÍTICA DA RAZÃO PURA a Dialética Transcendental, Kant analisa o problema da metafísica, passando em revista questões da mais alta envergadura e profundidade, como é o caso da imortalidade da alma e da existência de Deus. Para Kant a metafísica tradicional, na sua pretensão de dar respostas últimas e definitivas para vários problemas, como o da imortalidade da alma e o da existência de um ser supremo, procura conhecer as **coisas em si mesmo.** Procura atingir, dessa forma, objetos que não são apreendidos empiricamente e que por tanto não são uma forma de conhecimento, já que nos domínios da metafísica é possivel pensar mas não conhecer. Com esse raciocínio, refuta o argumento ontológico que se encontra em Santo Anselmo e Descartes sobre a existência de Deus, partindo da idéia da necessidade de um ser perfeito. Refuta, igualmente, o argumento cosmológico baseado na causa dos fenomenos, até chegar a uma causa não causada, que seria Deus, argumento, aliás, já defendido por Aristóteles.

Mas, o que fazer da metafísica — pergunta-se o filosofo — se ela já existe há séculos e envolve questões da maior transcendência? E com essa indagação transporta-se para a con-

sideração de um problema que também sempre o preocupou — o moral, pasando daí a enfrentar o lado prático da razão.

CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA

Na sua pacata cidade de Koenigsberg, Kant dividia o seu interesse de professor universitário, ora encarando a evolução do pensamento científico e filosófico do seu tempo, ora as transformações políticas e sociais ocorrentes impulsionadas pelas idéias dominantes sobre a origem e desenvolvimento das relações humanas.

Justamente na passagem do século dezoito para o dezenove eclodiu na Europa um grande movimento literário emotivo romântico influenciado sobretudo pelas obras de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) CONFISSÕES, LA NOUVELLE HÉLOISE e ÉMILE.

Nas CONFISSÕES perguntava Rousseau: — mesmo que a razão possa estar contra a crença em Deus e na imortalidade da alma, se os sentimentos estão avassaladoramente a seu favor, porque então não devemos, nesse caso, confiar no instinto, de preferência a nos entregarmos ao desamparo de um ávido ceticismo?

A leitura de Emile, sobretudo, deixou Kant profundamente pensativo e o induziu a continuar a obra na qual já vinha trabalhando para encontrar a fórmula de coexistência humana e de reabilitação das crenças que sempre ajudaram o homem a empreender com confiança a sua caminhada terrena. Surgiu, assim, a CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA na qual é apresentada, entre outras questões, a do suporte para a religião que, não podendo ser baseada, como ficou demonstrado na razão pura, na ciência, o será na moral.

Anteriormente, na Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785), Kant discutira a necessidade de ser formulada uma filosofia moral para, independentemente de todo empirismo. Na Crítica da Razão Prática, porém, colocou todo o poder de seu raciocínio para demonstrar a existência de uma ética universal e necessária. Daí afirmar: "temos que mostrar que a razão pura pode ser prática, isto é, independente de todo elemento empírico." Só assim se chegará à conclusão de que senso moral é inato e não derivado da experiência. E o imperativo moral que precisamos como base da religião, que terá de ser um imperativo absoluto — um **imperativo categórico.** Seguindo essa ordem de idéias o filósofo disseca os múltiplos e vastos domínios da moral, confrontando suas máximas e leis, afim de estabelecer as determinações finais da conduta. E ainda na Crítica da Razão Prática que opõe a razão teórica à atividade moral, o mundo da

sensibilidade e o reino da inteligência, o real e o ideal. Questões essas que iriam na sua próxima obra — Crítica da Faculdade de Julgamento (1790), ser sintetizadas por uma consequência dialética e onde estuda a beleza natural e artística e o pensamento biológico.

A influência da filosofia cantiana, como foi assinalada acima, na evolução do pensamento filosófico do seu tempo e, posteriormente, até nossos dias, foi extraordinária.

A torrente caudalosa do seu pensamento crítico marcou profundamente, de início, a própria filosofia alemã, que teria Hegel, Fichte, Schelling, Shopenhauer e Nietzsche entre os seus mais ilustres seguidores.

Sua crítica da razão preparou também o terreno em que medrariam, mais próximos do nosso tempo, o **intuicionismo** de Bergson e o **pragmatismo** de WIliam James, para não falar de outros filósofos, ou literatos como Goethe e Schiler, ou artistas como Bethoven, que foram admirados da sua obra. O criticismo é, de fato, uma filosofia que se impôs aos estudiosos do pensamento especulativo de todos os países até nossos dias. E se impôs, principalmente, não obstante Kant ser mais citado que lido, dada a linguagem quase impenetrável das suas obras, pelo critério de seriedade e pela admirável e indiscutivel penetração analítica com que se lançou à tarefa de dissecar o processo do conhecimento na investigação sempre tormentosa da verdade.

Daí o merecido realce das comemorações dos 250 anos do seu nascimento, sendo de destacar, em nosso meio, a edição CRÍTICA DA RAZÃO PURA e OUTROS TEXTOS Filosóficos, pelo editor Victor Civita, constituído de textos selecionados por Marilene de Souza Chaui Berlinck, aparecida neste ano de 1974.

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA AMAZÔNIA

Arthur Cézar Ferreira REIS

Uma nação afirma-se através de seu passado, das realizações do presente e das perspectivas que essas realizações permitem antever. No passado está a raiz de tudo, a explicação dos momentos iniciais e de sua decisão para a existência nos quadros universais. Não significa que se viva unicamente dele, numa confissão de estacionamento, de regresso, de incapacidade para a aventura criadora nova, permanente, com que se defronta. Nele, porém, haverá a lição capaz de assegurar o conteúdo necessário às decisões e à energia que levarão aos êxitos do presente e àquelas perspectivas. Daí porque, sendo alimento fundamental, deve ser preservado, defendido, assegurado, no que constitue o mais sagrado dos patrimônios de um povo, dos de origens mais humildes aos de maior significação histórica. Porque todos possuem passado.

No Brasil, a consciência de que significam os valores culturais, representados no patrimonio histórico e artístico, não é episodio muito distante no tempo. De certo modo, até, é bem atual e ainda sem que os consideremos no que realmente refletem como obra de gerações passadas. E no entanto, a um balanço que há por todo o território nacional, esse patrimonio não é de proporções limitadas. Por toda parte encontramos a presença de gerações que se elaboraram criando história e, com ela, os ornamentos materiais e espirituais que a dignificam. De norte a sul, há valioso acervo que se começa a inventariar como peças essenciais, que devam merecer os cuidados do poder público, como responsável maior pelos destinos nacionais, destinos que não se limitam ao que é atual, mas tem,

nos idos de ontem, uma grande parcela de conteudo. Cuidados, todavia, a que não podem permanecer estranhos os demais integrantes da multidão nacional, para isso convocada, alertada e conscientizada.

A Amazônia, com o sul extremo do Brasil, compôs área que se integrou, como espaço nacional, pela ação política, em princípios do século XVII. Antes, como área de soberania espanhola, a ser válida a solução de Tordezilhas, sofrera o impacto dos concorrentes ingleses e holandeses, dispostos a montar e manter impérios na disputa que povos europeus jogavam entre si nas Américas, na África e no Oriente.

A Amazônia, quando chegaram os portugueses e os primeiros frutos da mestiçagem que promoviam no Nordeste, passou a ser campo de operação de Ordens Religiosas e de Militares, que cumpriam instruções de Lisboa para incorporação do mundo exótico do extremo norte ao grande imperio que começava ser o Brasil.

Igrejas, Conventos e Fortificações, por isso mesmo, compuseram os marcos da conquista e da decisão política da permanencia. O fortim do Presepio foi o primeiro marco (1616). O Convento do Una, levantado pelos Franciscanos de Santo Antonio, logo a seguir, foi o outro marco das duas forças que iriam construir aquele trecho do Imperio na Sulamérica garantindo, pela conquista espiritual e pela ação militar, a presença dos que iriam realizar a empresa da colonização. De nenhum há vestígio. É certo que o chamado Castelo sucedeu ao Presepio. Deste, no entanto, não há o vestigio material que lhe lembre a crônica. Do Convento, nada recorda o esforço inicial dos frades que se lançaram à faina da catequese.

A rêde de fortificações que se seguiu ao Presepio não foi pequena. Podemos lembrar, os que se seguiram ao Presepio através das páginas de Arthur Viana, que lhes faz o histórico quanto ao Pará e dos que escrevi a respeito do Amazonas. Parú e Gurupá, este antigo reduto holandês e este famoso no conflito com os franceses que desciam de caiena tentando apoderar-se da costa do Amapá. Parú não existe mais. Gurupá mereceu restauração no governo do Presidente Washington Luis, pois que alli esteve, na jornada famosa, Antonio Raposo Tavares, o bandeirante de que aquele governante e tambem historiador traçou o perfil como figura exponecial na empresa expansionista.

Macapá, Santarem, Óbidos, São José do Rio Negro, origem de Manaus, como o Presepio fora de Belém, Tabatinga, São Gabriel das Cachoeiras, Marabitanas, São Joaquim do Rio Branco, expressões da empresa bélica lusitana, sem mais sen-

tido senão histórico, ou vários deles sem mais existência material, constituíram momentos do passado que, a exceção de Macapá, restaurado graças à compreensão do Governador Janary Nunes, nada mais significam.

Quanto aos Conventos e Igrejas, reconstruidos no século XVIII, em grande parte pela admirável atuação do arquiteto José Antonio Landi, que viera para a Amazônia nos grupos que deviam realizar a demarcação das fronteiras com os territórios espanhóis, esses são ainda monumentos tambados, alguns deles pelo órgão próprio da administração federal. Enfrentaram o tempo Resistiram. A Catedral de Belém, as Igrejas do Carmo, Santo Antonio, Mercês, Santana, Santo Alexandre, estão a merecer um roteiro que as indique a turistas e mesmo aos filhos da Amazônia. Como o Palácio do Governo, agora sob restauração promovida pelo Governador Fernando Guilhon, a Municipalidade, a antiga Casa dos Governadores e a da Câmara de Belém. Seria o caso de transformar-se a chamada Cidade Velha, em Belém, em área coberta pelo tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, evitando-se a destruição de azulejos e talvez de muitas portadas.

No interior do Pará, nos mais velhos núcleos urbanos, como Vigia e Cametá, há necessidade de inventário que permita conhecer e assegurar continuidade ao que fala do passado como obra de arte e como importancia histórica.

Em Manaus, o antigo Liceu, a antiga Tesouraria da Fazenda, hoje Secretaria de Fazenda, a Igreja dos Remédios, a Catedral, a igreja de S. Sebastião, a Prefeitura, não deitam raízes no passado colonial. É tudo da fase provincial, depois de 1852, quando se instalou a Provincia do Amazonas, mesmo a Igreja dos Remédios, principiada em princípios do século XIX. O Teatro Amazonas e o Palácio da Justiça representam o período republicano. Como em Belém, o Teatro da Paz. É tempo de registrar que as duas capitais tornaram-se, realmente, centros urbanos ativos, em progresso, sob a República, quando foram transformadas e enriquecidas ao peso do "rush" da borracha e o que os assinalou no tocante a patrimônio histórico e artístico não deve merecer, tambem, o inventário, pelo menos o inventário, de que se podiam encarregar os Conselhos Estaduais de Cultura?

A necessidade de proceder-se a um levantamento minucioso não pode mais ser procrastinado. Como o que foi repre-

sentativo, nesse particular, no Maranhão, em especial S. Luiz, Alcantara e Caxias. Tarefa urgente, pode e deve ser iniciativa dos Conselhos Estaduais de Cultura, insisto, como capítulos expressivos das Histórias da Cultura dos Estados, na conformidade do plano que elaborou o Conselho Federal como sugestão para empresa ativa daqueles organismos estaduais.

UM PERSONAGEM RABELAISIANO

(Fragmento inédito das "MEMÓRIAS")

Claudio de Araujo LIMA

Também assim era o Tio Antonico.

Aquele bom e por mim sempre lembrado Tio Antonico. Relembrado sempre, e sobretudo depois que, ponde-me a analisar nossa gente, defrontei-me com a conclusão de que eu muito herdara do seu modo de ser, como ficou dito páginas atrás.

Para a família, Tio Antonico era uma Tia láiá de calças. Ou vice-versa. Uma definição excessivamente esquemática, mas que encerrava seu fundo de verdade.

Tio Antonico era instável no humor. Arebatado e pródigo. Quixotesco e tremendo comprador de brigas. Como a irmã, também um autêntico hipomaníaco.

No polo do humor elevado, exuberante contador de pilhérias e anedotas obscenas, ou, pelo menos, com marcada obsessão pela imagem pornográfica. Eram bem conhecidas as suas ruidosas gargalhadas com as próprias piadas, obrigando os outros a rirem. Às quais só o meu pai resistia — quando ele abstraía a sua presença — e fechava-lhe sempre a cara.

Por excelência, erótico. E lá estão, em sua história, os casamentos, as mancebias, a inclinação ao donjuanismo ancilar.

Escandaloso, até no sofrimento.

Jamais esqueci aqueles berros tremendos, verdadeiros urros, com o seu estreitamento de uretra. Em certo tempo, passou quase a um espetáculo a hora de Tio Antonico dirigir-se à privada mais distante, na casa de meu austero avô materno. O

nosso grupinho de meninos, entre seis e oito anos, todos nós postávamos nas imediações, e ríamos a valer com aquele momento de enfrentar tão vulgar ato fisiológico.

Porque tudo, nele, era superlativo, no que formava, ainda por semelhante lado, um par perfeito com a Tia láiá.

Um ator dramático em potencial.

Mas o seu fraco, mesmo, era o de ser "comandante". E cada embarcação, que estivesse comandando na ocasião, primava pela limpeza e por uma desmedida fartura de comida.

Tudo à base de um mandonismo de senhor de escravos, que levava como compensação o fato de que, realizado o estouro, quando o polo afetivo, em vez de alegre se tornava em colérico, daí a pouco, com muito poucos minutos ou horas, ele se derretia em bondade com o ofendido, indo aos excessos de generosidade compensadora.

Nessa sua vida de comandante, aliás, mantinha-se em permanente rivalidade com um sobrinho — também Comandante Mendonça — dominado por igual obsessão de ser um "lobo do mar". "Lobo d'água doce", no caso. E a tal ponto que, se algum imprudente os confundia, devido à semelhança no nome, lá vinha, na certa, e de parte a parte, uma tremenda e bem mendoncina chuva de desaforos.

E a mania dos empreendimentos, das iniciativas, dos negócios? Os mirabolantes negócios nos quais, tal como o sobrinho, acabava infalivelmente por dar com os burros n'água.

De poucas letras, mas altamente inteligente, no sentido da vivacidade. Ignorante, embora considerasse sua palavra, sempre, como "a última palavra", fosse qual fosse o assunto, o que constituía material inigualável para as grandes sessões de bate-boca, em família, quando se discutiam as questiúnculas da política regional, já que a nacional, como a exterior, viviam à margem de suas possibilidades de debate.

Uma figura popularíssima em Manaus, da qual ele próprio se achava, sem dizer explicitamente, uma espécie de meio- dono, de grande acionista.

Pródigo até os limites da inconsequência, tal como a tia láiá, também como a irmã era fornecedor de comida para eleições, pois sempre foi cabo eleitoral temido. E rivalizava com ela, no talento culinário.

Um pouco antes, durante e até alguns dias após cada eleição, os dois irmãos iniciavam um subterrâneo estado de beligerância. Até estourar abertamente a guerra. Ficavam ferozes inimigos. Destratavam-se por tôda parte. Falavam horrores um do outro, cada qual considerando o rival um cozinheiro de quinta

classe. "Cozinheiro para fazer comida de caboclos e de soldado de polícia".

Pasadas as eleições, porém, recebidos e esbanjados os dinheiros, bem à maneira que lhes era peculiar, faziam as pazes, após um curtíssimo período de anistia. Tudo, quase automaticamente.

Aí, visitavam-se todos os dias. Elogiavam-se, reciprocamente. Um brigava pelo outro, com quem levantasse a mínima crítica a um dos anteriores beligerantes.

Um mar de rosas, que durava pouco mais do que as famigeradas ditas de Malherbe. Porque o mar, devagarinho, de mês para mês, ia ganhando espessura, criando ondas, quase imperceptivelmente. Engrossando, engrossando. Sujando-se. Tornando-se impetuoso e ameaçador, à medida que se fosse aproximando a eleição seguinte, momento da nova declaração de guerra. E de guerra total.

Como Tia Iáiá, meu Tio Antonico também festejava a entrada do dinheiro.

Pagava todas as dívidas. Distribuía presentes. Mandava fazer duas ou três fatiotas elegantes e caras. Um enxoval como o de quem fosse casar.

E, dentro de uma semana, se tanto, uma cena se repetia, infalivelmente, da qual sempre fui, também, infalível comparsa.

Por volta das sete da manhã, estacava uma carruagem de aluguel, o que de melhor houvesse na empresa, à porta da irmã mais velha, a minha Dindinha — porque, além de avó, era ainda minha madrinha — que ele respeitava profundamente. Muito mais que isto: que Tio Antonico venerava, quase como um devoto de sua santa preferida. E em cuja presença — e só na dela, praticamente — ele jamais proferia um palavrão, ou sequer se permitia uma pilhéria de duplo sentido.

Desembarcava da carruagem, triunfante.

Fisionomia eufórica de dono do mundo. Enfarpelado em impecável terno azul marinho, com colete e tudo. Sapato preto, de verniz espelhante, sempre da marca inglesa **Walk Over.** O colarinho duro e luzidio. Bela gravata francesa, de côr algo espaventosa, com pérola espetada. Rescendendo a **L'Origan.** Empunhando a indefectivel bengala com castão de ouro, dessas ocasiões.

Entrava pela casa como um tufão. Sempre esquecendo-se, aliás, de dar o "bom dia" à irmã que tanto amava. E ia logo, direta e ruidosamente, ao grande assunto, que não constituia mais surpresa para a Dindinha, quando terminavam as eleições:

— Vamos, mana Mariquinhas. Depressa, mana.

A Dindinha impunha-lhe logo o "bom dia" que não dera. E permanecia impassível. Fisionomia séria, aguardando que o irmão continuasse:

— Depressa, mana. Vá logo se vestir. Arrumar uma bagagenzinha, para passar três dias lá em casa.

E, voltando-se para mim, sem que eu tivesse tempo de pedir-lhe "a bênção" habitual, ordenava logo, por conta própria:

— Deus te abençõe, menino. Depressa. Vamos. Depressa mesmo.

E completava a ordem tirânica, tocando-me um ponto sensível — que era o da família toda — o da minha precoce e comentada gastronomia:

— Vamos, depressa, menino. Tem comida pra burro te esperando lá em casa, para encher teu bandulho até estourar.

Informação que me enchia logo de agitação, pois meu pai lutava violentamente contra o meu excesso de fome. Como pai e como médico. E que levava ao fato de aprontar-me em pouquíssimos minutos, acompanhando com alegre angústia a agitação do Tio Antonico, a olhar o relógio de instante a instante. O relógio de ouro, uma das primeiras compras do delírio pós-eleitoral, que iria ser levado, logo, à "casa de prego" menos de dois meses depois. Ou vendido ao primeiro candidato esperto que aparecesse, no meio dos judeus que já lhe conheciam a psicologia e os hábitos.

Isso, enquanto se desesperava ante a lentidão com que a Dindinha principiava a se preparar.

Porque a minha amada avó, nem mesmo sob a pressão do açodamento do irmão quebrava o ritmo de serenidade que punha em todos os movimentos de sua equilibrada vida quotidiana.

Vestia-se calmamente, sem tomar conhecimento da muda precção do irmão.

Pois ele não ousaria, nunca, insistir em apressá-la.

Ela dava todas as minuciosas instruções às suas quatro cunhantãs. Menos a uma delas, que sempre levava como pajem.

E, só quando tudo já estava determinado, vestia-se cuidadosamente, tomando o seu banho, que se completava com a garrafada de "cheiro", sentava-se de novo em sua matriarcal cadeira de balanço austríaca. Aí, sim, como se não se houvesse apercebido, sequer, da mal contida ansiedade do irmão, dizia-lhe, com a sua voz mansa, sêca e segura:

— Agora, Antonio, quando você quiser, podemos ir.

Tio Antonico, em novo arrebatamento, embalando como

um furacão, pelo corredor afora, despencava-se em direção à escada de saída. E, em poucos segundos, já estava outra vez angustiado, postado à porta da carruagem, enquanto minha avó, sem aceitar o braço que ele lhe oferecera, exuberantemente afetuoso, ia caminhando devagar. Não sem fazer uma ligeira parada diante do oratório, onde estavam os seus velhos santos, dos quais ela me legou quase todos, muito antes de morrer. Ia, com a sua sombrinha de seda, inalterável, andando devagar em direção à porta da rua.

Aboletados no carro — Tio Antonico a suar em bicas, enxugando com lenço de linho inglês, do melhor, o pescoço empertigado no colarinho duro, de ponta virada; ela, sereníssima; e eu, já de boca cheia d'água, prelibando a comilança saborosa e variada, que tinha absoluta certeza de ir lá encontrar — ele bradava, logo, como se fosse iniciar uma briga:

— Vamos, seu boleeiro. Vamos lá pra casa, outra vez. Mas, por favor, depressa. Depressa.

Quando Dindinha interferia, como se nada houvesse ouvido, sem o mínimo ar de quem estivesse desfazendo a ordem do Irmão:

— Devagar, seu boleeiro. Saiba o senhor que o nosso Imperador, quando o condutor fustigava os cavalos, costumava dizer-lhe: "Devagar, devagar, que eu estou com pressa."

O boleeiro afrouxava as rédeas para lentificar a marcha, enquanto o Tio Antonico calava-se. Mas continuava a bufar de calor, consultando o relógio. Numa atitude em que se misturavam o respeito amoroso à autoridade suprema da família e um leve, mas bem disfarçado, estado de irritação contra tanta capacidade de ser tranquila.

Daí a pouco, estávamos chegando à casa do Tio Antonico, que era sempre outra, após cada eleição. Pois a sua inquietação não lhe permitia prolongar por muito tempo a moradia numa mesma residência, levando-o a ter habitado os mais variados pontos da cidade. Desde certas ruas do centro até longinquas chácaras de arrabalde, que ele reformava, enfeitava, ajardinava, melhorava ao máximo, enfim, punha-a a seu gôsto. Para deixá-la em prazo relativamente curto, quando se tratasse de um proprietário — como quase todos, por lá, português, judeu ou sírio — que não suportasse mais o permanente e sistemático atraso de pagamento dos alugueres, que só era realmente feito após uma das famosas eleições, fornecedoras de boa boia.

Entrando em casa, sempre de um terrivel mau-gôsto, em matéria de decoração, provinciana e pequeno-burguesa, onde se misturavam santos barrocos e paninhos de croché, uma estatueta de Saxe com florões de papel crepom, um retrato do

Marechal Floriano com alguma hedionda folhinha-cromo, representando a cena da Ceia ou o nascimento de Jesus — Tio Antonico começava a dar risadas, acomodando a irmã na melhor cadeira, das recentementes compradas, o que fazia com requintes de cuidado, como se a estivesse entronizando.

Mas eram rápidos os minutos de relativa calma. Em pouco, lá estava ele, de novo, em grande excitação, gritando com a mulher, em tom de quem a estivesse repreendendo:

— Vamos, Tomásia. Tira logo essa boia, que a mana toma café muito cedo. E esse menino já está verde e amarelo de fome.

Ao que a boa e paciente Tomásia logo se largava em direção à cozinha, como se fosse apagar um incêndio, tão habituada a obedecer, cegamente, às ordens do seu idolatrado tirano. Até que aos ouvidos lhe chegasse a voz mansa, mas autoritária, da minha avó:

— Tomásia.

A submissa Tomásia estacava, de repente. Quase com um pé ainda no ar, e vencida pela autoridade maior, que ela sabia a única, exclusivamente, a que o companheiro se curvava sem palavra, voltava sobre os calcanhares.

E a Dindinha, com a sua peculiar gravidade, pois que era boa, boníssima, mas não usava sorrir, assim como também jamais pronunciava uma frase que encerrasse as tendências facetas da família, ou que desmentisse, num solecismo ou uma expressão chula, o seu passado de professsora de muitas e muitas gerações, dirigia-se à amada vítma do Tio Antonio:

— Esse relógio de parede está certo, Tomásia?

Estava. Certíssimo, pois Tio Antonico o comprara dois dias antes.

— Se está, ainda é muito cedo para o almoço. Prefiro um cafezinho.

Tio Antonico voltava a interferir:

— Cafezinho, não, minha mana. Vamos logo ao tacacá, para aperitivo.

— Um cafezinho, Tomásia. Dê o tacacá para o Antonico, se o deseja.

Água na fervura para o açodamento do Tio Antonico. Ao mesmo tempo, porém, uma deixa para que ele engrenasse uma outra ordem imperativa:

— Vamos, Tomásia. Depressa.

E minha avó, friamente:

— Mas não precisa tanta pressa.

Tio Antonico amansava e completava a ordem, já outro tom:

— Vamos, minha filha. Vê um café para a mana. O tacacá só para mim. E taca uma fatia cavalar de melancia para esse menino.

Tomásia enfiava-se pelo corredor — a "varanda", como se dizia por lá — e a ordem era cumprida com uma rapidez que me assombrava. Vinha pela cabocla o café da Dindinha, em xícara de porcela. O tacacá para o Tio Antonico, numa daquelas cuias de Santarém, multicoloridamente decoradas. E uma tora, "a fatia cavalar", de uma rubra melancia, que, ao primeiro contacto visual, me escandalizava, mas, depois, me deslumbrava totalmente, enquanto eu a ia devorando por inteiro.

Afinal, em cima das primeiras badaladas das onze horas, começava uma movimentação entre a cozinha e a sala de jantar, que tinha qualquer coisa dos preparativos de uma batalha.

Uma caldeirada de peixes, como só no Amazonas se come igual. O leitão assado. Galinhas e galinhas: quisada, assada, ao môlho pardo, e a "de parida", com seu apimentado pirão escaldado. A carne assada com môlho de ferrugem, de cuja perfeição nossa família se enchia sempre de orgulho. O pratarraz de arroz bem solto, só repassado, à hora de servir, com um pouco de manteiga dinamarquesa — "à moda do Maranhão", como o definiam.

E, já se vê, a indispensável tartaruga, símbolo da terra, com seu aspecto de monumento religioso da gastronomia regional.

Lá vinha o sarapatel, servido no enorme casco, ainda trazendo, para realçar-lhe o estranho sabor, o cheiro inconfundível da carapaça calcárea em que era cozinhado.

O pachicá original, simples farofa, feita com o fígado do bicho. E o guisado suave, uma carne branca e tenra, de aspecto alourado pelo cozimento na própria gordura da tartaruga, algo que não encontra rival no mais requintado dos faisões ou no mais trabalhado dos coelhos.

Finalmente, o heráldico "peito", a grande lâmina óssea, que se destaca, a machado, do casco do quelônio, à hora de matá-lo. Uma espécie de escudo onde, associado a uma parte do filé, junta-se o picadinho desse filé com a farinha d'água, que também recobre, depois, o maravilhoso conjunto, a fim de ser levado ao forno para cozinhar, até tostar e apresentar aquele tom dourado, de sabor que nem a mais prodigiosa cozinha chinesa ou francesa pode igualar, com uma de suas iguarias milenares.

Tio Antonico sorria, quase em estado de graça.

Distribuia pela mesa os vidrinhos de pimentas várias. De-

sarrolhava os finos vinhos portugueses: branco, tinto, rosado. Já de olho no **Champagne Veuve Cliquot.** E no licor **Cratreuse** que ele sabia o preferido da irmã.

A sala mergulhava em silêncio. Um silêncio meio litúrgico, para iniciar o sacrifício a Gargantua.

Os convivas?

Bem. Pois eram estes:

Já de colarinho desabotoado, em manga de camisa, o olhar espazeado, o Tio Antonico, que fazia iniciar o festim.

A Dindinha, serena como se tivesse diante dela a simples pescada cozida, do dia a dia, sentada à cabeceira como uma arinha, mastigando bem devagar, saboreando com calma todos is acepipes, um só pouquinho de cada qual, como era a sua maneira de comer.

E eu, deslumbrado pela certeza íntima de que meu pai, inimigo feroz da gula, sobretudo da "minha" gula, como pai e como o médico que lutava contra a minha engorda, jamais apareceria por ali. O que fazia sentir-me livre do "perigo", já que ele só àquela casa como profissional da medicina.

Éramos três à mesa. Isto mesmo: só três, para a batalha.

Ninguém mais. Porque o filho último do meu Tio, o último dos muitos, ainda não fôra "iniciado" na desvairada gastronomia tribal.

E ainda bem. Porque quando o foi, no período da gripe espanhola, que lhe custou a vida, ficou praticamente impedido de comer, por ordem de meu pai, passional inimigo do comer muito, que ele considerava um dos traços mais comprometedores da inteligência de nossa família.

Passada uma semana, de manhã bem cedo, o caboclo-xerimbado veio dizer a meu pai que o Emídio amanhecera bem, sem febre, muito disposto. Mas "doido para comer". E Tio Antonico queria saber do sobrinho, que tanto estimava e respeitava, se podia dar ao garoto um franguinho com caldo. O que foi autorizado, sob a recomendação de não exagerar a quantidade da refeição.

Cerca das oito da noite, quando meu pai acabava o seu último turno de visitas, na luta contra a epidemia, bateram à porta.

A criadagem derrubada pela gripe, minha mãe e meu irmão mandados para uma fazenda distante, minha avó plantada ao lado do filho, que já chegara se sentindo mal, fui eu — tornado então "secretário" de meu pai, para atender o telefone e ir anotando os chamados — quem se dirigiu para abrir a porta.

Deparou-se-me o caboclo Sebastião, de olhos vermelhos, trêmulo, a voz estrangulada, tão perturbado que, só a custo pôde transmitir o recado que Tio Antonico mandava a meu pai:

— Meu padrinho... mandou dizer... ao Doutor... mandou dizer... que o menino... já está... já está com Deus.

Não conhecia ainda a expressão. E corri para meu pai, a transmitir-lhe o recado enigmático, preocupado em saber o que era aquilo de "já estar com Deus", posto que o caboclo não me dera tempo, sequer, de procurar informar-me.

Tio Antonico matara o pequeno. Matara-o, de fato, com os excessos com que usava mostrar amor em forma de gastronomia.

Em vez de franguinho com caldo, uma opulenta e gorda galinha, reforçada por suculento pirão escaldado, que tanto lhe matou a fome de seis dias, como fez com que, no espaço de apenas oito ou dez horas. o Emídio "já estivesse com Deus". Uma cena que nunca posso deixar de evocar, automaticamente, quando releio a festa das bodas de Gargantua ou do nascimento de Pantagruel.

Realmente, éramos só nós três os convivas que se sentavam à mesa desse banquete delirante.

Só nós três. Porque a Tomásia, mulher de origem humilde, levava o seu respeito à minha avó até os limites francos e injustos do medo, vendo-a tão alto que não se julgava suficientemente digna de sentar-lhe ao lado.

Isto, embora a Dindinha fosse criatura generosa e amável com os humildes, e nem tomasse conhecimento de se tratar, ali, de simples e vulgar mancebia. Uma delicadeza de sentimentos que jamais alterava o seu feitio silencioso de velha grande dama. E que a família toda, totalmente diferente, ruidosa e destabocada, admirava de fato, dizendo que "aquele jeito nascera com ela".

Mas o fato é que a Tomásia se esquivava, a pretexto de dirigir as caboclas e de nos servir, com todos os cuidados, desde o princípio até o fim desses periódicos festins.

Festins que me empanzinavam, quase até o ponto de me fazer rebentar. E que, por isso, muito cedo, despertaram em mim a atenção para as épocas em que deviam processar-se as eleições em Manaus. Estranha e algo humorística precocidade, diga-se de passagem, em matéria de sentimentos democráticos sérios.

Afinal, quando o sino da Sé já dera, havia muito, as badaladas do meio-dia sobre a batalha travada por Tio Antonico e por mim — contra aquele despropósito de comidas, e que parecia nem ao menos haver sido iniciada, tamanha a desproporção en-

tre o inimigo a ser devorado e a nossa capacidade de devorá-lo — caía sobre a sala o silêncio.

Um estranho silêncio, só quebrado pelo ruído que a Tomásia e as caboclas continuavam a fazer com a remoção das "peças" do campo de guerra onde funcionara a nossa trincheira, para o gargantuesco Q.G. em que se tornara, durante a operação, a modestíssima cozinha.

Tio Antonico, totalmente "afrontado", como dizia com orgulho, esticava-se logo na rede armada bem à porta da varandinha, soltando tremendos e estrepitosos arrotos, que iam aos poucos se espaçando, até serem substituídos pelos roncos e sibilos do sono profundo em que acabava por mergulhar.

Nas imediações, eu ia buscando disfarçar, como podia, o meu estado de também "afrontamento", que precisava esconder de minha avó, para que não se assustasse. Sobretudo, isto é que era a verdade, para que não acontecesse em outra conjuntura, que se repetiria, fatalmente, daí a meses ou a um ano, ela começar a me policiar os excessos de boca, em relação aos quais meu pai sempre a advertia, frisando, para não parecer que fazia um protesto, que não fazia semelhante advertência como pai. Mas, simplesmente, como médico. Um argumento a que ela se curvava sem uma palavra.

E ela, a Dindinha, a minha extraordinária avó, enquanto o irmão e o neto ruminavam o regabofe, enquanto a Tomásia, lá dentro, seguia o destino de doméstica que, aliás, nunca quisera realmente superar, ela, a Dindinha, como se nada de insólito se houvesse passado em torno da "sua" cadeira de balanço, assestava **o pince-nez,** preso por um trancelim de ouro, apanhava imperceptivelmente o seu devocionário e punha-se a ler uma oração, em silêncio.

As duas e pouco, recomeçava a agitação, em grau menor, para o rico lanche.

Desde o vulgar pão com manteiga — manteiga "Três Vacas", dinamarquesa — o pão cortado em três e esquentado na grelha, como se usava na família, até a variada e muito típica bateria de guloseimas regionais. Cuscus de milho. Beijus delicadíssimos, feitos em casa, pelo próprio Tio Antonico. As tapiocas dobradas em forma de crescente, molhadas com leite de côco. Filhoses de gerimum. Pamonhas. O diabo, em matéria de guloseimas.

Novo ataque, com o mesmo ritmo de voracidade, por Tio Antonico, comandante-chefe das batalhas, e por mim, seu promissor ajudante de campo.

E minha avó, plácida e lacônica, assistindo ao espetáculo, a saborear uma simples chávena de café simples. Sem sorrir,

que não usava sorrir facilmente. Mas com aquela fisionomia onde se percebia uma permanente ternura mascarada, pelos dois atacantes.

Só a Tomásia, sempre buscando pretextos para não se sentar, continuava a mover-se entre a sala e a cozinha, com o seu trio de cunhantãs.

Por volta das seis e meia, o terceiro combate: um jantar quase igual ao almoço.

Finalmente, às nove, a última operação gastronômica, de contrastante delicadeza em relação às anteriores. O chá, legitimamente inglês. Umas finas torradas, "francesas", como o Tio as chamava, cortadas por ele mesmo em fatias finíssimas, de côr meio dourada, mas tão finas que exigiam cuidado especial, para que se não quebrassem à hora de besuntá-las com a magnífica manteiga.

Às dez, impreterivelmente, toque de recolher, em tácito acordo, quando minha avó, chegando ao quarto que o irmão lhe preparara para a tão curta hospedagem, iniciava comigo a reza do terço, a que ela me habituara, todos os dias, ao despertar e à hora de dormir.

No dia seguinte, a monótona repetição — para mim, repetição de uma grande festa— dos acontecimentos do primeiro dia, com algumas variações acrescentadas, que ele fora muito cedo buscar no Mercado Municipal.

E, no dia terceiro, após o lanche, sem insistir para que minha avó prolongasse a estada — que ele a conhecia, suficientemente, para não insistir na quebra do que fora programado — Tio Antonico fazia chamar, da Empresa Nazaré, a vitória que nos reconduziria, a ela e a mim, além da sua cunhantã-pagem, para a casinha simples e tranquila que habitávamos, em frente à residência de meus pais.

A casinha de porta e janelas, interiormente caiada de branco, onde todos os dias antes das sete, meu pai entrava para tomar-lhe a benção e de lá se dirigia para o trabalho, em seu automóvel, que, aliás, ao sair da garagem de casa, o chofer já levava, diretamente, para a porta da Dindinha.

Visita infalivel, que se repetia à noite, e, com maior razão nossa e em semelhantes ocasiões, em que pai passava dias sem ver a mãe, a pretexto de excesso de serviço na sua grande clínica. Na verdade, porque preferia evitar a casa do tio, que até estimava bastante, mas onde os desmandos a encontrar haveriam de contrariá-lo, inevitávelmente.

Recomeçava a vida de equilíbrio que marcava a nossa existência.

Alimentação farta, mas sem nenhum excesso. Comida saborosa, embora sem requintes. Refeições reduzidas a um único prato sustancial para o almoço, sendo a do jantar um pouco "mais leve".

Refeições que decorriam dentro da maior serenidade, enquanto a Dindinha, de vez em quando, contava-me algum caso real, que lhe parecia apropriado à minha idade. Ou, mesmo, até uma ou outra anedota, geralmente histórica, mas na qual jamais se encontrava, já não digo o apimentado pornográfico usado pela maioria da família, mas sequer o mais leve **double sens.** Sempre, qualquer espécie de narrativa que, ao cabo, visava infalivelmente a enfiar-me na cabeça **sans en avoir l'air,** um ensinamento moral, cívico ou religioso, como ainda hei de contar, se puder estudar-lhe, mais a fundo, a incomparável personalidade.

Pois foi num desses retornos à casa, que eu vivi, pessoalmente, um dos aspectos mais ilustrativos da figura do meu bom tio pródigo.

Havia umas duas ou três semanas regressando de sua casa, de onde saíramos num momento em que principiava a chuviscar. Pelo que o Tio Antonico, não podendo continuar a derramar os seus transbordamentos de afeto em forma de reter minha avó além do prazo que ela já havia fixado, achou que aquela simples sombrinha, de que ela não se separava, era muito pouco. E exigiu que ela permitisse, então, que eu levasse de empréstimo o seu guarda-chuva novo, já comprado, é claro, com o dinheiro das eleições. O que a Dindinha recusou a princípio, fazendo-lhe ver que o mano poderia precisar dele. Ao que ele respondeu assegurando-lhe que não tinha a mínima pressa na devolução. Pelo simples e irrespondível motivo de que comprara logo... dois. De fato, dois, igualmente caros e suntuosos, diga-se de passagem, porque, ao receber a bolada, gostava sempre de comprar as coisas, pelo menos, em duplicata.

Dois domingos após, e aí por volta das onze horas, já que ela não me permitira fazê-lo antes, a fim de não perder mais aulas, lá fui eu, por ordem da Dindinha, devolver o objeto.

Cheguei à casa do Tio Antonico, exatamente, à hora do almoço.

E lá me defrontei com um quadro, que guardei para o resto da vida, como terrível confirmação, ao vivo, dos esclarecimentos que minha avó tinha o hábito de me transmitir, para melhor documentar a delirante prodigalidade que marcava a nossa família, mesmo entre seus membros mais pobres, quan-

do se viam com algum dinheiro além do pouco de que dispunham normalmente.

À mesa, coberta apenas com um pano quadriculado, em vez de rica toalha da Ilha da Madeira, em que havíamos travado as batalhas daqueles gloriosos três dias, estavam sentados, melancolicamente, os três membros efetivos da pequena família.

O Tio Antonico, de fisionomia mal humorada.

A pobre Tomásia, que encerrado o tríduo dos festins, deixava o borralho e reassumia, aparentemente, a condição de "Senhora do Comandante Mendonça".

Também o Emídio — perdão, o **Emigídio,** que, para o Tio Antonico, não era concebível a não pronunciação da letra **g** nesse nome que o encantou e arranjou não se sabia onde — com sua cara balofa, que, hoje, depois que me tornei médico, tenho a impressão, num diagnóstico retrospectivo, de que se tratava de um caso mais ou menos frustro de idiota mongalóide ou de cretinismo mixedematoso.

E, sobre a mesa, coberta pela metade, e para mim surpreendente refeição, que se resumia, nem mais nem menos do que no seguinte, uma terrina com mingau de farinha seca de mandioca, um bule de café, dois magros pães com aparência de não muito frescos.

Meu estarrecimento silencioso chegou ao extremo, quando verifiquei que não era o lanche, que se houvesse adiantado. Mas que era o próprio almoço. A tal ponto que me limitei a tomar rapidamente a benção de meu tio, a transmitir as lembranças que a minha avó mandava a todos. E, a pretexto de uma outra incumbência da Dindinha a cumprir, abracei-o carinhosamente, ganhando a rua, apressado, para retornar à casa.

Tenho ainda hoje a mais viva, nítida e fiel lembrança do meu estado de alma, à hora em que saí de junto do meu bom Tio Antonico, embora já lá se vá mais de meio século.

Saí desesperado, e a pé, evitando tomar o bonde, para que ninguém percebesse, estando eu parado no veículo, que as lágrimas espoucavam, incontíveis, dos meus olhos de menino. Havia dentro de mim — consigo reviver, até hoje, na memória, o que se passava na minha consciência — um sentimento de profunda comiseração, de vergonha, de desnorteante perplexidade.

Em poucos minutos, tamanha a pressa que me levava, entrei pela casa a dentro, sob um tenso estado emocional. E, quando cheguei junto de minha avó, para dar-lhe na testa e na mão aquele beijo que nunca esquecia, e o dava por amor sincero, desatei num pranto abundante, um tanto escandaloso mesmo.

Fisionomia um pouco angustiada, a Dindinha me interrogou para saber o que se passava. Saber se eu fora agredido por algum outro menino, ou maltratado por quem quer fosse.

A voz estrangulada, eu permanecia sem poder responder, enquanto ela reiterava as perguntas. Sem perder a calma, mas com uma expressão de quem, embora muito afetuosa, não aceitaria que se prolongasse demasiadamente aquele silêncio e, muito menos, a minha cena melodramática.

E eu falei.

Falei nervosamente, depois que bebi os três goles d'água — tinham de ser três — que ela ordenara a uma das caboclas me trazer.

Narrei-lhe a cena a que acabara de assistir. A refeição miserável. O silêncio melancólico na sala de jantar. A cara mal humorada do Tio Antonico.

Contei-lhe tudo, minuciosamente, com uma riqueza de pormenores onde havia um indisfarçável toque de teatralização, que, desde cedo, marcou sempre o meu feitio, ao descrever certos fatos. Um aspecto que tinha suas raízes na vocação da família para o teatro, com as representações juvenis em família, onde cresceu e se desenvolveu o talento que veio a fazer, de dois membros dela, dramaturgos que fizeram nome em sua época, e dos quais terei ainda de falar: Benjamin Lima, detentor do prêmio de teatro nas comemorações da Exposição de 1922. E Renato Viana, precursor de tudo que hoje faz sucesso no teatro de jovens, criador de atores e atrizes, que até hoje têm nome no palco, no cinema e na televisão.

Mas o "meu" teatro, para desconcerto de quem o tentava ali fazer, não produziu o efeito que eu imaginara.

A Dindinha ouviu toda a descrição, imperturbável, e com uma expressão que se podia, com certo esforço de interpretação, classificar como um sorriso. O "seu" sorriso, melhor diria.

Esperei que ela dissesse algo, capaz de me ajudar a entender tão insólito acontecimento. Nada, porém. Depois de uns segundos, sim, ela se limitou a dizer, com sua voz compassada:

— O Antonico é assim mesmo, coitado. Tão bom de coração quanto desequilibrado de espírito.

Mesmo na linguagem coloquial, ela falava muito corretamente e sem afetação.

Um silêncio mais, e acrescentou:

— O Antonico e todos os nossos irmãos. E certos parentes, que eu fiz tudo para educar, sem nada conseguir, pois deles só obtive que me queiram bem e que me respeitem. Sua alma, sua palma.

E como eu permanecesse ao seu lado, ainda um pouco aturdido, se bem que já refeito da convulsão emocional, ela voltou a falar, aproveitando a oportunidade, como o fazia sempre, para me ensinar a tirar proveito de cada experiência vivida, particularmente em relação à nossa gente, e sem cujos dados não estaria eu aqui, neste momento, a tentar retratá-la, ou, pelo menos, começando a retratá-la.

— São todos assim, meu filho, à exceção de teu pai e de teu tio Benjamin, que eu procurei criar à minha maneira. Todos assim. Uns mais, outros menos. Mas todos pródigos e desequilibrados. E é bom que tu vás aprendendo tudo isso que vais vendo, para que não te pareças em nenhum ponto negativo com qualquer deles. Que não sejas pródigo, nem te deixes envolver por nenhum pródigo, que é gente altamente perigosa. Porque eu nunca me dei à prodigalidade, mas acabei, quando moça e viúva do segundo matrimônio, deixando-me empobrecer pela prodigalidade inconsequente do teu tio Artur, muito parecido com o Antonico, e que me custou a fase de quase miséria em que tive de viver, quando perdi o meu segundo marido, o teu grande avô, o Dr. Lima.

"Doutor Lima" — era como ela chamava o seu segundo marido, o Juiz de Direito José Francisco de Araujo Lima, pernambucano, da família do Marquês de Olinda, de quem ela veio a herdar, através do cunhado, bens que haveriam permitido viver tranquilamente, enquanto formava meu pai, em medicina, e meu tio, em direito.

FERREIRA DE CASTRO: PRESENÇA E MENSAGEM

Carlos de Araújo LIMA

É sempre assim. Vivo uma reação de caboclo quando morre um Amigo meu. Deixo o tempo passar, sem me manifestar. Quero, preciso contornar o impulso sentimental que conduz ao necrológio. Por que desmerecer o Amigo, esvasiá-lo na lágrima quando ele retornará na clareza que vence o Tempo?...

Ferreira de Castro é grande de mais para caber num necrológio. Li, não sei onde, que a Felicidade é uma coisa que se recorda. Isso é trágico, diz bem da incapacidade do homem que nunca tem a exata consciência de que vive e do que lhe pertence. Precisa perder para ver melhor o que perdeu. Sábios são os que cultivam a consciência do que possuem. O desgraçado, na verdade, não é o que nada tem e sim aquele que ignora o que tem.

Há, também, acentuando essa maneira de ser, por mim definida como amazônica, um amor próprio bem nosso, o de não parecer que nos beneficiamos na publicidade que acompanha a glória de um Amigo. Quando, então, esse Amigo se chama Ferreira de Castro o cuidado se torna maior. Mais justo.

A Selva é o milagre nas letras do mundo. Toda a força da natureza amazônica está nesse livro. Como dissemos em "Com Ferreira de Castro no Minho", separata do **Jornal de Letras,** publicada por iniciativa dos seus amigos e admiradores do Amazonas, à frente o comendador Emidio Vaz de Oliveira — a Amazônia é um desafio à palavra que só mesmo o gênio de Ferreira de Castro conseguiu superar em **A Selva,** a tal ponto que o tradutor dessa obra, Blaise Cendrars (Forêt Vierge, Grasset, Paris) assinalou que a mesma fora escrita com tanta força, tão estu-

penda elaboração de equivalência realista, que lhe deu a impressão, a ele Cendrars, de que o autor ao fazê-la **fugia de uma obcessão.** É a sensação que todos que conhecem ou não aquela natureza sobrenatural têm ao lêr, subjugados e atônitos, as palavras antológicas de **A Selva.**

A Amazônia **encharcou** o escritor, inundou o seu espírito, fez brotar em catarse o livro mais autêntico que sobre ela se escreveu até hoje. E, também, o perseguiu sempre, com fúria de amante, e por ele foi amada com uma tenacidade apaixonada. Tudo, tudo da Amazônia o interessava, sempre o interessou. Das cartas, inúmeras e interessantíssimas que guardo de Ferreira de Castro, uma destaco, de imediato, porque nela se reporta a um fato que lhe deu tanta alegria. Vejo-o a dar o primeiro telefonema perguntando se podia levar um amigo, o escritor Ernani Cidade. Depois, outro telefonema, mais encabulado, perguntando se o escritor Alvaro Salema, também seu amigo, podia tomar parte. Tomar parte numa **pirarucusada,** com farinha dagua! e pimenta murupi!, em Lisboa! isso tudo e o céu também!

Foi um deslumbramento. Era no Hotel Miraparque e só se falou no Amazonas, suas coisas, sua gente... O pirarucu fora enviado, de avião, como carga preciosa, com mil recomendações e preparado por mãos caboclas. Enviado por Ildefonso Pinheiro, incansável em servir, esse irmão de Ferreira em transparência humana!

As cartas que tenho, de Ferreira de Castro, um dia serão publicadas. Servirão também para mostrar um milagre feito Homem. Povina Cavalcanti, grande irmão de Ferreira, fala na arte de ser humano de Fereira. O milagre a que me refiro é o de reunir ele, em conjugação perfeita, além de gênio do escritor, a sensibilidade do homem e o caráter, uma certa maneira, própria, de ser independente e, o que é mais, sem transigir conseguindo fazê-lo sem ferir e muito menos magoar.

Lembro-me bem de que, à perspectiva da sua chegada, convidado pelo Elos Clube do Rio de Janeiro, de que eu era secretário, começaram as ponderações. Nada de convites **oficiais!** Ferreira não gosta. Nada de constrangimentos de **society!** Ferreira também não aceita. E tudo correu admiravelmente, participando todos com alegria e com a preocupação de que essa maneira de ser do escritor não encontrasse obstáculo ou contradição no Brasil. Depois, tentamos trazê-lo, novamente ao Brasil. Um convite para levá-lo ao Amazonas.

"Mais uma vez (diz Ferreira de Castro em carta de 17 de abril de 1972) você me comoveu profundamente com as suas duas últimas cartas. Que alegria imensa eu teria se pudesse

aceitar o vosso convite! Que indiscutível alegria voltar ao Amazonas com a Ruth, e Elena e Você! Mas, infelizmente, não pode ser. Você leu o que eu disse na carta ao prefeito de Humaitá, a propósito das fotos do Paraíso. Que seria do meu pobre coração se eu voltasse a ver diretamente, a sua terra, que tanto amo! Que emoção! Agora estou convencido de que os médicos têm razão. Que pena que a tenham! Que pena! Custa-me tanto a escrever esta carta de renúncia a um velho sonho, nem Você o pode calcular inteiramente. Mudemos de assunto porque estou a comover-me."

Como Ferreira sabia ser Amigo! Como gostava de elogiar os Amigos!

"Sobre a sua aula "Presença de Portugal no Direito Criminal Brasileiro", quero dizer-lhe que a considero uma síntese notável e aproveito a ocasião para lhe agradecer a gentil referencia que nela me faz. Mas nisto de Direito repressivo em Portugal e em todo o Mundo, por muito direito que seja, a minha sensibilidade e não sei que zona pouco verbalizante da inteligência pressentem a existência de alguma coisa que está muito torta. E então quando se trata de leis antigas, sinto-me arrepiado, como que em nome de todas as vítimas remotas e dos homens de alma livre que no passado tiveram a intuição do futuro. Basta ver, no seu próprio trabalho a reprodução das brutalidades que ordenou D. Dinis — o doce poeta do "Verde Pino". E nem quero me alongar sobre outras inqualificáveis sentenças, relidas há pouco, como, por exemplo, as que vitimaram os Tavoras em Portugal e o Tiradentes no Brasil, nada menos de 2,300 anos depois das famosas crueldades assírias, que nós, os intelectuais, ainda hoje não perdoamos. Confesso-lhe que quando passo em frente dos cemitérios, dos hospitais e das cadeias, tiro o meu chapéu. Tiro-o perante as vítimas da fatalidade humana, inclusive os criminosos que não são responsáveis dos seus instintos, nem dos defeitos da organização social que deteriora moralmente a tantos deles. É um protesto silencioso que faço contra certas leis da Natureza, que aliam uma fria, uma indiferente crueldade às maiores contradições do nosso espírito, cuja origem lhe pertence também. É um protesto pueril e inútil o meu, bem o sei; mas tem um sabor a piedade revoltada ante a nossa pobre condição humana.

Para finalizar, digo-lhe ainda que o seu talento e o seu amor por nós fizeram milagres nas páginas tão vivazes e tão coloridas do "Descobrindo Portugal".

Por outro lado, é uma sensação muito agradável escrever-lhe com a idéia de que nos veremos em breve. Realmente, co-

mo já lhe disse, temos tudo organizado para embarcarmos no "Giuglio Cesare" em dois de junho próximo."

O coração, o espírito, a sensibilidade, o homem de alma livre, estão, também, nas cartas de Ferreira de Castro para os Amigos que soube fazer e manter em todo o mundo.

São muitas as que temos. Elas virão um dia à luz de todos, como contribuição da clareza humana de Ferreira de Castro. Um dia... quando a saudade não perturbar a análise.

Eu pretendia ir ao Amazonas, aproveitando uma brecha no tempo e na atividade profissional. Pedi a Ferreira que escrevesse uma mensagem, umas palavras dirigidas ao povo do Amazonas e que eu teria a alegria de transmitir em primeiro lugar aos jovens da Faculdade de Direito de Manaus. Ferreira imediatamente a enviou. Na carta em que dá notícia desse propósito alude, em resposta, ao ciume também nisso existente, entre amazonenses e paraenses.

Diz ele: "É natural que eu fale muito do Pará, onde vivi cinco anos, como falo muito do Amazonas, que marcou para sempre, **para sempre,** a minha vida. O próprio Araújo Lima possue disso a prova, durante as conversas — já tão saudosas — que temos tido. Sabe que a sua terra e as suas gentes estão gravadas na minha alma e na minha memória até nos mais pequenos pormenores.

Com muito gosto lhe enviarei a mensagem que me pede. Toda a amizade e admiração da Elena e de mim para a Ruth e para si."

Não tive, até agora, a aventura de rever a terra que é minha, que é nossa. Que é de Ferreira de Castro, tão dele que dorme com ele, ao seu lado, como queria. Parece-me que a oportunidade de fazer essa mensagem chegar a todos, notadamente aos seus irmãos do Amazonas, é esta.

Meu querido e admirável Amigo

Carlos de Araújo Lima:

Pois que Você tem a felicidade de ir brevemente a Manaus, saúdo fraternalmente, por seu intermédio, todos os nossos camaradas de letras e todos os amigos que ali temos e são muitos. E através de si envio também um pensamento de carinho e de saudade ao povo amazonense, tão generoso, tão desinteressado de cobiças, tão dado à ternura humana, como eram esses

velhos caboclos que conheci quando estive na selva e nunca mais pude olvidar e como são, certamente, os seus descendentes.

Quero pedir-lhe, ainda, querido Araújo Lima, que contemple por mim e pensando em mim, durante alguns momentos, a nossa bela Manaus. Sei, pela imprensa e pelo cinema, que muitos dos seus aspectos são hoje diferentes do que eram no meu tempo, como é natural e necessário; outros, porém, mantêm-se iguais e não posso vê-los sem me comover, como é normal também.

Graças aos muitos livros e outras publicações que me enviam do Brasil, tenho acompanhado, com ardente interesse, o desenvolvimento da vida intelectual do Amazonas, cada vez mais alta e mais intensa, e o progresso material da vossa terra prodigiosa, que, pela grandeza e singularidade, é hoje, talvez, o único espanto do Mundo.

Lisboa, 11 de Abril de 1972

Ferreira de Castro

O "CRIME" DE HENRY WICKMAN

Cosme Ferreira FILHO

Não creio que tenha havido escritor, jornalista de profissão ou simples comentarista ocasional que, ao relembrar o episódio do deslocamento da produção de borracha para terras asiáticas, não se demore em sovar e malsinar um tal sr. Henry Wickman, acusando-o do imperdoável crime de haver furtado as sementes da Hevea Brasiliensis, para servir aos interesses de sua majestade britânica. Essas carpideiras ainda não compreenderam que, tendo a borracha se convertido em matéria-prima essencial ao bem-estar da humanidade, não poderia o mundo ficar escravizado à limitada e imperfeita produção dos seringais nativos da Amazônia. E que, por meios pacíficos ou violentos, mais tarde ou mais cedo, as nações industrializadas que a utilizavam teriam de apoderar-se de suas matrizes. O que deve ser pranteado é nossa incúria e falta de iniciativa, deixando de formar grandes plantações de seringueiras, para neutralizar a tremenda competição que, cinquenta anos mais tarde, viria arrasar a economia extrativista da Amazônia. E, ainda hoje, o remédio que se aconselha é o mesmo, para que a Amazônia não perca para o Brasil, como o nosso país perdeu para o mundo, sua posição de principal fornecedor de goma elástica às nossas indústrias de artefatos de borracha.

Lamentos e protestos contra a instalação da indústria de elastômeros e a plantação de seringueiras na Bahia e em São Paulo não têm, por conseguinte, qualquer sentido. A posição do Brasil meridional, com quase uma dezena de fábricas de pneumáticos, é idêntica à dos grandes centros industriais da época em que os ingleses se lançaram à plantação de seringueiras no

Oriente, não podendo, evidentemente, permanecer na dependência da minguada e cara produção de borracha dos seringais nativos da área amazônica.

Despojando-nos de um privilégio natural, que não soubemos utilizar, e permitindo, subsequentemente, a formação dos imensos parques de seringueiras, que viriam atender até a saturação, a fome universal de borracha, talvez, Wickman tenha contribuído, indiretamente, para nossa segurança, evitando que a Amazônia viesse a ser presa das poderosas nações que, para suprirem suas indústrias, não hesitariam em arrancar ao país essa parte desprotegida de seu território.

Não me atribuo prioridade nessas suposições alarmantes. Há cerca de quarenta e cinco anos, Antonio Carlos, figura das mais provectas no cenário político brasileiro de sua época, já afirmava, ao prefaciar o livro de José Carlos de Macedo Soares sobre a questão da borracha:

> "Nenhum país tem direito de reter suas riquezas naturais e avaramente as conservar improdutivas, desde que outros povos delas precisem para assegurar, com a atividade das próprias indústrias, a manutenção dos indivíduos que nelas aurem os recursos indispensáveis à vida. Não temos dúvida em que o país, cujos líderes não se orientarem nessa diretriz, está fadado a sofrer, questão de tempo, os vigorosos efeitos da ação expansionista, que outros países, em defesa da própria conservação, coletiva ou individual, terão, inevitavelmente, de praticar. Tal expansionismo é fatal, seja na forma de invasão do capital e da mão-de-obra estrangeiros, seja da conquista política, franca ou dissimulada."

Ressalvados os aspectos que venho de mencionar, compreendendo e justifico todas as medidas de amparo ao extrativismo da borracha como providência de caráter estritamente assistencial, enquanto se opera a conversão gradativa da economia dos que a ele se dedicam, tradicionalmente, a outras formas de atividade rural, processo que já começou a se desenvolver, em todos os Estados e Territórios, através da ampliação das culturas de juta, pimenta-do-reino, formação de seringais e de fazendas de gado.

Havendo, dentro da nova orientação, que se pretende imprimir à economia amazônica, visível preferência pela haveicultura, tudo indica que a ampliação do atual volume de borracha silvestre pelo acréscimo de igual quantidade de borracha produzida

racionalmente exigirá, apenas, que sejam plantadas pouco mais de 10 milhões de seringueiras, sobre espaço não superior a 25.000 hectares, correspondendo a 250 Km2 de área cultivada! Note-se que, nessa previsão de rendimento, admite-se a produção, extremamente moderada, de dois e meio quilos de borracha seca, por árvore e por ano (uma tonelada por hectare), quando a média obtida nos seringais cultivados de alta produtividade é da ordem de 3 toneladas, ou seja sete e meio quilos de borracha por seringueira, em igual período de tempo. Em ritmo satisfatório, seria operação para menos de quinze anos, permitindo admitir-se que, dentro de vinte e cinco anos, aproximadamente, a contribuição da borracha de origem florestal na formação da renda pública e privada da região poderá ser dispensada, eliminando-se da cogitação dos poderes públicos aquele agudo problema social, que, há quase cinquenta anos, reclama e aguarda solução.

Justificado, por essa forma, o comportamento da maior potência industrial, do dealbar do século XX, não restariam outros argumentos com que frear, revertendo em favor da Amazônia, seu propósito de implantar novas áreas de produção de borracha, em dimensões que pudessem atender à demanda mundial, em acelerada ascensão.

Não seria o homem nórdico o possível futuro plantador dos indispensáveis parques de seringueiras. Tratando-se de uma árvore das regiões úmidas e quentes, que são o suporte das florestas do cinturão equatorial, entre os paralelos 10.º, ao sul e 10.º ao norte do equador geográfico, não lhes foi difícil encontrar esse condicionamento ecológico, em territórios então sujeitos ao governo inglês e ao de outras potências colonizadoras, dentre os quais se encartavam a Malásia, a Indonésia, Ceilão, a Indochina e Cingapura, a Tailândia e Vietnã, que, ainda hoje, representam os grandes centros superiores de borracha vegetal às indústrias mundiais.

Do mesmo passo, não podendo ser o homem nórdico utilizado para o trabalho agrícola em ambiente que lhe seria totalmente hostil, pela inclemência do clima e fatores de ordem cultural, caberia a parte de trabalho humano exigido pelos futuros seringais ao homem asiático, tanto por sua abundância, em termos de mão-de-obra disponível e de baixa remuneração, como ajustada àquela ecologia, que lhe era congênita.

Nossa imprevidência, nos níveis governamentais e da iniciativa privada, bem como uma relativa falta de braços e de capitais não foram, em última análise, as razões pelas quais se deslocou para aquelas terras o extraordinário empreendimento heveicultor que, dentro de menos de meio século, viria encer-

rar, melancolicamente, o ciclo efêmero do monopólio brasileiro da produção de borracha.

Atuou nesse sentido a conjução daqueles fatores, onde se destacam, além dos maiores recursos monetários e técnicos, de que dispunham as referidas potências, o aproveitamento de grandes áreas de seu próprio domínio e a significativa presença de mão-de-obra de baixo custo alí existente.

É forçoso reconhecer, honestamente, que, àquele tempo, não possuíamos condições estruturais nem mentalidade, a nível que nos permitisse acompanhar o grande movimento gerador dos seringais do oriente. São aspectos e implicações de uma ocorrência, que plenamente se explica e justifica, muito embora devamos lamentar o fato de não participarmos de seus benefícios.

A história não é escassa em episódios dessa natureza, de tal sorte que, libertando-nos do monopólio de uma riqueza àquele tempo insubstituível, Wickman livrou a Amazônia de um risco, que somente se reapresentará, quando motivado por fatores de outra natureza, porventura de maior acuidade do que os decorrentes daquela carência de borracha.

Relembrando que o período de grandeza econômica da Amazônia no panorama nacional coincidiu com os últimos clarões da **belle epoque,** cuja presença se refletiu nas construções e no estílo de vida das cidades de Belém e de Manaus, os dois principais e, quiçá únicos centros de sua comercialização no País e considerando o que significou a borracha para a Amazônia e para o Brasil, em termos monetários, sem deixar de assinalar, finalmente, os benefícios e as transformações que impôs ao Mundo, sob as mais diferentes formas, dentre as quais se destaca a revolução provocada pela invenção do pneumático para automóveis e aviões, permitiu-se o autor sugerir ao então Ministro Jarbas Passarinho, a feitura de um livro, que se denominaria "A Civilização da Borracha", destinado a fixar, para a posteridade, o que representou o surgimento dessa matéria-prima, responsável, em grande parte, pela transformação e aceleramento do rítmo de vida, que vem empolgando a humanidade, equivalendo, pelos seus efeitos, ao início de uma nova "era histórica".

(Capítulo 47.º, da 2.ª edição do ensaio "Amazônia em Novas Dimensões".

BRANCOS E ÍNDIOS NA FORMAÇÃO DA AMAZÔNIA

Djalma BATISTA

"... os padrões culturais indígeno-americanos persistem em todo o país.

"No Vale Amazônico, com seu ambiente típico de chuvas e florestas e seu magnífico sistema entrelaçado de vias fluviais, mais do que em qualquer outra região, persistiu a herança do indígena do Brasil"

CHARLES WAGLEY

Primeiro choque: as culturas

O homem branco, representado fundamentalmente pelos portugueses e seus descendentes, tinha sido mandado para a Amazônia, em 1616, com Francisco Caldeira Castelo Branco, para ficar e explorar a terra, expulsando os concorrentes europeus que desde o século anterior tentavam dominar a região.

Daí surgiu o conflito entre a cultura que chegava e a tradicional, dos senhores da terra. Essa luta para o índio foi sumamente grave: com ela veio a mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares, a imposição de novas crenças, embora absurda a pretensão de que o nativo pulasse (ou pule), de um salto, do politeismo ao monoteismo, o propósito de subordinação aos novos senhores e as modificações profundas na estrutura familiar.

O equilíbrio ecológico então existente começou também a se romper e se acentuou pelos anos afora, até se agravar, ha

pouco menos de um século, se intensificou quando imigração dos mestiços nordestinos.

Mas desde o início os gentios estavam condenados, por força histórico-ecológicas, analogamente ao que acontecera sempre nos confrontos entre culturas de níveis diferentes. Apesar disso a luta vem sendo renhida, inclusive porque o homem da terra teve na natureza a sua grande aliada.

Se o branco era numericamente reduzido e não trazia grande preparo intelectual, tinha sido portador de "um complexo que compreende os conhecimentos, as crenças e as artes, a moral, as leis, os costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridos pelo homem na qualidade de membro de sua sociedade" (Tylor), cit. por Fernando Azevedo, 1943: 2) isto é, tudo aquilo que representava a supremacia de sua cultura. Trouxe também uma língua estruturada e que se difundiu pela colônia portuguesa da América, contribuindo, decisivamente, para a unidade do Brasil, e que substituiu, na Amazônia, paulatinamente, os mil e um dialetos monossilábicos usados pelos índicolas. No período colonial, esses dialetos ficaram reduzidos ao **tupi, nheengatu** ou **língua geral,** que chegou a ser falado predominantemente no vale, até meados do século XVIII, quando os missionários foram obrigados a ensinar o português (Arthur C.F. Reis 1958:495); — Jarbas G. Passarinho, 1971: 9)

Os missionários, eles mesmos, representaram outra contribuição destacada do homem branco, no seu choque cultural com a bugrada. Os resultados de sua ação permanecem controvertidos. Mas se os padres falharam na catequese, foram, desde o princípio os condutores da educação do povo.

Ao reverso disso, porém, os desvirginadores da Amazônia trouxeram, de muito mau, o espírito de superioridade que tentou fazer do índio um escravo, a exemplo do negro no Nordeste e nas Minas Gerais, a serviço de sua ambição desenfreada; os hábitos euforísticos, principalmente o alcoolismo devastador, que disseminaram; e a larga e letal contribuição das doenças infecciosas, que não encontraram resistência na população local.

Tais qualidades negativas, juntando-se às da indiada, pesaram muito na formação inter-étnica, estimularam o espírito de vingança e foram muito nocivas ao homem da Amazônia.

Não que o ameríndio fosse aquele ser bom e puro, imaginado por J.J. Rousseau e que, segundo Afonso Arinos de Melo Franco (1937), influiu na Revolução Francesa. Cultivava (e cultiva) ódios inter-tribais e vivia (e vive) intermináveis disputas intestinas. Se era desprendido de bens materiais, isso talvez decorresse (ou decorra) do nomadismo. Usava (e usa) também

bebidas excitantes à base do alcool, fermentando a mandioca para o **caxiri** das grandes celebrações, e era (e é) estimulado às custas de plantas alucinógenas, como a coca **(Erythroxylum cosa** Lamk., Eritroxilácea), o parica **(Anadenanthena peregrina,** L. Speg., Leguminosa) e o **caapi, iagé** ou **aia-ausca (Banisteria caapi** Spruce, Malpighiácea). E já padecia, a seu lado, de doenças epidêmicas graves, como a malária, cujos acessos típicos são registrados nos raltos dos cronistas e cientistas que nos visitaram, incluindo Alexandre Rodrigues Ferreira. (1858: 8; 1966: 43)

Esse bárbaro da América era, entretanto, um homem exposto culturalmente a todos os ataques. E tanto esse confronto se repetiu, ao longo dos tempos, que o índio na Amazônia ficou entre dois fogos: ou se confinava, para continuar lutando, ou se degradava, aceitando o domínio do branco. Sucedeu-lhe, porém, o pior: confinou-se e degradou-se.

Aconteceram na Amazônia, porém, dois fatos singulares: primeiro, apesar do grande espaço físico ter sido conquistado pelo branco, o espírito do índio permanece e sobrevive, nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui, a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo, a evidente regressão social e cultural dos índios, após o contato com o branco. Podem-se apurar os dois fatos lançando os olhos sobre o panorama histórico e sobretudo o atual da Amazônia: os nativos estão se acabando, completamente involuídos, no físico e na organização social, porém a terra é substancialmente índia na alma e muito no aspecto de seus habitantes.

Lutas e guerras

Orellana, descendo pela primeira vez o rio, enfrentou lutas e guerras, à procura de alimentos, ao passar pelas aldeias indígenas, e Carvajal, (ed. de 1941), escriba da expedição, não falou, senão de passagem, nas mortes resultantes desses encontros. Não pôde escapar, todavia, ao relato (ob cit.: 46) de que houve índios enforcados e outros atingidos mortalmente pelos **arcabuzeiros** e **balhesteiros,** revidando guerreiros munidos de arco e flexa, no máximo flexas envenenadas com curare.

Segundo Arthur C.F. Reis (1956: 36), os nativos preferiam, nos primeiros tempos, os ingleses, irlandeses e holandeses aos portugueses (e as disputas entre eles duraram mais de 50 anos), "dado o tratamento mais afetivo que aqueles lhe dispensavam". Segue-se os lusitanos não começaram com habilidade.

Na verdade, desde o princípio, houve a disputa física entre brancos e selvagens, cuja vitória já estava previamente decidida a favor dos portadores de armas municiadas com pólvora, —

pólvora que tinha sido, exatamente, uma das invenções que assinalaram, a partir do franciscano Rogério Bacon (século XIII) ou do frade alemão Bertoldo Schwartz (século XIV), o dealbar dos Tempos Modernos, que culminaram com o Renascimento e as Descobertas.

As guerras e guerrilhas, na Amazônia, tiveram início nos 1500, e desde então não parariam mais, até agora, quatro séculos e meio transcorridos, para que se estabelecesse a "frente extrativista" a que se refere Darci Ribeiro (1970: 21), em confronto com a "fronteira agrícola" e a "fronteira pastoril" do restante do Brasil. "O período colonial foi aqui um contínuo motim", diz o historiador, que acrescenta ter sido a evolução política caracterizada por "uma turbulência permanente", salientando, ademais, a reação constante do indígena desde o advento do português.

A todos nós, nos dias atuais, por exemplo, repugna o feito do capitão Pedro da Costa Favela, em 1665, revidando tribos do rio Urubu com o incêndio de 300 malocas, a liquidação de 700 pessoas e o aprisionamento de 400, assim como a crueldade do cabo Belchior Mendes de Morais, que no ano de 1729 disse ter passado pelas armas 28.000 índios, em comunicado ao Capitão-General e Governador do Pará. Também nos repugna o que fez o famoso Fr. José dos Santos Inocentes, que é figura histórica e tem nome em rua de Manaus: apesar da pureza do onomástico, iniciou no século XIX, lançando vestes de bugres convalescentes de varíola sobre tribos do alto rio Negro, a luta bacteriológica que os grandes criminosos de guerra dos nossos tempos não tiveram coragem de utilizar.

A sabedoria do ameríndio

Os diversos povos que, nos primeiros séculos procuraram dominar a Amazônia nada teriam conseguido sem recorrer à aliança do índio, que tinha a sabedoria da terra. Era ele que conhecia onde estava e como conseguir o alimento; movimentava-se em ubás pela superfície das águas (e a água é um componente decisivo da natureza); colhia e sabia onde estava a especiaria com que os europeus abriam os olhos e a cupidez sobre a nova terra; e era a grande esperança do braço para as lavouras, cedo trazidas com a introdução de espécies exóticas como a cana de açucar e o fumo.

O gentio se aliou, negociou ou reagiu, até ensinar os segredos reveladores da Amazônia.

Mulher, a atração e o drama de sempre

A mulher foi outro ponto de atrito constante no passado e continua sendo no presente. Vindo sempre desacompanhado, o

devassador da Amazônia, mesmo sem ter pela índia a atração física que o português sentiu pela negra, no Nordeste, de certo resultante da organização social, que estabeleceu logo as "senzalas" ao lado das "casas grandes", não resistiu à tentação, vendo, em todo Brasil, consoante o dito de Gilberto Freyre, (1938) "muita mulher nua diante dos olhos".

As crônicas registraram choques violentos entre as duas partes, de que resultavam para os índios a servidão e para as índias a promiscuidade ou a mancebia.

Todavia, o português continuou a realizar na Amazônia o processo de miscigenação, que singularizava a ocupação do resto do Brasil, e que na região fora sucessivamente condenada e estimulada pela Corte.

A dizimação lenta porém com glória

Felizmente a resistência secular e a capacidade de luta redimem o ameríndio, que vai sendo dizimado aos poucos, porém gloriosamente, enquanto se aproxima a extinção, que é fatal.

Certos episódios ocorridos dão à história acentos épicos. Um deles foi a revolta de Ajuricaba, tuxaua dos Manaus e chefe das tribos federadas do rio Negro, contra os portugueses. Em 1717, perto da localidade de Carvoeiro (então Aracari), no Baixo Rio Negro, apanhado de surpresa, foi apriisionado com 1.600 rebeldes desarmados por uma tropa superior a 800 homens. Informações colhidas por Alípio Bandeira (cit. por Alvaro Maia, 1952: 22), dizem que, aprisionado ao cavername de uma barcaça, Ajuricaba conseguiu se libertar e arremessar-se à água, sendo por ela tragado. Sua bravura e seu desprendimento tornaram-se um símbolo para o Amazonas, sendo seu nome cultivado em vários lugares.

Outro episódio típico da "fricção inter-étnica" foi a maior rebelião de que se tem notícia na Amazônia, ocorrida de 1835 a 1839 e que inundou de sangue toda a região entre Manaus e Belém: a Cabanagem. Foi a reação nativista, de índios e caboclos, contra o português colonizador, que não concordava em aceitar, na Amazônia, a nova ordem decorrente da Independência do Brasil. Muitas vezes estudada e discutida, a Cabanagem ainda é assunto para historiadores, sociólogos e ficcionistas. Um dos mais sugestivos trabalhos a seu respeito, da autoria do oficial superior do Exército Gustavo Moraes Rego Reis (1965), começa citando Engels, para quem "a insurreição é uma arte", salienta "a efetiva e dominante participação das massas; a ascensão e direção de líderes oriundos das mais modestas camadas da população", tudo examinado à luz da moderna conceituação e do método de análise dialética da guerra insurrecional.

O que restou do gentio

Quando a "fronteira extrativista" se alargou, na segunda metade do século passado, com o início do ciclo da borracha, o gentio fugiu para os lugares mais distantes a fim de poder resistir. Diante das massas nordestinas, apoiadas em cunhetes de bala, não havia outra solução. E do fato tenho um testemunho fidedigno: meu avô paterno, que veio do Ceará para ser seringueiro num afluente do Juruá, tomou parte em caçada a índios, por sorte não tendo encontrado nenhum: a reação porém afugentou, pela intimidade, a tribo que brigara pelo chão em que vivia ou se refugiara.

Restam hoje alguns milhares de silvícolas espalhados pela vasta superfície da Amazônia, principalmente nos altos rios: Negro, Branco, Guaporé, Tapajós, Xingu e seus afluentes. Galvão (1960: 14) avaliou-os, em 1960, em 100.000. Para a Enciclopédia Universo (1970 (I): 210), mal chegavam a 60.000 indivíduos. Nos baixos rios ainda se encontram alguns, perdida a capacidade de enfrentar a natureza e inteiramente **desculturados,** expressão muito mais precisa, na minha interpretação, que a infame "aculturação", porque sucede precisamente o despojamento da cultura do ameríndio. Tenho seguros depoimentos de que os que atingem essa situação estão inteiramente degradados, sendo o mais importante o de Noel Nutels, que dedicou 30 anos de sua vida aos problemas indigenistas e afirmava: **"índio pacificado é índio liquidado".** Na entrevista que teve com Fernando Sabino (1964: 126) declarou: "O índio que se civiliza anda para trás, retrocede culturalmente. Integrado, torna-se um pária".

A transfiguração étnica

Integração, mesmo, do silvícola na sociedade brasileira, nunca houve e já é tarde para ser ainda esperada. Houve, sim, a transfiguração étnica a que se refere Darci Ribeiro, resultante, fundamentalmente, do processo de miscigenação.

Enquanto no Nordeste o mulato resultou do cruzamento do branco com a preta, na Amazônia o caboclo traduz a mistura do branco com a índia. E os mestiços surgidos desse processo biológico vêm sendo repostos aos poucos na sua condição de herdeiros de qualidades positivas das etnias originais, revigoradas pela mistura genética, uma vez que mulatos e caboclos vêm continuando abençoadamente o cruzamento.

Tanto o mulato como o caboclo e seus diversos tipos têm um papel histórico e social destacado, pela sua adaptação ao meio e pela maneira por que sabem superar dificuldades.

Do Nordeste, recebeu a Amazônia, especialmente a partir da seca de 1877, grandes contingentes de imigrantes, avalia-

das (pura avaliação, sempre) entre trezentos e quinhentas mil pessoas, que se incorporaram à humanidade planiciária. Esses nordestinos se uniram aqui com os caboclos, misturando diversos caracteres.

Luiz Montenegro (1960: 191) realizou importantes pesquisas hematológicas, documentando a situação em Manaus e Codajás, podendo levantar, por amostragem, um panorama geral da Amazônia. Classificando sangues, no sistema ABO, obteve 61,06% do grupo 0; 29,42% do grupo A; 8,56% do grupo B e 0,96% do grupo AB (Manaus) e 59,6% de 0,32,4% de A, 73% de B e 0,8% de AB (Codajás), números perfeitamente concordantes. Sabe-se que os índios são predominantemente do grupo 0 e têm Rh (Do) positivo, enquanto os brancos são mais do grupo A e os negros do grupo B, todos dois com valores intermediários do fator Rh. Em Manaus, foram encontrados 92,6% de Rh -|- e 7,4% de Rh —, em Codajás 89,8% de Rh+ e 10,2 de Rh—. Tais dados foram comparados com duas cidades brasileiras de grande fluxo imigratório europeu (Porto Alegre e São Paulo) e Duque de Caxias (Estado do Rio) e Salvador (Bahia), de influência negra. Em Porto Alegre havia 47,5% de pessoas do grupo 0 e 88,3% de Rh+; em São Paulo 48,78% de 0 e 85,7% de Rh+, em Duque de Caxias 46,87% de 0 e 89,5% de Rh-|-, e em Salvador, 53,8% de 0 e 87,1% de Rh-|-. Entre índios Tucanos (Montenegro, 1967: 90) do Alto Rio Negro, as pessoas do grupo 0 atingiram 97%, sendo 100% Rh-|-. Além disso, Montenegro (1959: 273) pesquisou a alteração siclêmica ou falciforme, defeito próprio dos indivíduos de etnia negroide ou que tenham sangue negro em sua constituição. Pois em índios Maués (Montenegro, 1958:85) a determinação da siclemia foi negativa em 100% dos pacientes, enquanto em amostras de sangue da população de Codajás, entre pessoas classificadas como caboclas havia 9% de positividade, e em descendentes de nordestinos 12%.

Os resultados obtidos, todos estatisticamente significantes, demonstram o alto teor de sangue índio e a presença de sangue negro, originário dos nordestinos, existentes na população.

Traços da psicologia e da morfologia do caboclo

Tais dados confirmam, realmente, o que se vê no Pará, no Amazonas e em Roraima, olhando para o tipo físico das pessoas encontradas nas ruas das cidades ou na beira dos rios, especialmente nas localidades do Baixo e Médio Amazonas e no Alto Rio Branco, onde mais intensamente predominou a cultura ameríndia.

No Pará, sobretudo, que foi o palco por excelência da Cabanagem, o fato se confirma no sobrenome das famílias tradi-

cionais ("trezentonas" ou "ducentonas"): Acatauassu, Apinagé, Conduru, Parijó, Capinussu, Maranhão e muitas outras. E na psicologia do paraense, então, a presença do índio é insofismável: o espírito extremado de luta que tem o povo, sua permanente participação dos problemas políticos locais, além de uma fidelidade aos chefes, que são a encarnação dos morubixabas. Em abono da observação, citarei os fenômenos do **laurismo, lemismo** e **baratismo,** datando deste século, em diferentes épocas, e que assinalaram a liderança marcante de Lauro Sodré, Antônio Lemos e Magalhães Barata, respectivamente, no comando de uma agitada política estadual. E quem mais representativo da cultura paraense que o caboclo Paulo Maranhão, que dirigiu a opinião pública do Estado através da "Folha do Norte", durante decênios, falacendo aos 92 anos, sempre altivo e indobrável?

No Estado do Amazonas, muito mais novo, parece que maior foi a penetração do nordestino. Tanto assim que os números do Censo de 1872 podem servir de termo de comparação: no Pará, 275 237 habitantes e no Amazonas apenas 57 160, isto pouco antes da chegada dos novos elementos tangidos pela seca e atraídos pela miragem da borracha. Mesmo assim, o mesmo achado do tipo físico sugestivo da proximidade do ancestral indígena se repete a cada passo. Também uma certa reação nativista contra elementos estranhos, que se traduziu nos anos 30 pelo **movimento glebarista,** considerado uma "atitude de inconformação... dado subjacente de nossa cultura" (Agnello Uchôa Bittencourt 1962: 42). Na Cabanagem brilhou um herói amazonense: o caboclo Apolinário Maparajuba. No Amazonas, os Neri, os Monteiro de Sousa, os Bittencourt, os Sevalhos e outros, foram autênticos caboclos, inteiramente absorvidos pelos problemas da terra. O barão de Santana Neri foi morar em Paris, onde teve projeção não apenas na vida mundana, mas como homem de letras; lá agenciava colonos europeus para o governo do Pará e escreveu e publicou um livro famoso, **"Le Pay des Amazones".** Exemplos importantes da miscigenação amazônica, temos, nos nossos dias, com o aparecimento de uma mulher cuja beleza ha 20 anos vem impressionando o Brasil e o mundo, que foi a 2.ª colocada no concurso de Miss Universo, e era filha de português com índia do rio Negro. Entre as famílias mestiças privilegiadas, há a de esclarecido magistrado, natural de Pernambuco, que desposou cabocla do Solimões, senhora de altas virtudes morais, entre cujos filhos se destacou recentemente um ex-senador amazonense, que teve grande projeção no Parlamento Nacional.

Já no Acre, em cujos rios se refugiaram muitas tribos, e

cuja história começou em meados do século passado, não se pode falar em caldeamento de raças. Alfredo Lustosa Cabral (cit. por Arthur C.F. Reis, 1953: 123), em seu livro "Dez Anos no Amazonas", referiu-se ao fato. Ocorrido no Alto Juruá: "A aquisição de uma donzela da selva era tarefa temerária, porque raramente a índia se sujeitava ao regime doméstico. Isso ainda podia acarretar o perigo de ser a moça levada pelos da tribo ou haver choques violentos... Sob esse aspecto, as uniões de seringueiros com selvagens eram quase nulas". Revisei várias fontes, encontrando apenas a referência de Raimundo Moraes, que foi grande conhecedor da natureza e da vida da Amazônia, embora fraco romancista: seringalista do Alto Iaco recebeu de presente uma remanescente da tribo dos Ipurinãs, ainda em cueiros, a quem criou com desvelo, fazendo-a educar em colégio belemense, com ela se casando depois e levando-a de volta ao seringal. Pois a bela Corina, quando descobriu sua crônica, reencontrando um grupo de sua tribo, escolheu a volta aos ancestrais, unindo-se ao tuxaua Cauré.

Restaram na Amazônia, ainda, apreciáveis mostras de herança ameríndia no comportamento do povo. Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos esforços realizados e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã. E eu sempre me pergunto: será que a razão não está do lado do caboclo? Outras heranças são o hábito do banho de imersão freqüente; as preferências alimentares pelo peixe, pela farinha de mandioca, pelo tacacá e pelo açaí; as vestimentas de cores berrantes, tão ao gosto das mulheres, que ainda se enfeitam de muitos adereços, com o que estão em dia com a moda atual; a fé evidente em tratamentos por meio de injeções, que traduzem o gosto pelas novidades, e da aplicação das mesmas injeções na veia, pela crença de que atuam diretamente no meio interno.

Também quero registrar, sem que isso importe em nenhum demérito para os hábitos dos caboclos, na falta de respeito pela propriedade, que acredito vir do índio: tomam-se emprestadas, com a maior sem cerimônia, objetos de uso pessoal, alimentos e até dinheiro, sem nenhuma preocupação de reposição. O caboclo compra tudo que o comerciante lhe queira vender, com a condição de ser fiado.

Agnello Bittencourt (1962: 25) salienta mais um aspecto psicológico do homem regional: a dubiedade, em que o **talvez** substitui sistematicamente o **sim** e o **não.**

Rondon, um paradigma

No ano de 1865, à margem do rio Cuiabá, na fazenda Mi-

moso, à altura dos limites da Amazônia Legal, nasceu um mestiço de índio que adotou o sobrenome de Rondon, do padrinho que o criou. Morreu marechal, realizando uma carreira gloriosa sem disparar tiros. Em sua honra, o Território Federal entre o rio Madeira e o Sul da serra dos Parecis passou, em 1956, a se chamar "Rondônia", neologismo criado, em livro celebrado, de Roquete-Pinto (1938; 19), que assim lhe traçou o perfil: "... conquistou pacificamente alguns milhares de quilômetros quadrados, agora em condições de facil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo. Abriu à ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria, todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, que os Parecis chamam **língua de Mariano,** em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua pátria, que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem. E mostrou à Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modéstia de sua origem".

A Rondon, deveu o Brasil uma nova atitude em face dos silvícolas, adotando, para o antigo Serviço de Proteção aos Índios (hoje Fundação Nacional do Índio — FUNAI), criado sob sua inspiração, um **slogan: "Morrer sim; matar nunca",** que representou uma atitude bem mais humana que a dos americanos em face dos peles vermelhas, diante dos quais o preceito seguido era: **"índio bom é índio morto".**

Graças a Rondon, talvez melhores tenham sido os últimos 60 anos dos "bárbaros" do Brasil, o que não impediu, contudo, que o processo de exterminação continuasse, pelo menos não oficialmente, até os nossos dias. Ele foi o grande exemplo da transfiguração étnica.

Leandro Tocantins (1963 21) tinha razão: "Ninguém será capaz de parar o relógio da história".

Dois depoimentos

Falei de homens maus e em alguns homens bons que têm estado às voltas com o problema do índio. Quero dar também o meu testemunho pessoal a respeito de um sertanista que conheci no Acre, e cujos relatos constituiram um dos encantos de minha meninice. Refiro-me a Felizardo Cerqueira, que tinha a capacidade de se entender, apaziguar e defender a indiada fugidia do Alto Juruá e do Alto Purus. Era um caboclo legítimo, cuja origem e cujo fim ignoro, mas que representava uma nova era surgida com Rondon.

Ainda há outro depoimento sobre o atual caboclo do rio Negro, que, na Amazônia, sempre foi considerado dos seres menos evoluídos, social e intelectualmente. Sobre ele me de-

clarou pessoalmente o botânico Richard E. Schutes, da Universidade de Harvard, que por 12 anos viveu na Amazônia Colombiana e na Amazônia Brasileira, que o melhor homem com quem tinha deparado em toda sua vida, porque mais inteligente, mais honesto, mais bondoso, mais resistente e mais capaz, era exatamente esse caboclo malsinado.

O genocídio na Amazônia e no Brasil é uma tradição

Não tem sentido a propaganda que se faz atualmente no exterior, de que no Brasil se perpetra genocídio contra os ameríndios. Tomar terras por eles ocupadas e muitas vezes trucidá-los, começou desde os anos 1500, pelos europeus que vieram colonizar a Amazônia e o restante do Brasil, e com eles os brasileiros aprenderam a cometer o crime.

Matias Olímpio, que foi grande juiz e um eminente homem público do país, contou-me que certa vez interrogava um criminoso no Acre, e dele ouviu esta pergunta desconcertante: **"E matar índio é crime?"**

Não adianta parar o desenvolvimento da Amazônia por causa dos índios, que são, paradoxalmente, segundo reportagem do jornalista Carlos Roberto da Silva (1973), **"os últimos seres livres".**

Referências

Azevedo, Fernando (1943). **A Cultura Brasileira.** Serv. Gráf. I.B.G.E., Rio Bittencourt, Agnello (1962). Subsídios para uma ecologia da Amazônia.

Rev. da Acad. Amaz. de Letras (11): 16-33, Manaus

Bittencourt, Agnello Uchôa (1962). **Aspectos sociais e políticos do desenvolvimento regional.** Sérgio Cardoso & Cia. Editores, Manaus

Carvajal, Gaspar **et alii** (1941). **Descobrimentos do Rio das Amazonas.**

Trad. de C. de Melo Leitão. Col. Brasiliana (203). Cia Edit. Nac., S. Paulo

Enciclopédia Universo (1971). Verbete sobre **Amazônia** I: 210, Edit. Tres, Rio

Fonseca, Olímpio de Oliveira R. (1958). **Alexandre Rodrigues Ferreira, o patólogo.** Pub. do INPA, sér. Viagem Filosófica (1). Graf. Lux, Rio Fontes, Glória Marly D. Carvalho (1966). **Alexandre Rodrigues Ferreira** (Aspectos de sua vida e obra). Com reprodução integral da memória **Enfermidades Endêmicas da Ca-**

pitania de Mato Grosso. Cadernos da Amazônia (10). Pup. do INPA. Edit. Artenova, Rio
Freyre, Gilberto (1938). **Casa-Grande & Senzala.** 3.ª ed., Schmidt Editor, Rio
Galvão, Eduardo (1960). Áreas culturais indigenas do Brasil: 1900-1959. Bol. do Museu Goeldi, sér. Antropologia (8). Belém.
Maia, Alvaro (1952). **Pela Glória de Ajuricaba.** Pub. do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Manaus
Mello Franco, Afonso Arinos (1937). **O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa.** Col. Documentos Brasileiros (7). Liv. José Olimpio Editora, Rio
Montenegro, Luiz (1958). Siclemia em índios Maués. **Rev. Clínica de S. Paulo XXXIV** (4): 85-86.
——— (1959). Índice siclêmico em uma comunidade do interior do Amazonas. **O Hospital** 55 (2): 273-278, Rio

——— (1960). Frecuencia de los grupos sanguineos del sistema ABO e del fator D (Rh) em Manaus. **Sangre** 5: 191-196, Barcelona
——— (1967). Blood groups in Tucano indians. **Human Biology** 39 (2): 89-92, Detroit
Morais, Raimundo (193). **Resuscitados** (romance do Purús). Cia. Melhoramentos de S. Paulo
Nutels, Noel (1974). **Memórias e Depoimentos.** Liv. José Olimpio, Rio. Passarinho, Jarbas G. (1971). **Amazônia — o Desafio dos Trópicos.** Edit. Primor, Rio
Rego Reis, Gustavo Morais (1965). **A Cabanagem — um Episódio Histórico da Guerra Insurrecional na Amazônia** (1835-1839). Edições Governo do Estado do Amazonas, sér. Torquato Tapajoz (4). Edit. Sérgio Cardoso, Manaus

Reis, Arthur C.F. (1953). **O Seringal e o Seringueiro.** Serv. de Informação Agrícola do Minist. da Agricultura. Documentário da Vida Rural (5). Serv. Graf. I.B.G.E.
——— (1956). **A Amazônia que os Portugueses Revelaram.** Col. Vida Brasileira. Minist. da Educação e Cultura, Rio
——— (1958). A lingua portuguesa e a sua imposição na Amazônia. **Rev. de Portugal,** sér. A (XXIII): 491-500, Lisboa (separata)
Ribeiro, Darci (1970). **Os índios e a Civilização.** Col. Retratos do Brasil (77). Edit. Civiliz. Bras., Rio

Roquette-Pinto (1938). **Rondônia.** 4.ª ed. Col. Brasiliana (39). Cia. Edit. Nac., S. Paulo
Silva, Carlos Roberto (973). Os últimos seres livres (reportagem). **Manchete, Rio**

Tocantins, Leandro (1963). **Santa Maria de Belém do Grão Pará.** Col. Imagens da Terra e do Povo (2). Edit. Civiliz. Bras., Rio
Wagley, Charles (1953). **Amazon Town** — a Study of Man in the Tropics. The MacMillan Company, New York. — Ed. bras. (1957) Trad. de Clotilde da Silva Costa. Col. Brasiliana (290). Cia. Edit. Nac., S. Paulo.

POETA COMO NENHUM

Genesino BRAGA

("Era assim, na ardente mocidade, o meu amado Raimundo Monteiro, que, conversando uma vez sobre o ritmo dos mundos, me confidenciou, baixando a voz, que sempre tivera a superstição do ritmo!")
MARTINS FONTES — **"Nós, as Abelhas**

Ah!, se ele estivesse ainda entre nós... Estaria nonagenário, sim, mas com a flama do estro sempre a crepitar. Poeta, não teria envelhecido, porque há uma eterna primavera na existência interior de quem sonha e canta. Aquela fronte altiva, pura, jamais conheceria as gelhas da anciania. Nunca que encanaceriam aqueles cabelos enjubados, partidos ao meio, na cabeça de contorno modelar. Perduraria fúlgida a luz doirada de seu olhar, porque era a sua luz interior, a luz que cintilava nos seus versos, a luz da Divina Inspiração.

Se ainda vivo o fosse, Raimundo Monteiro, — o Poeta Maior do Amazonas, sagrado Príncipe dos Poetas Amazonenses, — ao se ver nonagenário, teria composto um outro epinício à sua "ânsia de espaço e sol", como o fizera para celebrar os seus 32 anos, em 1914. Havia muito já o poeta retornava de sua amada Paris, onde bebera em companhia de Catule Mendes, de Paul Verlaine, de Albert Mérat e de Léon Velade, — contou o poeta Martins Fontes, que deixou isto assim em um capítulo de seu livro **"Nós, as Abelas — Reminiscências da época de Bilac".**

"RAIMUNDO MONTEIRO — Bailáramos a noite inteira, doidamente, contando uma estrofe de La Brasse, ensinada a Raimundo Monteiro por seu amigo íntimo Gabriel Vicaire!

Era assim:

— De plante en pousse...
De pousse en fleur...
De fleur em graine...
De graine en vert...
De vert en mure...
De mure en coupe...
De coupe en cuve...
De cuve en verre...
De verre en bouche...

Já eram sete horas da manhã e continuávamos naquela bailada louca, por todos os cantos do Mercado Municipal. Fiel à ortodoxia da barba feita ao amanhecer, fui ao meu barbeiro, que trabalhava no Salão Ideal, à rua dos Ourives, propriedade do Sr. Castilho. Era meu oficial um sobrinho brasileiro de Anatole France... Raimundo Monteiro acompanhou-me. Sentou-se fatigadíssimo, e instantaneamente pegou no sono. O Fígaro que o ia servir, o célebre Sr. Guimarães, que tinha a mania de usar os pentes espetados na gaforina e só falava sobre dolorosos assuntos domésticos, vendo a descomunal cabeleira de Raimundo Monteiro, que acreditava estar a força de sua inspiração concentrada na juba, não teve dúvidas: — meteu a tesoura heroicamente. Quando me volvi e dei com o Raimundo adormecido e pelado, estremeci de pavor! Alguma coisa de horrendo travar-se-ia, era fatal! Jamais, jamais Raimundo perdoaria o atentado, desrespeito semelhante à sua fisionomia artística, máximo orgulho da sua Individualidade. E, enquanto, em zig-zag, coriscando, estes terrores me ensanguentavam o cérebro, Raimundo acorda! Trêmulo na orquestra! Olha-se ao espelho e não se reconhece! Insiste, fixa o olhar, supõe-se demente, vítima de alucinações visuais, e pula da cadeira, e corre, e remira-se em todos os espelhos... De repente, avança para o Guimarães, toma-lhe os pulsos e berra: — Dalila! Dalila! Dalila!

Ficou três meses sem sair de casa, fazendo versos em segredo, criando forças novas, encabelando.

Era assim, na ardente mocidade, o meu amado Raimundo Monteiro, que, conversando uma vez sobre o ritmo dos mundos, me confidenciou, baixando a voz, que sempre tivera a superstição do ritmo! Fazia primorosos versos em francês. Bebera em companhia de Mendés, de Verlaine, de Albert Mérat e de Léon Valade."

E havia muito, deixara, também o poeta, as noitadas de luminosa boêmia, no Rio de Janeiro, em companhia de Bilac, Aní-

bal Teófilo, Coelho Netto, Emílio de Menezes, Martins Fontes, Goulart de Andrade, Guimarães Passos, Oscar Lopes, Artur Azevedo e outros da fulgurante roda literária que se irradiava da famosa Confeitaria Colombo. **"Poeta como nenhum foi primeiro entre nós"**, disse dele Martins Fontes em uns alexandrinos infiltrados de ternura e de saudade. Consideravam-se eles as abelhas de uma colmeia fraterníssima, a produzirem dia-a-dia o mel da Poesia, **"operários da Beleza, servidores da Arte, escravos da amizade": "Poètes, nous sommes des abeilles. / Par l'Ideal martyrisés! / Les fleurs aux bouches sont pareilles.../ Le miel pour nous sont les baisers..."** (Martins Fontes, em **"La Sainte Bohéme"**, do livro acima referido).

Amazonense nascido em Humaitá, no Rio Madeira, a 24 de outubro de 1882, filho do abastado comerciante e proprietário Coronel Antônio Francisco Monteiro e de D. Ana de Castro Monteiro e neto do fundador da cidade de Humaitá, Comendador José Francisco Monteiro, biografa-o, assim, o Professor Agnello Bittencourt, no **Dicionário Amazonense de Biografias:** "Estudou o curso primário na sua cidade natal. O pai fê-lo seguir para a Europa, onde permaneceu durante alguns anos na Inglaterra, na França, na Espanha, estudando as respectivas línguas, sem esquecer Portugal, terra do seu avô paterno. Raimundo Monteiro regressou ao Brasil, dirigindo-se ao Rio Madeira, onde ajudou o pai nas lides do comércio. Mas, o ambiente dos negócios, um tanto material na Hinterlândia, não se ajustava à soberba imaginação de um poeta de cérebro faiscante. Seguiu para Manaus e depois para o Rio de Janeiro".

Os anos primeiros deste século, desfrutou-os o poeta no Rio de Janeiro e, em 1905, publicou, ali, o seu primeiro livro de poesias, **Volutas**, editado pela Tipografia dos Anais-Revista de Literatura, Arte, Ciência e Indústria (Rua de São José, n.º 25). O livro, de 112 páginas, trazia como pórtico estas duas estrofes do poeta e crítico francês Edouard Schuré: **"Le Verbe chante en moi... mais nul rayon propice / N'a descelle ma bouche — O misère! o supplice!"**

Todos os poemas de **Volutas** cantam o amor e a saudade, através de um doce lirismo. Desfilam as mulheres que passaram pelo coração, ou pelos braços do poeta adolescente. A uma beldade da romântica Borgonha ele suspirava: **"À hora em que escrevo estes versos, à hora / Do ocaso da alma, Cecille amada, / Penso na vida flórea de outrora / — Loucamente prodigalizada! // Lembra-te, Amiga, quando cantavas / Velhas legendas de teu país?, / — Dessa Borgonha de vinhas flavas, / Lembras-te, Amiga, quando cantavas / Velhas legendas de teus País?"** No poema intitulado **Saudade,** ele recorda uma certa Te-

resa (**"Tereza! e esta Saudade é uma fina ironia / À vida que hoje levo — erma de riso e amor"**). Outra é Fanny (**"Por que vieste, Querida, à minha mocidade / Aberta num jardim de mirtos e alfodélos, / Se havias de deixar-me entregue a esta saudade, / Chorando o funeral de perdidos anelos?..."**). O soneto **Amor** é dedicado a alguém que ele chama **Flor de Pranto.** Há uma formosa Maria (**"Eu penso em ti, formosa, eu penso em ti, Maria, / Em ti que me cedeste o arrimo do teu braço / Quando, extenuado e só, doridamente eu ia / Atraz de uma Quimera, atraz de uma Ilusão"**). E para a francesinha Lisette, do Cabaré: (**"Au cabaret on l'appelait Lisette / A l'oeil malin! / Elle y menait la chahuteuse fête / Jusqu'au matin"**). O poema **Raconto** assim começa: **"Amamo-nos, Querida... (E sempre esta saudade /A inchar-me o coração!) A nossa mocidade, / Como um cantante arroio, entre flores, corria / À carícia da Noite e à carícia do Dia"**). Mas a francesinha querida do poeta, nos seus dias de Paris, Parece ter sido Ninon:

"Je t'aime, Ninon,
Dun amour extrême;
Je t'aime, je t'aime,
Ninon!

Dans ma sombre nuit
Je n'ai que toi, Chère,
Comme une lumière,
Comme un lointaint bruit!

Mon âme mystique
Adore tou coeur
— Adorable fleur
Mystique!

Douce, immaculée
Lumière d'amour,
Reste, nuit et jour,
L'étoile rêvée!

Je t'aime, Ninon,
Doun amour extrême;
Je t'aime, je t'aime,
Ninon!"

Tinha razão Alphonse Carr: "Os poetas nascem na província e morrem em Paris..."

Novamente o retorno aos pagos natais do Madeira, que ele tanto amava (**"Poeta, por onde vá, qualquer que seja a senda / Percorrida, hei de sempre evocar o Madeira"**), mas não o prendia por muito tempo. "Regressou à capital amazonense — refere Agnello Bittencourt — onde se processava concurso para preenchimento de uma vaga de tabelião da cidade. Foi o preferido e, na função, fixou o ritmo de sua vida, casando-se com D. Úrsula Botelho Monteiro. Do matrimônio nasceram cinco filhos." Úrsula era uma senhorinha de ilustre família de Humaitá.

Em 1914, ao completar 32 anos de idade, Raimundo Monteiro, como que cheio de desalentos e frustrações, compõe este poema a que intitula EPINÍCIO:

Trinta e dois anos já. Trinta e dois anos frustres.
Nada hei feito. Perdi meu tempo. Obscura sorte.
Nos pântanos da vida as plantas chafurdei!
E nem sequer colhi as ninféias lacustres
— O loto e o matupá que a lua, em seu transporte,
Ama com o puro amor que eu sempre te votei...

Vazias trago as mãos da tentada colheita...
Não bastava ao meu sonho o nosso afeto em suma!
Era justa e precisa a radiosa ambição!
Não tem limites, não, o alor de uma alma eleita!
Os remígios triunfais expandem-se na bruma
Na ânsia de espaço e sol, na ânsia de agitação!

Os prélios que travei, perdi-os... que a Derrota
Os passos me acompanha e meu esforço abate!
Por medalhas ostento a escara e a cicatriz...
A ignota iniciação de minha dor ignota
Faça-a na confusão de incessante combate,
Sem desânimo, sem abaixar a cerviz!

A pênula do Sonho, esfarrapada, no ombro
Meu, flamejado como auriflama de guerra,
Torce em rictos de inveja a boca do burguês!
De pé na solidão das ruínas, sobre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bendigo a terra
Onde amei e sofri pela primeira vez.

Como compensação da batalha perdida,
Do insucesso na luta, a graça doce e terna
Vem de um vulto de huri para perto de mim...
E é bálsamo que sara esta hiante ferida

A música — o matiz musical da eviterna
Canção do amor, canção da primavera, enfim!

No abrigo — onde refaço os músculos cansados,
Onde penso e produzo estes versos, existe
— Palmeiral do deserto — o pálio do meu lar!
À sombra dele esqueço os anos torturados...
Meu orgulho de poeta — ó glória de ser triste!
Tem nesse pálio de ouro um refúgio sem par!

Trinta e dois anos já de luta e solitude...
No silêncio o arrabil dos menestréis retomo!
Polido, a um canto jaz o amolgado broquel...
Minhas desilusões, em ímpetos de alude,
Fogem rápidas e desordenadas — como
Os gênios maus da noite aos hinos de Ariel!

Mas, não obstante as desilusões, ou talvez por elas mesmo, o poeta continuou a cantar (**"Vivemos a cumprir nosso fadário, / Como as abelhas — fabricando a cera. / Como as abelhas — produzindo o mel"**). E assim, dezesseis anos depois, em 1931, Raymundo Monteiro trazia a lume, em Manaus, o seu segundo livro de poesias: **As Horas Lentas.** Editado pela Imprensa Pública do Amazonas, o volume de 460 páginas reunia mais de cem poemas. Esse título é tomado ao primeiro poema do livro, um encanto de filigranada tessitura poética. Assim:

Sempre adoráveis
Na galanteza da Poesia,
As Horas passam, noite e dia,
Helenamente isadoráveis!

Vagas, sutís,
Pelos crepúsculos a fora,
Bailam a música de outrora,
Alçando os véus de nhandutís...

Tapeçaria
Finíssima de tuberosas
Pisa o donaire das flexuosas
Bacantes da Melancolia!

Sobre a floral
Tapeçaria, como **hiacintos.**

As lentas Musas de áureos cintos
Movem-se a um sonho ascensional...

Ah! na beleza
Das atitudes harmoniosas,
Dançam, cultuando, volutosas,
A eternidade da Tristeza...

Essa musa ainda desabrocha em perfumes no jardim de encantos que ele fizera vicejar em versos primorosos e de raro fulgor espiritual sobre a terra de seu nascimento e de seu amor. Sensível às sugestões da vida parisiense, nunca deixou, entretanto, de compor louvações à querência amada. O **Canto Real do Madeira,** com que inicia o itinerário lírico de "As Horas Lentas", e **A Dor do Bandeirante,** com que o encerra, são duas das mais belas e das mais viris esculturas poéticas modeladas em nosso idioma.

Recebendo **As Horas Lentas,** o poeta Martins Fontes desfez-se em saudades do velho amigo. E, lá de Santos, cidade-base de sua fama de Poeta e Gentil-homem, escreveu esta enternecida CARTA A RAIMUNDO MONTEIRO:

Foi a 12 de maio, em mil e novecentos
E dois ou três, Raymundo, em verdade não sei,
Que, depois de uma briga, entre alguns turbulentos,
Pela primeira vez, meu Irmão, te encontrei.

No "Café Araponga", esquecendo os perigos,
Todos nós em comum, resolvemos cear.
Lembro-me muito bem que éramos cinco amigos:
Tu, Oscar Lopes, eu, Leal de Sousa e o Goulart.

Mocidade! Esplendor! Alegria Esperança!
Que noite intelectual! Que noite feliz!
Recitavas um hino à beleza da França,
Desfolhavas um beijo ao falar de Paris.

E eram recordações de que vivo cativo!
Nesse tempo em que tudo era doce, era bom!
Teu sonho, a relumbrar, multicor e festivo,
Desenhava Lisete, evocava Ninon!

No teu fogo verbal, de imagens imprevistas,
— Poeta como nenhum foi maior entre nós —

Descrevias, rimando, a vida dos artistas,
De Mendés, de Verlaine e Eça de Queirós!

Belo, tinhas as mãos pálidas, impolutas!
— Nem na terra houve nunca outra alvura melhor
Publicaras há um mês o teu livro — "Volutas" —
Cujos poemas de amor eu sabia de cor!

Teu vulto de rapaz, como Aníbal dizia,
Logo, ao primeiro instante, impressionava o olhar.
Parecias, no todo e na fisionomia,
Um Rodolfo-Colline, um Marcelle-Schaunard!

Jamais olvidarei as palavras corteses,
De encantado louvor, quando te conheci,
Com que Olavo Bilac e Emílio de Menezes,
Na Colombo, uma vez, me falaram de ti.

Desde essa noite, em maio, um afeto profundo
Em nós desabrochou, como uma grande flor!
E, através da tristeza e dos males do mundo,
Foi cada vez maior nosso fraterno amor!

Recordo que, ao findar nosso alegre banquete,
Em puro romantismo, apertamos as mãos.
E, cantando na rua, assombrando o Catete,
— Para Sempre! — disseste — e ficamos irmãos.

Durante um ano inteiro, serenata à lua,
Na tua intimidade eu passei, convivi.
Depois — que despedida amaríssima a tua!
Partiste para sempre e eu nunca mais te vi.

Não posso prosseguir. Abafando o gemido,
Já não sei escrever, não consigo brincar.
Nem queiras tu saber o que eu tenho sofrido.
E o que tu tens sofrido eu nem quero pensar.

De olhos baixos osculo as tuas "Horas Lentas" —
Que me fazem sonhar o que jamais senti.
Triste, apesar da vida e das suas tormentas,
Meu pobre coração não se esquece de ti.

Meses após receber a carta-poema de Martins Fontes, Raimundo Monteiro falecia: a 20 de junho de 1932, em Manaus.

"As derradeiras horas, vagas e trêmulas," — escreveu, sobre ele, Anísio Jobim, no livro **O Amazonas, sua história** (Biblioteca Pedagógica Brasileira — Brasiliana Série 5.ª — Vol. 292 — p. 301) — "deixaram-lhe marcar na alma, dolentes recordações, ritmos inconfundíveis. Tudo isto repercutiu na sensibilidade do poeta, no seu coração amoroso, no seu semblante triste. **Horas Lentas** traduz o estado emocional do aedo, a graduação de sentimentos do poeta sem artifícios, sem pretensões. A doença, porém, minava-o. Um mal pertinaz desfazia-lhe as fontes da vida. O coração perdera aos poucos o ritmo de outrora. Enfraquecido, ia-se esgotando aquela energia até o momento supremo da morte". E sentenciava Jobim: "É preciso ser poeta para falar **de poetas da estirpe desse mago da poesia"**.

Coração amoroso, — muito acertadamente acentuou Anísio Jobim, que fora contemporâneo e amigo do poeta. Raimundo Monteiro era desvelado com os amigos e tinha extremos com a família. Afetuoso com a casa paterna, era um apaixonado pelo Amazonas, em particular pelos rincões humaitaenses. A Martins Fontes, dedicara, todo inteiro, o livro de versos **As Horas Lentas** ("A Martins Fontes, como prova de amizade e admiração, este livro é dedicado"). A D. Andrômaca de Moraes, esposa de seu velho amigo Pericles Moraes, homenageara com primoroso soneto **(Andrómaca... Só tu, porém, que — pura jóia! / A beleza da tua homônima refletes, / Ainda ilustras de amor os escombros de Troia!).** Saudou o natalício de Benjamin Lima com estes versos: **"Príncipe, consente / À minha devoção / Que te ofereça, nesta / Sincera estrofação, // O coração do poeta / Na salva da escanção!").** A graciosa menina Maria Amélia, filha do amazonólogo Dr. Araújo Lima, teve esta linda louvação: **"Vossa beleza balsamiza // Bem à maneira de Verlaine..."** Verteu lágrimas e rimas pelo falecimento de seu querido amigo, o poeta Aníbal Teófilo **("As Parcas, namoradas / Num fim de apoteose, em ronda, para o Arcano / Levaram-te encantadas").** No soneto **Flamas,** condoeu-se pelas vítimas do naufrágio do navio **Paes de Carvalho.** Exaltou as belezas da sua terra nas ricas estrofes de **Cena amazônica, No Alto Machado, Amanhecer no Amazonas, Nove de Novembro, Mirari, No Rio Machado, À beira do rio, Amanhecer, Canto real do Madeira.** Dedicou poema a todos os seus filhos, ao seu lar, ao lar paterno, à esposa, aos pais, aos irmãos. Escreveu um lindo **Epitalâmio** para a irmã, no dia de suas núpcias: **("No suave / Colo da noiva há um ninho de ave, / Tépido e claro, puro como a luz! / Nele reluz / O Amor, palpita o grande Amor Divino...").** E para a esposa, D. Úrsula Monteiro, fez este **Acróstico:**

Um dia, pelo mês de fevereiro,
Radiante, o sol esplêndido fulgia
Sobre a opulência do terreno amado
— **U**bérrimo terreno, onde a alegria
Lantejoula as gramíneas do roçado,
Arde na areia limpa do terreno.

Minha esperança, tímida, cantando
O fim do amor católico e batendo
Nas filigranas de ouro as asas puras,
Tangia as cordas do arrabil... Eis quando,
Entre alecrins e malvas, no terraço,
Inegualável flor de tais alturas!
Rindo, surgiste... Desde então, compreeendo
O amor, que vai nos versos que te faço!

Guardamos em nosso arquivo particular seis poemas inéditos de Raimundo Monteiro, assim intitulados: **Sonho de virgem, Terremoto mental, Verso sutil, Na praia, Epitalâmio** e **Oasis.** Esses originais recebemo-los das mãos fraternas de Clóvis Barbosa, talento, cultura e determinação da geração que atrelou o Amazonas ao pensamento literário irrompido com a Semana de Arte Moderna, de mãos dadas com Abguar Bastos. Foram-lhe entregues pelo próprio Raimundo Monteiro, seu amigo, e deveriam ser publicados na revista **Redenção,** que logo depois parou de circular.

Desses seis poemas, **Epitalâmio** e **Oasis** refletem bem a comovente ternura do poeta de **Horas Lentas** com a família e a casa paterna, — e isso nos leva a transcrevê-los, a seguir:

EPITALÂMIO

Às vezes doira
Minha tristeza sofredora
O reflexo do sol interior...
Tênue fulgor
Bruxoleante alegria indefinida,
Consolação de minha vida.

É quando ao Verso
Acode o Metro fácil, terso,
Como um traço de aurora a um lago azul.
Pássaro exul!
Epitalâmio nado num momento
De alto, inefável sentimento!

Exulta e canta!
À dor enérgica suplanta,
Neste instante, benéfico prazer!
Vai ser mulher
A virgem; minha irmã — a flor da casa
Realiza um sonho: hoje se casa.

No pluvioso
Março, vibrando, um céu formoso
Fulge, e a paisagem verde é triunfal!
Verso agural!
Celebra em cada rima e em cada estância
Do terno afeto, a eril constância.

As asas larga
E voa, e canta. Alegra a amarga
Melancolia e a triste solidão!
O coração
Está cheio de um júbilo perfeito
— Flâmulas aflam no meu peito...

Voa: — no suave
Colo da noiva há um ninho de ave,
Tépido e claro, puro como a luz!

Nele reluz
O Amor, palpita o grande Amor divino...
Voa. Procura teu destino.

O A S I S

À margem do Madeira há um sítio — onde palpita
A doce tradição das famílias de outrora.
O respeito e o aconchego, em corteses cuidados,
Iluminam de paz a alma dos torturados,
Dos párias que, como eu, procuram, mundo afora,
Um oásis em flor na soalheira infinita!

Foi lá, naquele Bom Retiro, quando um dia
A sorte me feriu, que encontrei pouso certo...
Vinha com os pés sangrando e em lágrimas os olhos
De tanta dor, tanta hispidez, tantos abrolhos
Vinha exausto, a sentir maior o meu deserto
E mais vasta a amplidão — mais vasta e mais vazia!

Foi lá, naquele Bom Retiro, que o meu sonho

Novo alento bebeu, como em linfa de prata
A mal ferida corça haure a vida, sedenta!
Foi lá que se desfez em bonança a tormenta,
Em viçoso vergel a pradaria ingrata
E em alegre solar o castelo tristonho;

Na lembrança, vivaz, com os arbustos da beira
A me acenar, perdura esse porto de lenda...
E eu, de longe, também lhe aceno com meus versos!
Vítima de mim mesmo, ou de fados adversos,
Poeta! por onde vá, qualquer que seja a senda
Percorrida, hei de sempre evocar o Madeira...

Não atinamos porque estes dois poemas, tão belos! como os quatro outros inéditos, deixou de os enfeixar, Raymundo Monteiro, em **As Horas Lentas**, uma vez que foram compostos, ao que se sabe, muitos anos antes de ser o livro dado à impressão. Ao que parece, estariam esquecidos ou perdidos do poeta, pois foi em 1932, após o lançamento do livro, que ele, já adoentado, certo dia à porta de seu Tabelionato, os entregou a Clóvis Barbosa. Originais datilografados, aqui, ali, encontra-se a letra do poeta, trocando umas palavras, avivando outras. No primeiro verso do poema **Oásis**, por exemplo, onde se lê "palpita", estava, à máquina, "ainda habita", por ele emendado a lápis.

Divulgando inéditos de Raymundo Monteiro, prestamos nossa homenagem de admiração a essa "abelha" amazonense das vinte "abelhas" brasileiras da **Colmeia** de Martins Fontes, — a qual bem poderia estar, ainda hoje, entre nós, produzindo o mel doirado de sua poesia, saudada em seus noventa anos, — e sempre o Príncipe dos Poetas Amazonenses.

Única "abelha" amazonense das vinte e uma "abelhas" brasileiras da COLMEIA em que, — **"como as abelhas, fabricando a cera, / como as abelhas, produzindo o mel"**, — com ele apuravam rimas e ritmos os poetas Martins Fontes, Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Goulart de Andrade, Coelho Netto, Aluísio de Azevedo, Aníbal Teófilo, Oscar Lopes, Artur de Azevedo, Guimaraens Passos, Augusto Maia, Otávio Augusto, Leal de Souza, Bastos Tigre, Tomás Lopes, Heitor Lima, Humberto de Campos, Luís Edmundo, Alcides Maya e Bruno Barbosa (os quais Martins Fontes reuniu e consagrou em seu livro **Nós, as Abelhas**), — Raymundo Monteiro bem poderia estar, ainda, hoje, entre nós, produzindo o mel dulcíssimo e doirado de sua poesia, saudado em seus noventa e dois anos, — e sempre o Príncipe dos Poetas Amazonenses.

A EMBOSCADA

(Conto Amazônico)

JOÃO CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA

O seringal "Mari" era próspero e movimentado.

O barracão gerenciado pelo Manducão, nordestino intrépido, jactancioso e bárbaro, era a meca dos seringueiros que acorriam para aquêle casarão com ar de palácio das selvas, em busca de víveres, remédio, notícia do mundo e... o cheiro remoto de liberdade...

Os seringueiros já se haviam embrutecido no contínuo e longo "entrevero" da selva, de tal maneira que não podiam mais atinar se o sentimento de liberdade tinha mais ligação com o saldo de sua conta-corrente sempre deficitária ou com a própria morte.

O coronel Gaudêncio, proprietário daquele imenso trato de terra do ouro negro, era homem embrutecido pela sede de enriquecimento, sede que era fruto do grande complexo de retirante do Ceará. Padecera em dura viagem de proa, dormira em baixo de pontes e em estalagens infectas. Fora jogado como animal em um gaiola, de 3.ª classe para um seringal qualquer. Sua fortuna era um mistério. Cometera homicídios. Andara preso. Respondera a processo. Absolvição. Anos depois, aparece de seringueiro a seringalista. Proprietário. Mandão arrogante.

— Seus pestes, eu enfrentei vida dura de retirante. Trabalhei como um moura. Não vou sustentar vocês, seus malandros,

por causa de uma sezãozinha. Quem adoecer que morra. Quem quiser remédio, tome chá de mato ou chá de bico. Mas o meu seringal só comporta gente macho. Gente do trabalho. Gente da madrugada. Manducão, rigor com essa canaia.

— Deixe comigo, seu coroné. Um, ali, já está no tronco. Tava recramando o preço das coisa, dizendo que não tirava sardo pru mode que o sinhô tirava o sangue do seringueiro cum açucar de um conto de reis, feijão de três contos e farinha de mil cruzeiros, etc.

— Ah! É assim? Hoje, você dá-lhe uma sangria que eu quero beber seu sangue de verdade.

— Tá tudo perparado, coroné, pra hoje ao meio dia.

O peste tá amarelo mais porém ele deve dá um copo de sangue.

— Não. Num tire um copo não. Basta meio. Esta praga deve muito. E percisa vivê pa pagá o que deve.

— Nhô sim.

— O Aniceto pediu hoje a conta, Manducão. O caba é caba da peste. Conseguiu um bom sardão de dez mil cruzeiros, com dez ano de trabalho. Tire a conta e não deixe de fazê o "serviço" bem feito.

— Qui deis mil cruzeiro. É só cinco mil porquê eu lhe debitei a conta do Alionardo qui morreu na istrada dele.

— Tá bão!

Evilênio, jovem de 18 anos, órfão desde 8 anos, em face de um "serviço" feito por Manducão em seu pai que conseguira saldo no barracão e ao embarcar fora mortalmente baleado na curva do rio, sofrera resignado a sua orfandade como criadinho do barracão submisso e obediente, tornando-se destro no uso de todas as armas. Sonhava com a liberdade e com a vindita. Aprendera a ler com Aniceto, a quem votava profunda simpatia de discípulo. Conhecia os segredos e os crimes do barracão. Para Evilênio, chegara a hora decisiva. Não deixaria que o seu alfabetizador fosse sacrificado. O sentimento de gratidão do discípulo acendera em seu íntimo essa capacidade de reação. Só se preocupava com uma pessoa em seu plano: Auronilza, a filha do velho Gaudêncio, linda flor que nascera daquele cardo agreste, à qual ele votava profundo sentimento de amizade, misto de união fraterna e amor àquela jovem em cuja intimidade se criara como amo e como companheiro de todas as brincadeiras de infância. Estava agora com 16 anos, linda como uma fada de país encantado. Terminara o seu curso ginasial e gostava de seu berço natal, o barracão do Marirão porque passava grande parte do tempo no interior em contacto com aquela vida rústica.

— Evilênio, você tem um ar tão nobre. Podia ir para a cidade estudar e tornar-se um doutor.

— Auronilza, você é que é nobre e com tanta finura de caráter e educação, volta a sua atenção para um pobre órfão que só merece a chibata e o tronco do Manducão. Não fosse a sua presença neste inferno, eu já teria desesperado e reagido contra tanta barbaridade de seu pai e Manducão. Você é o meu anjo tutelar que ainda não me deixou transformar-me num bandoleiro.

— Tenha fé em Deus, Evilênio. Manducão, o demônio destas plagas que enfeitiçou meu pai, fazendo-o enveredar para a prática de tantos crimes, não é eterno. Ele há de perder a ascendência sobre meu pai, e este seringal um dia há de chamar-se Paraíso.

— Muito obrigado, Auronilza. Pela sua nobreza, vou confiar-lhe um segredo. O meu grande amigo Aniceto vai partir com o seu saldo amanhã e será assassinado como o meu pobre pai há dez anos, na curva do rio, pelos capangas do Manducão.

Chegou a hora de eu reagir contra tão bárbaros trucidadores. Vou reunir meus amigos para evitar o assassínio e dar cabo do algoz do seringal.

— Não manche suas mãos de sangue. O feitiço há de cair em cima do feiticeiro. Deixe os seus homens apenas de prontidão que o destino vai agir. Já tomei conhecimento de toda a trama e pedi ao preto Herculino, desafeto de Manducão, que salvasse o seu amigo Aniceto.

Este diálogo ocorrera pela manhã. Evilênio retirou-se impressionado com as palavras de sua amada, sem saber como articular a reação. Seus amigos estavam prontos para receber o seu comando, mas como dirigi-los diante das palavras misteriosas daquele anjo: "O feitiço há de cair em cima do feiticeiro?"

De qualquer modo, ele iria preparar os seus homens para o dia seguinte para o que desse e viesse.

Às oito horas da noite escutou-se o disparar de vários tiros na curva do rio e um uivo violento de algum monstro que se estorce na vasca da morte. Correria por todos os lados. Coronel Gaudêncio acostumado aqueles episódios permaneceu sereno em sua espreguiçadeira, embora estranhasse bastante o fato que não estava no seu esquema, pois o "serviço" do Aniceto seria para o dia seguinte.

Ao despertar, no dia imediato, vai logo à casa do Manducão, para saber o que houve. Não o encontra. Fica logo apreensivo. Seu lugar-tenente nunca dormia na casa da amante.

Saía às 8 e voltava às 10 da noite para preparar a escrita do grande seringal. Quando vai saindo, recebe um mensageiro com uma estranha notícia:

— Coronel, o Manducão não tá?

— Não, o que é que há?

— Vim dizê a ele qui o "serviço" foi feito ontem, às 8 hora, no seu Aniceto, lá na curva do rio conforme ele mandou.

— Mas... mas... como pode ser?... o serviço era para ser hoje. Quem mandou fazer êsse serviço?

— Foi o Manducão.

— Como?

— Taqui, coroné, a orde-diz o capanga exibindo o seguinte bilhete:

"O Aniceto antecipou a partida para hoje, às oito horas da noite. Preparem-se para o "serviço" na curva do rio. Manducão.

— Isto foi uma cilada. Vocês mataram o meu Manducão, o meu braço forte, a vida deste seringal, seus marditos, seus traidores. Eu vou liquidar com vocês todos.

Depois de gritos de desespêro, o coronel Guadêncio cai gravemente fulminado por enfarte. A cilada do preto Herculino dera certo, surpreendendo inesperadamente Manducão no seu trajeto para a casa da amante, com os seus próprios capangas obedecendo a uma mensagem falsa dirigida ao cabeça, o único alfabetizado do bando.

Rumoroso inquérito com a mudança da política contrária. Gaudêncio moribundo é sèriamente comprometido por um diário em que Manducão registrava os seus hediondos crimes, a mando do patrão, cuja eliminação estava no plano do feroz gerente: — "véio já tá ficando de coração mói tarves pur infruência da fia que um dia à sê minha... o véio vai si "perdê" numa caçada perigosa, isporte de sua mania. Aí tudo será meu, inté a Aronirza."

Gaudêncio, condenado pela justiça, no leito do hospital, sob custódia policial, agravara o seu estado quando leu o trecho acima do macabro diário. Chama a filha, e em pranto, confidencia:

— Minha querida filha, Manducão foi meu companheiro de infância em Caucaia. Sempre foi violento. Cometeu um assassinato em Caucaia e me envolveu no crime. Fugimos para o Amazonas e fizemos um pacto secreto de enriquecer à custa de todos os processos. A política coronelista nos ajudou. Tornamo-nos seringalistas, sob sua gerência e carrasquismo. Agora seria eu a sua próxima vítima. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro. Estou arrependido de tantos crimes. Peço perdão a meu Deus por seu filho Amado.

Depois de uma longa pausa, com respiração arquejante, Gaudêncio arremata:

— Minha querida filha, a maior conta que eu deixei de saldar foi a do finado Anacleto, pai de Evilênio, jovem de caráter, que eu sei que você estima. Esta conta em juros normais por dez anos forma um bom capital que poderá ingressar Evilênio como sócio do Seringal. Entregue o destino do "Mari" a Evilênio e transformem-no vocês de inferno em um Paraíso. Adeus...

"Paraíso", dois anos depois, estava transformado no maior centro de produção de borracha, com uma cooperativa de produção e consumo formado por seringueiros e seringalistas, onde o feliz casal Evilênio Aronilza procurava fazer todos participantes da riqueza e das vantagens da produção, num verdadeiro povoado de ruas de casa de madeira confortáveis, nas quais os seringueiros passaram a conhecer a dignificação da vida e a valorização da personalidade humana.

CASSIANO RICARDO
POETA DE UM MUNDO SÓ

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

A comunicação linossignante de Cassiano Ricardo, **ex-ótica,** isenta de miopia e lágrimas a olhos vistos, para os admiradores, e **exótica,** engajada em truques de charadismo e de supervanguarda esquipática, para os hostilizantes, a nosso ver, por largo, é notavelmente logotécnica. Afirma-se, sem fetichismo, numa determinação sociológica e antropológica de ver e assim sentir a existência coletiva: "Para que o mundo exista, existimos. //Sem os nossos olhos, sem o que somos,/ que adiantaria haver mundo? "MCAO. p. 112

No que viu e considerou, aceitou-se no desafio de nos decifrar a renovação da **espera** na **esfera** atomicista. Circuito já agora aceito entre a técnica e a estética. Poesia que se fixa em desvendar os domínios do secreto e do misterioso. "Não o Enigma do ser e do não/ ser/ mas o Enigma da precisão e da /não precisão". JSC. p 103

Legou-nos, na luta do homem aplaudido em agilidade mental, uma obra materializada em seu mundo de tempo poético. Mostrou-se, em sua crença e autonomia, combatente de vanguarda por um planeta mais fraterno. Orbe de Deus e de todos.

Através do conhecimento da cibernética e da informação, monumentalizou-se num estro de pensamento lógico e dramático, emoção coletiva e presença sublimada de vida. Grandioso de imagens sensíveis em face das conflagrações mundiais. Já em 1915, reconhecia-se asfixiado em revisionamentos de existência e de espacialidade. Com satírica lucidez, dizia-nos:

Neste país de coisas em excesso
o sol me agride, o azul passa da conta.
No entanto, os poucos beijos que te peço
o teu amor futuro me desconta.

De tanto céu tenho a cabeça tonta.
O meu jornal é todo em verde impresso
Só tu, a quem já um pássaro amedronta,
te fechas no mais íntimo recesso...

No país do excessivo, és muito pouca.
Vê a borboleta jovem, como esvoaça.
Vê como nos convida a manhã louca!

Por que seres assim, se tudo é assombro,
se a própria nuvem branca — e com que graça —
só falta vir pousar em nosso ombro? APCR. p. 9

Isso exatamente aos vinte anos de idade. E o livro, numa valorização penumbista, heterométrica, tinha o sugestivo título: **Dentro da Noite.** É verdade, como poeta não escapou do impacto bilaquiano. Em **A Frauta de Pã**, de 1917, vemo-lo enredado nas artimanhas predominantes das escolas clássicas. Ainda indeciso no soneto **Viagem Perdida,** como aviso, nos asseverava:

Há um longínquo país que às vezes visitamos;
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,
entre o suave frescor dos seus verdes recamos
e a luxúria pagã que envolve cada fronde...

Essa é a pátria encantada e longe, que sonhamos
conquistar, algum dia, ao mistério que a esconde.
Oásis que nos estende a sombra dos seus ramos
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andais a sonhar, pela existência em fora,
esquecei, no passado, as ilusões sepultas,
ide a esse fim de mundo onde a esperança mora.

Ide, mas não proveis dos frutos que colherdes,
nesse reino infeliz, de esmeraldas ocultas,
nesse estranho pomar que só dá frutos verdes...

APCR.p.13

Cassiano Ricardo fez da poesia uma escola de instrução. Tornou-se, com o tempo, um mestre dos ritmos modernos, das formas de sentido nacionalista e universal. Observemos que, por isso, essencializados neste sentimento são: **Borrões de Verde e Amarelo,** e **Vamos Caçar Papagaios.** E mais: em bandeirismo, visão da história pátria, numa forma de movimento brasileiro, entre a civilização cafeeira e a civilização industrial, o seu famoso e extraordinário — **Martim Cererê.**

É um poema que se magnifica em consciência de raça e de heroismo. Fé e Confiança em nosso destino de povo livre e autêntico. É o nosso Lusíadas na moderna poesia brasileira. Para fixá-lo em sua forma definitiva, CASSIANO não no deixou de burilar nas nove edições consecutivas em que o alicerçou.

No decurso do seu tempo de versificação por isso, excedeu-se a somar e a balsamizar, em momentos cruciais de opções, os conflitos e dores da humanidade, assim como neste seu macerado e cético — **O Sangue das Horas:**

Queixei-me de não ter pão
e a noite me disse não.
Mostrei-lhe a varanda nua
e a Noite me trouxe a lua...
você tem sede, não é?
E a noite me deu café.

São verdes como a esperança
as horas em que sou triste:
bem que existe não se alcança,
só cansa;
procuro o que não existe.

Se a dúvida me procura,
pondo a cerração do tédio
em minha existência obscura,
bebo a esperança, remédio
para as feridas sem cura...

Que dúbio de camélia
anda lá fora a flutuar?
É a Noite que, de tão velha,
tão velha,
criou cabelos de luar...

A insônia do meu relógio
durante a noite passada

crivou-me o corpo, já enfermo,
de punhaladas sonoras...
Meus olhos são duas feridas
por onde
escorre o sangue das horas.

Entre o passado e o porvir
aqueles peixes de prata
não me deixaram dormir.
Tomei café sem parar.
Bebi treva em goles mudos... APCR. p. 31 e S

Senhor poeta sem distração e alheiamento da hora histórica que vivemos. Intérprete de refulgências nacionalistas. Épico, sem dúvida, na forma de atingir e denunciar as burlas e catástrofes universais, não no conseguimos deixar de ver e sentir nesta bela e nobre compreensão do seu expressivo **O Homem Dormindo:**

Sob a árvore em flor, no jardim público,
está um homem dormindo.

Dormindo, não obstante a manhã prodigiosa
que lhe grita aos ouvidos: acorda!

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.
Dormindo, o que quer dizer criança.

Todas as coisas — dívidas e flores—
lutas anônimas pelo pão de cada dia,
o desentendimento entre oriente e ocidente,
as disputas raciais, o câmbio-negro,
o azul, visto através dos altos ramos,
enfim, as numerosas coisas,
que os galos anunciam — mal a rosa de fogo
abre a corola —
e que amanhecem sempre, amanheceram.

A estrela da manhã lhe traz o seu depoimento.
a fala humana inaugurou mais um dia seguinte.

Uma seriema breve fusa semifusa
faz enorme alarido
no jardim público, junto ao seu ouvido,
com uma clave de fá no bico rubro.
Mas o homem continua dormindo...

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.
Dormindo, o que quer dizer inocente.

Foragido, poderia estar tentando alguma
viagem clandestina, num porão de navio.

Ladrão, assaltando o muro em flor
da tua propriedade, em Fonte da Saudade.
Legislador, votando um código marcial.
Nada disso, está apenas dormindo; pode ser definido
um dormilão a quem os deuses castigaram,
porque lhe raptaram a aurora, a dos lábios
de vinho
e lhe deram Selene, a dos seios de prata.

Mas em que país estará ele, dormindo
neste instante de surrealismo e amnésia?
Nos U.S.A.? na U.R.S.S.?
Na fabulosa China ou, apenas, na mais ignorada
ilha da Polinésia?

Ah, a tranqüilidade
que representa, pra todas as coisas, um homem
[dormindo.
A certeza com que desabrocham as flores,
com que as borboletas voam, livres.
O respeito com que os pássaros o cercam
deixando agora de cantar junto ao seu corpo,
que é o de um homem dormindo.

Dormindo, calmo, entre os dois hemisférios.

Dormindo, o que quer dizer nosso irmão.

APCR. p. 124, 125 e S

Inquebrantável em ânimo e valor, nele, temos a admirar o enfoque dos subdesenvolvidos nos acontecimentos político-sociais do século XX. A verdade que é luz e conceito. Vida à altura do revelado em emoção do que devem ser, sem que haja quaisquer dúvidas, os condicionamentos da natureza.

Os seus significados em **Jeremias Sem-Chorar,** já na fase de plena maturidade de tempo poético, são de possibilidades. Reais na força do que existe e na intensidade do que é possível. Há envolvimentos de sentido na quebra e montagem de uma

simples palavra, na sugestão de um som, de linossignos entre-parênteses ou na essência de um apóstrofo.

Nessa técnica do **parentesial,** do linossigno deletreado, **quase** sempre, há a idéia de um novo poema. É a realidade das **cognações** subsidiadas em conteúdos de confronto, de atuação, de vida.

O poeta em seu tempo de poesia, através das idades e das idéias, na fragmentação das palavras dos poemas espaciais, arruma-os em formatos resenhados. Dimensiona o espaço na especulação dos cientistas, na teoria dos filósofos, na fluidez do que enseja.

Em seus poemas, novas conotações nos surgem numa coexistência de espaço e tempo. Novas exegeses explicadas em possibilidades do novo que se repete em ciclos de um momento em eminência, em modelo preponderante.

Quis corrigir os modernos nas amarguras do mundo e se tornou mais áspero nos planeamentos de cultura e sensibilidade através desta emocionante e excepcional **Balada Para Minha Mãe:**

À hora difusa, decomposta,
em que as perguntas terrenas
ficam no ar, sem resposta;
em que as coisas maiores do mundo
nos parecem pequenas;
em que se arrancam as palavras
ao nosso corpo moribundo
como se arrancam pobres penas
à asa de um pássaro ferido;
à hora crucial dos vãos confrontos
e das inúteis cantilenas,
não se dirá de mim, ao certo,
que houve a mais triste das cenas;
nem se dirá que minhas mãos
semeando o mal, como semearam,
terão a cor das açucenas
se para o bem foram pequenas...
À hora sem brilho, sem resposta,
minhas mágoas serão serenas;
pois há um nome que foi feito
pra ser pronunciado por último
por ser uma sílaba apenas... APCR. p. 42 e S.

Tornou-se um homem em luta contra os excessos do materialismo, do imediatismo e do tecnicismo. Desligou-se, ao que

vimos das jeremiadas, a fim de sentir o presente com algo de nebuloso e de pavoroso no futuro.

A denúncia do poeta, desde **João Torto e a Fábula, O Arranha céu de Vidro,** até **Jeremias Sem-Chorar** é de que o homem se desumaniza publicamente. O homem se inqualifica em sentimentos de fraternidade. Além de teleguiado é insensível diante das catástrofes universais. Não se emociona, não se espiritualiza.

Daí porque a abominar o **já era** apeçonhado dos frívolos, considerava que, para readquirirmos novo comportamento humano, necessitávamos destruir o robô diabólico, eletronizado:

As populações gritam
por justiça.
Ouço-lhe os uivos.
Levo a minha flâmula
a negros e ruivos,
sem chorar. JSC p. 33

Levou-a, de fato, para nos fazer sentir que se o homem nisso não pensar, poderá num lamentável engano, ser destruído pela própria máquina que o torna um comodista desafeiçoado a tudo e a todos. E então teremos uma ejeção fatal, catastrófica como esta:

Um simples equívoco
de fonemas ou telefonemas
entre os dois hemisférios
Uma troca de b por p
e o mundo explodirá
em nossa mão:
(p) bomba. JSC p. 17

E aqui vale até lembrarmos a novela **Selva de Pedra** nessa agressão, em que, na estimativa de CASSIANO RICARDO, o homem transformou a cidade em selva:

Selva construída com
postes da Light
e relva
(S(r) elva

S e l v a c i d a d e. JSC p **50**

Na cidade, realmente, além da selvacidade, vemos feroci-

dade, duplicidade, mendacidade, fugacidade, rapacidade e voracidade. Observamos, nas metamorfoses infernais do mundo humano, as deformações do mundo atômico, cruel, perverso e abismal. O homem precisa de confraternidade, e lhe dão o mundo cibernético, astronáutico, audiovisual, acrográfico do cérebro eletrônico e do músculo mecânico. O homem precisa de terra para colher uma rosa, e lhe dão a não-precisão das 7 RAZÕES PRA NÃO CHORAR:

1
O mundo do terror
e do encanto
me obsta o pranto
2
Subtraído à lei
da gravidade
perdi a noção
do que é grave.
3
Um coice de cavalo
no comício
e eu — Jeremias seco —
olho de vidro.
4
A cidade mecânica
timpânica
me fez um objeto
concreto.
5
Uns mataram a sede
no suor dos outros.
E eu fiquei sem água
nem sal.
6
A seca
lacrimossedenta,
bebeu meu poço.
E agora?
7
A lágrima é ridícula
Um homem não chora.

JSC. p. 3 e S

Mas o homem ainda tem vez para transformar o mundo atomicista do suicídio em mundo atomicista do maravilhoso.

Sim, desde que se aceite de volta ao mundo encantado, afetivo e bom da criança. Na verdade, diz-nos o poeta:

O mundo poderá ser salvo
se o homem desfizer a distância
que o separa de
sua infância. APCR p. 228

Certo por tudo isso, não apenas poeta de vanguarda. Classificá-lo assim no muito que viveu nos processos rímico-visuais, desde 1915, na estréia com o livro **Dentro da Noite** até o **Jeremias Sem-Chorar** de 1964, seria pouco. Poeta, sim, da correlação entre o universal e o humano, como neste condoído — GLOBO AZUL SOBRE A MESA:

Rodo o globo azul
hoje uma cabeça
esférica (lotérica)
para um jogo
de dados
com fogo.

Globo azul sobre
a mesa, igual ao
da au/
la de geo
grafia eu/
menino.

Coloco no bojo do
meu globo azul
palavras truncadas
sufixos
sílabas atomizadas.

Faço rodar o globo
azul sobre a mesa
e as palavras,
restos
de antiga métrica
saltam sôbre a
mesa,
onde estudo.

Com a cumplicidade
fixa
da palavra "cidade".
Cada pedaço de
vocábulo
sai do seu bojo co-
mo de uma máquina
formando aqui fora
com a palavra
cidade
uma a uma as cidades
que irei visitar
no mapa.

Que irei percorrer
em busca
de uma primavera
que está, sempre,
no outro lado da esfera.

Dois únicos modos
de possuir coisas
que jamais possuirei
um dicionário
e este globo azul
sobre a mesa.

Rodo o meu globo
azul
sôbre a mesa
igual ao
da au-
la de geo-
grafia eu/
menino. JSC p. 7 e 8

Sem chorar, valorizou-se, de maneira brava e correta, no **front** permanente e maravilhoso de recomposição da poesia. Lutou e venceu. "Quando alguém diz: a poesia morreu, quem morreu não foi a poesia para esse alguém; mas esse alguém que morreu para a poesia". Tão assim absoluto e coerente em seu **habitat** de verdades dolorosas e de angústias hereditárias que, de quando em quando, nos versos, assim se comovia:

Terei eu que ver com
o meu próprio olhar
uma nova degolação
de ino-
centes,
sem chorar. JSC. p. 33

Cremos mesmo, que nessa herança de sucessão inditosa, vezes sem conta, deixa-se pesar como se fosse um desventurado nesse legado maldito:

No enterro
de cada minuto,
pergunto:
quem morreu
em mim?

O arco-íris?
o urso? JSC p. 15

Viu e considerou, por isso o devassar de nosso passado, nas circunvoluções de um presente coisificado em responsabilidades sem transferências. Sentiu, na contextura do que nos ofereceu, o nosso evolver assim colorido e cheio das perplexidades do homem em face de seu genuíno valor artístico, político e social. E neste destino tecnolizado em máquinas, à mercê da eminente destruição nuclear, não lhe foi possível evitar de sentir o que, em nossos dias, de fato, podemos ver "Na universal paisagem. Uma lua já morrida, em já morrido verso". JSC p. 10

Sim, CASSIANO foi isso sem chorar diante dos chorões patéticos, vazios, plásticos, incaracterísticos, a criar ilusões, a difundir mitos, a querer um palácio por encantamento como o urso metabolizado: — "oco por dentro, azul por fora". JSC p. 137

Assim entendido no seu fabuloso itinerário poético, vemo-lo, em síntese, nesta magnífica explicação:

"O poema em sua autonomia não se subtrai aos meios ligados à democratização da cultura, hoje vigentes".

Daí porque alguém jamais será poeta de vanguarda, "sem reconhecer que o Brasil tem algo de novo a dizer ao mundo, como estilo de vida e, portanto, como arte própria, voltada para o futuro, ligada ao processo do seu desenvolvimento (nacionalismo de vanguarda).

"Nem discursivismo nem concretismo mas um passo à

frente, pela superação de ambos, numa reformulação crítica do poema que não seja outra coisa senão poema".

Um passo sempre à frente, como francamente nos fez entender no grandioso e soberbo **Marcha Para o Oeste,** através deste espetacular poema — **A Esperança Mora a Oeste:**

"Branca no espírito de aventura,
na direção, no grito de comando;
índia no movimento
e africana nos pousos, nas lavouras,
ou em torno das minas, a bandeira
não era tanto uma cidade em marcha
senão uma democracia viva, obscura,
e ainda espectral, no sonho e na loucura.

E homens sujos, jogados
na praia, pela ruim natureza,
negros fugidos dos engenhos
ou detritos humanos cuspidos à margem
dos latifúndios, como inúteis, sem Brasil e sem cura,
iam com ela, em sua massa anônima.
E nasciam de novo,
nessa síntese bíblica, em caminho do Oeste.

Como que a voz do Oeste lhes falava
ainda tonta do rumor matutino:
Só não irão
os que não ouvem a chamada do destino;
os que não vêem, os que não sentem nada
além desta floresta, além desta alvorada;
os que morreram em si mesmos
em o ímpeto inicial da caminhada;
os que a distância não convida
pra conhecer o outro lado da vida;
os que o curiango não espera,
os que a ilusão não acompanha,
os que se sentem presos na montanha.
Ó vermelha manhã
toda cheia de uiaras
com gritos de araras
quando todo o Brasil era um simples rumor
de águas claras! ESPCR p. 12 e S

Sem se desfigurar, realmente, CASSIANO RICARDO foi bar-

do de poemas íntegros. Expressivos no sentido do som e na linguagem do significado. Sem dúvida, na forma em nossos dias, também, do chamado símbolo — convenção. Fantasticamente codificado neste mundo cardiografado de angústias e desnaturações:

A hora é de morrermos todos; todos.
Vem aí o dilúvio, e o circo é a arca
de Noé, ancorada, já no asfalto,
para salvar apenas as crianças
e os poucos a quem Deus ofereceu
a graça de se parecer com elas... APCR p. 102

Dentro dessa sucessão, como demonstrabilidade de vigorosa consciência, de compenetrado ofício, são-lhe os livros — **Sangue das Horas,** 1940; **Um Dia Depois do Outro,** 1947; **A Face Perdida,** 1950. Leiamos-lhe, em termos lógicos e pessoais, por exemplo, este **CANÇÃO DO MEDO:**

A vida está sempre escondida
no seu grande, seu feroz segredo.
Não é a morte que me põe medo;
é a vida.

Fere-me ouvir, durante a noite,
o meu coração funcionando...
Pobre coração errado
culpado da minha alegria.
Parece que o ouço, algum dia,
como um músculo que soluça
já retirado do meu peito
e ainda vivo, sobre a mesa,
para alguma experiência russa.
Não é a morte que me intimida,
é a vida.

Não há nada que me desperte
maior temor do que o destino.
O que está por acontecer.
O mistério que nos irmana
(por qualquer coisa de divino)
a outra criatura humana.

Destino, noturno destino
que sabemos estar nos espiando

como um misterioso conviva
pelo olhar da pessoa viva.
Não é a morte que me amedronta;
é a vida.

Há uma rosa rubra, é a rosa
de sangue que ficou na calçada,
depois da fúria homicida.
As rosas que eram cor-de-rosa
agora estão brancas de medo.
Não é a morte que me põe medo;
é a vida. APCR p. 87 e 88

Caminhou assim sem achar graça dos que se perderam nas figurações inconseqüentes e transitórias. Viu-os sem a altura para se engrandecerem da prova e velocidade deste seu eletrizante — **Relâmpago:**

A onça pintada saltou tronco acima que nem um
relâmpago de rabo cumprido e cabeça amarela:
zás!
Mas uma flecha ainda mais rápida que o relâmpago
fez rolar ali mesmo
aquele matinal gatão elétrico e bigodudo que
ficou estendido no chão feito um fruto de cor
que tivesse caído de uma árvore! MCAO p. 48

Tinha de ter compaixão dos que não viam nesses versos o brasileiro que se universalizou. Tinha de ilustrar os que, ainda no mundo da lua, não observaram o brasileiro neste avanço tecnológico **de não-abdicação diante da vida.** Diante de tudo isso, evidentemente, teria de se desencerrar e cantar:

A lua é, hoje,
uma continuação
da rua.
Luxo espacial. JSC p. 21

É indispensável que essa decorrência observemos em CASSIANO RICARDO à proporção que lhe amadurece o estilo poético. Artífice soberano de sua técnica, desenvolveu-se a sentir as inquietações humanas que defluem das lamentações eletrônicas. Fez versos para descobrir-se através da dignidade da palavra. Fez sonetos consciente de se haver projetado como um verdadeiro PILOTO PRÁTICO em entendimento e comunicação:

Preciso de ilusão, venho do olvido,
rosa-dos-ventos, peito de diamante.
E amarei — que meu signo de marante —
sobre o azul salso, o céu, me seja falso.

Cansei-me da verdade. Irei adiante,
sem me amarrar ao mastro e encher o ouvido
de cera ou algodão, como é devido
a quem navega sobre uma onda cega.

Vida, mulher de prata, com pés sujos,
carne de estrelas e de caramujos.
Ilude-me por favor de Deus. Me ensina

tudo o que engana a condição humana,
desde o mar marinheiro azul-marinho
até Marina, a mulher submarina. APCR p. 203

Seu rosto no que sempre foi em assunto de arte. Seu rosto a nu, verdadeiro, nesta avaliação radical de conceitos e preconceitos, capaz de revelá-lo no verdadeiro conceito de vanguarda: ao início, depois e sempre. Assim como foi em **Canções de Minha Ternura.** Assim também em autonomia, neste PSICO-AUTÓGRAFO, pôde afirmar-nos:

Eu sou eu mesmo, o que nunca foi outro.
Eu mesmo — o eternamente condenado
a obedecer à física do estômago,
não obstante ao pão preferir a rosa.

A exibir meu sinal, qual fez Ulisses,
ao retornar, aos seus, e já ignorado.
A ter, na vida, um número de porta,
por onde entrou, e há de sair meu corpo.

E eu sou eu mesmo, o pra sempre forçado
a seguir para a frente de batalha,
a voltar caminhando, em carne e osso,

sobre minhas feridas. E — já morto, —
a provar, quanto mais desfigurado,
que nunca fui tão eu, tão nenhum outro. MCAO p. 188

Em conseqüência, como afirmação de um comportamento sempre honesto em consciencialidade e exatidão, na lingua-

gem das reivindicações sociais, nos **Poemas Murais,** sem o dragonismo das máquinas, mais uma vez, numa forma de orientação, de abrir caminho, bastante seguro de si, maximiza:

> O dó é uma convenção, não a primeira nota
> de uma escala.
> Tem-se dó do louco, vai-se ver, ele se considera
> sobrenatural e feliz.
> Meu dó não é do louco, é do gênero humano.
> APCR p. 113

Daí porque em sua demanda poética, num verdadeiro conteúdo de repulsa aos engenhos mortíferos, exterioriza-se, em o Arranha Céu de Vidro, (1954) cônscio da babel em que vivemos neste crítico existir entre o antropófago e o civilizado:

> Mas ali, na floresta, o que havia
> era aquele avião ou, antes,
> aquele g' avião abatido
> ainda com as ventas fumegantes.
>
> Um avião a que 30 antropófagos,
> filhos de nenhum alfabeto,
> acrescentaram o "g" da garra
> como um código secreto. APCR p. 137

Mas por que não vermos isso? Por que não valorizarmos a máquina em benefício das necessidades do homem? O tecnicismo sem espírito, sem melhorar as condições sociais do homem, é realmente negativo. Em inconseqüentes convulsibilidades, não devemos viver. É perder tempo. É não sentir por inteiro, a autenticidade do ROLAMUNDO em que somos envolvidos nesta descrição ricardiana:

> Saiote curto — girassol de plumas —
> a Zuleika do circo apareceu andando
> sobre uma esfera de safira, ah, se me lembro!
> Foi como — eu menino — acreditei que a terra
> era redonda como a lua e o sol.
> Nunca pensei, porém, em ficar rolamundo.
> (Boneco de dormir e de acordar).
>
> Será que só se perde a inocência quando se descobre que
> a terra é redonda?

O arco anil do mar, a sua sombra projetada
na lua, me são, já, reminiscências da infância.

Hoje numa fotografia americana ou russa
lhe posso ver de perto o rosto, o enorme rosto,
cheio de rugas e de tartarugas.

Rolamundo, Rolamundo,
obrigado a fazer uma viagem em redor do planeta.

Dói-me o sapato clandestino. Faço
da nuvem um lenço pra me despedir da paisagem
em azul sustenido.

Já não tenho, porém, um lugar onde estar.
Nem mais na lua malabar, nem no mar
perpendicular — tigre verde com olhos de vidro.
Por não saber respirar dentro da água.
Por falta de uma carta de mar-e-ar.
Por não ter aprendido, ainda em menino,
a velha arte de circun-navegar.

No país dos antípodas escondi-me
atrás de mim mesmo. Como quem se escondesse de
um crime.
Por me haver parecido caminhar,
de cabeça pra baixo ou — mais logicamente —
em cetim fofo, com os pés nas estrelas...
Por falta de um lugar onde eu estar.

Um disco voador desceu sobre mim (humorismo)
quem és, "pobre vivente" ou "caniço pensante"
que te agarras, assim, à cintura terrestre,
por querer um lugar onde ficar?

Passei em meio a uma multidão de turistas
distraídos em ver a Esfinge e fazer-lhe perguntas
que ela não decifrou por tudo, hoje, ignorar.

Vi povos ululantes. Fiquei nu. Expulsei, louco,
todos os mitos que habitavam o meu corpo.
Buscando uma cidade absurda e repentina;
uma cidade da esperança, sem saudade.

Lavei as mãos azuis na água do Nilo.
Por querer me tornar, talvez, mais inocente
do que uma andorinha nos fios do telégrafo

Onde estará Zuleika,
a esta hora, sobre a sua esfera de safira?

Entrei numa floresta, entre bobos e lobos.
E não cheguei a ver a imagem do crescente.
Mas, minha cabeça — que uma noite chinesa,
com a sua foice alva, me havia decepado —
flutuou de novo, de manhã, na água do meu espelho.

E eu tive que levá-la, novamente,
sobre o meu ser — como um globo ocular.
Assim como quem leva uma fotografia
pra na fronteira se identificar.

Estás errado, ó Deus, no Teu desígnio
de nos fazer dar tantas voltas no mundo,
desde que se começa a andar sem parar.
Como se a mortificação, sob o Teu signo,
nos fizesse querer a morte ao fim do dia,
como quem procura um lugar onde estar.

Faze com que, neste rolar, por sobre a geografia
sintamos — búzios de fadigas e cantigas —
uma vontade de dormir tão forte
que, como o sono vem, nos venha a morte.

E reiniciei a viagem tropeçando nas ilhas,
tão pouco residente onde resido
que o meu relógio ficou cego e eu sem eixo,
entre bobos e lobos.
Escorregando lá e ali, preso a uma franja
da esfera, ou a um simples ramo de árvore.

(Boneco de dormir e de acordar.)

Agora estou aqui, por falta de onde estar.

Como uma vespa sobre uma laranja. APCR p. 177-180

Num sentido de revigoramento existencial, vejamos como o poema O CÉU E O CHAPÉU nos diz bastante do CASSIANO relacionado com a dramática existência do homem na era dos mísseis catastróficos:

O Ninguém que mora
em cada um de nós.
A quem damos um nome
no registro civil.
O Ninguém que vestimos
de casimira inglesa.
Sobre cuja cabeça
lá um dia colocamos
o céu e o chapéu.

Céu e chapéu que o uso
e a sintaxe lírica
metamorfosearam...
Quantas vezes, na vida,
precisamente o céu
se fez meu inimigo
azul, número um.
E eu tive que esconder-me
num sub-hemisfério!

Quantas vezes pedi
o a que tinha direito,
de chapéu na mão.
Quantas vezes fui preso,
porque, diante do rei,
não tirei o chapéu.
O chapéu com que um dia
desfeiteei o mundo.
O chapéu com que, hoje,

cumprimento as flores
e caço borboletas.
Quantas vezes, porém,
me descobri, na rua,
diante, do mutilado,
do mendigo, do bêbedo,
da Rosa, a filha do erro,
ou de Nossa Senhora,
na procissão do enterro.

Mas, chega a hora exata,
A única hora exata.
A que estará escrita
num relógio antiaéreo.
Morre-se e o Ninguém
passa a ter o corpo
que foi nosso, aqui fora.
Somos a sua estátua
de última hora.

Miserável troféu:
Vai, agora, em decúbito
dorsal, de rua em rua.
Corpo que sai da vida.
não ido, mas levado.
Como um escorraçado
que — à hora da saída —
se esqueceu do céu
e perdeu o chapéu. MCAO p. 240-242

Acidental, apenas em face do aparentemente comum, sempre consegue firmar-se fora dos confinamentos indevidos e estreitezas de atitude, em versos como estes:

Entre os loucos, os mágicos,
que fazem o que Deus não faz, figura o poeta.
O poeta que alimenta, aqui em baixo, esta nossa
resistência secreta, contra as forças
tristes, desembestadas da desesperança.
(Enquanto Deus, lá em cima, dirige as estrelas).

Há um anjo que conduz a mão do poeta
quando ele escreve.

Não o anjo das gravuras (rechonchudo, gracioso, mas
de asas demasiado pequenas
pro tamanho do corpo)

Há de ser outro anjo. Mais magro. Não raro
com fome.
Que fuma no beco, escondido de Deus.
Mais cara suja, seguramente mais triste.

As coisas e os animais falam ao poeta
a qualquer hora, sem pedido de audiência,

com a mesma sem-cerimônia mágica com que lhe
falavam
no dia da criação.
Quando o homem cantava, ainda, como
um pássaro. MCAO p. 82 e S

Com iluminado escrúpulo, impressionante valorização de sua arte, ultrapassa todas as tormentas a comprovar-nos que o humano foi e é a razão de ser de nosso mundo de informações realmente positivas:

O mundo de hoje é uma lição de angústia
e eu só conjugo os verbos no futuro.

Os rostos de hoje, que me encontram na rua,
não sabem que o meu rosto é também de hoje mas
eu moro
no dia seguinte

Estou vivendo uma alegria e já sentindo
que essa alegria morrerá e já experimentando uma
espécie
de advertência futura.

Wells é o meu autor de cabeceira.
A estrela dalva é minha noiva obrigatória.
(A estrela do suicida ou do operário.
A estrela de quem precisa acordar cedo
A estrela de quem parte ainda no escuro.
A estrela, enfim, de quem passou a noite em claro,
em homenagem ao futuro).

Mas haverá algum mal em sofrer de futuro?
Em conjugar os verbos no futuro?
Os próprios gafanhotos
de ferro (em homenagem ao futuro)
ao invés de esperar pela data fixada na Bíblia
já não tomaram parte
na última guerra?

A graça de não dormir é a minha graça,
mais que das flores que, pra receber o orvalho
da noite, conservam a corola aberta,
não obstante o vento, o frio e os vagalumes.
MCAO p. 90 e S

Do livro **João Torto e a Fábula** (1954) são estes versos do poema **O Cacto,** fundamentados em condição de irreverência do humano contra as determinações de Deus:

Que fique aqui embaixo a terra;
lá de cima nós tiraremos
uma grande fotografia
do seu rosto de ouro e prata.

Pra provar a Deus que a terra,
numa fotografia exata,
não é redonda, mas chata;
não é redonda, mas chata.

Pra provar, por B mais H,
que o homem, animal suicida,
já sabe fabricar estrelas...
Se é que Deus disto duvida.

Que iríamos fabricar luas
(se não fora, para Seu gáudio,
o espião nos ter furtado a fórmula)
mais bonitas do que as Suas.

Vamos, todos, brincar de cacto,
uns nos ombros dos outros,
um abraço a nascer de outro abraço,
uma folha sobre outra.

Vamos subir, de folha em folha,
mais alto do que vai o avião.
Lá onde os anjos jogam pedras
no cão da constelação.

Que outros usem avião a jato
pra uma viagem em linha reta:
nós, filhos da planície abjeta,
subiremos ao céu num cacto.
Uns nos ombros dos outros,
injustiças sobre injustiças,
formaremos um verde pacto...
Vamos, todos, brincar de cacto.

Vamos, todos, brincar de cacto. APCR p. 144 e

Em 1960, numa linguagem mais cética, cheio das desesperanças do mundo, entregava aos seus leitores em linguagem poética-metafórica o seu inexorável **Montanha-Russa** com poemas como — **Estar, ou Não Estar**. Era o homem angustiado a sentir-se na pluridimensional inexpressividade do humano. A descaracterização em face do nada que somos neste mundo de atomicidade:

Estou neste meu quarto, que é o meu barco
ancorado no rio das horas.
E sei que estou aqui. Porque vejo, lá fora,
a noite, feérica, girando em seu eixo.
Árvore de tronco fixo e estrelas móveis.

Não tenho dúvida sobre estar em meu quarto.
Aqui estão os objetos do meu uso. O meu
criado-mudo, a minha "Máquina de Explorar o Tempo",
o meu rádio, e uma xilogravura de Goeldi:
um peixe, a duas cores.

E tenho os pés no assoalho.
Porque o assoalho me dá uma sensação dura, e física,
de um homem consciente do chão em que pisa,
sem flor nem saudade.

Estou aqui, mas estarei (mais veridicamente)
na lua, ou no sputnik que passou pela décima vez
sobre eu estar aqui.
Nesta atmosfera nuclear, mágica, espessa.

Ou nesta sensibilíssima e dourada chuva
radioativa.

Que me altera, já o significado das palavras,
quando falo ou escrevo.

Um homem que discute com outro, lá longe,
fala de mim, sem saber que eu existo.

Entre duas bombas de hidrogênio
o meu coração bate sem nenhum direito de opção.

Que adianta o meu estar aqui?
Pois não dependo, apenas, de uma dor de cabeça

na cabeça de um dos grandes,
ou do sorriso de uma dama de espada?

APCR p. 174 e S.

Também de 1960 é **A Difícil Manhã** que, na verdade, devia ser uma esperança na vida do poeta. A esperança de um mundo de paz, se não fosse apenas a grande luzazul entre o ocidente e o oriente.

Mas, porque não conseguiu jamais vê-la, em seu tempo, isenta dessa permanente ameaça atomicista, creditou-a paralela em intenções assim:

Vontade de mandar lembrança
a alguém que não conheço.
Que mora atrás do mundo espesso.
Onde a árvore da esperança
ficou sendo minha antípoda.

Quando um dístico, pra ser lido,
(por todos) de um e do outro lado,
como uma grande luz-azul,
me anunciará:
aqui é que começa o país
da esperança?

De modo que a esperança aí comece
e não termine, por estar,
durante a noite inteira
(como uma grande luzazul)
escrita num e no outro lado
da fronteira.

Quando a manhã, não a manhã
que chega sempre tarde,
mas a que chegará à tarde,
à noite, a qualquer hora,
porque não obedece ao céu
nem ao relógio,
virá?

O relógio
soluça como um pássaro
em meu bolso. APCR p. 185-186

A conseqüência sem fugir do problema. O fato através da

crença num conceito de espacialidade espiritual. Entre o judicioso e o razoável o que lhe importa é a conseqüência de se considerar, em face de tudo e de todos, um RESSENTIDO:

É inútil, ó meus amigos,
a vossa enorme aflição.

É inútil o céu dizer-me
que a estrela d'alva inda existe.
É inútil a primavera

florir tão anunciadora.
Como inútil também fora

alguém dizer-me que não.

A manhã chegou tão tarde
que eu já era coisa antiga.

Os anjos vieram ouvir-me
depois de finda a cantiga.

A própria rosa orvalhada
de tão recente ou futura

também floriu atrasada;
é rosa de sepultura.

E mesmo a tarde faltou-me
pois chegou tarde, e deserta.

Só a minha resolução
é que tinha uma hora certa. MCAO p. 133 e S.

Em CASSIANO RICARDO o poema é assim o grande desafio do mundo regido pela informação atomicista, pela demonstração matemática, pela estatística da cibernética. Seus poemas são o próprio mundo em manifestações de referências e verdades assim:

Que seria de nós, bípedes apressados,
nesta diária agressão mútua que é a vida
se não nos desculpássemos, uns aos outros, nas quinas das esquinas?

(A culpa só nasceu para justificar um erro da criação.)

A coisa mais fácil de atribuir a uma criatura é a culpa. É jogar tinta sobre a flor.
A coisa mais difícil de provar é a inocência.
APCR p. 166 e S.

No poema **Quadro Rural,** a recordar-nos Olavo Bilac, numa forma de ironia, procura fixar-se em conceitos como este de relatividade:

A terra só possui caminhos agros
(não via látea) pra seus anjos magros. **APCR p. 187**

Jeremias, pois, em termos de poesia, é a vida do próprio homem em face do futuro: mais honesto, mais fraterno, mais universal na realidade concreta de um mundo de bem-estar social. Em nosso tempo é firmeza. É condição para a lucidez. Certeza de que o homem não pode ser um instável, um inconseqüente na proporção do que vale em cultura e trabalho:

"A MORTE É HOJE DIFERENTE
DA QUE COMETEU CAIM. O FATRICIDA
JÁ NÃO MATA APENAS, SEU IRMÃO.
AQUELE QUE MATAR PRIMEIRO MATA-SE
A SI PRÓPRIO AUTOMATICAMENTE. JSC p. 86

"Terei elaborado Jeremias, (diz-nos CASSIANO) como se fosse, todo ele, um só poema?

Será então um poema **rotativo.** Integrado por vários poemas, para maior opção do leitor que nele entrará por qualquer ponto, como numa **esfera rolante.**

Um poema- pormenor, **Rotação,** que figura nos linossignos a nos revelar o homem que gira em torno de si mesmo. Com uma implicação de círculo entre duas palavras, **esfera** e **espera** (esperança) repetidas por todo o volume. Portanto: a) Círculo como idéia do grande Todo; b) simbolização sensível de esfericidade".

CASSIANO RICARDO, de fato, é isso. Mas, como já afirmamos, também é isto ao início, original e verdadeiro, de volta ao passado, à infância do paraíso mágico, sem babel, neste **Soneto** do Ausente, no **UM DIA DEPOIS DO OUTRO,** por demais evidente em todos os caminhos da confraternidade universal:

"É impossível que, na furtiva claridade
que te visita sem estrela nem lua,
não percebas o reflexo da lâmpada
com que te procuro pelas ruas da noite.

É impossível que, quando choras, não vejas
que uma das tuas lágrimas é minha.
É impossível que, com o teu corpo de água jovem,
não adivinhas toda a minha sede.

É impossível não sintas que a rosa
desfolhada a teus pés, ainda há um minuto,
foi jogada por mim, com a mão do vento.

É impossível não saibas que o pássaro,
caído em teu quarto por um vão da janela,
era um recado do meu pensamento!" APCR p. 47 e S.

A máquina jamais poderá esterilizar a grandeza espiritual do homem nisto que, em ironia, nos diz nesta **Ladinha** própria dos sem objetiva concepção do mundo:

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós

Ó máquina, orai por nós JSC p. 20

Para isso, é necessário os homens se entendam numa viagem "ex(orbita)nte". A exemplo, como no poema Gagárin. O espacial e o visual. Códigos e signos em movimentos que não sejam apenas de dois olhos hemisféricos (um que desorienta, outro que ocidenta) ou, quem sabe? apenas deste impasse:

7 **rotações:**
7 **cidades**

fero/cidade

selva/cidade
dupli/cidade
manda/cidade
fuga/cidade
rapa/cidade
vora/cidade JSC p. 25

Da esperança na **esfera** que nos ensina a **espera** não desejou ficar CASSIANO RICARDO. Fora desse sentimento de acomodação e de nostalgia, mostrou-nos a inocuidade da **Viagem em Círculo,** esfero-rolante, de Repetição, típica do robô automático, mecânico:

viagem em círculo
sem ida nem venida
sem nenhuma aveni-
da/adeus com a mão
esquerda/amanhã
recomeço JSC p. 125

Viagem, sim, num Criptograma que se traduz belamente em poesia e palavra. Visual — imagístico. O homem em novo espaço. Em registro estatístico, realmente assim: uma/ave/bela/bélica/nave/belonave/astronave.

Mundo — espaço venturoso e livre dos engenhos mortíferos. Mundo histórico e de espacialidade, onde os que estão a nascer não mais encontrem o Gog e o Magog num conflito interminável, em órbita de antagonismos, de mundo dividido, por um muro, em dois. Acirrado de controvérsias. Mundo que realmente separa o irmão do irmão.

Noutros planetas, ou talvez na própria Lua, para felicidade de todos nós, sobretudo da infância Gog e Magog, na admirável evocação bíblica de CASSIANO RICARDO, sem mais motivos para esta briga infernal de mundo demarcado em dois, hão de hastear na estrela maior da Terra, simbolizada em ampla dimensão poético-político-filosófica, nesta palavra-excerto (tmese) "entre-es(p)fera", a bandeira branca da paz e da confraternidade universal:

Só assim, na entre-es (p) fera,
e porque Gog não quer que Magog
vá primeiro à Lua
nem Magog quer que Gog o faça
antes dele,
os dois farão a viagem, juntos.

E antes que Gog afogue o mundo
em fogo ou que Magog em fogo
o mundo afogue, a Lua
os pacificará, com
a sua alvura, o seu pudor
de flor, o seu dom
poético-magnético
(mediadora única e mediúnica)
e o monstro de vidro, o Não-
Objeto,

morrerá por falta
de objeto.
E para gáudio das crianças:
a u t o m a t i c a m e n t e. JSC p. 86 e S.

Sem dúvida, em sua poesia temos a vitória da palavra **sobre** a ação. Encontramos, sempre renovada e triunfante a **multiforme** personalidade de CASSIANO RICARDO em momentos admiráveis como este de **O JUÍZO FINAL:**

A terra — flor de fogo. O homem decide
o seu destino. Os astros querem vê-la.
Mas vendo-nos só irmãos pelo suicídio
que não dirão de nós a fera e a estrela?
As coisas, que nos conheceram nesta
passagem sublunar, e que hoje são
nossos convivas numa mesma festa,
vendo-nos, todos mortos, que dirão?
Amemo-nos, e a vida áureos pomos,
que o amanhã sem manhã já nos espera.
Mas, que dirá de nós a primavera?
Que culpa têm as flores de quem somos?
E ao voar no abismo, e da hecatombe após,
que não dirão os pássaros de nós? MCAO p. 192

Aí está porque, sem se desligar das suas fontes, revela-se **profundamente** CIENTE, em **A FACE PERDIDA**, da gênese de **sua** temática humanista, nestes versos de, fabulosas reflexões:

O mundo me ensinou,
me cuspiu no rosto
me fez triste e sábio.
E em meio ao triste pão
que minha mão amassa,

em meio à convicção
que substituiu o êxtase,
em meio à mais abjeta
condição de vida,
resta-me, só, a ironia
da poesia.

Resta-me só esta graça
de ser poeta.
Poesia! única coisa
que, depois de sabida,
continua secreta... MCAO p. 168 e S.

Daí por diante, sem mais inocência, sem mistificação, sem descontinuidade do seu tempo, em renovações de vanguarda técnico-estilística, mensagens de experiências vividas num despertar de aurora, define-se, ainda mais objetivo, em termos de presente com origem no passado e primavera no futuro:

Por certo
nada me impede de ser livre. O abismo está
à minha disposição.
Coloquei-o numa moldura de alumínio.
E o suspendi à parede.

É o túmulo de cristal em que estou vivo.
É o túmulo álgido onde me enterro e ressuscito
todas as manhãs.

Saio de mim e entro em mim mesmo.

Nasci na encruzilhada de uma hora com outra.

Minhas quatro razões impuras:
a lua, a Bíblia, a fábula e a semântica. MCAO p. 226 e S

Fidelidade do que vê e sente. Maturidade redimensionada em convenção lógico-sintática. Uma nova estrutura coerente à sua arte, às fontes autênticas do seu comportamento em face das máquinas:

O filho da cidade mecânica
já não chora.
A física industrial lhe seca
a lágrima.

Remédio, ir chorar onde está
a origem das coisas.
Onde está o sal, a água,
dos meus olhos. JSCp. 76

Nessa acrobacia de associações ideogramáticas, verbovisuais, gráfico-lingüisticas como **invidrosível, desboi, desestrela-dalva, selvafricamente, luzitrilando, azulgagarismo, lacrimossedente** etc, CASSIANO tem súplicas de raro efeito humano-religioso, como esta:

1
Santo António do Cate-
giró
na igreja de No
ssa Senhora de Ó
Faça com que os homens
se entendam
dentro de um mundo só
E que gorjeiem, todos,
numa língua só.
E que a palavra tenha
um sentido só,
para todos.
E que todos sejam um
Só assim, boca no pó,
céu comum, chão comum,
ninguém estará só
Dentro de um mundo só. JSC p. 130

2
Santo
António do Cate-
giró
na igreja de No
ssa Senhora do Ó
(santo preto, e só
por ser preto)
fora da estreladalva
um amor só.
Não pela cor do santo
mas pela do sangue
(rubra)
nas mesmas feridas, ro-
sas feridas.

Nem orgulho, nem dó, mas
uma coisa só.
Nem Agá Kan, nem Jó,
mas uma coisa só. Ó
Santo Antó-
nio do Categiró,
na igreja do Ó

3
Canário e noitibó
cantarão juntos mas só
quando a matriz for uma
só.
Ninguém se achará só
dentro de um mundo só.
Ó
Santo Antó-
nio do Categiró.

Jeremias Sem-Chorar é dinamismo contra o estático. É o presente e será o futuro que domina em linossignos o muro que separa o Ocidente do Oriente. Quem não sabe disso?

Quem não sente, no corpo
a rua
que divide o muro
em Berlim? JSC p. 122

A revalorização do homem em CASSIANO RICARDO como ser capaz de sentir o nosso planeta nas divergências ideológicas e angústias da fome, é absoluta. É uma característica de teledinamismo na terra. Uma atitude que é homerismo unificado, histórico-universal, em verdade matemática do 2=1+1.

Um é a soma de dois. JSC p. 67

Nos polos desta estrutura viva, autêntica, em grande, efeito os sentimentos extralingüísticos do poeta nesta viagem comum, sempre adiada entre os dois grandes:

Se por mais que Magog dialogue
com Gog ou que Gog dialogue com
Magog,
quem o Abel? quem o Caim?
Na manhã desestreladalva

só a certeza de que nenhum
dos dois
se salvará é que nos salva. JSC p. 86

Daí porque diante dessa realidade trágica, pavorosa, CASSIANO RICARDO, nos valores fonéticos e semânticos, se eventualiza e leniliza em desprendimento para dizer-nos:

Basta eu pensar que alguma coisa pode acontecer
para que não aconteça.
Porque se acontecesse eu não seria jamais este bicho
de concha
que sou. Seria um profeta. Ou um santo. Ou
um Deus.

Em meu desígnio de lutar contra o Signo
guardo comigo este dom de não advinhar coisa
alguma.
Porque, com ele, me defendo do amanhã.

Dom que (bem ou mal) é o meu anjo da guarda.
A minha estrela da manhã. APCR. p. 195

Poesia estruturada em novidade conteudística, polimórfica, multidirecional, plasticizada numa espécie de estereofonia, ritmo e som, alusão a um solitário fim de amor numa essencializada madrugada, no-la deu neste minipoema da Serenata Sintética:

rua
torta
Lua
morta
tua
porta APCR p. 203

Em filtros de universo quotidiano, na lucidez de ver algo pra nos revelar, estes versos oracionais, autônomos dentro da estrofe, focalizam, de maneira filosófica no real, histórias de um mundo babelesco, contraditório e, vezes sem conta, suicida:

Ele desceu violentamente a cortina da noite.
Jogou ao chão a sua própria estátua.
Não aceitou a explicação da vida.
Fez qualquer coisa de mais belo e mais monstruoso.

Pois nem Deus (e Deus é Deus)
conseguirá, jamais, fazer o que ele fez: suicidar-se.
MCAO p. 114

Mas nessa anteface de subvida, de repúdio à náusea, ao cronológico processo lamurioso de existência inglória, consoante este antológico verso do fabuloso Manuel Bandeira: **a vida que poderia ter sido, e não foi,** vemos CASSIANO RICARDO em dramas unificados de concepção metafísica, objetivar-se na resistência heróica do humano:

Diante de coisa tão doída
conservemo-nos serenos.

Cada minuto da vida
nunca é mais, é sempre menos.

Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.

Desde o instante em que se nasce
Já se começa a morrer. APCR p. 47

Do minimundo do quotidiano, CASSIANO RICARDO vai ao mundo do **Jeremias Sem-Chorar** em conotações repletas de sarcasmo e de faceto, de tragicidade e de patético:

A esperança é um
círculo no Zodía-
co na ciranda na
roleta na rosa do
circo na roda do
moinho.
amanhã recomeçO

em que lado do glo-
bo, terá cessado o
diálogo da ovelha
e do lobO? JSC p. 126

Notemos aí, na aliteração dos efeitos vocálicos, do ritmo, dos fatos que se repetem em isocronismo, a impressão que nos transmite na estrutura dos linossignos, numa forma assim de **Viagem em Círculo.**

Isocronicamente, essa impressão se repete, ainda dentro

da temática de envolvimento aceita na sematologia da palavra **esperança,** visível, por largo, nesta estrofe de **Rotação:**

A esfera
em torno de si mesma
me ensina a espera
a espera me ensina
a esperança
a esperança me ensina
uma nova espera a nova
espera me ensina
de novo a esperança
na esfera JSC p. 74

Sem dúvida, movimento que o configura em frustração, confinamento, retorno, viagem em redor do conhecido. A representação, realmente, nesse círculo vicioso não é metafórico nem analógica; mas fenomenológica. Gestatória, na forma do sujeito que se configura, ainda na palavra **esperança,** através da reiteração imitativa fono-gráfico-visual, e evidência rimática nos verbos **dói** e **mói** assim imaginado neste **Moinho:**

A esperança mói.
A esperança dói.

A esperança mói.
a esperança
dói porque mói.

A esperança mói.
a esperança
dói porque dói.

A esperança mói
mói mói
dói JSC p. 119

Nosso idioma deu a CASSIANO RICARDO, no decurso de sua grande vida poética, reminiscências pictográficas, oriundas da contribuição ameríndia. E, ao que parece, o nosso concretismo nasceu da fala, modalidade de vida, usos e costumes, de nossos índios. Eis porque em **22 e a Poesia de Hoje** já assim os modernistas pensavam ideogramaticamente sem recorrer a Apollinaire ou a Max Jacob.

O idioma ameríndio é tão concreto quanto o do chinês. O

que atualmente fazem os concretistas através de versos fenomenais, em 22, neste hoje chamado "salto conteudístico, semântico, participante", fizeram: Guilherme de Almeida e CASSIANO RICARDO com suas belíssimas imagens visuais; fez Raul Bopp, em silmutaneismo, nas palavras-montagem, de redundância e reduplicação de sílabas.

Muito antes dos movimentos literários de 45, do concretismo, do neo-concretismo, dos "haikais" de Mário Chamie com **Lavra Lavra,** no poema **praxis,** CASSIANO RICARDO em 1922, apresentava-nos sua poesia nos experimentos da palavra em liberdade do contexto habitual: a negação do verso no verso livre, o mínimo de palavras em fórmula telegráfica, a rutura da sintaxe no ataque ao lógico-discursivo, os elementos plásticos em relação a cores, o acústico na enfatização do recurso fono-estilístico, a valorização do verbo e do substantivo pelo abandono do adjetivo, a supressão das maiúsculas iniciais, a especialização das palavras no critério de contiguidade, a frase cinemática, a "dialética do espaço em branco com o em preto", e, naturalmente, a autonomia do poema.

De exato, a poesia nova, através dos linossignos ricardianos, ou (signos de conexão), em nossos dias de franca atualidade, aí está firme, positiva no "reconhecimento de que o Brasil tem uma palavra nova a dizer ao mundo, como estilo de vida e, portanto, como arte própria, voltada para o futuro, ligada ao processo do seu desenvolvimento (nacionalismo de vanguarda)". Tem, sim, como nestes versos de CASSIANO RICARDO até mesmo explorações indutivas e industriosas em ritmos como este:

Vi a morte de hoje;
a morte demente,
em que cada homicida
é, automaticamente,
um suicida.

Último recurso:
depois destas andanças
ME FAZER DE URSO
para crianças. JSC p. 134 e S.

Como argúcia de sua visão universal, terráquea, podemos observá-lo a imaginar o real entre os dois gigantes atômicos que se manipulam em rotações e translações de tempo numa insólita ameaça de destruição da humanidade. O poeta nos mostra o homem atômico nesta encruzilhada de opções entre **ro-**

bots e cérebros eletrônicos, caminhos escuros e sem Deus. A participar deste drama infernal, sem fim, ironicamente, pergunta-nos:

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, ócio dourado.
O cérebro eletrônico, o músculo
mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O de metal não tornará o homem
mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-
corporal? JSC p. 20

Observamos aí o sarcasmo transposto do contexto no confronto entre o faceto e o trágico em opção: o raciocínio ou a tragicidade das máquinas?

Notemos como nessa desumanização do homem pela máquina, retrata-o tragicamente entre as transposições laboratoriais do ratomorfismo espúrio e o resultado estarrecedor das evidências neurológicas:

Míssil de asa fechada o anjo
balístico risca o céu
de um horizonte a outro.
Estamos desde já sob a sua
(m) ira,
na álgebra das distâncias. JSC p. 27

Jeremias Sem-Chorar como estamos a perceber é o poeta em desencantamento, malícia, temas universais no grande palco dos acontecimentos atuais:

Por acaso estou vivo.
Apenas sujeito
a um jogo ocidental
e acidental de palavras.
Linha tensa entre o ato
e o não-ato. JSC p. 13

Neste seu livro entre a lágrima e o drama, o poeta optou pelo heroismo, pelo ceticismo enfático, e até pela irreverência:

Cada objeto
tem, na sua memória tátil,
uma aquiescência, uma ob-
jeção
pra nos comunicar, embora mudo.
Só o mundo é que diz tudo.
Contém as marcas digitais da mão
a que pertenceu, é uma coisa
sofrida,
datilografada.

E faz adivinhar a criatura humana
que o usou, a psicologia
do seu antigo dono, o ob/
jetivo
de um objeto em abandono.
O diagrama das sensações que vai
do abandono ao seu antigo dono.

Vem-se para o mundo, mas tudo
já está disposto com seus nomes,
com a sua dor, com os seus
bordados.
À espera do olho de uma
ob/
jetiva.

Como o escorpião, as (já) 3 brasas
(frias) as 18 plumas brancas
que o avestruz tem, nas asas.

O belobélico pteroid volans,
no mar.
Cada coisa já em seu lugar.
Para quem a quiser achar.

Contábil e cantábile
o mundo não será uma geografia
de ob/
jetos
achados,
para um jogo de dados?
Dono
abandono JSC p. 63 e S.

Ratificamos o que dissemos ao início: CASSIANO RICARDO jamais foi um poeta isolado nas torres de marfim. Foi um poeta universalmente consciente nesta luta de responsabilidade perante as distorções inumanas, estranhas e trágicas, da civilização atômica. Daí o emprego do apóstrofo e do parêntese, em conotações poéticas de imagismo e visualismo como, a exemplo, nos linossignos do poema a **Fotografia da Terra:**

> **Fotografar da Terra a face (t) curva**
> **pra poder vê-la em toda a sua nudez de antro?pó'faga.**
> **Como Édipo rosto a rosto de Jocasta?** ESPCR p. 52

Temos aí no recurso do parêntese a Terra fotografada em dois sentidos: **turva** e **curva.** E no dos apostófros, dividida em **antro** no simbolismo de caverna profunda e escusa; em **pó:** substâncias da terra que se elevam no ar e desaparecem, poeira, destruição e pulverização; **faga:** por transposição imaginativa — vaga, morte. Em recomposição de soma: **Terra antropófaga.**

No uso continuado da novidade neológica, vemo-lo em exemplos como este em que nos oferece a própria ficha de identidade de **Jeremias:**

> **Jeremias: 25 anos.**
> **Característica: olho de vidro.**
> **Diagnóstico: sofrer de azulgagarismo, automatismo e antecipação. Seu símbolo bíblico — o número 7.**
> JSC p. 141

O número 7 em **Jeremias Sem-Chorar** nos revela o poeta em oposição ao profeta bíblico. O homem assim envolvido em mundo cibernético, de automatismo e azulgagarismo, e um robô ou um hipopótamo. O mundo assim nesta agonia babilônica é "o globo azul/hoje uma cabeça/ esférica (lotérica/para um jogo/de dados/com fogo". JSC p. 7

Se vivemos numa brutal ameaça de destruição atômica, se disso temos conhecimento, por que não voltarmos com o poeta ao tempo da ciência e da inocência? Por que não no ouvimos neste humaníssimo conselho:

> Em criança
> quem não viu o céu
> no morro?...

O céu de todos.
A ciência confirmando
a inocência.
A terra
azul, a ciência
confirmando a ino-
cência.
(Inocência da ciência)

Mas as injustiças
as fomes, as sedes,
que habitam o mapa
das nações unidas
poderão ser resolvidas
azul-mente,
ou com o céu de todos?

(Inocência da ciência) JSC p. 44 e S.

Na verdade, Mário de Andrade, em poesia, adotou esta fórmula:

lirismo+crítica+palavra=poesia.

CASSIANO RICARDO, no entanto, bastante longe da fórmula do autor de **A Escrava que Não é Isaura**, naturalmente deu preferência a esta equação mais objetiva:

arte poética + palavra + poema = poesia.

Ora isso o distingue no denso fluxo da valoridade semântica, como notável astronauta do linossigno, quer no espaço misterioso do Oriente, quer na harmonia cósmica das esferas do Ocidente.

De fato, sem sombra de dúvida, na impressão gráfica do **Jeremias,** em forma interrogativa de mundo livre dos pesadelos atômicos, no ritmo que não desorienta nem ocidenta, não nos podemos omitir de senti-lo vivamente fenomenal nesta pergunta:

Não foi com um chicote em punho
que Deus se fez homem
(tão homem quanto (hoje) um homem
for)

pra expulsar os vendilhões do tem-
plo
pelo terror?
Ou pela santidade da terra?

Terrível, mas, no quadro das culpas;
a dinamite faz o terrorista
sonhar com o prêmio Nóbel
Maior terror não é o que, hoje,
paira sobre nós com a perspectiva
da destruição nuclear
num luxo
asiático
lunático? JSC p. 68 e S.

Isto para que sintamos o perigo da inconseqüência. Dos prejuízos impressionistas, sempre em busca do pior. Critérios que nada esclarecem acerca da poesia moderna no Brasil. Sobretudo, nesse sentido, o poeta coloca o problema em questão nesta argúcia de explicação eminentemente popular:

1
Que é a Poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos
os lados.

2
Que é o Poeta?
um homem
que trabalha o poema
com o suor do seu rosto.
Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem JSC p. 11

Uma análise que deve sair da órbita de possível brincadeira para ser considerada como de antiesclerose nas conotações dos seus linossignos, exuberantes e expressivos. Um exame que o focaliza, de maneira idônea, na alta missão de nos mostrar porque necessitamos de nos entender em uma nova concepção de paz e amor. A arte jamais se entrega em atomização

para se descompreender de ver e considerar em verdades como esta:

Que adianta o Céu de todos
se a terra não? JSC p. 28

Tudo foi real em CASSIANO RICARDO. Um poeta do sentimento universal. Um poeta sem mito, cheio de humanidade, como nestes versos de gravidade e de compromisso "com o sol/com o solo/ com o subsolo":

O céu sobra.
Cada um de nós um dia sobra.
O que não sobra é terra
na Terra (mundo que soçobra).
Onde se come terra.
Como a íbis
come cobra.
Onde o sino dobra. JSC p. 99 e S.

Morto fisicamente está o grande CASSIANO RICARDO, poeta de um mundo só. Vivo, no entanto, há de continuar no inestimável serviço às lições que nos deixou sobre o caminho da Humanidade em uma nova concepção de mundo sem espasmos trágicos e confinamentos espúrios.

E na verdade, como poeta de um mundo só, no final glorioso de sua grande vida, cheio de esperança na melhor confraternidade do amor, ao próximo e fé em Deus, nessa álgebra de visualizações dos signos, dentro dos movimentos de rotação e translação, de nós se despediu nesta certeza humana e fraterna, em ritmo universal:

7 rotações:
7 cidades
. . . . . .
a cada rotação
uma cidade
que a máquina
de combinar
palavras
forma
. . . . . .
algum dia
uma última ro-
tação desespe-

rada extrema
e quem sabe?
a cidade
de todos
meu poema. JSC p. 25 e S.

Está claro: para CASSIANO RICARDO a sua poesia foi a de um mundo só em alma, coração, fé em Deus, paz e amor ao próximo. Sua poesia hoje, amanhã e sempre, honra o Brasil no sentido de que o homem é que constrói o mundo, com o suor de seu rosto, numa forma de autonomia e participação da cultura.

Em seu mundo de tempo poético, pois, CASSIANO RICARDO foi homem de visão universal, realmente lúcido, seguro e aplaudido entre os ilimitados roteiros da estética contemporânea e os fabulosos domínios da criação artística.

SIGLAS DOS TÍTULOS DE LIVROS MENCIONADOS

De Cassiano Ricardo:

Meu Caminho Até Ontem — MCAO

Antologia Poética Cassiano Ricardo — APCR

Jeremias Sem — Chorar — JSC

De outros Autores:

Estudos Sobre a Poética de Cassiano Ricardo — ESPCR

TRABALHOS CONSULTADOS OU CITADOS

De Cassiano Ricardo:

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE POÉTICA DE VANGUARDA, livraria JOSÉ OLYMPIO, Editora, Rio, 1964.

22 e a POESIA HOJE, Ministério da Educação e Cultura, 1964

VANGUARDA E AUTONOMISMO, Cadernos Brasileiros, nº 24, julho e agosto, 1964.

A EXPEDIÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA

— João NOGUEIRA DA MATA

(Do livro **"A AMAZÔNIA NA HISTÓRIA, inédito)**

Em 1636, frades franciscanos, com um convento em Quito, entenderam de proceder à catequese de silvícolas que existiam além do Aguarico. À frente de seu apostolado trouxeram João de Palácios. Não foi dos mais felizes, porém, o contato com os **"Encabelados"**, assim conhecidos porque usavam os cabelos compridos até às ancas. Estes, pela rebeldia, mereceram severa advertência, e um deles chegou a ser surrado na presença dos demais componentes da tribo. Enfurecidos com o castigo dos brancos, procuraram vingar-se de maneira bárbara. João de Palácios foi morto e espostejado, em reprimenda pelo ato de violência cometido.

Dos homens que integravam a missão de catequizadores, uns retornaram a Quito, de onde haviam procedido, e outros desceram o Rio Amazonas, com destino a Belém do Pará. Eram esses, além de vários naturais, navegando em frágil canoa, seis soldados e o português Domingos Fernandes, que, exímio conhecedor da região, tudo fez para comprovar a existência do **Eldorado,** não muito distante. Viajaram também com o pequeno contingente os irmãos leigos Domingos de Brieba e André de Toledo.

Tais homens, após quatro meses de viagem, aportaram a Gurupá, a 5 de fevereiro de 1637, completamente estropiados. Recebeu-os, ali, o capitão João Pereira de Cáceres, comandante do forte. Daí, já refeitos dos revezes, prosseguiram em direção de Belém, onde chegaram, despertando a atenção geral.

Levados à sede do Estado do Maranhão e Grão-Pará, ali tiveram oportunidade de avistar-se com o governador, Jácome Raimundo de Noronha. Conquanto existissem ordens réglas, muito anteriores a tal ocorrência, no sentido de um devassamento no domínio dos espanhóis, o governador permanecera até então em silêncio. Ponderosas razões concorriam para isso. Primeiro, a ilegal posição à testa da administração, que usurpara de Francisco de Carvalho. Era voz corrente que, em vez de expedição militar, devia o governador — às voltas com dificuldades financeiras — cuidar da defesa do litoral, enxameado de piratas estrangeiros. E desfalcados, como estavam, de tropas — comentavam os descontentes — fácil seria o assalto dos holandeses, já detentores de parte do Nordeste.

Sopezadas todas essas razões, sem dúvida muito delicadas, houve por bem Jácome Raimundo de Noronha autorizar a viagem de inspeção às terras distantes. Como era de esperar, a notícia da ida da Expedição ensejou veementes comentários de combate ao governo, quer na sede, no Maranhão, onde se encontravam as principais autoridades, quer em Belém do Pará. Além de tais correntes de opiniões, visivelmente hostis, vários outros obstáculos surgiram com referência ao aliciamento de homens para a formação dos escalões.

Felizmente, para o comando geral, designou Jácome Raimundo de Noronha o capitão Pedro Teixeira, de relevantes serviços já prestados e profundo conhecedor da região. Logo em 1616, coadjuvado por Gaspar de Freitas, dera combate a pequena esquadra holandesa que bordejava nas proximidades do Forte do Presépio. Comissionado por Francisco Caldeira Castelo Branco, fôra por terra ao Maranhão — com o élan do pioneirismo — para comunicar o resultado dos trabalhos em Belém. Em 1625, com a cooperação de aborígenes já chamados a civilização pelos franciscanos, destruira feitorias e redutos no Xingú. Adentrara-se, logo em seguida, no Tapajós, em proveito da "limpeza" planejada. Em 1628, à vanguarda de uma Tropa de Resgates, subira o Rio Amazonas, contando com Bento Rodrigues de Oliveira. Em 1629, incansável na luta, atacara a feitoria e a casa forte de Torrego, na ilha de Tocujús, com a rendição incondicional de James Purcel, irlandês, comandante daquela praça.

Entusiasmado, uma vez mais, pelo empreendimento, qual o subir o Rio Amazonas do estuário às fronteiras, onde dominavam os hispano-americanos, concorreu inclusive com dinheiro de sua fazenda e foi em busca de bugres do Tocantins. Outros homens, igualmente experimentados, reforçaram o contingente: como piloto, versado em **língua geral**, o sertanista Bento da Cos-

ta; mestre de campo, Bento Rodrigues de Oliveira, no posto de coronel; sargento-mór Felipe de Barros Cotrim; capitães Pedro da Costa Favela e Pedro Baião de Abreu; o padre Agostinho das Chagas e o **capelão,** frei Domingos de Brieva. Em companhia deste seguiram também quatro homens, que participaram da guarnição que desceu com os franciscanos de Quito.

A Expedição, nada obstante os obstáculos levantados, ficou assim constituída: 47 canoas, em que se acomodaram cêrca de 2.000 pessoas — oficiais, mulheres, crianças e nativos — das quais 170 soldados e 1.200 ameríndios flecheiros.

Tomadas todas as providências sobre a viagem, inclusive de munições e víveres, partiu a Expedição do porto de Cametá, a 26 de outubro de 1637, com ligeira escala em Gurupá. Embarcações movidas a remos ou vogas, pela força de braços vigorosos, contra a corrente do Rio Amazonas, tornando-se por isso vagaroso o deslocamento das mesmas. Nas primeiras semanas, tudo muito bem. Consoante o depoimento de Artur Reis, "foram reconhecendo detidamente o oceano fluvial, anotando-lhe as mínimas particularidades, os usos e costumes das centenas de tribos povoadoras, seus instrumentos de guerra, índole pacífica ou belicosa, a fartura em que viviam, a exuberância do solo, o extraordinário tamanho das árvores, de altura tão assombrosa que lhes pareceu, exageradamente, tocando as nuvens. Nada lhes escapou. Os afluentes do Amazonas ficaram assinalados. A angustura de Óbidos trouxe-lhes a idéia de ser aproveitada numa fortificação para cortar a empreitada dos holandeses ou outros concorrentes, no caso de se atreverem ali passar no rumo de Quito".

Com o transcurso do tempo, porém, e em face de um mundo verde que parecia não ter fim, surgiram os primeiros sintomas de desânimo. Homens rústicos, pouco afeitos à disciplina dos tombadilhos, passaram a manifestar-se contra a longa viagem.

Foi nesse interregno que acudiu a Pedro Teixeira a idéia de colocar à vanguarda da Expedição — idéia que pôs logo em execução em 27 de fevereiro de 1638 — o bravo coronel Bento Rodrigues de Oiveira, numa flotilha de oito canoas, encarregado de proceder à exploração das margens, nos pontos onde iriam passar os expedicionários, e de colocar sinais — segundo instruções de Pedro Teixeira — nos lugares que não oferecessem qualquer perigo.

Hábil na execução de tais recomendações, Bento Rodrigues de Oliveira — auxiliado por Pedro da Costa Favela e Pedro Baião de Abreu — levou a bom têrmo o trabalho de perscrutação. Conseguiu acolhimento, quanto possivel, dos habi-

tantes das margens, sobremaneira voluntariosos, e evitou complicações com aqueles que execrassem qualquer contato com civilizados. No encontro do Napo com o Aguarico — provável lugar em que foi trucidado João de Palácios — deixou a maior parte de seus comandados. Mais adiante, em Paiamino, refez-se de fadiga. Na cidade de Baeça, após cinquenta dias de árdua caminhada, recebeu as primeiras homenagens do presidente da Real Audiência de Quito, do bispo e de outros dignitários eclesiásticos.

Em perfeita ordem, graças ao zêlo dos citados homens de vanguarda, encontrou-se Pedro Teixeira com seu colaborador Bento Rodrigues, de Oliveira, em Pupas, que distava cinco léguas de Quito. Muito antes de encontrar com a Expedição naquela cidade — ao que esclarece Artur César Ferreira Reis — "um cortejo acompanhou-o por entre as mais vivas demonstrações de carinho, à sede da Real Audiência. Organizaram-se festas, corridas de cavalos, touradas, em homenagem aos indômitos sertanistas".

Da extraordinária façanha tomou conhecimento, através de uma carta do presidente da Real Audiência e de um **plano** de Bento da Costa, o vice-rei do Peru em Lima, conde de Chinchon, D. Luis Jeronymo Fernandez de Cabrera, que, em conselho com pessoas idôneas, achou oportuno o regresso, em caráter urgente, de Pedro Teixeira a Belém do Pará. Amplas garantias lhe foram dadas, além de alimentos em quantidade suficiente. Dois emissários espanhóis o acompanharam, frei Cristóvão da Cunha e frei André de Atierda, a fim de informarem o Conselho das Índias. Convidados também seguiram, para a fundação de um Convento, em Belém, frei Pedro de La Rua Cirne, frei João da Mercê, frei Diogo da Conceição e o superior dos três, frei Afonso de Almeijo, da Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês. O superior, frei Afonso, e um dos companheiros morreram em caminho. Em Belém, frei Pedro de La Rua Cirne deu cumprimento à sua missão, lançando as bases de um Convento.

A Expedição iniciou o regresso à sede do Grão-Pará à 16 de fevereiro de 1639. Não pela Estrada de Paiamino — porque outra melhor desvendara — mas pela cidade de Archidona, e assim atingiu o Napo. No encontro deste com o Aguarico, fez pousada. Era ali também acampamento de Pedro da Costa Favela. A essa altura dos acontecimentos, já havia desaparecido o bom entedimento com os **Encabelados.** Estes, pela agressividade, foram punidos pelo destemido perlustrador de sertões. Pedro Teixeira, por sua vez, não só procurou prestigiar o companheiro resoluto, mas ainda mandou passar pelas armas vários outros selvagens. Depois de colocar os subordinados em segu-

rança, providenciou sobre a fundação, solenemente, do povoado de FRANCISCANA. Era 16 de agosto de 1639. Fundou-o em nome de Felipe IV, para a corôa lusitana. Não nos esqueçamos que estavam aqueles sob o jugo espanhol. Da fundação foi lavrada ata, que recebeu assinaturas dos principais integrantes da Expedição.

Em seguida, pôs os expedicionários a caminho, navegando com a necessária cautela em momentos que tais. Ainda encontrou silvícolas dispostos a entreveros, mas deslindou-se deles com argúcia. Finalmente, a 12 de dezembro de 1639 aportou a Belém do Pará, onde foi recebido por entre entusiásticas demonstrações de simpatia. Os frades da Ordem das Mercês ficaram em Belém, às voltas com os trabalhos de fundação de um Convento.

Quando chegou ao Maranhão — último estágio de sua jornada — não era mais governador Jácome Raimundo de Noronha. Substituira-o Bento Maciel Parente, que, todavia, acolheu o grande expedicionário em condições honrosas. Comprovando tal deferência, toda especial, condecorou-o como **Capitão-Mór** do Grão Pará. Esquecida das restrições, que lhe fez, por ocasião da partida, a população homologou essas homenagens.

Cristóvão da Cunha, que servira de escrivão, continuou a viagem até à Espanha, em cuja côrte logrou entregar o Relatório de que era portador. Realmente, conforme instruções recebidas, ao ser designado pelo conde Chinchon, expôs perante o douto Conselho das Índias o que assistira durante a longa excursão pelo Rio Amazonas. Extrapassou de tal incumbência, sugerindo que essas terras distantes fossem colonizadas.

Além de entrar em pormenores sobre a colonização, de real proveito para a Espanha, Cristóvão da Cunha teceu importantes comentários em tôrno da viagem, propriamente. Encheu-se de entusiasmo pela excessiva quantidade de **tartarugas** nas praias. Descreveu com algumas minúcias a **viração,** que se tornou exeqüivel até os dias atuais. Pôs em destaque a denominação do Rio Negro, que àquele tempo era o **Curiguacunã,** ou **Uruna,** segundo a versão dos Tupinambás. Também aludiu ao Madeira, ainda conhecido como **Caiarí.**

Curiosa a observação que fez a propósito dos ameríncolas **Puaiazís** e **Mutaiús.** Estes de "pés colocados em posição oposta à habitual, para que seus rastros não favorecessem o inimigo, que os procurassem", e aqueles "anões tão pequenos como meninos de mui pouco tempo". Referiu-se também às Amazonas, que tinham por sede "o morro escalvado de Icamiaba". Manifestando-se contra o apresamento da **bugrada** dos beiradões — dí-lo com certa ênfase — foi integralmente atendido.

Esse Relatório de Cristóvão da Cunha — como é conhecido de todos — iria transformar-se, como se transformou, no livro **"Nuevo Descubrimento Del Grande Rio De Las Amazonas"**, lançado em Madri, em 1641. Devido à política de sigilo adotada pela Espanha, com referência ao descobrimento e à colonização de terras na América do Sul, seguida também por Portugal, esse livro teve sua edição confiscada. Meia dúzia de exemplares, todavia, escapou do contrôle do governo.

Pois bem, anos depois — tal como desconfiavam as duas nações — um de tais exemplares foi entregue a Mazzarino, a fim de que, com o poder de que dispunha, colocasse em execução um plano de colonização dessas terras. Tal iniciativa deixou de ser tomada com a extinção do domínio espanhol sobre Portugal.

Com o feito memorável de Pedro Teixeira, repetindo, em condições ainda mais audaciosas, a aventura de Francisco Orellana, estavam as vias fluviais da Amazônia franqueadas aos lusitanos. Em 1647, João Bittencourt Muniz transpôs o Jari. Antonio Arnau Vilela, em 1663 chegou ao Urubu. Em 1669, Gonçalo Pires e Manuel Brandão desvenderam as especiarias no Tocantins. Em 1722, a 11 de novembro, Francisco de Melo Palheta subia o Rio Madeira, no desempenho de importante missão fiscalizadora.

De quanto fica dito se dá conta que a Expedição de Pedro Teixeira, de 1637 a 1639, determinou a arrancada dos portugueses para a bacia amazônica. Desvendou-a em caráter compulsório, para a ocupação definitiva. Desencadeou também guerra de extermínio ao gentio, só abrandada com a interferência das Missões Religiosas.

A N T I G O

(para a Revista da AAL)

Jorge Tufic

A tarde assim de luas ventilada
me alegra o peito em súbito alvoroço.
Devo morrer também, volver ao nada,
luz de mim que se extingue em carne e osso?

Tarde azul que me levas quando moço
pelo Atlântico ameno, és celebrada
desde que a solidão, me abrindo o poço,
deu-me fuga nas rosas de tua estrada.

Tenho o rosto disperso em teus ocasos,
as mãos gastas na busca desta essência
que se levanta agora dos teus vasos.

Nestas mortes reluto e me acrescento,
e as sombras que sacudo da existência
são partes do teu sangue e do teu vento.

CASTRO ALVES, O ABOLICIONISTA

Moacyr ALVES

(Estudo apresentado à Academia Amazonense de Letras, por ocasião do Centenário de morte de Castro Alves — Manaus 6.7.1971).

Reverenciamos, neste dia, a figura de um jovem que foi capaz, aos 24 anos de idade, de impressionar este país em todos os seus quadrantes, e o abala ainda, cem anos após sua morte. Falo-vos de Antonio de Castro Alves.

Sua vida e obra literária têm sido alvo de milhares de páginas, vistas sob os mais diferentes ângulos. Admiradores e atassalhadores seus, já o analisaram fartamente.

A mim, nesta noite, refreando a vontade imensa de revelar toda a sua genialidade, cabe a missão de ostentar uma faceta do seu curto viver — Castro Alves, o Abolicionista.

x x x

Não posso deixar de proclamar, desde agora, uma paixão permanente do homenageado. Diz Jorge Amado: "este cuja história vou te contar, foi amado e amou muitas mulheres. Vieram brancas, judias, mestiças, tímidas e afoitas, para os seus braços e o seu leito. Para uma, no entanto, guardou ele suas melhores palavras, as mais doces, as mais ternas, as mais belas. Essa noiva tem um nome lindo liberdade."

Eis os versos primorosos com os quais o poeta a exalçou:

"Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço, e as brisas forasteiras

No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — liberdade peregrina!
Espôsa do porvir noiva do sol!..."

Ainda Jorge Amado nos ensina que sua poesia e sua vida ele as dividiu entre o amor e a liberdade.

x x x

Careço recuar à infância do primoroso vate, para encontrar, ali, o alicerce desse acendrado amor à liberdade. Alguns vultos o impressionaram acentuadamente:

1 — Leopoldina, a mucama que o embalou e relatou-lhe histórias dolentes de sua raça espezinhada. Dessa negra humilde, segundo Oliveira Ribeiro Neto, Castro Alves "recebeu o leite que lhe daria a fôrça vital, e, nas histórias e cantigas que lhe ouviu, a caudal luminosa da inspiração poética de OS ESCRAVOS".

2 — Seu avô, Major José Antonio da Silva Castro, herói da Independência da Bahia, à frente do batalhão dos Periquitos, companheiro dos que lutaram em Cabrito e Pirajá. Deu-lhe a inspiração para a famosa e arrebatadora ODE AO DOIS DE JULHO. É possivel, pelo milagre do pensamento, divisarmos o poeta descrevendo o que o avô relatara:

"Era no dois de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
— Neste lençol tão largo, tão extenso,
Como um pedaço rôto do infinito
O mundo perguntava erguendo um grito:
— Qual dos gigantes morto rolará?"

A sua ideia que era a mesma do avô, vem a flux nestes versos sublimes:

"Não! Não eram dois povos que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente à escravidão."

3 — A figura suave e delicada de Clélia Brasília, sua mãe.
4 — A influência cultural de seu pai, Dr. Antonio José Al-

ves, mestre renomado da Faculdade de Medicina da Bahia, duas vezes condecorado pelo Império.

5 — Sua tia Pórcia, ousada mulher que viveu segundo o coração.

6 — O tio, Alferes João José, Alves, grande nacionalista.

7 — Seu colaço Gregório, companheiro dos folguedos juvenis e, na mocidade, seu pagem.

8 — Júlia Feital, a que morrera assassinada com uma bala de ouro cravada no coração e confeccionada para esse fim.

9 — O eminente professor Abilio César Borges. Todos eles ajudaram-no a escalar os píncaros jamais atingidos por outrem.

Pórcia o impressionaria enormemente. Relato-vos, em síntese, passagens de sua vida, segundo Jorge Amado:

"Ela sentia um estranho frio no corpo e no coração toda vez que seus olhos negros cruzavam com os olhos inquietos de Leolino Canguçu. Sentia-se arrastada para ele e um tremor a percorria toda, cada vez que encontrava os olhos dominadores de Leolino. Não podia amá-lo, que uma donzela de boa familia não pode levantar os olhos para um homem casado por mais belo e sedutor que ele seja." "Leolino há pouco se casara. Fôra um casamento de familia e a sua mulher não tinha nos olhos a doçura e as promessas de amor que tinha nos seus a menina dos Castros. Pórcia bem sabia que há uma lei de honra no sertão e que um homem só pode possuir uma mulher desde que lhe dê no casamento o seu nome. Sabia também que, quando rompida, essa lei era barbaramente vingada. Mas que era tudo isso diante dos olhos de Leolino? Que valem as leis diante do amor?"

"Deitada na rêde de tucum, perdida nas suas divagações, enquanto as outras moças divertiam-se a dançar no interior da casa. Pórcia encontrava-se na varanda a contemplar o luar. Nem sente os passos que se aproximam, nem ouve a respiração precipitada. Mas quando os lábios atingem os seus e os prendem num beijo demorado, ela advinha que aquela só pode ser a bôca de Leolino. Quando ele diz que a ama é que Pórcia se recorda da Lei do sertão. Lembra-lhe a espôsa, os pais, as familias. Mas ele a beija de novo. E combina a fuga.

"Na viagem de regresso ao lar paterno, Pórcia é raptada por Leolino. Seus cabras rapidamente manobram os clavinotes e imobilizam os homens de Luiz Antonio. Feliz, esperando aquêle momento, Pórcia deixa-se levar.

"Não houve festa na casa dos Castros quando a caravana chegou relatando o ocorrido. O Major Silva Castro deixou que as filhas chorassem, que a espôsa se desesperasse. Seus olhos não tiveram uma lágrima, sua bôca uma palavra. Foi buscar na

arca seu velho sabre de campanha, juntou o irmão, os parentes próximos, aceitou a aliança dos Mouras e dos Medrados, famílias que odiavam os Canguçus. Começou a guerra.

"Num dia em que Leolino e Exupério, a mais respeitada pontaria das caatingas partiram para a realização de um negócio, certos de que a calma reinante seria demorada e que os Castros já desistiram da vingança, a tragédia ocorreu. Pórcia brincava com o lindo filhinho. Inesperadamente irrompe o tiroteio. Ela chega à porta, vê os capangas que resistem ao ataque mais vê também que os inimigos são muitos, seu pai à frente deles, chamuscado pela pólvora. Toma o filho, tenta partir pelos campos. É tarde porém. Os homens dos Castros, dos Mouras, dos Medrados, invadem a casa, destroem tudo o que encontram. Pórcia vê rostos conhecidos que estão agora endurecidos. Querem levá-la. Ela resiste. Seu pai não pronuncia uma única palavra, não a olha sequer. Manda que a levem, e ela então se desprendendo dos braços que a seguram parte para o quarto de onde volta com a criança. Apresenta ao Major Silva Castro seu neto. Suplica-lhe piedade. A criança ri. Os Mouras, os Medrados, os cabras se afastam, deixam que o pai a filha e o neto decidam. Mas é preciso cumprir a lei do sertão e aquêle filho ilegítimo será sempre um insulto à honra dos Castros. O Major faz um sinal aos cabras, eles tomam a criança, e à vista da mãe que enloquece, retalham-na a facão!"

x x x

"Foi nesse ano trágico para a familia dos Castros, que Clélia Brasilia voltou à fazenda de seu pai para ter o segundo filho". Nos poemas de Castro Alves, muitas vezes, a dor imensa de Pórcia é refletida.

Muito amou o vate, essas figuras da sua infância, como haveria de amar aquele turbulento irmão de seu pai, que se chamava João José Alves e era o mais conhecido agitador que andava sôlto nas ruas da Bahia.

Permiti-me um pequeno relato a mais, para gizar a influência desse tio, na vida do grande condoreiro.

O Brasil deixara de ser colônia, havia bem pouco tempo. Os ânimos ainda estavam exaltados e tudo que lembrava Portugal como dominador tinha para os brasileiros um sabor de insulto.

Numa noite festiva, o teatro São João, na Bahia, abrigava toda a familia Alves. Presente também, o presidente da província. Casa lotada.

"No cenário agora totalmente visivel o primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, descia da caravela para a terra nova. Aos seus pés os índios se curvavam em quase adora-

ção. Os olhos todos estavam fitos no cenário. Houve mesmo camarotes um começo de palmas à beleza da realização do cenarista e aos atores que entravam em cena. Mas das torrinhas veio uma voz de estudante que gritou: Fora! O Brasil se inclinando ante Portugal. Fora! Outra voz exclamou: isso é um insulto...

"E, de repente, do camarote da familia Alves um homem pula no palco. É o Alferes João José Alves. Leva um punhal na mão. Seu punhal alcança o peito de Tomé de Souza, o cenário se rasga, as punhaladas se sucedem. Agora os estudantes e o povo das torrinhas aplaudem entusiasticamente. É um novo ator que está no palco. O nacionalismo dos brasileiros que enchem o teatro, explode. O cenário está reduzido a tiras, os artistas fugiram do palco. O presidente da província retira-se do camarote considerando-se agravado com o sucedido. Mas o povo o vaia, diz que ele está vendido aos portugueses, que não é brasileiro, não sente a liberdade. Ele manda que a tropa faça fogo sobre o povo, o Alferes João José Alves atira longe seu punhal, grita para os soldados:

— Terão coragem de atirar sobre seus irmãos?

"Atrás dele, de peitos descobertos para as balas dos soldados estão dezenas de homens, populares e estudantes. Os soldados não atiram, deixam que a multidão se jogue para a rua e organize passeatas de protestos, comícios, um princípio de revolta."

x x x

"O menino Castro Alves volta para a casa de olhos incendiados. Jamais vira coisa tão bela com seu tio de punhal na mão pulando sobre o palco para rasgar o cenário insultuoso ao seu povo."

Senhores, com João José Alves, Castro Alves aprendeu que a liberdade é o bem supremo, e que é conquistada pelo povo, nas ruas.

Aquele espetáculo do teatro São João jamais seria obnubilado. Anos depois, o menino de então se ergueria à frente do povo, e haveria de ser "quem o levantaria com a sua voz, quem o atiraria para a frente, para as maiores conquistas da época: a liberdade dos escravos e a República. E o sobrinho do alferes João José Alves que retomava o caminho do tio, não trazia um punhal na mão. Sua arma era outra, mais terrível que o punhal, mais mortal que os arcabuzes. Igual ao rifle, à metralhadora e ao punhal, a poesia é também uma arma do povo."

Em Recife, ele iria gritar a plenos pulmões, por entre patas de cavalos e sabres de policiais, este canto que ainda hoje ressôa:

"A praça, a praça é do povo

Como o céu é do condor."

"Ah a liberdade! Sonho de Castro Alves, sua noiva, irmã e amante. É a palavra que tem mais gasto na sua poesia, a que vem cercada de adjetivos mais lindos, a que merece mais belos versos. Nenhuma mulher, nem Leonidia nem Ester, nem Eulália nem Agnese, nem mesmo Eugenia Câmara merecem dele tão prodigiosas imagens, frases de tanto amor.

"Não sabia ele entregar-se a uma ideia sem o fazer totalmente. Não separava a sua vida da sua obra. Não deu à liberdade apenas uma parte de si mesmo. Deu-se todo, viveu em função das causas que defendeu."

Gostaria de repetir, neste momento, palavras usadas por mim na comemoração de um outro centenário: o homem só executa alguma obra meritória, quando à mesma está prêso o seu coração. Os mercenários, por isso, jamais se sobressairam. O homem que não ama não constroi. E se edificar, o tempo arrasa com o seu feito.

Porque amou a liberdade, Castro Alves, é e será lembrado. Ele é mesmo cognominado o poeta da liberdade. "Cronologica e espiritualmente, coincide a elaboração de sua poesia com o período de ressurgimento democrático assinalado por Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha. Nele, a liberdade amplia as asas e, atravessando rios selvagens, cordilheiras, cobre a terra americana; esplende como coluna de fogo num momento de exaltação à independência da Bahia; coroa de um halo de heroismo, imperecivel, a fronte de Gonzaga; procura ser o ácido que vai dissolver os ferros do escravo; sonha com a madrugada republicana."

Ruy Barbosa teve intuição genial do problema, ao proclamar: "pulsa a liberdade até nas suas canções de amor. A liberdade infiltra-lhe os versos como sangue vital e arcabouça-lhe o ritmo em cimento e esqueleto."

O inigualável poeta sentiu que "a liberdade de uma raça fundada na servidão de outra é a mais atroz das mentiras; percebeu que a história da nossa emancipação nacional estava incompleta sem a emancipação do trabalho, base de toda a nacionalidade; e fêz da conjuração de Minas o bêrço não só da nossa independência como da libertação futura das gerações condenadas ao cativeiro pela política dos nossos colonizadores e pelos interesses dos traficantes. Não mais escravos! Não mais senhores! Liberdade a todos os braços, liberdade a todas as cabeças é o brado que reboa a alma flamejante de Gonzaga; é a nota perene de toda a obra poética e dramática de Castro Alves."

Esse fascínio pela liberdade conduziu-o, expontaneamente, à luta sem tréguas contra a escravidão. Não poderia combatê-la, não houvesse, antes, estagiado na universidade da liberdade.

Devo assinalar, por outro lado, uma característica do meu conterrâneo, que o tornou quase idolatrado nos seus dias de vida: o porte físico e o poder de sua voz.

Não há negar a influência sobre o povo, entre a figura de um homem viril e belo, e a de um Quasimodo.

Diz-se: "toda gente que ouvia Castro Alves tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e simpática pessoa do jovem acadêmico mais um semideus de que um poeta, menos um poeta que um vidente. O auditório sorria ou chorava, permanecia mudo pela emoção fortíssima ou prorrompia em bravos entusiasmos."

x x x

Como todo jovem, deixou-se influenciar por pessoas e correntes culturais. Há quem sustente ter exercido Victor Hugo uma influência enorme sobre sua personalidade.

Ruy Barbosa entendia que "as influências de Victor Hugo se registraram na vida de Castro Alves como traços acidentais. O que faz a sua grandeza, são essas qualidades, superiores a todas as escolas, que, em todos os estados da civilização, constituirão e hão de constituir, o poeta, aquele que, como o pai da tragédia grega, possa dedicar as suas obras ao tempo: sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensamento da sua época".

Homem que marcou sua passagem pela terra de maneira extraordinária, o ilustríssimo bahiano é combatido e admirado, considerado o maior abolicionista, e acusado de não se haver dado à causa abolicionista.

A propósito, ouçamos ainda Ruy Barbosa: "aventuram que ele lhe dedicara uma parte comparativamente insignificante de sua vida. Não é dificil, porém, demonstrar que, pelo contrário, essa ideia sempre o absorveu quase totalmente; que da sua existência ele empregou a mais extensa quadra, a melhor razão e os mais abençoados frutos nesse pensamento imortalizador".

E conclui a Aguia de Haia: "Eis o que eleva Castro Alves à altura de um poeta nacional, e bastante eminente para representar uma grande manifestação da pátria; é que a arma da sua poesia é a aspiração culminante do país. Nos seus cantos geme pela liberdade o passado, pugna o presente, e triunfa o porvir."

Assim podia falar Ruy Barbosa, porque juntamente com Castro Alves e outros, em Recife, funda uma sociedade aboli-

cionista, sociedade para ter ação direta, para agitar o problema de todas as maneiras, nos jornais, nas tribunas, nos "meetings". E para fazer mais que isso: para dar guarida e destino aos negros fugidos Jamil Almansour Hadad é incisivo: "Em Castro Alves apresentam coerência plena a atitude da vida e a ideologia da obra, constituindo vida e obra a mesma unidade, a mesma vida. O ideal abolicionista é nele simultaneamente, arte e emoção. O tribuno aí é o homem do proselitismo e da catequese. Ação quando funda uma sociedade abolicionista no Recife; ação a sua carta de moribundo às senhoras bahianas; ação a sua solidariedade a José Bonifácio, o Moço, quando do golpe de que resultou a queda do gabinete liberal; ação em suma a sua poesia pragmática, tonitroantemente recitada pelos teatros e salões do tempo."

Hadad ainda afirma: "houve e há quem não veja Castro Alves como abolicionista. Citado ou não como poeta da abolição, é fora de qualquer dúvida que a florescencia de poetas menores que vai pugnando pela libertação dos cativos, toda ela deriva de Castro Alves, bebe em seus versos o acento retórico, o delírio das antíteses, a tendência para o extravasamento metafórico, a verbosidade tonitroante."

Valho-me, ainda, dos conceitos de Antonio da Cruz Cordeiro Junior: "Anti-escravagista convicto, se a Bahia se recorda com orgulho do jovem Castro Alves, não é por ter sido um grande poeta, como Casemiro de Abreu, como Junqueira Freire e Alvares de Azevedo, o maior vulto desta geração; mas sim porque, como Cooper, representante da verdadeira nacionalidade americana, ele foi o apóstolo ardente da mais santa das causas de uma pátria livre: a emancipação dos escravos."

Jorge Calmon escreveu: "de fato, não há, hoje, quem, por menos sensivel às harmonias poéticas, possa negar aos versos de Castro Alves uma admiração irrestrita. Todos os entendem, a todos eles encantam no seu delicado lirismo, ou comovem e empolgam, quando sua linguagem é a apóstrofe lançada contra o êrro social.

"Único entre todos os poetas, não envelheceu: está presente e vivo. O povo o ama. É o seu ídolo. Reconhece a voz que se levantou, muito antes, com a antecipação divinatória dos gênios, as bandeiras das ideias de redenção."

Gustavo Martins também depõe: "A obra do grande aedo nacional é um monumento. Sobretudo, no que tange ao esplendor das concepções, que se dilatam, no espaço e no tempo, como esferas de luz que se projetam na alma agradecida dos pósteros. É que, de envolto com o talento fora do comum, nutrira Castro Alves aquela flama generosa de solidariedade humana,

sofrendo os anseios dos escravizados, dos desherdados da sorte, martirizados pela própria inconsciência do direito de existencia livre."

"Há, pois alguma coisa de sublime na sua grande obra. Porque, há nos seus poemas sociais, profundo sentimento humano, nascido de uma alma ainda em flor, mas devotada ao sofrimento alheio, com acentos comovedores de ternura e de amor, dada a compaixão com que se voltara para o escravo, cujo martírio sem fim seria o único motivo de exaltação, senão ainda de heroismo. Castro Alves fora um privilegiado. Porque, sendo um grande poeta, fora, acima de tudo, o nosso poeta maior. Acreditava no homem como parcela da vida, mas elo preciso da cadeia humana. Mas no homem livre. Sem grilhões, fossem quais fossem. Com liberdade de viver e de agir."

"É lícito pois sustentarmos a tese de que Castro Alves não teve precursores para as suas ideias. Sobretudo, no que respeita aos seus impulsos emancipadores." "Quando um homem aos dezesseis anos apenas, já se revela com tamanha precocidade, fôrça não há, por mais destruidora, que logre sobrepor-se ao ímpeto das criações eternas. Quem teve a fortuna de moldar poemas sublimes como "Vozes d'Africa" e o Navio Negreiro", com brados decididos, com poder de persuasão, sobretudo tocados daquele sôpro profético, é mais, muito mais que um poeta, para ser em justa expressão, um apóstolo."

Escutai, amigos, este depoimento consagrador: "não faz muito, num grande cenário, refere o imortal Afrânio Peixoto, na Sorbone, em Paris, o Professor Georges Le Gentil proclamava que a América contribuira com duas obras para a literatura universal: a "Cabana de Pai Tomaz", de Beecher Stowe e a "Cachoeira de Paulo Afonso" de Castro Alves. É a consagração serena e luminosa da posteridade."

O Departamento de Pesquisas do Jornal do Brasil fornece-me este subsídio valioso: "Castro Alves é um dêsses raros escritores cuja glória começa com a própria carreira. Aos 13 anos, impressiona seus professores do Ginásio Bahiano pela habilidade demonstrada ao traduzir Horacio. Aos 15, seu talento poético oratório deslumbra os colegas de Recife. Aos 20, merece um elogio estusiástico de José de Alencar. Aos 21, é um ídolo da juventude acadêmica de São Paulo. Aos 23, os críticos o consideram um grande poeta nacional"

Assim foi o homem.

x x x

Em 1947, quando a Bahia ante o altar cívico erigido comemorava o centenário de nascimento do seu querido filho, uma homenagem lhe foi prestada, e que eu desejo reproduzir na ín-

tegra: "Manifestam-se os Pracinhas. Lutaram pela Liberdade que Castro cantou. — Como combatentes, soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira que, nos campos de batalha da Italia, lutamos contra a Tirania e pela Liberdade e Honra da Pátria e do nosso Povo, queremos, nesta oportunidade, manifestar o nosso respeito e admiração ao "Poeta das Américas", jovem como nós e que usando da pena e dos versos, como nós das armas, lutou pelas liberdades democráticas e pela República contra a Escravidão e pela Independência Nacional. Como cantor de nossos heróis populares, Castro Alves foi o paladino da Democracia e se hoje vivo fôsse seria o cantor dos feitos de Monte Castelo, Castel Nuovo, Monteses e Soprasasso. Em memória, pois, dos companheiros tombados na luta e sepultados em Pistoia, os ex-combatentes bahianos participarão com entusiasmo das festividades em homenagem a Castro Alves, o Poeta da Liberdade".

x x x

Necessito, antes de deixar esta tribuna, trazer-vos um pouco, que seja, da obra abolicionista do "altíssimo poeta".

Era comum, em Recife, no salão nobre da Faculdade de Direito, a realização de conferências para estudo de temas do momento. Havia, no ano de 1865, uma inquietação geral. Rapaz dos seus 17 para 18 anos, calouro ainda, haveria Castro Alves de fincar um marco divisório na velha Faculdade que vai ter, d'agora em diante, "o tempo dividido entre antes do dia em que o vate declamou o Século, resumo da tirania sobre o mundo dominado, grito de esperança na liberdade que há de vir, e depois desse dia. Foi como se uma luz brilhasse de repente."

"Um jovem se levanta, a fronte pálida, a cabeleira negra. Sua voz forte e vibrante corta toda a sala, atinge cada canto, ressoa em cada inteligência e cada coração. Vem falar sobre o século, esse século de tanta tirania, de tanta luz e de tanta treva."

Inicia sua fala:
"O século é grande... no espaço
Há um drama de treva e luz."

Os estudantes esperam. Que drama será esse? Castro Alves prossegue:

"Como Cristo a liberdade
Sangra no poste da cruz."

Sua afirmativa já é ousada, as atenções todas voltam-se para ouvi-lo. Ele diz incisivo:

"Para nós o vento da esperança
Traz o polen do porvir."

A seguir, buscando o efeito mais demorado de suas palavras surpreendentes, declara:

"Toda noite — tem auroras
Raios — toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção."

Sem a menor cerimônia, fala da opressão que esmaga a liberdade na Europa e na América. Todo o poema é algo de imédito em Recife. Mestres, estudantes e o povo, todos em suspense, ora aplaudindo, ora sentindo vexames inquietantes, escutam aquele adolescente vestido de preto. Era no 11 de agosto, festa tradicional da Faculdade.

Prossegue o jovem, conceituando agora os seus colegas para que ao construirem a legislação futura levantem um templo novo, que seja um pedestal para a multidão, a fim de que não seja menosprezado o povo, porque:

"Este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei".

Era muita ousadia. O escândalo estava provocado. Mas, como se isso não bastasse, a plenos pulmões, o ousado jovem brada:

"Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele uma cruz.
A púrpura sirva ao povo
Pra cobrir os ombros nus."

Os estudantes aplaudem como jamais o fizeram. Os mestres austeros se escandalizaram ao máximo.

No dizer de Jorge Amado, os estudantes sabiam que ele não havia terminado. Aquilo era o início de uma jornada, o começo de uma aurora. Foi naquele agosto que a estudantada encontrou o seu líder". Realmente, após a declamação de O século, Castro Alves traçou a linha divisória na história da velha Faculdade, e lançou-se ao Brasil. Projetou-se no espaço infinito, o condor.

Aliás, bem examinado, foi aos treze anos de idade que

sua mente privilegiada começou a revelar-se. Senão, vejamos estes versos:

"Ah! não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da brasileira região!"

Ribeiro Neto sustenta que Castro Alves foi o profeta. Os outros o seguiram.

De Recife, e do mesmo ano de O Século, no seu poema Ao Romper D'Alma, eis seu grito:

"Mas o que vejo? É um sonho... A barbaria
Erguer-se neste século, à luz do dia,
Sem pejo se ostentar.
E a escravidão — nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo —
Vai aqui se abrigar!...

Oh! Deus! não ouves dentre a imensa orquestra
Que a natureza virgem anda em festa
Soberba, senhoril,
Um grito que soluça, aflito, vivo,
O retinar dos ferros do cativo,
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a creação mais bela
De tua inspiração
O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da America manchado,
Manchou-o a escravidão.

Naquele 1865, ainda, encontramo-lo inquieto, revelando sua angústia nestes versos que comprovam imensa preocupação:

"Ó Maria, mal sabes o fadário
Que o moço bardo arrasta solitário
Na importância da dor,
Quando vê que debalde a liberdade
Abriu sua alma — urna da verdade
Da esperança e do amor...

Sem poder esmagar a iniquidade,
Que tem na bôca sempre a liberdade,

Nada no coração;
Que ri da dor cruel de mil escravos,
Hiena, que do túmulo dos bravos,
Morde, a reputação...

Sim... quando vejo, ó Deus, que o sacerdote
As espadoas fustiga com o chicote
Ao cativo infeliz...

Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na fronte do perverso:
"Maldição sobre vós;"

Maldição sobre vós, tribuno falso!
Rei, que julgais que o negro cadafalso
É dos troncos irmão!
Bardo que a lira prostitues na orgia
— Eunuco incensador da tirania—
Sobre ti maldição!

Maldição sobre ti, rico devasso,
Que da música ao lânguido compasso
Embriagado não vês
A criança faminta que na rua
Abraça u'a mulher pálida e nua
Tua amante talvez!...

Oh! por isso, Maria, vês, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir;
Ou levantando a voz por sobre os montes,
"Liberdade", pergunto aos horizontes,
Quando enfim hás de vir?

x x x

Seriam dezenas e dezenas de laudas para poder apresentar-vos, mesmo em síntese, a obra poética do "poeta excelso", exclusivamente como abolicionista. Não contenho a tentação de vos trazer, ainda, algumas das pérolas saídas das canchas de suas mãos. O poema Tragédia no Lar é dos mais belos e mais expressivos. Relata a história da mãe preta que se vê forçada a retirar o filho amado do colo para atender a vontade infame do senhor.

" — Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide -o ver:

É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.
Assim dizia o fazendeiro rindo,
E agitava o chicote...
A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, douda, sem razão!
À virgem santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

— Dá-me teu filho, repetiu fremente
O Senhor, de sobrolho carregado.
— Impossível!...
— Que dizes, miserável?!
Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei pobre inocente,
Que nem sequer pressente
Que ides...
— Sim, que o vou vender!
— Vender?!... Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!
Por piedade, matai-me! oh! É impossivel
Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar... Também
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?
Se alguém quisesse os vender
Haveis muito chorar,
Haveis muito gemer,
Dirieis a rir — Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!

— Cala-te miserável! Meus senhores,
O escravo podeis ver...

E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.
Senhores, basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra a ser vendida,
De ter alma e nunca amar!

Enquanto isso, a voz áspera do impiedoso senhor se fazia ouvir:

Ser mãe é um crime, ter um filho — um roubo
Ama-lo uma loucura! Alma do lodo
Para ti não há luz.
Tens a noite no corpo, a noite na alma.

Era assim a sua poesia.

Em vozes d'Africa ele é perfeito e completo. Ninguém, até hoje, foi capaz de superá-lo. Seu grito de angústia chegava aos céus. Era toda uma raça pedindo proteção a Deus. Ele inicia sua prece desta forma:

" Deus ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

x x x

A Cachoeira de Paulo Afonso conta a história da escrava Maria, violentada pelo filho do senhor, o qual escapa à vingança do escravo Lucas, noivo da moça. O desfecho, sabeis, é o suicidio do casal negro, que se precipita num barco à voragem da cachoeira.

Reputo, no entanto, o Navio Negreiro, a mais expressiva das suas composições abolicionistas. Remeto o prezado leitor, pela premência do espaço, àquele primor poético. Lendo-o, este trabalho estará completo e o seu objetivo alcançado.

x x x

Senhores, um poeta bahiano escreveu estes versos que representam a verdade atual:

" Ah! se chegasses hoje oh voz da liberdade
Terias compaixão de ver a humanidade
Fartando-se de sangue, em mútua destruição!
Se visses quanta infâmia e quanta vilania,
Teu astro iluminado em sois fulgiria
Num grito de revolta aos céus como um vulcão.

Ceceu! Ninguém cantou o horror destas batalhas!

De bandeiras irmãs, furadas de metralha,
Sob a mesma ambição aos tons dos mesmos céus!

Otavio Mangabeira, ao ser eleito governador da Bahia, enviou mensagem de saudação aos jornais, por ocasião do Centenário do Grande filho de Curralinhos e usou uma expressão de grande profundidade: " A Bahia e Castro Alves tomaram-se, por tanto, inseparáveis".

Valendo-me da imagem do grande político, diria que a liberdade dos escravos e Castro Alves, tornam-se inseparáveis.

Não pode ser esquecido o autor de O Livro e a América. "Castro Alves viveu dentro do seu próprio mundo. Amou a natureza. Exaltou o Amor. E épico, e lírico, e estóico, como, ainda, ardente, mavioso, divinal, tivera sempre acesa a chama viva do talento na espontaneidade como na bravura, na ternura como na sinceridade. A glorificação que lhe concede a posteridade, não é mais, pois, do que a justiça de um julgamento conferido pela própria pátria, orgulhosa e agradecida, pelo precioso legado que recebeu e guarda, ufana, no escrínio dos seus valores eternos".

OBRAS CONSULTADAS

Jorge Amado — ABC de Castro Alves

Jamil Almansour Hadad — Revisão de Castro Alves

Jorge Amado — O Amor do Saldado

Ruy Barbosa — Elogio de Castro Alves

"A Tarde" edição de 14/03/1947.

O MATADOR DE GATOS

Moacyr **G. Rosas**

Julgo-me um dos mais assiduo leitor do inconfundível e primoroso escritor Genesino Braga, que presentemente ocupa a Presidência da Academia Amazonense de Letras. Leio, portanto, com a simpatia de sempre, o magistral ensaio em torno da singular e atormentada figura do gaucho Anibal Teófilo, estampado no primoroso JORNAL DE CULTURA, dirigido pelo competente homem de letras Acadêmico Mendonça de Souza (edição de 1974, Manaus). A prosa aliciadora, como os gorjeios metálicos de sereia, fez vir-me à mente uma série de episódios que tenho esparsamente colhido e publicado sobre Anibal Teófilo, morto pelas costas por um escritor sergipano. Assassino tão ufano, que quando saiu da prisão, foi ao editor recolher a renda do livro, publicado semanas antes da tragédia, e, surpreso com o manifesto despreso que lhe dera o público, exclamou:

— Então, a morte do Anibal não adiantou nada?!

Alhures recordei minuciosamente o deplorável cinismo do conhecido escritor. Mas, para concertar a arquitetação capciosa, que Gilberto Amado, em estilo fluente, procurou inocentar o gesto cruel, que epilogava a manifestação de seu péssimo carater. Outro fator que tambem me animou a escrever outro trabalho da mesma ordem, foi a informação de renomado odontólogo residente no Rio Grande do Sul, afirmando ser completamente desconhecido o nome de Anibal na respeitável capital gaucha. A informação agastou-me, se bem que nada tinha a ver com o grande sonetista de A CEGONHA. Deplorei o desleixo cultural gaucho pelo filho ilustre. E não perdoei o meu

amigo ignorar o nome de um dos autores dos melhores cem sonetos da língua de Camões; aquele gesto tambem podia denunciar apoio à triste conspiração à memória daquele, que em vida exibia o nome de fidalga linhagem espanhola: Annibal Theóphilo de Ladisláu y Silva de Figueiredo y Mello de Giron de Torres y Espinosa. Ora o Dr. Francisco de Paula Azzi conhece a lingua untada de seiva do Frei Luiz de Sousa e mobiliza com elegância e profundidade a ciência de Fouchard, que faz recordar a clareza e o domínio, qualidades admiráveis refletidas nas obras de Coelho e Souza e Cirne Lima. Ainda a revelação em desconhecer o guapo escritor riograndense afetou-me porque mais valorizou o conceito de Olavo: lingua que é simultaneamente explendor e sepulcro do pensamento. ("És, a um tempo, esplendor e sepultura":).

Informei que Anibal fora morto pelas costas. Mas, vejo agora no artigo que Genesino Braga transcreve do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, de 22 de junho, de 1915, que enquanto Anibal, que sempre fora desabusado espadachim, espancava o insolente diretor de "A Careta", Dr. Paulo Hasslocher (no artigo tambem vem o nome Mourão indigitando a mesma pessoa), o famigerado escritor sergipano Gilberto Amado, heroicamente, saca da pistola e dispara várias vezes. A bala que atingiu o pescoço, foi a que deu morte ao poeta.

O assassino resistiu a prisão ao ser intimado pelo agente de policia José Maria Macedo. Mostrando o cartão, que retirara do bolso do colete, alegara que não podia ser preso. Ele era deputado e gozava portanto das prerrogativas das imunidades parlamentares.

Quando chegou à Delegacia, caviloso, foi, corajosamente, mentindo: — "Venho de uma festa literária no "Jornal do Comércio". À saida, no saguão houve um barulho, um tumulto. Alguem deu uns tiros, ficou um rapaz ferido".

Um parêntese aqui. Periodicamente realizava-se a **Hora Literária** promovida pela Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, no salão nobre do Jornal do Comércio. Anibal declamou uma poesia inédita e fora muito aplaudido pelo seleto auditório, constituído de elementos de ambos os sexos da elite literária brasileira. Logo que terminou a sessão reuniram-se alguns intelectuais e bateram a fotografia, na qual aparecem Humberto de Campos, Luis Edmundo, Bastos Tigre, Olegário Mariano, Goular de Andrade, Martins Fontes, Emílio de Meneses, Bilac e Anibal Teófilo.

Pouquissimos minutos após o fato, ouviram os tiros, e todos informavam afirmando que Gilberto matara Anibal.

Nessa ocasião foi revelado o fato que aquela gente de letras mantinha um pacto que, pelo que tudo indica, foi sempre respeitado: "juraram, muito antes do desaparecimento de Anibal, que sobre o cadaver do primeiro que falecesse, cada um derramaria, no peito do morto, por ocasião de se fechar o esquife, um vidro de perfume "Ideal" de Houbigant. Sem aviso prévio, no instante em que o caixão de Aníbal Teófilo ia ser fechado, todos eles, fiéis à promessa, tiraram dos bolsos os frascos do perfume. E de forma solene, com Bilac à frente, puseram-se a derramá-lo em cima do coração do poeta. A imprensa descreveu o episódio. O uso do perfume "Ideal" de Houbigant tornou-se moda no Rio de Janeiro. Esgotou-se o estoque existente na praça. Os vidros que ainda restavam, eram disputados a preços exorbitantes. Uma tarde, Olavo procurou adquirir um frasco para o seu uso. O empregado da perfumaria, ao atender o poeta, prestou esta informação: O senhor não faz idéia. Depois que o idiota desse Olavo Bilac revelou que usava esse perfume, todo mundo passou a gastá-lo. Por isso o nosso estoque esgotou-se rapidamente. E logo indagou: — O senhor não acha que esse Bilac é mesmo um idiota? Bilac esboçou um sorriso e deu-lhe razão". Assim descreve o assunto Fernando Jorge à página 342 da "Vida e Poesia de Olavo Bilac".

Mas para não abandonar a deixa em torno do **Ideal** e de Anibal, conta-se que, tempo depois, passavam, em rua suburbana, Nelson Líbero, Martins Fontes e Olavo Bilac descobriam, em certa casa de armarinho, um vidro de **Ideal** de Houbigant. Encheram-se de alegria e invadiram a casa. Naquela época "bolas" era sinônimo de calhorda. Moço, delicado e tímido atendeu os senhores com a plácida cortesia do provinciano mineiro. Indagaram cheios de interesse e curiosidade o preço do **Ideal.** O jovem com aquela voz pousada de quem não está com o mínimo interesse de chegar, esclareceu:

— Custa o mesmo que sempre custou, cavaleiro. O senhor pergunta pelo fato de se ter vendido todo o estoque, quando morreu o poeta Anibal Teófilo, e o grande Bilac lhe derramou sôbre o coração...

Nesta altura, o luminoso poeta Martins Fontes interrompe espalhafatosamente:

— Conhece, o senhor, o grande Olavo Bilac?

O jovem, deixando transparecer nas linhas serenas do rosto encantadora alegria, afirmou:

— Este é o meu maior desejo. Vim há um mês, de Minas, trabalhar com meu tio, e não há tempo, durante a semana, para ir à cidade. Mas já o procurei.

Nesta altura do diálogo o consagrado plasmador das **Sarças de Fogo,** ordena:

— Dê-me o vidro de perfume. O senhor Bilac é um "bolas"... Por causa de sua estronice fiquei privado do extrato que uso...

O rapaz transfigurou-se, revistou-se de gravidade, sobranceiramente, replicou:

— "Bolas"? Que linguagem é esta, senhor? Bilac é um "bolas"? Bilac é uma glória! O senhor não conhece Bilac?

Nesse instante, Nelson Líbero, que se detivera à porta da casa comercial, apreciando o movimento do subúrbio, avisou:

— Vem o bonde. Vem o bonde!

Poderia comentar-se aqui a personalidade espiritual do magistral ourives de **Via Lac**tea Mas o que a circunstâncias demonstrou é que a presença de Olavo Guimarães Bilac, mais assegurava ao desconhecido, era, infelizmente, aquilo que o Joaquim Maria Machado de Assis, o sacristão da Lampadosa, achava que o poeta tinha: "cara de burro".

Retornando ao mencionado artigo do **Jornal do Comércio,** encontramos, lá, alguns motivos apontados como justificativa da malquerença de ambos. Mas nenhum dos fatos mencionados é convincente. Tambem as razões que Fernando Jorge insinua não podem ser válidas. Diz o vitorioso biografo de Bilac: "As razões do crime nasceram dos atos agressivos de Anibal Teófilo, que sempre procurava insultar e humilhar o escritor Gilberto Amado". Só ouviram o galo cantar. A infamia era tão grande, que o futuro assassino imaginara, para explicar a reputação excelsa de primoroso escritor, que ninguem deu ouvidos ao difamador. Só Anibal ficou incomodado com a ofensa que lhe fizera ao amigo. Não que os outros amigos tambem não se sentissem molestados com a atrevida ignomia. Mas compreendiam que não há rédeas que possam deter os endemoniados invejosos. As pessoas cuja reputação se consolidou na sua seara de ação, comumente não se declina no charco, temem enlamear-se. As excepções para um Camilo Castelo Branco ou para um juiz como Truman, não constitue regra. Truman galgou o posto supremo da Nação estadunidense e quando leu restrinções que um crítico de arte lhe fizera a filha, esquecido que Boileau, sentenciara que a compra da entrada dá direito à vaia, veio a público confessar, que não esfregava os punhos no rosto do jornalista, porque a sua posição não lhe permitia. Era o gesto, de um pai magoado e de um homem valente, sim. Mas não foi compreendido deste modo. Despertou, no Ocidente, um clima propício para desopilar o fígado. Era um truão no poder.

Anibal era violento e quando encontrou a primeira vez, pa-

rece, ofendeu-lhe fisicamente. E todas às vezes que ambos se defrontavam, Anibal perdia as estribeiras. E, como Péricles Moraes, o olímpico estilista amazonense, aqui em Manaus, teve a oportunidade de testemunhar inumeras situações em que o soberbo artista d'A CEGONHA investia em escaramuça e saia espadachim vitorioso. Parece que só uma vez em todo o desconcertante curso de sua vida, sem incluir o encontro da fatalidade, Anibal não desfolhou os louros da vitória. O caso deu-se assim. Péricles de Moraes, certa manhã, em companhia de franzino cidadão, entraram em casa de Anibal para visita cordial. Então, o poeta de **Rimas** vivia com uma espanhola bem servida de físico como de vocabulários ferinos, como agulhão de vespa. Estava malhumorada. O poeta amavelmente pediu que se calasse. Ela atendeu justamente o contrário. Anibal, ainda delicadamente solicitou a irriquieta Carmem que não fizesse bulha. Em balde. Nesta ocasião, falou-lhe energicamente, mas em tom de cochicho, prometendo-lhe umas taponas. Os visitantes ouviram. O homem raquitico e anêmico, com a voz de seda, garantiu que enquanto ali estivesse, Anibal não na tocaria. Anibal, resoluto, voltou-se com ímpeto de quem ia esmagar o amarelinho e ordenou:

— Repita essa insolência!

O homenzinho não só repetiu a frase, como aveludou mais ainda as palavras. Anibal deglutiu a saliva e mudou de atitude, como se nada houvesse acontecido. Pericles Moraes, que era dotado de espantosa curiosidade, quando, na rua, se livrou do companheiro da visitação, deu pressa em volver à casa do valente poeta gaucho, e confessou o turbilhão em que estava o seu raciocínio sem compreender o porquë da saída pela tangente do amigo.

— Péricles, esclareceu Anibal, eu teria o ventre dilacerado antes de baixar a mão contra aquele homem. Aquele homem é valente e sabe usar a faca.

Mestre Péricles ficou surpreendido em como os valentes se conhecem e se respeitam mutuamente.

Falando-se em mulher espanhola, o vulto pertubante de D. Juan faz-se visível. Pois bem, Anibal em cujas veias fluia o heróico sangue fidalgo da Península Ibérica, certa tarde, em Portugal, juntamente com o grande senhor amazônico Manuel de Souza Lôbo, vê embuçada em mantilha negra, dentro de confortável carruagem, os luminosos olhos de certa espanhola. Não perde um segundo. Encarna a alma sedutora do personagem indecifrável de Tirso de Molina, e, assim, foi parar em terra de Carmem. Esta precipitada ausência acarretou-lhe sérios truncamentos de revisão no seu livro de poeta bissexto. Quan-

do contei isso ao solar escritor planiciário Péricles Moraes, revidou alegando ser verdade o fato da aventura feminina, mas quanto a revisão, ele garantia que o motivo era outro, Anibal não possuia o domínio do vernáculo semelhante a maestria do Bilac; e, alem disso, era descuidado.

No Rio, Anibal era uma espécie de representante, sem onus, da cultura amazônica. Não exagero em assim dizer, sabendo-se que o Amazonas era assunto encantador em seus lábios. Em casa do prodigioso romancista Coelho Neto, falavam sempre Anibal e Humberto de Campos das coisas lendárias da Hileia. Anibal empolgava a garotada com as peripécias do personagem Chico Lambeta. Com as travessuras do saci-pererê era o Humberto que divertia a platéia mirim. Bilac, nestas ocasiões, inoportuno, sempre aparecia para desfazer do sucesso de ambos. "E tanto se intrometeu, procurando negar a veracidade de tais histórias, que uma filha de Coelho Neto, em determinada ocasião, lhe fêz esta pergunta:

— "Seu" Bilac, se as estrêlas estão longe, como o senhor pode falar com elas?

Olavo, enleado, arregalou os olhos. E disse, volvendo-se para Coelho Neto:

— Você ouviu, **Esgateado?** Isto é maldade do Anibal!

(O rosto redondo com olhar penetrante de Coelho Neto, fez com que Bilac o aproximasse à figura de felino, para o chamar — Esgateado).

E falando-se em tal assunto, vem logo a imagem do gato, que no sagrado e remoto Egito era tabu respeitável e inviolável. "O deus Ra, de Heliópolis, tomava, comumente, a forma de gato. Desse cerimonial resta, esvaecida, a proibição de matar-se o gato e dizê-lo portador de felicidade" (C. Cascudo). A supertição, que é o cadaver de culto religioso, afirma que a morte de um gato atrasa nove anos a vida do matador. Participaram a Anibal esta crença admitida pelo povo. O gaucho, não deu ouvidos, impertubável e pertubador, ao jeito do minuano claro, não saiu do seu norte. Mas como concluiu sua vida, mais uma vez foi certo a afirmativa de que matar gato dava azar; seja ele rei ou pebleu. Em certa casa de Manaus, residência de Péricles Moraes, de tocaia, no porão, com o olho na mira da **flaubert,** Anibal com tiros certeiros matava os gatos que saltavam de um muro ao outro...

No tempo em que Anibal passeava triunfante na velha Capital Federal, já o País arquejava seriamente com dívidas aos estrangeiros. Então aqueles homens, que respondiam pelo conteudo mais positivo da grandeza de um povo, que é a literatura,

resolveram salvar a Pátria da penúria ultrajante. Esquematizaram o governo salvador da Pátria, com Bilac à frente e Anibal Teófilo na direção da Central do Brasil. Emílio de Menezes não fora convidado a ocupar cargo algum. Alfinetara com epigramas aquele governo que iria, mais ainda como os vindouros a individar o País. O governo estava formado e Emílio viu que a solução seria ficar sózinho na oposição, então conciliou:

— Para que vão vocês sacrificar-se. Bem o sei, trabalharão, matar-se-ão de trabalhar... Mortos, a gente antiga continuará a infelicitar a pátria, e não haverá mais ninguém neste querido Brasil... Desistam.

E, **no Colar Partido,** Martins Fontes, que era o responsável pela Saúde Pública, informa que o Ministério foi dissolvido. Pudera! Emilio apavorava a todos. Medeiro e Albuquerque afirma que ele foi eleito acadêmico por medo que lhe tinham os imortais. "Ele era um boêmio desregrado, que vivia na calaçaria dos cafés e botequins e se tornara celebre pela sua maledicência. Maledicência quase sempre espirituosa, mas terrivelmente ferina".

Genesino Braga abriu seu magistral estudo "Sonho e Desventura do Poeta Anibal Teófilo", mencionando o postal parisiense mostrando nutrido modelo feminino abraçando encantador ramalhete de rosas. No verso do mesmo, o soneto famoso, em letras caligráficas, do mesmo prumo artístico das do atlântico romancista de Raja de Pendjab. Sob o nome A CEGONHA, a dedicatória: "Para Gemino Lima, com fraternal sympathia. Manaus 4 de Março de 1911. Annibal Theophilo". Com o modo semelhante ao de Anibal, de dedicar o mesmo soneto a várias pessoas, Anatólio France caracterizou suas saidas estratégicas das aventuras com as irriquietas coristas, que tomava intimidade. Anatólio, todavia, divertia-se com a ingenuidade daquelas ladinas criaturas serem blefadas com sua afirmativa em sustentar que fora composto a propósito da circunstância que prendia a ambos. Enquanto Anibal, o soneto imortal dedicara a Péricles Moraes, dois dias após o amazonense haver, mistificadamente, inculcado deficiência técnica. Em involucro, Péricles Moraes recebeu o soneto celebre com a dedicatória: "Ao trágico iluminado da **Nostalgia da Lama".**

Na semana anterior, Péricles Moraes estampou no Jornal do Comércio, do qual era secretário, com pseudônimo, o soneto baudelairiano sob aquele título exótico.

Anibal, sob a assinatura, lavrou o ressentimento assim: "Perdoa minha pobre Cegonha, este pobre ofertório, uma vez que o faço a quem crê que a tua popularidade nada mais é que a expressão da piedade dos Eleitos". Este soneto ilustrado por

Calixtro, Péricles Moraes o mantinha emoldurado, suspenso a parede, próximo a sua carteira de trabalho.

Agripino Grieco, gigante em atrevimento, dotado de percuciente espírito de análise, servido de vastissima cultura literária plastificada em estilo vibrante e surpreendente, há pouco desaparecido, revelou em suas MEMÓRIAS, que sua posição de escritor não atinge o nível a que chegou o autor de A CEGONHA. Copio do 2.º volume, página 9: "Seria pouco, mas a rigor, em que pese ao meu "Copo de cristal", não fui sequer o famoso sonetista de um único soneto famoso, como o Júlio Salusse, o Ciro Costa, o Anibal Teófilo e mesmo o Hermeto Lima".

Diante disso e por isso, não sei compreender porque os gauchos não curam a miopía, para melhor enxergar o Anibal Teófilo. Só tenho uma saída — as almas dos gatos.

ALUSÃO, EPÍGRAFE & PLÁGIO

Mário Ipiranga MONTEIRO

Concebia-se antigamente a imitação em têrmos de homegem estética consciente. Imitar era eleger o modêlo, transformá-lo em padrão e até superá-lo, às vêzes. Um símbolo. Várias gerações de escritores disputaram-se a honra de assimilarem formas e até conteúdos, mesmo a temática, esta principalmente. Ainda há quem procure imitar a Euclides da Cunha, no estilo. Mas outros insistiram na forma e nos "tópoi". Faziam-no sob o signo do paternalismo, respeitando a auréola dos "magníficos". A alusão era também de natureza abstrata. É possível até que um ritmo epopéico como o dos "Lusíadas", e mesmo a alusão perifrástica contivessem mais valôres característicos que a paráfrase do sonêto a Laura. É tentadora a fixação de um plágio, mas acreditamos não estivesse muito bem caracterizada a responsabilidade direta. Há os casos históricos Camões-Petrarca ou Camões-Vergílio, dependendo da noção moderna do plágio. Influência, sim, é óbvio, tanto no ritmo italiano como no latino, malgrado o verso decassilábico e a estrofe em oitava rima do poema renascentista:

"As armas e o varões assinalados..."

corroboram, em monumentalização verbal, com o famoso verso vergiliano

"Armae virunque cano...",

em que armas está no sentido de guerra.

Petrarca foi um influenciador genuíno e o sonêto dedicado a Laura tem no de Camões a Natércia a mesma forma alusiva,

somente que um transcendentaliza em vida, enquanto o outro especula com a "ultima ratio". Em ambos é a ausência dolorosa da amante (Laura doente, Natércia morta) que servirá de estímulo:

"Questa anima gentil, che si diparte,
Anzi tempo chiamata a l'altra vita..." (Petrarca)
"Alma minha gentil que te partiste
Tão cêdo desta vida descontente..." (Camões)

O que é significativo, no caso petrarqueano, não é a regueira lacrimosa: é a contagiante preocupação transcendente, a fixação do elemento mágico. Ao contrário de outros poetas que faziam da amada ausente a "fons" perene de exploração mélica, Petrarca distrai-se com a dúvida (estranha dúvida!) se Laura vai realizar algum estágio entre as esferas daquele geocentrismo mitológico. A fulgurante beleza de sua Laura "malata" talvez ofuscasse o brilho de Vênus e dos outros planêtas (estrêlas, na concepção cosmogênea de então), inclusive o Sol ("Fia la vita del sole scolorita").

Uma tendência mística para endeusar a amada encontra-se também em Dante com a sua Beatris. Todavia, caso bem extraordinário é o de Federico von Herdenberg (Novalis). Perdida a amada, noiva de quinze anos, Sofia von Kuhn, não se entrega. Faz do sofrimento um evangelho e escreve aquêles místicos "Hinos à Noite" e "Cantos Espirituais" ("Hinnos a la Noche-Cantos Espirituales", Córdoba, 1953), em que a Psicanálise vai encontrar um complexo de regressão materna.

É de admirar, contudo, o caráter alusivo da obra. Nos umbrais do Romanticismo, a evasão deveria ser terrena como resultado daquele sentimento de angústia ética e de solidão e da filosofia racionalista. Entretanto, o que acontece é que a libertação da angústia se move noutro plano. O poeta programático adquiriu novo "status", mas a fórmula poesia-religião estimularia a liberdade de crença no poético. Novalis passa a ser considerado, à ilharga dos "Fragmentos" ("Fragmentos" seguidos de "Los discipulos en Sais", Buenos Ayres, 1948) como criador de "escolas", ou pelo menos pioneiro da Psicologia e do Simbolismo-Surrealismo. Não deixou, contudo, de ser romântico e é aqui que a "confusão" entre ideal filosófico e ideal estético se afigura para os bisonhos tremendamente agressiva. Não conceber a diferença é sintoma de carência de cultura de base. Novalis não é o único exemplo dêsse comportamento (que não é

conflitado) entre romântico e experiência poética de vanguarda. Há dêles pela história da literatura e quase todos os teoristas advogam o fenômeno, nada singular. Leonardo Estarico, na apresentação (Noticia preliminar) dos "Fragmentos", esclarece que (o) "surrealismo" halla aqui su partida de nacimento, no solamente como codificación normativa, sino también como ejemplo de realización estilistica". Parece que o exemplo melhor para este caso da evasão é o de Flaubert, que esteve próximo ao desvario, conseguindo libertar-se pela autodisciplina a que se impôs.

Isto nos leva a desacreditar, mais uma vez, na neurose universal do gênio, êsse "pathos" que o argumento irrelevante de certa casta oferece como responsável pela "loucura" do poeta. I.A. Richards ("Princípios de Crítica Literária", Porto Alegre, 1971), acha que a experiência do louco se origina da carência de impulsos diferentes daquele fixado indefinidamente. Como certos poetas? Se o louco reconstrói o passado com perfeição inaudita, fá-lo na base da "erlebnis" unifixada. Sem derivativos. Não pode romper com a neurose. O poeta pode, tem condições para fazê-lo. Petrarca é um exemplo. Flaubert é outro exemplo a mais da grande série e porventura mais completo e a tentativa necrofilitica de Novalis não chega além do simulacro. Fragmenta-se, inutiliza-se pela vitória do homem. Outros não resistem e são devorados, o que prova que nem sempre o Romantismo pode ser responsabilizado pela autodestruição. Muitos vençam a tensão orientando a poesia ou a prosa não para o individualismo lírico (seria o desejado por outros neuróticos) mas para o romântico estamento místico e para a psicologia, no caso ainda Dante. Quem se admira de haver Novalis logo mais noivado com a jovem Júlia von Charpentier peca por carência de enfatização da catarsis. Existe, todavia, como corolário da poesia de Novalis, uma nostaígia singular, que não é exclusiva da saudade física da amada, mas de um complexo primitivo de regressão. É aqui que entra Freud. E é singular que detestando tanto ao "Wilhelm Meister" de Goethe, fôsse esse o seu livro de cabeceira.

O erudito comentador de "Hinos à Noite" e "Cantos Espirituais", Alfredo Terzaga, diz: "El Romanticismo está así en el origem del irracionalismo moderno, del simbolismo en poesia y aún de movimientos contemporáneos como el surrealismo y las distintas corrientes expresionistas. Toda la posteridad del Romanticismo, que muchas veces lo negó, está marcada por su sello, y tanto, que no resulta exagerado afirmar, dentro de aquel marco de la vision hegeliana, que lo Romántico es, para el pensar y el sentir modernos, uno de sus contenidos caracteristicos."

Novalis, êle também, é alusivo. Onde, quando, como e por quê (interrogantes da Literatura) se fêz alusivo, qualquer mergulho na Psicanálise e na tradição européia informará melhor. Todos os que o acompanham na modernidade, ignoram às vêzes a sua religiosidade e ignoram também que estão presos a essa algema de ferro do pasado religioso.

Dante não criou a "Divina Comédia" a partir de um estímulo pessoal unívoco. Seu poema, antes de ser teológico pelo conflito dualista Inferno-Céu (paganismo) já é religião na forma e no conteúdo não totalmente criado, no ritmo e na rima (terza rima = trindade), na palavra, no argumento, na intenção, às vêzes até preconcebida como aquilo de jogar no Inferno aos inimigos terrenos. Trina também é a prosa de Chateaubriand que se fêz alusivo na Bíblia. É pouca a esperança que se tem ao invocar Vergílio como estímulo-matriz primeiro e único. O erudito espanhol dom Miguel Asín Palacios ("La escatologia musulmana en la Divina Comedia", Madrí 1919) mostrou quão poucas são as filiações entre êle e os poetas latinos. O grosso do "plágio" (leia-se alusão) dantesco não está somente na religião muçulmana mas em versos arábicos parafraseados e não é agradável conceber um litígio (slc. o panteísmo de Withman e os livros védicos) entre o cristianismo e o politeísmo romano, também. Mas há. E não é plágio, como escrevemos antes, apenas para fixar analogias, pois a época não se cuidava dêsse ilícito e o poema é mais universal do que a teologia arábica. É alusão, pelo menos em respeito ao gênio do poeta, que abriu portas antes fechadas. Mas do ponto de vista em que nos colocamos atualmente, é apenas alusão? Plágio mesmo, na acepção literária e judicativa do têrmo é o "Diable Boiteaux" de Le Sage.

O plágio, entretanto, se confunde muito com a influência e a alusão, entre nós da paróquia. Furtar o alheio, aqui, é uma espécie de ingênuo colaboracionismo (colaboracionismo para a desdita da vítima) e os exemplos enxameiam. Possuo uma data dêsses abusos. Mas há, igualmente, o verdadeiro espírito de alusão em literatos que se prezam. Vez em quando surgem, na forma da guestalte. Confira-se êste exemplinho em Manuel Bandeira invocando sem aspas a Raimundo Correia (abonado por Maria Luísa Ramos, "Fenomenologia da obra literária", Rio-São Paulo, 1969):

> "Não é agora o golfão de cismas
> O astro dos loucos e dos namorados."

A inovação da matéria e até a tradução de conceitos novos é mérito diferente da cópia servil, do decalque rude. Já vi-

mos exemplos miúdos. Aquilo que Ernest Fischer ("A necessidade da Arte", Rio de Janeiro, 1971) chama de "nostalgia pela fonte" nada é mais do que a retomada de temas ou de formas e "quantum satis" em tôdas as circunstâncias, nos movimentos literários. Sem precisar de imitar a Novalis, Soares de Passos (terceiro momento romântico português ou ultra-romantismo) mergulhou na "fonte" medieval com o seu metafísico "Noivado do Sepulcro". E por aí vai a malta dos influenciados, às vêzes somente na forma, outras no conteúdo. Mas não se confunda isto com plágio. Há uma colisão retumbante, por exemplo, entre Victor Hugo e Mallarmé, unidos entre Romantismo e Simbolismo, registado por Arturo Marasso ("El pensamiento secreto de Mallarmé", Buenos Ayres, 1948). E não é só. Que dizer de Mallarmé associado a Ovídio, Vergílio, Plínio Propércio, Ronsard, Gôngora "et caterva", perquirindo lições de ultrância? E Breton inscrevendo Swift, Sade e Hugo no "Manifesto do Surrealismo", como fontes e predecessores?

Leo Spitzer ("La enumeración caótica en la poesia moderna", Buenos Ayres, 1945) fêz um balanço curioso entre os poetas modernos desde Withman a Claudel (êste imitou a Ésquilo) para assinalar o fato pitoresco de que a novidade do "caos" sintático-estilístico-estético, além de ser enraizado na religião não constitui novidade a certos respeitos. Todos êles são alusivos. Sôbre a noção dêsse "caos" o melhor trabalho é ainda o de C.G. Jung, "Psicologia e Religião", Rio de Janeiro, 1965.

Vamos supor que o poeta Farias de Carvalho diga lá num poema seu ("Cartilha/ do bem sofrer com lições de bem amar", Manaus, s/d), "A Morte":

> "Ato real, nessa irrealidade
> a que chamamos vida, teu mistério
> é o nascer-se por ti, na eternidade."

Sem precisar invocar inúmeras inferências metafísicas, esta mesma idéia já havia ocorrido a Shelley, que não pecou por inocente imitando a Milton:

"A morte é o véu que aquêles que vivem chamam vida."

A última citação é de Richards (op. cit., 186) e êle diz que a "alusão" é uma armadilha quase tão eficaz para o escritor como o é para o crítico acadêmico." Dessa armadilha parece haver escapado o poeta Ronsard, dizem.

Existem as epígrafes, que funcionam como sinal amarelo

a êsses conflitos, encaminhando o leitor à sanidade dos confrontos. Quem não as usa e também não consome as aspas está na contingência do verdadeiro plágio, na acepção moderna. Isto não significa que o homem não possa raciocinar a distância. A Antropologia Cultural tenta preservar uma condição de tal tipo através a síntese do paralelismo. E não é sem tempo que a Psicanálise corrobora. Insistimos, todavia, que a alusão nada tem a ver com o plágio consciente e responsável, produto criminoso da mediocridade. Essa mediocridade se trai pela incapacidade congênita.

Escrevendo sôbre a poesia de Sebastião Norões fiz alusão a uma "doida espirema" (o caos, o novêlo, na boa acepção teorética de envolvimento e desenvolvimento, uma vez que o poema é dinâmico e não estático), imagem que estimulou a alegria, como se não fôsse comum o recurso da fisiologia, por exemplo nas figuras anabolismo e catabolismo, ou da geometria (hipérbole, parábola) em Literatura. A intenção foi vestir de nôvo o sentido dado ao "redemoinho" de Leo Spitzer e de outros tratadistas, assunto que, atualmente, Maria Luísa Ramos (Op. cit.) invoca com maior propriedade: "O movimento espiralado, ou o círculo vicioso que preside à estrutura do poema, é bem um coroamento do processo barroco a que nos referimos anteriormente." E à página 158 da mesma obra ele se refere à imagem "ponta de novêlo". É que certa gente não consome livros e não cura do objeto da criatividade, acostumados que estão alguns ao dogma alheio. Pelo menos me antecedi de alguns anos a Richards, quando se volve para o mesmo tema, ou seja o "movimento". Êsse movimento ou "torvelinho" é planteado por Luís Juan Guerrero em "Revelación y acogimiento de la obra de Arte" (Buenos Ayres, 1956), o qual, à página 377 da mesma obra diz muito a propósito do que estamos ferindo. Lucáks também invoca o "círculo". Hauser o denomina "espiral montante" e Gottfried Benn se socorre de um "eu hiperêmico".

Aquêles que se chocaram com a interpretação pessoal da "rosa" (paz, ou seja o que fôr), virtude, cordura para outros, desde a Idade Média, foram ao dicionário e não à metáfora, deslembrados de que o leitor deve interpretar "sponte sua", como quer C.M. Bowra ("La Herencia del Simbolismo", Buenos Ayres, 1951). Por igual aconteceu com o conceito "doméstico", aplicado a certa experiência e qualidade poética (Vd. P. Martino, "Parnaso y Simbolismo", Buenos Ayres, 1948; C.M. Bowra, cit., Richards, cit., Raul Castagnino, "Que és Literatura?", Buenos Ayres, 1954). O irritado viu-se de repente tresmalhado entre

* A idéia parece vir do neoplatônico Plotino ("El Alma, la Beleza y la Contemplación", Buenos Ayres-México, 1950).

caçarolas e panelas. O mais tardo dos "críticos", que ignora a existência da Psicanálise na Literatura, plagiou, por inteiro, sem alusão nem epígrafe, conhecida lenda amazônica publicada em obra hoje clássica.

No caso dos nossos poetas a alusão se repete numa frequência monótona, sem graça, quando não é plágio consagrado. Quando certos militantes falam de liberdade poética, como um acontecimento atual, anteponho as experiências literárias de quase dois mil anos históricos, ubiquando logo mais no esoterismo.

Discorrendo a respeito do impressionismo e do néo-romantismo, diz Rodolfo E. Modern ("El expressionismo literário", Buenos Ayres, 1958): "Los hombres de letras no podian ser absolutamente impresionistas o neo-románticos. Las influencias se entrecruzaban porque estaban en el aire, y los mismos expresionistas, a pesar de su repudio del pretérito, no pudieran sacudírselas, por más firmes que fueran sus propósitos en otro sentido. Así en Trakl, el más genial de los líricos expresionistas, los comienzos están teñidos de resonancias impresionistas, un ejemplo entre tantos". E Ernst Fischer ("A necessidade da Arte", Rio de Janeiro, 1959): "Romantismo e realismo se apresentam intimamente mesclados nas obras de diversos grandes escritores..." Mais longe vai Eduardo Portela ("Teoria da Comunicação Literária", Rio de Janeiro, 1970): "A noção de "escolas literárias" guarda apenas o seu merecimento didático. Pouco ou nada informa sôbre o específico do fenômeno literário. Fato que se agrava quando sabemos que todo grande inventor transcende ou ultrapassa a linha divisória da escola. Liberta-se dos próprios princípios que o acionaram. Heidegger já disse que o poeta só é grande quando se desclassifica." Situemos José Maria Rilke, infenso a escolas.

O "Super-Camões, que por tanto tempo iludiu a rixenta vanguarda portuguêsa com a sua poesia programática, não deixou de instalar-se nas mesmas coordenadas do "confusionismo" (entre outras obras atuais, "Teoria poética de Fernando Pessoa", Georg Rudolf Lind, Pôrto, 1970). As alusões são curiosas em Fernando Pessoa, datadas do "elisabetino" inglês e do romantismo francês, de onde partiram para aquêle estranho "saudosismo", explicado por Ernst Fischer como influência social. Pessoa é alusivo a três por dois e o modêlo, para o fracassado "interseccionismo", foi Rimbaud no poema "Marine" ("Oeuvres complets", Paris, 1954). Nenhum mestre me advertiu, mas aquelas vogais coloridas de Rimbaud vieram, por alusão, de Novalis ("Fragmentos") o qual fala em "colores" como "consoantes de la luz", escalando Rimbaud por Teófilo Gau-

thier em "Sintonia em branco maior". A primeira alusão é errática, mas cola. Portanto, Rimbaud também mercadejou com a referência alheia. E como!

O caso mais enfático de alusão, no romance amazônico dos últimos tempos, é o de Paulo Jacó, mas sem a metafísica de Guimarães Rosa, que êle não intuiu. Influenciou-se apenas na técnica do romance horizontal cujo fulcro é o acontecimento e na linguagem apocalíptica. Aliás não há, tanto na poesia como na ficção amazonenses, salvo o caso do malogrado poeta Benjamim Monteiro, o mais sábio dos modernistas amazonenses depois de 1926, nenhuma filiação com a forma ideal da poesia e do conto genuinamente nativos, forma que antecedeu de muitos anos ao Modernismo brasileiro e que os poetas da primeira aventura procuraram afincadamente. Pode-se encontrar ainda em Paulo Jacó outras influências, mas não cabe aqui referendá-las, pois o assunto vem particularmente estudado no nosso trabalho "Impressões de Leitura" (Vd. "A Notícia", 22/29 de agôsto e 5/12 de setembro, 1971).

Do poeta Pablo Neruda diz Leo Spitzer que é a "suma" de Quevedo + Withman + Rimbaud. Uma trilogia bastante digna de alusão e até mesmo de profunda influência, dado o brilhante talento dos três. E não é demais também comparar-se Withman ("Hojas de Hierba", Salto, Uruguai, s/d) com o mágico espanhol onde o "caos" resulta de uma compreensão adentrada no classicismo greco-romano e outras fontes generativas de passado longínquo, não raro também oriental.

Todavia, se quisermos partir para um verdadeiro conhecimento não apenas do estético mas do artístico e da estratificação plena, os marcos são inevitavelmente a Filosofia, a Psicanálise, a Antropologia Cultural, a Sociologia, a Lingustica, a Teoria do Conhecimento, a Dialética, etc. Sem o conhecimento razoável de juízos de valor, o racionalismo e o irracionalismo como pólos de uma atitude supedânea, não se pode falar de Literatura, muito menos de crítica literária. Abandone-se o "Stürm", que é temporal e condicionado a certas circunstâncias materiais objetivas (tôdas as gerações históricas o experimentaram) e fixe-se no elemento "Drang". Êste sim, parece ser mais capital, mas nem assim se isola no tempo. O horror que se abate no gemido refraneiro de François Villon ("Mais ou sont les neigs d'antan?" repercute no tempo proustiano. A poesia e a ficção continuam alusivas à magia, quer se trate de Withman ou de Faulkner, de Poe ou de Guimarães Rosa. Para melhor entendimento, veja-se Vilhelm Flusser, "Língua e Realidade", São Paulo, 1963, ou Antônio Gomes Pena, "Comunicação e Linguagem", Rio de Janeiro, 1970.

O que há de confusão, verdadeiramente, situa-se no "caos" (destruição do Lógico) por parte de poetas bisonhos e alheios à própria perspectiva vivencial, pois que o "caos" já existia na poética antes do "Stürm" de 1770. Neste particular o nosso poeta Farias de Carvalho está mais conscientemente perturbado (religião, compromisso), é logicamente destruidor do Objeto no seu instrumento poético e na forma (nalguma poesia), do que outros triviais manipuladores de palavras onde o caos não reflete nenhum propósito dirigido. Poesia sem função. Apenas imitam exteriormente, mas imitam como o mono da fábula. Falta-lhes o "saber" do conteúdo formal imitado.

"O que condena o pasticho condena também o imitador", diz Gaetan Picon em "O escritor e sua sombra", São Paulo, 1970. Ingênuos como aquêle pobre Mário de Sá Carneiro, que nunca chegou a compreender a teoria poética de Fernando Pessoa. Pois bem: o nosso poeta, no seu gnosticismo e no seu compromisso, é um perfeito romântico. Que desfaçam, agora, a confusão. É absurdo mas é lógico, pela própria razão fundamental da qualidade ideológica de sua poesia. Se, como insinua Ernst Fischer, a "função da arte não é a de passar por portas abertas, mas a de abrir portas fechadas", está explicado porque hoje modernos escritores e poetas buscam o compósito invés dos dogmas rígidos. Está explicado porque o poeta Mayacovsky compôs aquela famosa "Canção rimada de rua". Estará também explicado com mais urgência porque o "conto de fadas é exumado, modernizado e industrializado em larga escala", segundo o mesmo teorista da arte geral. E isto não marca nenhuma confusão de estilos e de estéticas, assinala apenas o direito de procurar o melhor em qualquer época e em qualquer movimento literário, a fim de encontrar "meios de expressão novos capazes de representar a nova realidade." Não pode haver conflito entre ideal filosófico e ideal estético- artístico, ou valor artístico apenas.

Voltando, de passagem, ainda a Farias de Carvalho: ao lado do impenitente romântico (ideal romântico) está o ativista. O ideário humano (Farias de Carvalho olha de frente o Universal Humano e também o seu componente antropológico) se resolve em têrmos de Humanismo e de Universalismo, que aparece incluso na poesia (alguma poesia de Sebastião Norões, pois humanismo não diz despeito unicamente à Cultura, mas ao individualismo também, ao caráter próprio). O anseio romântico em Farias de Carvalho pareceria de fato um contrasenso, isto é verdade, como ponto crucial de uma temática literária. O que parece absurdo é a socialização de alguma sua poesia, se fôsse tomada a partir de um dogma, por exemplo, do todo pela parte.

Não é possível conciliar uma portagem anti-romântica. Isto é confusão, pelo menos é movimento pendular, acontecimento que se vislumbra em outros poetas, nalguns por carência de orientação. Todos êles se ressentem de uma convicção. Não abrem portas, saem pelas que encontram escancaradas. E que muitas vêzes não levam a nada. Imitam sem conhecer interiormente o modêlo, sem atentar para a época. E o modêlo às vezes está temporalmente bem longe no espaço o que torna a imitação deslocada socialmente no tempo e no espaço. Pôsto seja condenada uma atitude inexperiente, é válida também a função da "pars pro toto", comum na poesia de Farias de Carvalho, com enfoque na Antropologia.

Essa confusão é pelo menos muito antiga. Ernst Fischer elabora a seguinte opinião a respeito: "Devemos lembrar, também, que uma parte do movimento romântico evoluiu para uma crítica realista da sociedade. Romantismo e realismo se apresentam intimamente mesclados nas obras de diversos grandes escritores — Byron, Walter Scott, Kleist e Grillparzer, Hoffmann e Heine, Stendhal e Balzac, Pushkin e Gogol — com a predominância ora de elementos românticos ora de elementos realistas. Thomas Mann, o grande escritor realista do mundo burguês crepuscular, estava profundamente enraizado nas tradições do romantismo alemão, particularmente no que concerne ao brilho e à diversidade de significado que comporta a ironia que o próprio Mann descreveu como "refração dos instintos fundamentais."

Os mesmos elementos, verbigrácia realismo e idealismo ou irracionalismo, etc., são tratados na Teoria do Conhecimento e se fundem. Talvez aquêles "instintos fundamentais" sejam aquilo que hoje se chama "complexo de primitivismo", mas em Thomas Mann êle é próprio do demonismo medieval, haja vista "A Montanha Mágica" e "Doutor Fausto", assunto este de uma longa tradição ficcionista e poética que chega aos nossos dias com "Cem anos de solidão", para falar na última empostação mágica de que "Grande Sertão: veredas", é exemplo no Brasil.

Êsse estranho condomínio de estilos é denunciado frequentemente na literatura brasileira. Diz Alfredo Bosi ("A Literatura Brasileira, V — Pré-Modernismo", São Paulo, 1966): "Mencionados os nomes e as obras, fica a sugestão de rastrear a permanência de módulos parnasianos e simbolistas nos principais poetas brasileiros de 1922 aos nosos dias. Se em alguns houve rutura definida, em outros houve antes despojamento externo do que conversão real." Outro, João Pacheco, a respeito de Jorge de Lima ("A Literatura Brasileira, III — "O Realismo", São Paulo, 1968): "Com o volver do tempo os traços da escola (... Par-

nasiana) se mitigam, oferece-nos "A Serenata", em que acordes do Simbolismo se insinuam na orquestração parnasiana (...)".

Não fui eu o iniciador da música, mas que dancem agora os pseudos "críticos".

Com a palavra ainda Modern, citado, que vai aclarar as razões do fracasso do expressionismo: "Em resumo, tôdas as correntes filosóficas, religiosas e estéticas, em geral, que desde as posteridades do século XIX acometeram contra a civilização burguesa, desembarcaram no expressionismo exibindo os matizes mais diversos. Foi crisol de expressões místicas e patéticas, demoníacas e fantásticas, grotescas e românticas." E entre os fundamentos daquele desastre enumera as seguintes razões: "a) sua fé excessiva no poder da palavra, como panacéia infalível para suprimir falhas e vícios e criar mundos novos e perfeitos; b) sua tendência intelectualista e ultraconsciente, em contradição com um fundo irracional e mítico irredutível; c) a transformação paulatina da poesia em ideologia e em propaganda; d) o abuso na utilização de tipos e moldes estereotipados, retóricas no seu mal sentido."

Claro que isto aconteceu também com a enxurrada de poetastros aposentados na "novidade", naquela "indoctrination" de que fala Luís Toledo Machado, no recente livro "Antônio de Alcântara Machado e o Modernismo", Rio de Janeiro, 1970, alheios à perspectiva histórica da literatura e à própria história da humanidade. Como sempre, a congérie de aproveitadores saudou o temporal renovador do movimento, contaminando de deboche e de ingênua presença o rumo programado com mais ou menos interêsse criador ou recriador. Estou quase pensando em Mário de Sá Carneiro, tão ingênuo, tão mal informado a respeito da poesia programática de Fernando Pessoa, mas fiel ao movimento por dever de amizade e de ofício, movimento que não foi, em suma, uma solução harmônica para o seu caso trágico. Vide a respeito Georg Rudolf Lind, citado e Maria Alice Galhoz, "Mário de Sá Carneiro", Lisboa, 1963.

Caberia aqui aquela confissão retardada de Manuel Bandeira ("De Poetas e de Poesia", Rio de Janeiro, 1954): "Essa enganosa facilidade é causa da superpopulação de poetas que infestam agora as nossas letras. O modernismo tem isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso-livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema. Resultado: hoje qualquer subsecretário de autarquia em crise de dor de cotovêlo, qualquer brotinho desiludido do namorado, qualquer balzaquiana desajustada no seu ambiente familiar se julgam habilitados a concorrer com Joaquim Cardoso ou Cecília Meireles." A admoestação de Manuel Bandeira se

aplica aos dias de hoje, mas devemos convir que o gênio brasileiro nunca esteve nessa poesia de imitação, salvo pequenas vinculações. Fora talvez decepcionado com a aliás justificada inflação que confessou o desejo de regressar à artinha poética de Olavo Bilac-Guimarães Passos, de parte a ironia. Permitimonos deixar sem comentários o distanciamento da poesia de Manuel Bandeira daquela célebre profissão-de-fé. É lícito, entretanto, anegar uma causa empostada na crítica nacional e universal contra a tendência de destruição do objeto poético. E instaurar, de passagem, a rubrica da neurose.

A revisão que se está operando no "Drang", decorrido mais de meio século de perspectiva literária, vai pondo a nu o ideário estético e não somente artístico de muitos ativistas inovadores. Ninguém mais se ilude com a atrativa nuvem, desde que provadas pela crítica de meio mundo, a derivação e a tendência de uma literatura marxista comprometida, discussão que se pode ler com proveito nas obras de Lucáks, Sartre e Merleau-Ponty, êste último atacando a dialética de Sartre ("Las aventuras de la Dialectica", Buenos Ayres, 1957). Aliás o esquema é velho e está implantado na utópica república de Platão. Sôbre êsse compromisso, que é alusão e influência, discutem os teoristas, achando uns que a arte está na obrigação de ser social até ao dogmatismo, enquanto outros pretendem e com razão, a "arte pela arte", isto é, fugir sistematicamente a qualquer engajamento.

Despojada do idealismo político (em todos os tempos o poeta e o romancista foram homens mais ou menos do seu meio e da sua época, pelo menos do seu meio, tanto na Idade Média como na Inglaterra isabelina, tanto na Grécia como na Cafrária) a literatura parece mais arte e menos panfleto; desvestida dêsse obscurismo ilegível, que fêz Mallarmé menos lido do que Victor Hugo, a literatura, mesmo alusível, mesmo popular, possui mais penetração em tôdas as camadas da sociedade, valendo o confronto para José Mauro de Vasconcelos. Conferir Gastos Picon, citado.

Enfadonho seria trazermos para aqui os numerosos depoimentos de críticos e de teoristas da Literatura sôbre a complexidade daquele tema anteriormente abordado e que diz respeito a miscigenação de "escolas". Vejamos, entretanto, mais alguns exemplos convincentes com que procuro ilustrar a incapacidade de teorizar e de interpretar de quem, "crítico", não possui a cópia de conhecimentos humanísticos necessários para ofício tal. Em "Problemática da Literatura" (Buenos Ayres, 1951), Guillermo de Torre consigna: "Con intencion irrisoria — ya lo recordé antes — "Litérature" fué el título — propuesto por Paul Va-

léry — de la revista donde se abrió paso, en 1920, una tendencia como el dadaismo que buscaba el extra-literario y acabó siendo hiperliteraria e romanticoide como pocas..." E na página 134: "Por algo — según páginas atrás recordé, tendiendo a filiar ciertas tendencias del lirismo más extremado, se les ha aplicado el mote de "nuevo romanticismo", con preferencia a una de aquellas, el superrealismo." O autor e crítico espanhol repete o mesmo várias vêzes no livro "Las Metamorfosis de Proteo", Buenos Ayres, 1956. Alguns dos seus passos: "Una de las más famosas poesias de Rimbaud, "Bateau ivre", lo es indebidamente, puesto que no pasa de ser una rapsodia, un brillante ejercicio de estilo sobre un clisé parnasiano." Tôdas estas notas têm muito que ver com o meu discurso de recepção ao poeta Sebastião Norões, na Academia Amazonense de Letras.

Para o mito Rimbaud, nada mais exaustivo que os três volumes de Etiemble, "Le mythe de Rimbaud", segunda edição, Paris, 1954, em que foi revelada a farsa do poeta-pombeiro. Êsse infeliz, cognominado "senhorita Rimbaud", que mal cortava o inglês e dêle se dizia profundo conhecedor, não consegue estilhaçar a neurose, acabando os dias tragicamente, como aliás aconteceu com quase todos os obscurantistas, André Breton entre êles.

De Mallarmé diz Guillermo de Torre, a propósito do cinquentenário da morte do poeta e da publicação das obras em espanhol: "Mallarmé en espanhol es un autor clasico. Existe desde el siglo XVII. Mejor dicho, estaba prefigurado desde Góngora, desde Carrilo y Sotomayor, y, si me apúrais, todavia más: desde la época del "gótico florido" com Juan de Mena, autor de "Laberinto", manadero de donde arrancan las más "muminosas oscuridades" y donde amanecen los cultismos y neologismos, el hipérbaton y la superabundancia mitologica cuya riada anegaria luego las "Soledades." Não é nada confuso êsse propósito alusivo de muitos escritores franceses pelos espanhióis, é até muito comum e já vimos como Le Sage plagiou o "Le diable cojuelo". Mas aí está como se deita a baixo o edifício tão belamente construído da "vertigral" (ou que outra coisa se chame). Não se trata de pretender destruir a poesia moderna (que em si mesma é destruição e reconstrução), mas de provar duas coisas: a) que a moda é velha sob disfarce nôvo e pode ser lida no Eclesiastes; b) desmascarar os mitos, a famosa "mentira", que um outro bisonho interpretou mal quando me referi a Fernando Pessoa, de quem possuo não somente a obra completa mas as críticas e biografias antigas e atuais. Adiante: "El problema se plantea asimismo frente a todo intento de tajante división cronológica, frente a cualquer propósito de encajar —

quepan o no quepan — los periodos literarios y artísticos en las previstas divisiones seculares. Hablar, como hoy suele haceres, del siglo del Renascimento, del siglo del Barroco, del siglo Neoclasico, del siglo del Romantico (es decir, del XVI al XIX incluso), es incurrir en desfiguraciones, buenas todo lo más para la mnemotecnica escolar, pero rigurosamente insatisfactorias para la adultez critica. Porque los estilos, maneras y personalidades que definen las épocas de cultura encabalgan libremente los siglos e no nacen por artificio de relojería, cuando llega la hora del guarismo O, ni se extinguen cuando suena la del 9."

Que tomem nota desta lição os pacóvios, pois Stendhal se coloca na mesma medula quando diz que "Molière era romântico em 1670". ("Luneta de Pigmeu",...) descobre parnasianismo.

Romantismo, realismo, naturalismo, expressionismo e outros "ismos" sempre existiram em tôdas as formas de arte, figurativas ou não e em tôdas as épocas e os modernos críticos literários ou de artes plásticas tratam o problema a partir de uma nova teoria do conhecimento, ou de estética racionais, desligados de qualquer compromisso com "escolas", subsidiados pelas histórias sociais da humanidade. Numa novela total como o "Dom Quixote", todos os maneirismos e tendências são encontrados, inclusive mesmo até certa "novidade" moderna. O melhor tratado a respeito do assunto geral abordado ainda parece ser o de Arnold Hauser, "Historia Social de La Literatura y el Arte", vertido do alemão para várias línguas e em edição espanhola, Madrí, 1957. Todavia não é o único. Não é o único.

Se êste artigo pretendesse ser (não o é, felizmente) um balanço de juízos testemunhais sôbre a ineficácia de "escolas" literárias iríamos muito longe. O que cabe ressaltar é que escritores carentes de uma perspectiva filosófica ou histórico-social e mesmo antropológica, não se definem por idéias sólidas na atitude crítica e se deixam conduzir pelos esquemas didáticos de que fala Hauser, coisa banal que só serve mesmo para colegiais principiantes. Quando servem...

Nós falamos de Farias de Carvalho. Parece ser o único dêles poetas que possui a consciência de uma guestalte de apoio. Nem se fala nos imitadores sem cultura de base que infestam as gazetas, e nos "críticos" a quem foi negada a atribuição de construir juízos autônomos. Mais alguns tópicos. Diz P. Martino em "Parnaso y Simbolismo", citado, que "Romantismo, Parnaso y Simbolismo, son en realidad una misma tradición poética, un esfuerzo continuo, a pesar de detenciones y retrocesos, para realizar una gran ambición de arte sin cesar engrandecida." É por tal ou qual razão que Rilke êle mesmo se negava a identifi-

car-se com qualquer "escola", completamente em liberdade para com um pé no passado e outro no presente, escrever modernamente o que sentia romanticamente. Salientemos o depoimento de Wlatensir Dutra e Fausto Cunha ("Biografia critica das Letras Mineiras", Rio de Janeiro, 1956): "A forma poética de Artur Lobo é a de um parnasiano, conquanto alguns dos seus temas sejam pós-românticos. Quando os corifeus do nosso Parnasso se ocupavam em contar legendas gregas e em descrever cenas pagãs, Lôbo nas "Kermesses", ainda evocava os autóctones, num indianismo que poderia parecer anacrônico se uma das características da primeira fase parnasiana não fôsse o culto do selvagem." Apenas o autor citado esqueceu que êsse culto ao selvagem, que parte não de Rousseau, como se costuma afirmar, mas do padre Las Casas espanhol e do francês Marmontel, é uma das fontes do Romanticismo, que encontra em Chateaubriand o seu intérprete na América, seguido por Fenimore Cooper, José de Alencar e do português Francisco Gomes de Amorim, êste no Amazonas, ou melhor, sôbre o Amazonas. Citar o caso da rede... anterior no concretismo.

O caráter alusivo é mais proeminente e contínuo na poesia moderna, justamente porque as qualidades poéticas são variáveis a partir do processo de destruição do Objeto. A necessidade dessa alusão arrasta a mediocridade ao plágio e até ao criticismo ignorante daquelas proposições de Richards. O citado P. Martino anega: "Verlaine, Mallarmé, Rimbaud, a pesar de sus ataduras parnasianas evidentes, están muy fuera de la tradición-del Parnaso". Se entendi bem o conceito, êsse distanciamento é apenas exterior, pois do contrário não se compreendia um Mallarmé ou um Rimbaud explorando os mitos do passado. O que diz Melchior de Manuel Bandeira: "pois Bandeira nunca renunciou ao que de mais antigo havia no conceito de lirismo, nunca se quis poeta fora do acaso e da inspiração. Em pureza, é êle o último dos românticos; em língua portuguêsa, a última das liras de Shelley, servidas pela poesia ao vento casual da inspiração..."

Que desfaçam a confusão os eminentíssimos acácios.

A onça rosna, com efeito, quando pasta o rabo do jacaré. E o simposarca poltrão chega fecha os olhos de gôzo, um gôzo masoquista que nada possui de literário.

A POLÍTICA DE ESTABILIDADE DE PIERRE WERNER, CHEFE DO GOVERNO DO GRÃO-DUCADO DE LUXEMBURGO

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

"Uit hetgeen we hierboven als staatsdoel, als staatstaak hebben aangegeven, vloeit voort, dat de staat zich in zijn wetgevende, besturende en rechtspreorkende werkzaamheid niet moet beperken tot de bescherming van de rechten der men schen en speciaal tot de zorg voor den particulieren eigendom en de economische vrijheid".

Dr. A. Hollenberg in "De natuurlijke inrichting der samenleving", págs. 223, 1.ª edição.

Pouco se conhece do Luxemburgo e sua política no Brasil, e somente se falou deles por ocasião da visita oficial do Grão-Duque João à nossa Pátria, atendendo a convite do então Mandatário Supremo, o Marechal Castello Branco. Depois, novamente o silêncio. Próspero e estável, o Luxemburgo (que se alinha entre os dez Estados mais pequenos do mundo) procura viver a sua vidinha tranquila e não incomoda ninguém. Apesar de possuir uma Constituição que dá maiores poderes ao Grão-Duque de que qualquer outra Constituição daria a um autocrata latino-americano ou africano; apesar de sempre se escreverem com maiúscula os pronomes e quaisquer referências ao Príncipe e à sua família: apesar de um formalismo quase ridículo na pequena Corte Grã-Ducal, o país é um admirável exemplo de democracia coroada de mútua amizade entre Governantes e governados. Faz uns anos o cáustico "Times" acentuava, jocosamente:

"Politically Luxembourg is a family-style democracy in which street cleaners greet the Prime Minister by his first name."

Não sei se há exagero, mas a verdade é que o país bem pode servir de exemplo para tantos outros, geralmente envolvidos em disputas internas, em revoluções, em desuniões que terminam por arrasar a Nação.

Quando o monarca luxemburguês esteve no Brasil, de 13 a 17 de setembro de 1965, veio com ele o dinâmico político Pierre Werner, o primeiro-ministro do grão-ducado, ou como lá chamam, o Presidente do Governo. Foi a mais simpática das personalidades que acompanhavam o soberano e conquistou inúmeras amizades nos altos meios políticos brasileiros, sendo, ao final, condecorado pelo austero Marechal com a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Pois é a esse homem ilustre que muito se deve da presente estabilidade e prosperidade do grão-ducado.

Desde 1959 vem dirigindo os destinos da administração luxemburguesa com uma inteligência e dinamismo que causam admiração, e nestes quinze anos de proficiente gestão o país tem assistido importantes modificações, que marcaram a história política e engrandeceram os luxemburgueses.

x x x

QUEM É O PRIMEIRO MINISTRO PIERRE WERNER

O "Times" assim o descreveu:

"Premier Pierre Werner, 49 who si also Minister of Finance, is a genial, tireless Christian Socialist who bustles around the country in an ancient offcial Buick as concernedly as if the Crand Duchy — all 999 square miles of it — were about to melt away altogether".

No país, é uma espécie de ídolo, adorado pelos da sua geração e pelos jovens e um jornalista americano escreveu que, quando ele passa pelas ruas de Luxemburgo, vai parando para cumprimentar os seus conhecidos, e mesmo a gente do povo sai ao seu encontro:

— Moien, Pierre — chamando-o sem-cerimoniosamente pelo primeiro nome, o que não lhe parece desgostar.

Efetivamente, o Primeiro-Ministro é a figura mais popular do país, e também das mais queridas.

Nasceu em Santo André, perto de Lille, em França, de pais luxemburgueses, há sessenta e um anos atrás, mas veio estudar no grão-ducado onde frequentou as escolas primária, secundária e superior. Formou-se em Direito na Universidade de Paris, ao mesmo tempo que seguia os cursos da Escola Livre de Ciências Políticas, diplomando-se também. Aos vinte e cinco anos, tornava-se doutor em Direito, com brilhante defesa de tese, ingressando, imediatamente, na vida forense, que deixa logo mais para ingressar no Banco Geral de Luxemburgo, no qual ocuparia o secretariado da direção até 1944.

Durante a ocupação nazista, ele fez parte dos elementos de ligação entre a resistência e o Governo no Exílio, em Londres. Foi Pierre Werner quem enviou minucioso relatório sobre a situação financeira no grão-ducado ao então Presidente do Governo e à Grã-Duquesa Carlota, que se encontravam em Londres.

A Grã-Duquesa não esqueceria os esforços e a lealdade do brilhante doutor em Direito e até à sua abdicação dedicaria especial carinho e amizade a Pierre Werner, que, nos cinco anos que serviu àquela soberana, de 2 de março de 1959 até à abdicação de Carlota em 12 de novembro de 1964, se tornara um grande especialista em assuntos financeiros, de reputação além-fronteiras, respeitado em muitos países europeus, com isso trazendo grande prestígio para a Nação e que seria de enorme utilidade quando da crise que, em 1965, ameaçava destruir a Comunidade Econômica Européia, e que prossegue em 1966, terminando no ano seguinte em parte graças ao empenho desse homem de ação que presidiu, em Luxemburgo, em janeiro de 1967, a conferência que tratava de por fim à crise política na colaboração dos Seis.

Casado desde 1939 com Henriette Pescatore, pai de cinco filhos, o Premier Pierre Werner é um bom orador político, e tem merecido inúmeras homenagens não só dentro do Luxemburgo, mas de outras partes do mundo, como sucedeu em 1971, quando recebeu das mãos de Alain Poher, Presidente do Senado da República Francesa, a medalha de ouro concedida pela sociedade "Les Amis de Robert Schuman", em testemunho dos esforços despendidos em prol da causa européia.

Apreciador das belas artes, leitor infatigável principalmente de livros e revistas de assuntos econômicos e financeiros, o Premier luxemburguês tem, ainda, seguro domínio de vários idiomas, podendo não só conversar mas discursar fluente e convincentemente em luxemburguês, francês, alemão e inglês, além de poder ler com muita facilidade em neerlandês, idioma que se parece ao seu natal, o letzburgesch ou luxemburguês.

Veste-se com apuro e tem os ares de um intelectual da alta burguesia francesa, mas é, contudo, de fácil acesso e sempre amistoso. Do Brasil tem boas lembranças, pois aqui manteve conversações com o pranteado Marechal Castello Branco, com o General Juracy Magalhães, com os ex-Governadores Ademar de Barros e Carlos Lacerda, de São Paulo e da Guanabara respectivamente, e muitas outras personalidades do mundo político nacional.

x x x

PIERRE WERNER E A LEALDADE À MONARQUIA

Por um lustro emprestou todo o seu esforço ao pacífico e progressista principado de Carlota, quando o Luxemburgo consegue apagar totalmente os estragos da IIª Grande Guerra, e entrar numa fase de franco progresso, elevando, bastante, a renda dos cidadãos.

Acompanhou a Grã-Duquesa em visita oficiais à Bélgica, à França e aos Estados Unidos, e por ocasião destas viagens conversou com líderes de grande projeção como o General Charles da Gaulle, o Presidente John F. Kennedy e o Rei Balduíno, além de encontros com líderes de menor significação como o Rei Olavo V da Noruega, e o Rei Bumipol Adulyadej da Tailândia.

Em todas essas visitas e nos encontros que se seguiram, Pierre Werner deu mostras de um monarquismo consciente, sem subserviência às pessoas dos monarcas nem à Casa Real, mas certo de que a monarquia parlamentar representativa era ainda o melhor dos regimes para o Luxemburgo. Daí porque está sempre em posição de ser escutado pelo Grão-Duque quando surge qualquer problema mais grave para a Nação. O Premier é um devotado à monarquia luxemburguesa, um amigo sincero da Família Reinante, e o Grão-Duque João sabe disso, como o sabia igualmente a Grão-Duquesa Carlota.

Detentor de duas das mais altas condecorações — a Grã-Cruz da Ordem Grã-Ducal da "Couronne de Chêne", e a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Civil e Militar de Adolfo de Nassau — Pierre Werner goza da consideração do príncipe luxemburguês e dele tem estado mais próximo do que qualquer outro premier que o antecedera. Sendo com patente evidência de mais larga visão que o Grão-Duque, mais culto e mais dinâmico, o Premier ter sido de uma ajuda inestimável para a harmonia interna e a respeitabilidade externa do Estado luxemburguês. Depois, Werner está mais próximo do povo, viaja com frequência pelo inte-

rior do pequeno território, visitando até as mais insignificantes aldeias, ouvindo os camponeses, conversando com prefeitos, estudantes, intelectuais, mineiros e trabalhadores governamentais, conhece com exatidão as necessidades dos seus administrados, podendo levar ao Grão-Duque um relatório detalhado do que acontece no país.

O Primeiro tem-se referido constantemente à necessidade primordial da continuidade da Dinastia como um dos fatores da estabilidade e do progresso do Estado e quando em 14 de abril de 1973 o primogênito do casal grão-duçal, o Príncipe Henri, foi declarado maior, ele pronunciou magnífico discurso antes os príncipes, no qual uma vez mais falava da defesa das instituições e da garantia da continuidade com aquela decisão da maioridade do jovem príncipe de 18 anos. Era, afirmava ele, a demonstração do apego dos luxemburgueses pelas instituições do país e pela Casa Real:

> "Dës Zeremonie gët ons d'Geléenhét fir lech d'Attachement vun de Letzeburger émol méi zum Ausdrock ze bréngen, en Attachement, dé sech besonesch fundéiert op dât Virbild vun Familjesénn an — Zesummenhalt, déi Der de Letzeburger virlieft. An engem Moment wéi dém hei gêt ons nés méi bewosst, datt d' Dynastie onsen Institutiounen eng wésentlech Garantie vu Kontinuitéit a Secherhét gëtt" (in "Bulletin de Documentation", n.º 2 — Mars/Avril 1973, págs. 2)

Nas declarações oficiais, como no dia da tradicional festa da Comemoração Nacional, a 14 de outubro, o Premier lembra ao povo o respeito devido à Casa Soberana — Herrscherhaus, na bonita língua do país — que tantos benefícios tem proporcionado à Nação e é porisso mesmo que, não só por mera obrigação que o cargo impõe, que nas maiores solenidades de Luxemburgo, ao lado do Grão-Duque se encontra o Primeiro-Ministro Pierre Werner. Sua Alteza Real sabe que tem no culto e decidido premier um suporte firme e leal, um estadista sério em quem pode confiar.

Ainda por ocasião das últimas comemorações nacionais, o Grão-Duque passou revista das tropas acompanhado de Pierre Werner, como acompanhado depositou uma coroa de flores no pé da "Flamme du Souvenir", terminando por ambos a assinarem o livro de ouro, no Monumento Nacional da Solidariedade Luxemburguesa, ao som do hino nacional.

Por sinal, a "Declaration vun der Regierong" de 14 de outubro de 1937, foi das mais inspiradas já escrita por Pierre Wer-

ner, de profunda piedade pelos antepasados, mortos nas guerras mundiais, de respeito pelos herois desaparecidos, de lealdade para com a Coroa, de incitação aos jovens para que encarem com seriedade a sua missão futura, lembrando, afinal que:

> "T as ower wichteg, dass déi jong leit sech och besennen, well si et jo sin, déi eis muer oflésen, denen d'Gard vun dene Waerter iwwerdroe get, fir déi hir Pappe gelidden hum an esouguer gestuerwe sin" (in "Bulletin de Documentation", n.º 7 — Septembre/Octobre 1973, págs. 14).

Com aquele velho sentimento de lealdade para com as instituições do Estado e para com os governantes, o Premier Pierre Werner é, por este prisma, um representante da velha Europa fidalga e modelar, em que cada coisa está em seu devido lugar, e em que a lealdade dos dirigentes para com as instituições e para com os príncipes ocupa lugar preponderante, em que o respeito do Estado e da Nação se encontram acima dos interesses particulares — infelizmente exemplos cada dia mais raros!

x x x

A ORIENTAÇÃO POLÍTICA INTERNACIONAL DE WERNER

Luxemburguês sem chauvinismo, Pierre Werner antes de tudo acredita no futuro do seu pequeno e próspero país. Sabe que o grão-ducado é muitíssimo rico e que a renda nacional per capita é das mais elevadas do mundo, mas olha tudo isto sem arrogância, antes com uma certa humildade, achando que ainda mais precisa ser feito. Não tem a estulta vaidade dos governantes improvisados que acreditam que algumas pequenas melhorias, são o bastante e que nada mais resta a ser feito.

Expôs o seu ponto de vista sobre a posição do seu país em conversações com De Gaulle, Kennedy, Olavo V, Giovanni Leone, Edmond Leburton, Johannes Marten den Uyl e outros líderes mundiais. Segundo ele, o Luxemburgo não tem outra pretensão que viver em paz com seus vizinhos, poder contribuir de qualquer modo para a união européia e ser respeitado por todos os povos com os quais mantenha relações comerciais, culturais e diplomáticas.

Com a Bélgica há laços particularmente fortes e não se po-

deria querer de outro modo, pois as famílias dinásticas de Luxemburgo e da Bélgica estão unidas pelo casamento do Grão-Duque com a Princesa Joséphine-Charlotte, irmã do monarca belga. O Premier Edmond Leburton era grande amigo de Pierre Werner, tanto assim que, numa mensagem que aquele dirigiu a este a respeito do 25.º Aniversário do Acordo Cultural Belga-Luxemburguês, faz elogiosas referências ao papel desempenhado pelo Dr. Pierre Werner para a união monetária da comunidade européia e para a manutenção da Europa dos Seis. Leburton e Werner entenderam-se sempre muito bem, como se entendera com o ex-Premier Paul Vanden Boeynants e com o Dr. Gaston Eyskens, este último um dos mais eficientes premiers que têm dirigido a Bélgica no Reinado de Balduino.

Com a França e a Itália os laços são estreitos, e o Presidente Giovanni Leone, desta última, visitou o Grão-Ducado de Luxemburgo entre 26 e 27 de outubro de 1973.

Também com a Holanda as relações de amizade do Luxemburgo são excelente e a 18 de outubro de 1973 o Primeiro-Ministro Johannes Marten den Uyl manteve, na cidade de Luxemburgo, demorada conversação com Pierre Werner.

Ainda que Pierre Werner seja partidário de uma política perfeitamente européia para os assuntos europeus, isto é, assim como o queria o pranteado Presidente Pompidou, da França, sem a influência americana, ele mantém ótima receptividade junto às autoridades americanas. Por ocasião da morte de Lyndon Baines Johnson, passou comovido telegrama ao encarregado dos negócios dos Estados Unidos em Luxemburgo, assim como acompanhou com interesse a política nixoniana com relação ao Vietnã.

Pierre Werner não cai na longa sequência dos dirigentes tartamudos, que proliferam nos dias de hoje, e ainda que o seu país seja dos mais pequenos, ele encara os problemas mundiais de frente, sem temor. Não se baseia no que pensam os Estados Unidos ou outra grande potência: tira as suas próprias conclusões. Daí ter-se pronunciado na questão árabe-israeli, ora a favor dos judeus, ora a favor dos árabes, conforme a situação for favorável a Israel ou aos árabes. Se Israel tem razão, por que não defendê-lo? Se pelo contrário a razão está com os árabes, por que não proclamá-lo? É uma política de coragem, que muito o enaltece. Por ocasião do lamentável equívoco israelense que custou a vida de muitos civis inocentes em começos do ano passado, quando um caça de Israel derrubou um avião comercial líbio, Pierre Werner manifestou-se pesaroso por esse engano trágico e o seu Governo, através do ministério

das Relações Exteriores, solidarizou-se com o Governo do Presidente Mo'ammar el Qadhafi.

Admirador dos países nórdicos pela sua prosperidade e estabilidade política, o Premier Pierre Werner mantém excelentes relações com os governos da Dinamarca, Suécia e Noruega, e é um bom amigo do impulsivo e valente Premier Olof Palme, da Suécia. Werner é um premier corajoso e independente, que tenta adotar um socialismo brando sem sectarismo e sem dogmatismo em seu país, e por certo admira os esforços de Palme, como admirava pela sua cultura imensa e sabedoria de estadista ao extinto Rei Gustavo VI Adolfo a quem ele considerou, em momentoso telegrama passado ao premier sueco, como "un souverain de grande valeur et de culture qui était attaché de tout coeur à son pays et à son peuple".

O Luxemburgo é um país participacionista e não pretende o papel de neutral. Faz parte de entidades como a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), da Comunidade Européia do Aço e do Carvão, da UEO (União Européia Ocidental) e sobretudo da famosa união econmica, a BENELUX.

Mas a influência decisiva de Pierre Werner como presidente do Governo Luxemburguês, tem sido no sentido de o seu país ter uma voz que se faça ouvir no tão discutido grêmio da Europa dos Seis, o Mercado Comum Europeu, que inicialmente foi composto de seis membros: A Alemanha Federal, a Bélgica, a França, os Países Baixos, a Itália e o Luxemburgo, sendo ampliado mais tarde com a admissão da Grã-Bretanha, Irlanda e Dinamarca.

O Dr. Werner tem-se empenhado decididamente para que essa união européia não venha a fracassar e, com a sua tenacidade muito tem conseguido e, em 9 de janeiro do ano findo, numa mensagem sob o título de "La Maison du Droit Européen", ele pode frisar que:

> "Les Stats membres des Communautés Européennes ont acordé à la Ville de Luxembourg le previlège de compter parmi les trois sièges provisoires des activités communautaires".

Depois, com tais medidas cautelares, o Premier apenas previne uma diminuição na sempre crescente renda nacional. Enquanto houver uma forte interligação entre os vários países signatários do acordo, o Luxemburgo não está correndo o perigo de cair nas mãos de um único aliado, o que tem sucedido com países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, mas até

mesmo com países que se gabam de se encontrarem na faixa dos desenvolvidos, como a pequena Albânia, hoje um país satélite da China de Mao Tsetung, ou como o Domínio de Malta com relação ao Reino Unido, e muitos outros casos. Seguindo esta sábia orientação de Pierre Werner, e com o progresso que experimenta, creio difícil que o grão-ducado possa passar à "proteção" de um único aliado. Ele é um país de economia sólida que, malgrado a sua pequenez, pode tratar com os grandes do mundo de igual para igual, pelo menos esta tem sido a norma desde que Pierre Werner se encontra à frente do Governo.

x x x

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Premier Pierre Werner é um reformista que pretende e vem implantando ao cabo destes quinze anos uma série de reformas que vão do ensino primário, à política financeira; do sistema administrativo à orientação política externa; da política bancária ao comércio exterior.

Conhecedor profundo da mecânica dos bancos e seu funcionamento, Pierre Werner, que também é Ministro das Finanças, pode dar uma orientação inteiramente nova e mais tarde o comentarista Henri Grisius, ao escrever um fundamentado e esclarecedor ensaio sobre "An der Borse werden fast 600 Euroanleihen notiert Umsatze im Bonds-Geschaft etwa 25 Milliarden Dollar", acentuava:

> "Der Phantasie und Tatkraft des luxemburgischen Bankwesens ist es zuzuschreiben, dass die Borse einen Platz an der Sonne des Eurokapitalmarktes errungen hat" (in loc. cit., "Bulletin de Documentation", n.º 1 — Janvier/Février, 1973, págs. 12).

Tem evitado ainda que o perigo da inflação ameace a estabilidade econômica do país, para isso tomando medidas das mais prudentes, como explicava longamente no dia 30 de outubro de 1973, durante a discussão do projeto de orçamento do Estado para o ano que corre. Uma dessas medidas era a iniciativa governamental sobre a fiscalização e o nível das despesas a longo termo e diz que "L'Etat ne saurait donc assumer des engagements de dépenses permanentes sur la base de rentrées exceptionnelles".

Reconhece que, havendo regular número de pessoas capacitadas no país, e que a mão de obra cresça sempre, haverá o

problema grave de, dentro de mais uns anos, não haver emprego adequado para essa gente. Portanto é preciso que o Estado crie novas modalidades, que evite a todo custo a monocultura, a dependência exclusiva sobre o aço. As minas de ferro não podem ser a única ocupação e preocupação governamental. Clama que é preciso estabelecer novas prioridades nacionais e sociais:

> "Cette concentration sur l'Essentiel est d'autant plus nécessaire que le temps qui reste disponible pour l'oeuvre législative est limité" (in "La Discussion Générale du Projet de Budget de l'Etat de 1974", in "Bulletin de Documentation", número especial de 1973, pags. 7).

Alerta os liberais profissionais, os comerciantes, os industriais, os políticos para uma participação mais intensa, ao mesmo tempo que alerta o povo para não se deixar influenciar pelos cantos de sereia de certos políticos que, provavelmente, gostariam de explorar a situação reformista do governo ou pensariam tirar partido de alguma onda inflacionista, coisa por mais corriqueira que seja o comum a tantos países desenvolvidos, e que ainda encontra os que querem dela fazer arma eleitoreira.

Político experimentado e habilidoso, Pierre Werner sabe analisar com frieza os mais difíceis casos da economia e das finanças nacionais, mostrando-se ao povo com objetividade e seriedade. Eis em parte o seu sucesso continuado. Ele não mente, pois sabe também que o povo, ao cabo, desgosta os líderes mentirosos.

Foi pensando na defesa da democracia luxemburguesa que ele na declaração de 14 de outubro de 1973 concitava os jovens habitantes do país a que se preparassem para o futuro.

Desordens estudantís e operariais não levam à vitória e é a discussão moderada e séria de problemas políticos e sociais que pode aclarar muita coisa e levar a uma solução viável. Concluindo a leitura da declaração do projeto de orçamento do Estado para 1974 e resumindo a política geral do Governo, teve estas palavras que calaram fundo na sensibilidade de milhares de cidadãos, de jovens estudantes, de pais e mestres, que, então, resolveram que lhe dariam o apoio integral para que ele pudesse levar o país para maiores destinos:

> "Die Regierung scheut sich nicht, die brennendsten Sozial — und Kulturprobleme der Gegenwart im Sinne

der Kontinuitat des Fortschritts und der geordneten Aktion anzugehen. Sie mochte die politische Diskussion der anstehenden Probleme "fordern und zeigt sich offen für jeden gerechten und realistischen Vorschlag.

. . . . . .

Als Regierungschef empfinde ich es als meine Aufgabe, die Luxemburger Bürger vor einer derartigen gefahrlichen Entwicklung entschieden zu warnen. Ich befürchte, dass in der Folge die Gesetzesverstosse und die sich daraus ergebende Verwirrung unserer politischen Demokratie zum ernsten Schaden gereichen. Sie würden die Grundlagen, auf welchen unser Wirtschafts — und Sozialwesen und der Wohlstand unserer Bevolkerung aufgebaut sind, in Mitleidenschaft ziehen" (in "Erklarung zum Staatshaushalt 1974 und zur allgemeinen Politik", "Bulletin de Documentation" no 4 — 1973, págs. 8).

Termina apelando dramaticamente para que os cidadãos evitem este tipo de manifestação destrutiva da seriedade e estabilidade interna do Estado, pois assim agindo estarão prejudicando a própria sociedade luxemburguesa que há logrado no mundo uma imagem de disciplina, ordem e maturidade política.

Possivelmente uns poucos estudantes de tendências socializantes no estilo italiano, semi-anarquista, ou de influência comunista, tentem conturbar a ordem do Estado. São em escassíssimo número e não encontram seguidores. A imensa maioria apoia o Presidente do Governo, que tem sido bastante hábil para não perder este apoio em tres lustros — verdadeiramente um fenômeno no campo da política parlamentar, em que os partidos se renovam de eleição para eleição.

Tem muitos merecimentos, pois foi Werner o primeiro líder luxemburguês a preocupar-se com todos os campos da vida sócio político-administrativa do grão-ducado, desde a proteção à infância desamparada até um moderno sistema de aposentadoria e pensão para os anciãos; desde problemas de salário-mínimo até campanhas anti-inflacionários. Como não reconhecê-los?

Alguns representantes da nova geração acham que ele já está há muito tempo no poder e que já é tempo, consequentemente, de ceder o lugar a outro. Mas os eleitores maduros sabem que "dieses Vertrauen nicht enttauscht werde", como ele mesmo afirma na sua longa declaração de 5 de setembro de 1973.

Não, a confiança que o povo lhe deposita não cairá, nem diminuirá. O luxemburguês em geral é um cidadão bastante esclarecido e de muita maturidade política, e pode distinguir facilmente de que lado está a verdade, e de que lado se encontra a impostura.

Depois, não é demais lembrar que Pierre Werner, presidindo o governo de um pequeno país, conseguiu fazer-se ouvir por outras lideranças européias, por superciliosos governantes de grandes potências, e não foi ouvido como o servo que fala ao senhor, mas de igual para igual. O Premier atingiu os limites da fama no domínio internacional, passou as fronteiras acanhadas do grão-ducado e foi olhado com admiração por grandes homens.

Muita gente tem falado e escrito sobre o Primeiro-Ministro Pierre Werner, mas nenhum o fez com tanta ênfase e simpatia quanto o seu colega da Bélgica, Edmond Leburton quando, enaltecendo-o por suas atividades junto à Comunidade Européia, dele afirmou:

> "Votre exemple et celui de vos éminents prédécesseurs confirment que des pays comme les nôtres peuvent jouer un rôle de premier ordre sur la scéne européenne, en assumant le rôle de médiation auquel la géographie et l'histoire les destinent" (in "Message de Monsieur Edmond Leburton, Premier Ministre de Belgique", in "Bulletin de Documentation", n.º 2 — Mars/Avril, 1973).

É o reconhecimento espontâneo de um colega, político e dirigente como ele, de um país bem maior, mais poderoso e mais conhecido na cena política do mundo. É um testemunho inteiramente válido: Leburton, como Leone, De Gaulle, o Rei Bhumibol, o Rei Olavo, o Premier Olof Palme e tantos outros que mantiveram conversações com o dinâmico e inteligente primeiro-ministro luxemburguês, puderam reconhecer que muito da presente situação financeira-econômica, da atual estabilidade político-partidária e da respeitabilidade exterior do Grão-Ducado de Luxemburgo são obra desse homem sob todos os pontos de vista digno de admiração — Pierre Werner.

O CINQUENTENÁRIO DO MOVIMENTO LITERÁRIO DE 1924 E SUAS CONOTAÇÕES COM O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 1930.

PETRARCA MARANHÃO

Estamos em pleno cinquentenário do movimento subversivo literário levado a efeito na Academia Brasileira de Letras, em 19 de junho de 1924 no Rio. Graça Aranha, Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Peregrino Junior, Murillo Araujo e outros mentores e realizadores.

Era o triunfo do verde-amarelismo iniciado em S. Paulo dois anos antes, liderado por Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Cândido Motta Filho, a que aderiram mais tarde, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e tantos outros.

Coelho Netto, na tumultuária sessão em que Graça Aranha rompeu com a Academia, declarou-se "o último dos helenos" em tarde memorável em que o autor de Canaã foi carregado nos ombros, vitoriosamente, vivado pelos moços "prafrentes da época.

Governava o Brasil, Arthur Bernardes. Dias depois no segundo 5 de julho, em S. Paulo, a revolução de Isidoro e Miguel Costa estourava na esperança de mudar o regime, como fizera a 5 de julho de 1922, o grupo dos 18 do Forte de Copacabana, capitaneado pelo então tenente Eduardo Gomes, Siqueira Campos, e um representante civil, Octavio Corrêa, escrevendo com sangue temerária epopéia revolucionária.

A 15 de novembro de 1926, após 4 anos de estado de sítio, em que a Nação atravessara ásperos dias, assumia o governo e se investia com a faixa presidencial, sob simpática expectativa, o sr. Washington Luís. "A paz desceu sobre a Nação", afir-

mou ao assumir a Presidência, esse autêntico varão de Plutarco pela aparência imponente. Liderando a política rodoviária no país, sob o "slogan" GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS, realizou a construção da primeira estrada Rio-Petrópolis e a Rio-S. Paulo, que hoje se chama via Dutra...

Mas a política do chamado "café com leite" que alternava a candidatura de um paulista com a de um mineiro.

O Rio Grande do Sul, que nunca havia dado nenhum Presidente, se assanhou, é bem o termo quando via que Washington Luis impugnava a candidatura de mais um mineiro, no caso Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, que por sua vez barrava a de mais um paulista, o sr. JULIO PRESTES de Albuquerque. Antonio Carlos a mais arisca raposa da política dos anos vinte, usou da jogada de apresentar o nome do presidente gaúcho de então, o sr. Getúlio Vargas, que conseguiu frente única para levá-lo ao poder, reivindicando "um lugar ao sol" para a terra de Gaspar SILVEIRA MARTINS... e Júlio de CASTILHOS.

Obstinou-se Washington Luis em fazer "questão fechada" da candidatura de seu pupilo. Ganhou talvez por isso, o apelido de BRAÇO FORTE.

Nada menos que 17 Estados da Federação apoiaram a candidatura oficial e apenas tres ficaram na oposição, criando-se então a Aliança Liberal que defendia os postulados do voto secreto, direito das mulheres ao sufrágio, humanização da questão social dos trabalhadores que antes era considerado "caso de polícia" e reivindicações outras que a tornaram popular e simpática aos olhos da Nação. Os Estados do Rio Grande do Sul, Minas e Paraíba, se aliaram, então, para um objetivo comum, desfraldando desde logo a bandeira da revolução, para a hipotese de haver fraude nas eleições. Houve coisa pior. Além de fraude, ocorreu fato mais grave. Foi assassinado a 26 de julho de 1930 o candidato à vice-presidência da República, na chapa liberal, presidente do Estado da Paraiba, o que equivaleu a um rastilho de pólvora.

De fato, a 24 de outubro de 1930 é apeado do poder por uma revolução, o presidente Washington em decorrência do movimento irrompido em Porto Alegre, Belo Horizonte e João Pessoa, iniciado no dia 3. Assumia um mês depois dessa irrupção, a 3 de novembro o Poder, o sr. Getulio Vargas que governaria pelo "curto período" de quinze anos e como seu parceiro, acabaria tambem tragicamente, pela porta do suicidio, a 24 de agosto de 1954 quando estava para terminar mais um quinquenio governamental, como registram as barbacãs da História. A revolução das idéias iniciadas em 1924 se propagou então violentamente. Da Semana de Arte Moderna, em diante, muitas

foram as obras que equivaleram a marcos dêsse Movimento. **"A Viagem Maravilhosa"** e **"Espírito Moderno"** e **"A estética da Vida"** do chefe GRAÇA ARANHA, Pequena História da Literatura Brasileira, de RONALD DE CARVALHO, **"A Bagaceira"** de JOSÉ AMÉRICO, as obras de MARIO DE ANDRADE, de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO, de OSWALD de ANDRADE, de JOSÉ LINS DO REGO, GRACILIANO RAMOS, JORGE AMADO, e dos poetas Manuel Bandeira, Carlos Drommond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, e mais recentemente, MILLOR FERNANDES, Geir Campos, e a prosa violenta de Campos de Carvalho e as crônicas políticas de Paulo FRANCIS. O tema é vasto e pede reincidência...

NOSSAS LUZES DO PASSADO

REVISTA DA ACADEMIA abre, com este número uma seção permanente, para transcrição de trabalhos dos Acadêmicos que, cumprida a missão de beleza que lhe fora destinada, no campo das letras, já retornaram ao mundo da Eterna Claridade, deixando-nos, em seus livros, na prosa ou no verso, o rastro luminoso de sua caminhada pela Terra.

BENJAMIN LIMA, PÉRICLES MORAES e ADRIANO JORGE, os três paladinos da fundação da Academia, inauguram a Seção, reaparecendo, neste número, com as refulgências do seu espírito e o esplendor de sua formação literária.

"ESSA NEGRA FULÔ"

BENJAMIN LIMA

Lembro-me bem.

Poucos meses haviam decorrido após a primeira publicação do poema que tem o título acima. Já estava ele, porém, convertido numa espécie de obsessão auricular para a maioria das criaturas que possuem, neste país, sensibilidade artística e curiosidade literária.

Um grupo éramos, de operários da imprensa, palestrando, em certa esquina da Avenida Rio Branco, sobre poetas novos.

Como se falasse em Jorge de Lima, um dos conversadores dispõe-se a dizer do volutuoso pasmo que lhe causara "Essa negra Fulô!". Mas outro quase grosseiramente o interrompeu logo:

Lá vem você com "Essa negra Fulô!"... Mas Jorge de Lima já produziu muitos versos iguais a esses, quando não melhores! É absurdo, é irritante, que se pretenda erigir-lhe a glória na vulgarização, na voga, possivelmente efêmera, e antes supeita que honrosa, de uma poesia dada.

E daí tomou impulso para discretear, com abundância e veemência, sobre a seleção negativa que, via de regra, é operada pelo grande público, e sobre a precariedade fatal dos renomes que se baseiam em obras tornadas imediatamente populares.

Não me ficou a mínima dúvida sobre qual fosse o verdadeiro significado de tal restrição.

Era por excesso de entusiasmo que aquele admirador da poética jorgeana se insurgia contra quantos, de produção para

ele toda ótima, uma partícula destacassem, como correspondendo a momentânea, instantânea flutuação do gênio pelas altíssimas alturas do zênite.

Todavia, não aceito essa maneira de ver. Penso que, por enquanto, a poesia referida tem direito a uma atenção e tratamento particulares, no conjunto da obra de Jorge.

Existe popularidade e popularidade. Distingamos, preliminarmente. À divulgação que a aludida peça logo alcançou, não se fecharam, de modo algum, as elites.

Nada mais compreensível, de resto, que a vitória pela mesma obtida junto das várias categorias de leitores. Tem, para as estesias e inteligências primárias, os encantos de uma fabulação das mais sugestivas, juntos aos de um ritmo dos mais embaladores. Acaricia os ouvidos, ao mesmo tempo que brandamente solicita, com o seu dom de divertir e comover, todas as capacidades, sejam embora íntimas, de meditação melancólica, para um tema onde se recompõe o mais impressionador, talvez, dos caracteres da sociedade brasileira, nos tempos da escravatura.

Quanto ao seu triunfo sobre a minoria de hábitos acentuadamente cerebrais, deve-o ela — suponho — ao refinado intelectualismo que tão mal se dissimula sob aquelas aparências de arte simples, ingênua, quase infantil.

Tenho-a em conta de verdadeiro ensaio de um historiador e sociólogo, que, poeta "par dessus le marché", haja, por faceirice literária, deliberado apresentar sob forma poemática e produto de longas reflexões acerca de curiosíssimo "dessous" da família brasileira escravocrata.

Muito se poetou sobre o martírio dos nossos negros até 1888. Faltava, todavia, versejar-se a respeito do martírio que, em ricochete de uma justiça cruel e de uma ironia infernal, as nossas brancas sofriam, devido às frequentes, quase indefectíveis ligações de seus maridos com as mucamas. Dir-se-ia que a Vênus da Hotentotia executava um plano sabiamente ideado para vingar, de modo exemplarissimo, o Hércules da mesma procedência, mais boçal do que ferozmente arrastado até aqui, para bancar um Prometeu e um Jesus alagados de pixe.

Desse-lhe a fantasia para isso, e Jorge de Lima, seguindo o exemplo de Edgard Poe, descrevia, em páginas muito interessantes, as várias etapas por que passou a idéia genetriz desse poema: revelaria minúcias das mais divertidas, quanto ao modo de o conceber e executar.

Como se vê, não hesito em lembrar "O Corvo", a propósito de "Essa negra Fulô!" É que são a meu ver, por igual, com-

posições, onde nada se deixou em plano secundário, nem as mais incertas claridades do pensamento, nem os mais finos delineamentos da forma. Tudo, nelas, é exatidão, segurança, equilíbrio, harmonia. Eis por que surgem assim irmãs, neste momento, aos meus olhos, mau grado tudo que, por inúmeros lados, as diversifica. É-lhes comum o atributo, nada comum, que distingue e singulariza as obras-primas: certa massicez que não exclui a elasticidade: certa consistência que não exclui a fluidez.

Como, então, se estranhar, como se não querer que para "Essa negra Fulô!" se encaminhe a preferência de todos os públicos? Conhece-a, refere-a, declama-a todo o Brasil que lê — se, porventura, é suscetível de ser declamado esse protótipo da poesia que nada possui de solene, de enfático, de declamatório. Profira-se em qualquer logar o nome do escritor de Alagoas, e logo se ouvirá uma referência exaltada, mais ou menos esquemática e interjetiva, aos versos onde está, por enquanto, na opinião de toda a gente, a máxima, suprema afirmação do talento desse escritor.

Reajo, de minha parte, violentamente, em casos de tal natureza, contra o pendor que uma tola veleidade de aristocratismo, cuja essência é do mais flagrante fundo esnóbico, em todos os letrados cria: o pendor para não mais admirar, ou, pelo menos, para não admirar tanto as produções que, tenham conquistado a predileção das turbas.

Tenho felizmente meditado em demasia sobre essa manifestação da vaidade literária, vaidade tão forte nos que apenas lêem, quanto naqueles que também escrevem, para que já me encontre habilitado a prevení-la, quando lhe pressinto as ameaças.

E não intervirão alí outros fatores, de ordem, por assim dizer, fisio-psicológica, sobre que não possam influir medidas íntimas de profilaxia moral?

Claro que sim.

Há uma espécie de "surménage" do ser emotivo, que decorre dos próprios excessos de vibração e entusiasmo diante das obras de arte. É o embotamento eventual da sensibilidade, em relação à fonte de emoções que, por demais prolongadas e agudas, a deixaram como que em estado de choque relativo, específico, particular.

Como todas as reações, mede-se tal fenômeno por aquele de que indireta e paradoxalmente resulta. O que se nota, comumente, a respeito da música, é inerente, de certo, a todas as restantes modalidades de arte. Não há frase musical que,

por muito ouvida, se não despoje da primitiva beleza. E, porque tanto mais vontade se tem de ouvir determinados compassos, quanto mais formosos eles parecem, pode-se elaborar a seguinte lei; a duração da voga e do prestígio dos compositores acha-se na razão inversa do prazer que suas obras disseminam.

Frase provável dos céticos: A que desencantados ou — quem sabe? — consoladores pensamentos não convidará essa terrível ironia da natureza, da vida, do destino?

O efemerismo é predicado essencial da glória. E, por isso, avulta na proporção mesma do vigor com que ela nasce.

Mas, restringem-se a cada era os sinais de tão desnorteante anomalia. O próprio abandono, o próprio desdém a que uma geração relega os maiores artistas da anterior, permitelhes hibernação de que sabem com forças renovadas, para a conquista da geração seguinte. O caso de Castro Alves é típico. Restauram-lhe o culto os moços de hoje. E aclamam Agripino Grieco, ao verem a sincera exaltação com que esse perseguidor de fetiches e estraçalhador de fantoches dobra os joelhos — joelhos de nenhum calo, mas de muita anquilose, por excassez de flexão — em face do poeta que os moços de ontem achavam positivamente medíocre e supinamente ridículo.

Processa -se, através das idades, a classificação definitiva dos valores suprimindo-se tudo quanto, nas épocas sucessivas, tenha sido incompreensão ou fanatismo; transitória obsessão e precipitado enfaro; exagero no gostar, agora, e injustiça no repelir, daqui a pouquinho.

Aguardo, pois, com antecipado sorriso, o momento em que "Essa negra Fulô!" descerá, como tantas outras poesias mestras, a condição de "poesia pau". E porque minha experiência me faculta essa previsão, e porque me sei também humano, trato de me pronunciar, em definitivo, a respeito, denunciando, de antemão, o que haverá de errôneo e falso em qualquer outro juízo, a que de futuro, por acaso, me abalance.

Não, o que haverá de errôneo e falso em qualquer outro juízo, o que de futuro, por acaso.

É não só a melhor das competições de Jorge de Lima, como a criação mais feliz do modernismo brasileiro. O segundo de tais postulados vem aqui, aliás, em segunda mão. Usou-o, em primeira, Tristão de Athayde, com a sua autoridade que é imensa, em que pese aos epiléticos do ateísmo, esses fanáticos às avessas, a quem deixou tão mal colocados, para sempre, a insuspeição absoluta de Nietzsche.

Tremo pela sorte que, no próprio sentimento e juízo de

Jorge de Lima, pode vir a ter "Essa negra Fulô!", devido, exatamente, à sua consagração imediata em todo o país.

Pobrezinha! Quem sabe se já seu pai não começa a olhá-la de má sombra, por vê-la tão manifestamente preferida às suas irmãs?

É essa uma das mais engraçadas demonstrações da vaidade literária, da vaidade artística em geral. "Porque" — reflete, agastado o criador, em casos tais — "maior barulho ao redor de uma das minhas criaturas, quando tantas outras lhe não ficam a dever nada, no mais rigoroso dos cotejos?" E, assim, corre ele o perigo de estar de acordo, no íntimo, com as massas, quando chegar o momento de manifestarem o enjôo que é inevitável sombra, eterna ordenança do abuso...

Não hesito em exigir tudo, em tudo esperar da inteligência de Jorge. Admito a risonha hipótese de que nunca lhe diminua o secreto enlevo pelo mais lindo, mais perfeito, mais ... "réussi" de todos os seus poemas. Quem tão altas qualidades de analista evidenciou em relação a Marcel Proust e a Mário de Andrade, não tem o direito de falir, de mostrar menos acuidade e solércia, na crítica da própria obra. Ele deve saber que "Maleita", "Madorna de Yayá" e diversas outras de suas produções atestam, de modo eloquente, os mesmos atributos a que "Essa negra Fulô!" deve sua perfeição. Ficam, porém, em plano inferior, posto que, ainda assim — é claro —, elevadíssimo. Simples questão de relatividade.

É-me grato vislumbrar nessa poesia qualquer coisa de alegórico, de simbólico, relativamente à formação, à evolução artística de Jorge.

Será que me vou permitir desenvoltura igual à de que dei provas, a propósito do "menino impossível"? Não duvido. É que talvez me estejam os fados condenados a ser o crítico impossível" do Brasil...

A "negra bonitinha, chamada negra Fulô", para quem Jorge de Lima fez abrirem-se, de par em par, as portas da nossa literatura, eu a vejo como a nova musa que o seduziu, que acabou por arrancá-lo dos braços da primitiva — uma Sinhá "standard", brasileiríssima, cheia de pretensões a branca pura, européia da gema, filha e neta de arianos puro-sangue, mas, a despeito de tudo, indisfarçavelmente, simpaticamente, honestamente mulata no fundo, "Cela va sans dire"...

Sinhá boba! Foi a dissimulação, talvez, de sua mestiçagem que lhe determinou a derrota. O poeta, na ânsia de renovar-se, quis mais direto contato da natureza. Prometia-lh'o a frequentação de uma raça tida pelos etnólogos em conta de vir-

gem. Não pôde levar mais longe a resistência. Fugiu com a pretinha.

E daí os versos em que certo Brasil nos surge, o qual não será, possivelmente, o Brasil todo, mas é, sem a mínima dúvida, o Brasil maior, mais genuíno, mais representativo, mais brasileiro, nas suas "visagens" e reboleios instintivos de samba, e nos seus pinchos inevitáveis, mais ou menos estilisados e ambíguos, de bode místico.

O Brasil intoxicado de mate, de café, e guaraná, e maconha, que faz tudo para fugir à sarcástica, dolorosa mentira da sua riqueza, pela porta cinzenta do sono, ou pela porta vermelha da euforia.

O Brasil eminentemente versátil, escandalosamente contraditório, que põe a lingua de fora, ou assovia, quando alguém pretende retratá-lo.

O Brasil flagelado e cangaceiro, romântico e estuprador, imprevidente e cúpido, asceta e sibarita, contrito e lúbrico, devoto e cínico, preguiçoso e frenético, miserável e perdulário, mártir e algoz.

O Brasil da abstenção eleitoral sistemática e da ininterrupta fermentação política.

O Brasil de novenas e desfalques. De empréstimos e carnaval. De êxtases e convulsões. De renúncias e assaltos. De macumbas e mazorcas.

O Brasil Brasil.

O Brasil "daqui!"...

(Trecho final do livro **"Esse Jorge de Lima"**,

Adersen Editores, Rio, 1933)

UM ARTISTA CLÁSSICO
FERNANDO DE AZEVEDO

Péricles Moraes

A HISTÓRIA, absorvida na faina vertiginosa de acumular, classificar e comentar os acontecimentos, explicando-lhes os fenômenos da evolução através das dissertações da crítica e das abstrações da filosofia, pouco interessara, isoladamente, a figura singular do amante da mulher de Tiberius Sextus Gracchus. A não ser o de Tácito, que fez suscitar a dúvida entre os historiadores modernos sobre a verdadeira identidade do "árbitro das elegâncias", não há notícia de um outro retrato que lhe tivesse refletido, ao menos, o caráter e as modalidades do espírito irreverente e irônico. Caius Petronius, consoante as afirmativas dos textos históricos, foi apenas um áulico de talento da corte de Nero, a quem atribuiram o **Satiricon,** obra corrosiva e licenciosa, e que, depois, por haver crivado de epigramas o imperador cruel, abrira as veias, renunciando à vida. Não esqueceu a História de assinalar que esse homem tivera um gesto pagão na hora derradeira: despedira-se da vida ouvindo o rumo de beijos, aspirando rosas e embriagando-se com o vinho dourado de Siracusa.

Foi um romancista do país das estepes geladas e da melancolia, o polaco Sienkiewicz, o primeiro a revelar, ainda em contornos vagos, mas de onde já transparece o encanto de seu espírito sutil e flagelador, o retrato do "precusor da galanteria", que tinha no aflorar de cada sorriso uma graça zombeteira e mortal, e na estética de cada expressão cavalheiresca os requintes volutuários de quem aprendera a amar e ser amado pelas mulheres mais perturbadoras de seu tempo.

Depois, a intervalos, num trabalho simultâneo de decalque, desvirtuamento e destruição, a lenda encarregou-se de transfigurar e contrafactar a figura nobre do sorridente epigramista, rematando-lhe as arestas com retoques displicentes e falsos.

Eis que agora, repentinamente, passada a crise que tanto lhe mortificara a tradição, um escritor erudito, brilhante conscienciosо — o sr. Fernando de Azevedo, em um livro de idéias e de extrema inteligência,**No tempo de Petrônio,** sobrepondo-se ao tumulto dos fatos e das controvérsias em que o nosso espírito se perde, e sob o patrocínio da subita e radiosa autoridade de seu nome, faz exsurgir de novo a figura de Petrônio, mas desta vez na multiplicidade de seus aspectos espirituais, através das linhas estéticas de um estilo que é a projeção de sua sensibilidade de artista. Nesse livro há como uma ressurreição, não apenas do espírito polimértico do sátirico e elegante cortezão de Nero, mas do espírito da antiguidade romana, dos seus esplendores, das suas magnificências. A magia do passado resplandece em todas as páginas dessa obra. Mas convém dizer, desde logo, que esse artista, dos melhores e mais fulgurantes da atualidade, é também um grave pensador, um disseminador de idéias que se compraz em exumar os depoimentos insuspeitos dos historiadores, para com eles, dispondo-os em ordem, investigando as formulas e as leis fixas que lhes presidiram à fatura e examinando-os com a serenidade de quem deseja ver bem para melhor julgar, conseguir abranger no seu livro um estudo completo como jamais se fez, não se de uma figura do cenário que a sua visualidade de artista focaliza, mas de uma época inteira, sem desnaturar os fatos, antes caracterizando-os, no relevo de surpreendentes perspectivas. São tão diversas e tão harmoniosas essas perspectivas que não podemos alcançá-las a todas de uma única visada. Obra de reflexão e de experiência, é esse livro, antes de tudo, uma pintura viva da antiguidade clássica, uma galeria de retratos inéditos que revelam prontamente a densidade de cultura do pintor, artista peregrino e insaciado que foi buscar e reviver as suas emoções nas velhas fontes da sabedoria humana. Tal é a primeira impressão que nos empolga à sua leitura. Depois, ao contato de sua curiosidade, de sua ânsia de conhecer e divulgar, de suas faculdades de análise e de observação, de sua técnica reconstrutiva, depara-se-nos o historiador, os lardos horizontes de seu descortino ao serviço do artista, intimamente colaborando nas suas idéias e trajetórias. Também o moralista, conjuntamente o psicólogo dos sentimentos, simultaneamente o crítico, aí se alternam, prolongando-se e completando-se num esforço prodigioso.

A moral, nesse livro, tem a sua forma abstrata e sistematizada, não desorganizando e suprimindo a vida, á maneira de Paulhan, por efeito de sua própria "imoralidade", mas equilibrando-a, pelo contrário, na sua aspiração superior de bondade e de beleza; e só um penetrante psicólogo, mas um psicólogo que conhecesse profundamente a evolução da vida afetiva e a natureza de todas as emoções humanas, teria ousado realizar esse estudo sobre as mulheres de Virgílio, que aí desfilam num cortejo impressionante, amorosas e sensuais, resignadas e magníficas, perfiladas de um só traço insigne, aguaforizadas de um só ímpeto de artista volutuoso e amargo. Também o crítico se não penumbrou no desenvolver dessas grandes páginas. Teve o seu papel proeminente, desvendou as suas indiosincrasias e inclinações dominantes, coordenou virtudes e imperfeições, gizou o comentário sutil e avisado; e, á medida que o historiador ressuscitava idades mortas, a sua sensibilidade vienal e plástica analisava-lhes a religião, as instituições, as artes e a filosofia. Do concurso dessas aptidões excepcionais pode o sr. Fernando de Azevedo armar esses quatro estudos sobre os pensadores latinos que o livro enfeixa, quatro páginas de cultura clássica de emoção estética, onde se desdobram com a mesma clarividência o sentido da verdade e a sensação da vida. São quatro retratos — Lucrécio, Seneca, Tácito e Marco Aurélio, resumbrando de cada um, de par com a sua agudeza de vidente, a intuição do artista, a estabilidade de seu espírito, a extensão e o alcance de seu "coup d'oeil", que conseguem ao jeito de Taine, fazer dos retratos a ciência dos caracteres, aí revolvidos em todas as suas manifestações interiores, e do estilo, em suas claridades interpretativas, a ciência dos caracteres, dos fatos e das leis sociais.

Mas, sobretudo, é no retrato de Petrônio, de prismas inteiramente novos, revelando-o na sua psicologia de indiscutível autenticidade, que o artista, para ser verdadeiramente artista, dispõe dos meios naturais que nos oferecem as diferentes senções de nossos sentidos, deixando-nos isolados de nós mesmos, como se fôssemos transportados a um refúgio solitário do passado que a sua arte constelasse de alegorias e exaltações. Para evocar a figura do "precursor da galanteria", tal como ele foi e como devia ter passado á História, o artista, a haustos largos, se dessendenta na fonte dos clássicos latinos, em Tácito principalmente. Mas de modo nenhum se despersonaliza. A visada é sempre de observação direta, e da propriedade de seu comentário, em fluxos e refluxos, deriva o lastro de cultura que lhe foi a diretriz nas explorações histó-

ricas. Petrônio está integral; o acume de sua mordacidade epigramática, o seu pessimísmo, as suas "idéias socialistas", a sua vis satírica, a sua maneira de ver, dé agir e deduzir, segundo a época, em desacordo com as circunstâncias ambientes, em detrimento dos fantoches de uma corte que se refocilava nas esbórneas de um imperador lascivo e corruptor. O seu livro **Satiricon,** que deu ao artista "a impressão da natureza bruta, irregular e magnífica, com seus filetes de água e catadupas estridentes, com seus velados boscarelos e matas de sarrações bravios", resume-lhe a caudal irônica, o pendor caricatural de que Trimalchião é o paradígma. As modalidades e os refinamentos do espírito de Petrônio, dentro e fora desse livro, se acham coligidos e anotados pelo artista em uma linguagem extremamente sóbria e profundamente eloquente, como se essas duas características dispares de seu estilo lhe traduzissem o prestígio e a sedução. É assim a obra do Sr. Fernando de Azevedo. Faz-se mister graduar a superioridade de todos esses méritos para que se avalie no seu conjunto a eficiência do artista, a elegância do escritor e a potencialidade do historiador.

Já se tinha assim afirmado a nossa admiração pelo grande livro do Sr. Fernando de Azevedo, livro dos maiores que têm saído de prelos brasileiros nestes últimos tempos, quando **Os Jardins de Salustio,** da mesma dimensão grandiosa, de igual descortino espiritual trazendo a conhecida "empreinte classique" do notável escritor paulista, nos despertam do extase com um novo deslumbramento. Através de suas páginas de excessivo vigor, escritas "à margem da vida e dos livros", defronta-se-nos outra vez o artista excelso, o amável pensador que se constituiu, de um só impulso, um exemplo isolado de reação à **outrance** contra a investida vitoriosa de certa literatura inferior e parasitária, feita de chumaços e barramaques, mas de exito fácil e escandaloso. Pode-se dizer que há cem livros no novo livro do sr. Fernando de Azevedo. É o mais nobre elogio que lhe podemos fazer. Mas a crônica não comporta maiores digressões sobre os conceitos, as idéias, a formosura de estilo dos estudos fortes d' **Os Jardins de Salustio.** Detenhamo-nos, a contra-gosto, nesta altura de nossa peregrinação. Resta-nos dizer, entretanto, que tanto deste último livro, como do **No tempo de Petrônio,** tudo o que se tem dito de seus valores, — referimo-nos ás apreciações que chegaram até nós —, é evidentemente medíocre e aquem do verdadeiro mérito dessas obras. A crítica parece tê-las mal compreendido na sua essência e nas suas idéias, para relegá-las assim a essa indiferença desdenhosa e suspeita que seria,

antes do mais, um índice desalentado da preparação mental de seus profissionais, quando não fosse a prova de nossa apatia e do nosso descaso pelas obras sérias e honestas. Porque, deveras, somente a insuficiência de cultura, incapacitando o julgamento, justificaria um tal silêncio e uma tal crítica, desde que, fora da rotina e distanciados da salobra fancaria que se vem editando ultimamente, esses dois livros de idéias são daqueles que demandam para a sua penetração conhecimentos mais ou menos em equilíbrio com a soma vasta de cultura, antiga e moderna, que contribuiu para a beleza de suas páginas intensas. Seja como for, assediado pelo desdem pela indiferença ou pela incultura, o espírito do sr. Fernando de Azevedo é uma força em movimento, e os seus dois últimos livros, com fixarem um momento culminante na evolução de nossa história literária, são um exemplo de energia e vitalidade que muito aproveitará aos estuporados Marinetis do turismo nacional.

UM TERCETO DO "PURGATÓRIO"

Adriano Jorge

Dos poemas eternos, em que floriu radiosamente o gênio latino — A Eneida, A Divina Comédia e o Os Lusíadas — é a tempestuosa de Dante a que mais extaticamente arrebata, a que mais gloriosamente orgulha, a que mais humanamente comove.

Ao lado do panfletário candente, que soltou, em turbilhão agônico, através dos tercetos do "Inferno", sua alma intrépida e sideral, a clamar, no ciclone sonoro de sua tragédia interior, as suas cóleras sagradas, surge, nas duas cantiche seguinte — "Purgatório" e "Paradiso" — o teólogo, o filósofo, o matemático, o astrônomo, o homem formidável, que condensou em uma Obra de Arte — a maior do mundo — toda a ciência de seu tempo!

Relendo e estudando — a Divina Comédia é para meu espírito uma espécie de "Imitação", a que, como ao livro de Thomas Kempis, tanta vez recorre nas turbações da alma — o canto I do "Purgatório", deparou-se-me, uma vez ainda, aquele terceto célebre, que sempre me impressionou profundamente e que agora pude penetrar com ainda maior assombro:

Io mi volsi a man destra, e posi mente
All' altro polo, e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor che alla prima gente.

O poeta acaba de exsurgir do Inferno, que a sua prodigiosa fantasia situou no centro da terra, encontrando-se, ao

lado de Virgílio, perto do polo sul, à orla da praia do Purgatório.

Naquela dolorosa e longa saudade das estrelas exalada no derradeiro verso do "Inferno":

E quindi uscimmo a riveder le stelle,

volve-se religiosamente para o ceu, sorri um instante para os lados do Oriente a

Lo bel pianeta che ad amar conforta,

e, voltando o rosto para a direita, isto é, para o sul, vê, maravilhadamente para ele, porém maravilhosamente para quem o sabe ler, aquelas

quattro stelle
Non viste mai fuor che alla prima gente.

Que quatro estrelas seriam essas, que Dante, nesse terceto de "Purgatório", figura ver no céu austral?

O Cruzeiro do Sul? Para mim, é evidente.

Como, porém, admitir a possibilidade dessa referência do poeta a uma constelação, de que ninguém ainda, até então, falara e que é invisível no hemisfério setentrional, não podendo, pois, ter sido nunca vista por Dante?

A astronomia do poeta não podia ser outra que a de Ptolomeu, uma de cujas obras, a cognominada Almagesto na tradução latina de Trapezúncio, registra um catálogo de mil e vinte e duas estrelas, entre as quais quinze de primeira grandeza.

Ptolomeu inclue três das estrelas do Cruzeiro do Sul atual na constelação do Centauro — alfa, beta e delta, não se referindo á gamma — a cabeça da cruz.

Desde Eudóxio, passando por Hiparco, há idênticas indicações, com a mesma falha, significando isso que, fosse por que fosse, ainda ao tempo de Dante, a ninguém impressionára a configuração de cruz, que apresenta a constelação, hoje autônoma do Cruzeiro do Sul, então incorporada á do Centauro.

Só em 1500, aparece a primeira referência às quatro estrelas em cruz!

Mestre João, piloto de Cabral, em carta escrita a D. Manuel, diz: "... e estas estrelas principalmente las de LA CRUS son grandes casy como las del carro..."

Em 1514, João de Lisbôa, em seu livro Tratado da agulha de marear, fala no Cruzeiro, que ele deve ter observado em 1506. Consigna ele::"... determinei ffazer decraraça do CRUZEIRO por ver mais largo synall..."

Logo no anno seguinte, em 1515, Andrea Corsali, navegador florentino ao serviço de Portugal, depois de referir-se às duas constelações, hoje conhecidas por Grande e Pequena Nuvem de Magalhães, a que ele chama due nugolette, anuncia: "... sopra di queste apparisce UNA CROCE MARAUIGLIOSA..."

Depois, em 1520, Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães, assignala igualmente o Cruzeiro.

Acredito que os portugueses tenham conhecido esta constelação desde a viagem de Gil Eannes, em 1433.

Sabe-se, entretanto, que somente nas Cartas celestes publicadas do século XVII em diante, começa a ser registrado o Cruzeiro do Sul, o qual, inaugurado o assombrador ciclo das navegações para o ocidente e para o sul, depois da tomada de Constantinopola pelos turcos, em 1453, foi familiar aos navegadores da época, devendo sem dúvida alguma caber aos portugueses a prioridade na formação e assinalamento do novo magnífico asterismo.

Dante, porém, escreveu aquele terceto quase duzentos anos antes!...

Lê-se, nos Lusíadas (canto V —est, 14):

> Já descoberto tínhamos diante
> Lá no novo hemisfério nova estrela
> Não vista de outra gente, que ignorante
> Algus tempos esteve incerta dela.

Essa nova estrela de Camões será a própria constelação do Cruzeiro do Sul? Será gamma, que ele enfim juntara às três primitivas estrelas de Eudôxio, Hiparco e Ptolomeu, conformando-se dest'arte às anteriores observações e referências de Mestre João, João de Lisboa, Andrea Corsali e Pigafetta?

Sinceramente, não me parece que o grande poeta calasse o inevitável surto, que a imagem da Cruz no céu lhe inspiraria e apenas se cingisse aqueles quatro versos citados...

Creio antes que Camões se referisse a Akharnar — a Achenard de Arago — alpha do Eridano, belíssima estrela de primeira grandeza.

Seja como for, parece ficar documentada irrefutavelmente a afirmação de que, ainda nos meiados do século XVI o Cruzeiro do Sul não estava admitido como constelação autônoma.

Dir-se-á que também Dante não falou na configuração de cruz, que ostentam as quatro stelle.

Leia-se o terceto imediato àquele:

Goder pareva il ciel di lor fiammelle.
O settentrional vedovo sito
Poiché privato se' di mirar aquelle!

É aquele surto de poesia inspirada, que falhou em Camões!

Dante lamenta o hemisfério setentrional, chamando-lhe região viúva, pois que não pode vê-los, enquanto diz que o céu austral parecia gozar daquele brilho dos quatro astros!

Pouco além, ao encontrar Catão de Utica, à praia do "Purgatório", diz o poeta:

Li raggi delle quattro luci sante
Pregiavan si la sua faccia di lume,
Ch'io il vedea come il sol fosse davante.

As quatro luzes santas! Porque santas? E porque aquela linda nipérbole: "Os raios das quatro luzes santas lhe esmaltavam a face de tamanho fulgor, que eu o via como se estivesse iluminado pelo sol"?

Nas múltiplas referências astronômicas do poema, não há, em uma só, semelhante arroubo religioso.

Não tenho, pois, dúvida alguma: Dante fala, em 1310 ou 1312, na constelação do Cruzeiro do Sul!

Intuição divinatória? Milagre do gênio?

Sou, infelizmente, muito pouco místico para aceitar tais interpretações. A lógica impõe uma explicação única: — O altíssimo poeta conhecida a ciência astronômica dos árabes já então, por influência dos Alfraganus, dos Albumaser, dos Albategnius, superior á de Ptolomeu, senão quanto à concepção geral do Universo, ao menos quanto a mais seguras e acuradas observações do céu austral.

Sabe-se como foi avassaladora, na África setentrional e na Europa meridional, a estupenda predominância da cultura árabe, a que a Ciência deve maravilhosas conquistas.

Mercê também das viagens ao Oriente, desde o século XIII, realizadas por genoveses, venezianos, pisanos, a língua dos árabes era conhecida e estudada na Itália.

Assim, quando o Papa Inocêncio IV enviou, em 1245, ao Khan dos tartaros o franciscano Carpini, a carta que acredi-

tava o embaixador de Sua Santidade foi escrita em eslavo, em tártaro e em árabe.

Parece-me, pois, que a evidente referência dantesca ao Cruzeiro do Sul, absolutamente irrefutável à luz da crítica tem uma explicação natural... se natural é aquela potencialidade de inteligência, aquela prodigiosa cultura, tal inspiração poética, tal exaltação religiosa — a genialidade, o fervor, a ciência, o êxtase bíblico, que ateiam aquele glorioso, e tumultuário incêndio de clamores e lampejos, a lavrar, suave e furente, nas páginas eterna da Divina Comédia —, se é natural esse milagre num único cérebro de homem!

OS MORTOS

A Academia Amazonense de Letras, nos anos de 1971, 1972 e 1973, sofreu enorme desfalque em seu quadro de membros-efetivos com o trespasse dos ilustres acadêmicos: Sebastião Norões, Anísio Jobim, Ramayana de Chevalier e Pereira da Silva.

SEBASTIÃO NORÕES desapareceu em fevereiro de 1971. Deixou-nos um livro de poesia, bastante aplaudido, de ritmo agradável e moderno que, dele, recebeu o sugestivo título: POESIA FREQUENTEMENTE. Nascido no alto Madeira, terra de poetas, agradou-lhe ter como patrono o fugulrante Raimundo Monteiro, bardo dos maiores de nosso Amazonas.

Bem haja, pois, aqui reconhecermos quanto iluminada, sob um sol de tamanho fulgor, e na bela poesia que nos deixou, foi o trabalho de Sebastião Norões a favor do engradecimento de nossas boas letras.

ANÍSIO JOBIM teve o seu trespasse ocorrido em agosto de 1971. Notável pesquisador e grande divulgador de nossos municípios, teve atuação correta e brilhante como Desembargador de nosso Tribunal de Justiça e Senador da República. Nesse quase último estágio de sua preciosa existência, soube merecer-se como digno representante do povo amazonense. O nosso Estado lhe deve o labor de valiosos trabalhos sobre antropo--etnologia, história e sociologia.

RAMAYANA DE CHEVALIER faleceu no Rio de Janeiro em agosto de 1972. Jornalista, político e polemista, temos que, dos livros que escreveu, o primeiro, intitulado NO CIRCO SEM TETO DA AMAZÔNIA, lhe enfoca o melhor da genialidade literária em que se mereceu.

Além do Rio, sua derradeira morada, esteve no Acre e no Rio Grande do Sul. Era Coronel-Médico reformado da Polícia Militar do Amazonas.

PEREIRA DA SILVA, o fabuloso Pereirinha como era conhecido e admirado, foi vigoroso tribuno e notável representante do povo amazonense na Câmara Federal. A ele, ao seu dinamismo, parlamentar, ficamos-lhe a dever o projeto de criação da Zona Franca de Manaus.

Vate de fina sensibilidade, Pereira da Silva, além do maravilhoso livro de poesia que nos legou, em ritmo de eterna alegria acerca de rosso Amazonas, deixou-nos honrada memória que, certamente, pelos seus, será focalizada em trabalho dos mais meritórios.

O ADEUS! AO MESTRE

Genesino BRAGA

Seguido de um cortejo de lágrimas e preces, que fluíam do coração sentido de entes queridos, o velho mestre chegou à morada última. Seu corpo morto mantinha a postura de dignidade e de integridade moral com que sempre se conduzira o homem pela vida, numa existência que durou noventa anos!

Mestre, Juiz e homem de letras, Sadoc Pereira aformoseara, com o seu saber, com a sua consciência impoluta de magistrado e com seu intelectualismo discretamente requintado, as três cúpulas ostensivas do pensamento de cultura do Amazonas: a Universidade, o Tribunal de Justiça e a Academia de Letras.

Na primeira, irradiara as centelhas da sua inteligência da cátedra de Direito Judiciário Civil. Iluminara os caminhos em rumo da Hermenêutica a várias gerações de discípulos e seguidores, armando centúrias e mais centúrias de cruzados da Lei. Desembargador, nunca foi de tanta alvura o arminho como em sua toga, ninguém melhor dignificou, honrou e até mesmo sublimou — com tanta naturalidade e tão beneditina modéstia — a Magistratura, como Sadoc Pereira. Foi um autêntico **Servus Servorum Justitiae!**

E do homem de letras, do pensador e do primoroso cultor da Forma, que até expirar ocupou a Cadeira de Joaquim Nabuco, na Academia Amazonense de Letras, deixou-nos o mestre, como documento de sua esplêndida formação literária, entre tantas páginas altas, aquele seu discurso de posse, perante a ilustre Companhia, na fulgurante noite de 8 de junho de 1952. É uma peça magistral, que Pericles Moraes divulgara nas

páginas da Revista da Academia, em dezembro de 1955, com o destaque que o Presidente e Patrono costumava dar aos trabalhos de mais fino lavor.

Assentando-se à poltrona que tem por patrono Joaquim Nabuco, deste se ocupou o novo imortal, ao longo das vinte páginas de sua bela oração. Da mocidade aos últimos alentos de vida, em toda a sua obra, em todo o seu trabalho e em toda a sua glória, o celebrado autor de **Um Estadista do Império** é ali revivido com grandeza e em toda a plenitude de sua inconfundível figura, sob o fino espírito crítico e ampla análise do clima internacional de conturbações políticas em que atuava e se fazia impor.

Estudo acurado o fazia, então Sadoc Pereira, em capítulo especial, da obra literária de Joaquim Nabuco. E neste particular, não resistimos à tentação de transcrever o trecho que vai a seguir, em que o acadêmico recipiendário de 1952 se referia às produções do grande estadista brasileiro:

"A manusear com paciência documentos, que reunira no curso de vários anos, escreveu a sua maior obra literária — "Um Estadista do Império", em que, traçando a biografia do pai, reconstituiu uma longa fase da história do primeiro e segundo reinados.

"Vêem-se, nesse trabalho, apreciados e discutidos com mestria e acuidade de um sociólogo, todas as questões que se agitaram no panorama nacional da monarquia, abrangendo individualidades e acontecimentos em um período de quase oitenta anos de nossa vida política.

"Ali se encontram estudos completos sobre a atuação dos nossos estadistas, a organização dos ministérios, as reformas sociais, o tráfico e a escravidão, a questão religiosa, a política exterior, até a queda do regime monárquico.

"Um Estadista do Império" não teve, é verdade, no país, a repercussão que merecia pelo seu extraordinário mérito, como uma decorrência da apatia com que entre nós se encaram não só os fatos históricos, como os graves problemas do nosso futuro.

"Para ter-se uma idéia do valor dessa obra, basta dizer que não é possível hoje possuir-se um conhecimento perfeito de um grande período de nosso passado sem os quatro volumes que a compõem e em que o autor deixou, mais uma vez, demonstrada a extensão e profundeza da sua erudição.

"Só um grande espírito, com efeito, seria capaz de realizar esse monumento, que Joaquim Nabuco expressou ser a grande devoção de sua vida literária.

"No percurso da elaboração de "Um Estadista do Império", publicou Nabuco "Balmaceda" e "A Intervenção Estrangeira", o primeiro livro sôbre um movimento político no Chile e o segundo a respeito de um episódio da revolta de Saldanha da Gama no Brasil. Ambos esses trabalhos são constituídos pela coordenação de artigos publicados antes na imprensa diária, pois que êle, mesmo nos momentos em que outras atividades preocupavam o seu espírito, não deixava de parte o jornalismo.

"Minha Formação" é também uma obra constituida em parte de publicações feitas em jornais de São Paulo o que Joaquim Nabuco, aduzindo novos elementos, deu forma nova e definitiva.

"Há nesse livro, de recordações da infância e da mocidade, páginas de verdadeiro encanto, que nos despertam emoções pelo seu doce e suave lirismo. "Minha Formação" é para muitos a obra prima de Joaquim Nabuco.

"Outras vieram dele, depois, tais como "Escritos e Discursos Literários" e, em francês, "Pensées Detachées et Souvenirs", sem falar nas inúmeras conferências que fez, em inglês, na América do Norte.

"Pensées Detachées" contém uma série de máximas, em que não se sabe que mais admirar, se a penetração do espírito ou a beleza da forma em que são expostos os pensamentos.

"Quando o livro veio a lume, Emile Faguet, que o leu, atribuiu-o a um escritor de seu país, disfarçado sob pseudônimo. Achou que o autor, para ele desconhecido, era um filósofo deveras interessante, que por vezes se mostra, através de suas idéias, um poeta ou romancista.

"Houve, é certo, quem increpasse a linguagem de Joaquim Nabuco. Como a Eça de Queiroz, alguém lhe atribuiu deslises por influência dos escritores franceses, que ele conhecia mais do que a literatura nacional.

"A verdade, entretanto, era que ele traduzia sempre as suas idéias em uma exposição simples e clara e em um estilo fluente e sedutor. Para José Veríssimo, era ele "uma das maiores figuras literárias do Brasil e de nossa língua".

"Achava João Ribeiro que "poucos são os livros de nossa literatura comparáveis a "Um Estadista do Império". "Sua construção — acrescentou o grande filólogo, — é admirável; a pintura dos caracteres dos homens e das coisas do tempo são evocados com acentuação e com vida, que nos parece um romance."

Dera ainda o mestre à Academia, no ano passado, já enfermo, a sua biblioteca, quase dois mil volumes dos livros em que se dessedentara a sua inteligência, por todo o andar de

sua existência. Neles estão as marcas das suas observações, do seu estilo de aprender e conhecer.

Sadoc Pereira havia já mergulhado na grande noite da Redenção e do Silêncio, quando, naquele fim-de-tarde escaldante do verão amazônico, há três dias, diante do seu hirto corpo morto baixando à terra de seu berço natal, recebeu o Adeus! da Academia Amazonense de Letras e da Universidade do Amazonas, por seus ilustres intérpretes. Acadêmico Mendonça de Souza e Professor David Mello.

E também o de uma pobre cigarra, que, triste, ao longo, cantava, cantava... Como um Adeus! muito sentido, da sua terra e de sua gente.

O ENAMORADO DO AMAZONAS

Genesino BRAGA

Não sabemos de ninguém que compreendesse tão intensamente e tão inteligentemente a sensibilidade de um momento de convulsão política, ou cultural, como esse poeta sonhador que há sete dias se sublimou de silêncio e de paz eterna, partindo dentre nós para o lado da suprema claridade. Francisco Pereira da Silva parece que sabia de cor o diálogo secreto que, nas trincheiras das idéias-forças, une os homens a serviço do sentimento revolucionário, pressentindo muitas vezes onde estava a redenção do seu mundo impossível de poeta.

Poeta ele o fora na ação patriótica que o conduzira na enérgica revolta de Ribeiro Junior e Magalhães Barata. A Aliança Liberal, a Revolução de 30, agitador das paliçadas oposicionistas, tribuno fogoso das estacadas da resistência, são inúmeras as causas de reação e reivindicação populares que tiveram, no poeta, o apóstolo ardoroso e o defensor desvelado. Desceu ao sofrimento das gentes pelos degraus do seu próprio coração. Subiu as escadarias do Governo do Estado nos braços das multidões. Ingressou na Academia Amazonense de Letras coroado de talento e de poesia. Foi dos primeiros intelectuais amazonenses que aderiram ao surto renovador do pensamento artístico provindo da Semana de Arte Moderna. De seu sonho de poeta nasceu a Zona Franca de Manaus.

E, por isso, — porque gerados em sonhos de poesia, — foram triunfantes todos os movimentos de renovação política e cultural a que ele serviu com o fogo do seu idealismo e o entusiasmo byroniano do seu coração de poeta. Voz de revelação para os anseios de seu povo, nele os fenômenos sociais e po-

líticos repercutiam aumentados e mais diretamente vividos, fazendo com que se apaixonasse pelas causas e a elas desse, com a sua atividade e a força do seu idealismo, uma alta e grandiosa expressão, para torná-las bonitas como a sua arte.

Poeta de um verso ágil, límpido, elástico e acrobático ("A minha voz é o meu delírio... É a voz de um Mago, / Que enloqueceu em certa orgia / Paradisíaca, / Onde cantou, com muita alma e melodia, / Os salmos redentores dos meus gritos"), suas imagens, parecendo saltar de um trampolim, com absoluta exatidão de movimentos e naturalidade encantadora, davam à vida a revelação de formas espirituais novas. Os esplendores da natureza amazônica surgiam sobre um fundo lírico, na sua poesia paisagística, imprimindo-lhe os acentos de um artista grego perdido nas selvas tropicais.

Esteta em toda a plenitude dos que sentem a suprema volúpia da imagem desbravada e nua, Francisco Pereira da Silva dava expansão vital e ritmo titânico aos seus poemas, procurando tornar tentaculares e absorventes as suas concepções estéticas. Sua poesia, toda de ímpetos fluviais, rebojantes, desborda numa satisfação integral da obra criada. É seiva, fronde ornamental da beleza estática, sentindo elástico das coisas e das emoções, tormento plástico que faz sentir toda a luz, toda a força da natureza. Essa poesia, no-la deixou o vate em seu livro "Poemas Amazônicos", publicado em 1927, com 2.ª edição tirada em 1958.

Nesse livro, cantou Pereira da Silva o seu amor pelo Amazonas. À linha reta dos horizontes elásticos, — signo do seu caráter, — e à linha sinuosa dos rios rebojantes, — signo da sua imaginação, — uniu ele as harmonias do sentimento poético. Os milagres do nosso alvorecer e dos nossos "por-de-sol", os cantos índios, as lendas, as árvores, as paisagens, a água encantada dos lagos, o cheiro da baunilha, a voz da Iara, as nossas coisas todas se exaltaram e tomaram colorido e beleza nos seus versos: "Terra-Mulher! Noiva da Luz! Enamorada / Eterna do Grande Rio! / Princesa de olhos glaucos, misteriosos, / Sobre o espelho dos lagos debruçada! / Eu vim de longe, do País Sombrio / Dos Desenganos, para o teu regaço!... / Vim pelos teus encantos gloriosos... / Vim pelo braço / Da beleza tua... / E eis-me, agora, a teus pés, Terra Encantada!" — cantara ele, enamorado da Terra Amazonense, no poema " Prece Pagã", assim fechando-o:

"Hei de amar e querer sempre essa vida
Que promana de ti...
Que vem da exaltação de teus encantos...

Porque tu és,
Terra Florida,
Deliciosa noiva de Iaci,
A nota genesíaca de meus cantos...

Eu vim de longe cheio de fervor,
Para prostrar-me, humílimo, a teus pés...
Dá-me, Terra-Mulher, o teu Amor..."

"Os cantos bárbaros de meu deslumbramento", "Prece pagã", "Na hora do milagre do amanhecer", "Vinheta amazônica", "O Grande Rio", "O canto da nação Canamari", "Baunilha... Carne em flor", "O Japiim e o Tamurupará", "Meio-dia", Samaumeira morta", "Por-de-sol amazônico", "Noturno de água parada", "O Rio dorme, aci canta", "Natal nas selvas", "A dansa negra da floresta", "Saudade de selvagem", "O poema da seringueira" e "Águas guerreiras" são os poemas de ritmos telúricos que Pereira da Silva nos deixou de sua paixão amazônica". Quanta doçura e quanta delicadeza naquela interpretação poética da lenda da Baunilha! "Sim!... Amaste!... Bem sei... Prendeste... Foste humana, / E, humana, pecaste... /Por isto, a maldição de Deus te foi tirana, / E em planta tornaste..." E as fulgurações que nos ofuscam, aqui, ali, no poema "Por-de-sol amazônico"?... "Há pedaços de luz que são taças partidas!", "Há recantos de céu que são rios brilhantes!", "Salve, dança nervosa / Das meias-tintas em delírio pelo Espaço!... / Festim de luzes suaves das Alturas, / Apoteose das iluminuras..." "Por-de-sol amazônico! / Saturnal do esplendor da Natureza! / Como empolgas meu ser e minhalma de artista, / Festa de Amor e de Beleza!"

Cumpriu superiormente sua missão entre nós esse poeta, cujo corpo morto a terra amazonense, agradecida, o acarinha, agora, num sepulcro em suas entranhas. Vivera a vida no que esta possui de esplendor e de amargura, de glória e sofrimento, de triunfos e de lutas. Mas, cantou. E, cantando, foi feliz, como ele próprio proclamara em "Os cantos bárbaros do meu deslumbramento":

"E sou feliz porque canto, ao som da frauta dolente,
Esses gemidos
Doloridos
De minha glória de mortal...
. . . . . .

Ah! Nem sabeis!... Cantando
É que se sente a Vida,
Braços erguidos para a Perfeição!"

Acolhei em Vossa Glória a alma desse poeta, meu Senhor
[e meu Deus!

RAMAYANA DE CHEVALIER

Genesino BRAGA

Porque, principalmente, ele sabia criar, por onde passava, como esteta, como cientista, como homem de sociedade, instantes imperecíveis, momentos gloriosos, com a força e a harmonia das obras eternas, — a notícia da sua morte não me trouxe nenhuma idéia de fim. Ele continua vivo em tudo o que Deus o fez transformar em matéria de arte e poesia, alargando em sua própria vida o lirismo translúcido com que armou as mais lindas páginas da nossa literatura. Jamais o poderei imaginar desfeado pela enfermidade, ou despojado para sempre daquela vida quente, estudante, luminosa, com o brilho cavalheiresco e radioso que instante a instante escorria do seu encanto pessoal.

Ele foi, em verdade, um imaginoso admirável, um destro atilado e sutil cadenciador de formas lógicas, arquitetor de imagens diretas, mas sem destituí-las da sutileza ou da nota irônica que tão bem nelas sabia imprimir. Ele tinha, ao que parece, a obsessão da forma pura, da forma inspirada nas dimensões do Bem e do Belo, da forma que traduz a essência íntima da emoção. Ele, devendo ser o fiel intérprete da sua geração, a voz ansiosa de uma grei desinquieta, foi na verdade o grande lírico da realidade, o condutor, em sonho, a Maupassant, de uma auriflama que nunca se inclinou nos pórticos da submissão e da opressão.

Ramayana de Chevalier!...

Prefiro vê-lo nos dias da mocidade, porque é desses seus dias de mocidade que quero guardar a sua figura fascinante,

plasmada de graça, de inteligência, de elegância, de talento e de ideal. Quando era a vida a sua paixão, e ela, amorosa, riscava-lhe a trajetória luminosa de uma astro, abrangendo o Universo! Quando tudo a seu redor era claridade e harmonia e o seu espírito claro de ateniense via no mundo todo o cenário pagão para o jogo floral das idéias!

Médico recém-formado, então, retornado da Bahia aos pagos amados, de volta à casa paterna cheia de bênçãos, onde os velhos pais — ah! aquela alegria de felicidade dos queridos mestres D. Raimunda e José Chevalier!, — o enchiam de ternura e de vontades, ele trazia um roteiro de argonauta nimbado de otimismo em busca de seu ambicionado Velo de Oiro, — que nunca ninguém soube em que rumo do seu sonho se alteava.

Cheio de talento e de beleza, derramava lindezas por onde passava: no âmbito moral, na elegância mental, na eurritmia integral. Desejava a estesia artística das coisas, das idéias, dos sentimentos, como desejava a mulher amada. Creio que o seu largo espírito generoso só conheceu um rancor: o à feiura onímoda. Ele era o enamorado da forma harmoniosa.E foi como enamorado da forma harmoniosa que compôs versos mais feitos de cor do que de som, versos, por assim dizer, mais feitos para os olhos do que para os ouvidos, como se as palavras ritmadas não fossem o seu destino, mas sim as palavras esculturadas. Exprimia-se vivendo, havendo nele mais alguma coisa além do que o revelado em seus poemas ("Pobre flor triste, / porque sente, sobre si, a ironia do Destino: / enorme como o Brasil, sentimental como a quietude / estagnada dos lagos; / resignada como a alma cabocla / do Amazonas; / Bela, imensamente bela, / obra prima da estatuária vegetal... / Beleza estéril de contemplação... / Pobre flor sem perfume... / Pobre flor sem alma..." — VITÓRIA-RÉGIA). Por isso, prosou mais; e foi o prosador fascinante, impetuoso de imaginação e de conceituação, com uma riqueza de expressão inexcedível, com uma graça vocabular fidalga e ágil. E foi também, por isso, o orador de eloquente vibração, de idéias inflamadas na voragem das aspirações ardentes, cheio de ardores e de instintos embalados na sua mocidade tropical. Ginasta galante do pensamento, fazia das idéias do seu tempo a arena onde adestrava o espírito sob o comando das forças de sua própria natureza.

Ramayana de Chevalier!...

E que amor cheio de ânsias e volúpias dedicava ele ao Amazonas!... Trazia na espontânea alma cabocla a imagem pu-

ra da sua terra natal: a floresta infinita e o rio caudaloso. A linha vertical das árvores: signo do seu caráter; a linha sinuosa dos rios: signo da sua imaginação. Amava ouvir-lhe a voz de exaltação ao Amazonas. Era dos que sonhavam para estas plagas a liderança de um mundo novo, sob a auriflama de uma civilização altruística e única, impregnada de força, de poder, de cultura e de sensações de arte.

Leio trechos de cartas suas a mim dirigidas, ano passado: "Não sei que mistério, que desvelos, que visgos me grudam a essa terra, tão esquecida, só agora memorada, de vez em quando pela imprensa e assim mesmo sem grandes repercussões, a não ser quando a ameaçam na sua integridade". "Ando me mordendo de saudades de nossa taba. O gosto dos seus tambaquis e das suas jatuaranas vagueia nos meus lábios ansiosos. E as suas tardes morrentes, e as suas noites profundas, e os seus crepúsculos inigualáveis!... Digo-te: em nenhuma outra terra, um passeio de carro às dezessete horas tem o gosto dos de Manaus! Ela é, nessa hora doce e meiga, uma passarela de beleza! Sou um enfermo crônico de sentimentalismo, um apaixonado pelas nossas passagens e aspectos. Estou para dar um pulo aí, mesmo a serviço. Já não aguento as saudades e as emoções. Guarda para ti estas expressões de entusiasmo de um artista grato à Vida e a Deus por ter nascido no Amazonas e tê-lo amado tanto!"

Ramayana de Chevalier!...

Viveu intensamente o seu destino cheio de emoção humana e de afirmações de beleza. Sua obra literária não é extensa, mas representa bem uma individualidade que vazou seu prodígio criador, seivoso e novo, através dos símbolos mais nobres de amor à sua terra. Bem como os símbolos que ele nos deixou imperecíveis naquelas primeiras páginas de seu livro "Fronteiras", glorificando a água de seus pagos natais:

"Água em caudal: o rio. Água em revolta: a pororoca. Água em êxtase: o lago. Água em gangrena: o igapó. Água em dispnéia: o "furo". Água em turbilhão: o salto: Água em delírio: o rebojo. Água em tortura: a lama. Água alegre: a corredeira. Água em triunfo: o delta. Água humilde: a fonte. Água hipócrita: o remanso. Água vaidosa: a onda. Água em noivado: a espuma. Água em absurdo: — a Amazônia".

AGRADECIMENTO

A Academia Amazonense de Letras tem a grata satisfação de agradecer ao Deputado Leopoldo Peres a verba de Vinte mil cruzeiros (Cr$ 20.000,00) que lhe foi destinada através do orçamento da União para 1975.

Emílio Garrastazu Médici

Rio, GB, 06 Nov 74

Ilmo Sr

Agnello Bittencourt

Tenho a grata satisfação de acusar o recebimento do livro de sua autoria Dicionário Amazonense de Biografias.

Agradeço muito esta distinção.

Felicito-o por tão primoroso trabalho.

É, realmente, uma contribuição valiosa para nossa literatura e uma homenagem oportuna e merecida aos Homens que tanto fizeram pela grandeza do Amazonas.

Cordialmente.

SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

OF. Circ. nº 5/74

Manaus, 15 de agosto de 1974.

DO Presidente da Sociedade Amazonense de Professores
PARA: DR. GENESINO BRAGA
Presidente da Academia Amazonense de Letras

ASSUNTO: Comunicação (faz)

Sr. Presidente:

Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que, a 4 de julho p.p., em virtude de reeleição, fui empossado em Assembléia Geral, como Presidente desta Sociedade, onde me ponho à sua disposição para colaborar em prol de nossa amada comunidade, onde V. Exa. atua eficientemente com justa projeção.

Reitero a V. Exa. os protestos de fundamentada e merecida consideração.

João Chrysóstomo de Oliveira
Presidente

EXERCÍCIO DA PRESIDÊNCIA

Por motivo de doença, o nosso benquisto Presidente, Acadêmico ANDRÉ DE ARAÚJO, teve necessidade de afastar-se do exercício da Presidência, da Academia, a que vinha dando, desde janeiro de 1974, com a opulência da sua cultura, o maior devotamento, por demais interessado em dinamizar os diversos setores das atividades acadêmicas. Desse modo, em data de 14 de junho de 1974, transmitiu o cargo ao 1º Vice-Presidente, Acadêmico GENESINO BRAGA, que, desde então, se encontra no desempenho das referidas funções.

É do teor seguinte o ofício dirigido à Academia pelo Presidente ANDRÉ ARAÚJO:

"Exmos. Srs. Membros da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.

Comunico a V. Exas. que, estando sob prescrição médica em repouso absoluto, sou forçado a afastar-me das minhas obrigações nessa Casa, para os quais espero retornar assim que meu estado de saúde o permitir.

Sirvo-me do ensejo para reiterar a V. Exas. meus protestos de estima e apreço.

(a) ANDRÉ DE ARAÚJO

ALTERAÇÃO NOS ESTATUTOS

Em sua reunião plenária de 12 de janeiro de 1974, a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS aprovou nova redação ao Artigo 8º de seus Estatutos, o qual ficou assim preceituado:

"Artigo 8º — A Academia será regida por uma Diretoria composta dos seguintes membros: Presidente, 1º, 2º e 3º Vice-Presidentes; Secretário Geral; Secretário Adjunto; Tesoureiro; Tesoureiro Adjunto; e Bibliotecário, eleitos bienalmente por escrutínio secreto e cujas atribuições se definem no Regimento Interno".

Desse modo, a partir daquela data, ficou a Diretoria acrescida dos cargos de 3º Vice-Presidente e Tesoureiro Adjunto.

O GOVERNO JOÃO WALTER DE ANDRADE E A ACADEMIA

Ao encerrar-se o ano de 1974, o Governador do Amazonas, Engenheiro JOÃO WALTER DE ANDRADE, atendendo pedido da Presidência da Academia, determinou a execução de diversas importantes obras de conserto no prédio de propriedade deste sodalício e no qual funcionam a sua sede e demais instalações, tendo em vista o Chefe do Governo o dever que tem o Estado de dar perfeitas condições de funcionamento às instituições particulares que produzem e difundem a cultura no Amazonas.

São as seguintes as obras mandadas executar na sede da Academia, com término previsto para fevereiro de 1975:

—— Substituição total do telhado antigo por telhas "Brasilit", inclusive calhas e rufos.
—— Substituição de caibros e vigas imprestáveis, na cobertura.
—— Substituição total do antigo forro de madeira, quase todo apodrecido, por outro, de madeira também, e no mesmo estilo.
—— Substituição dos rodapés que se achavam estragados, ao alto e embaixo, nas paredes.
—— Conserto de todos os caixilhos estragados das janelas e portas.
—— Reposição de todos os vidros quebrados nas janelas e portas.
—— Colocação, embutidos nas paredes, dos condutos de águas pluviais do telhado, os quais anteriormente estavam colocados externamente.
—— Renovação total da instalação elétrica, em todo o prédio, com quadro geral novo.
—— Instalação de 15 bacias novas, no teto do salão, para lâmpadas fluorescentes.
—— Pintura geral interna, com tinta de 1ª qualidade.
—— Pintura geral externa, com tinta de 1ª qualidade, incluindo-se os muros por dentro e por fora.

NOVO ACADÊMICO

CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA o aplaudido romancista de **Babel; A Bruxa; A Mulher dos Marinheiros; Coronel de Barranco; o biógrafo de Ascensão e Queda de Stefan Zweig, Plácido de Castro, Um Caudilho Contra o Imperialismo; Mito e Realidade de Vargas;** o ensaista de **Imperialismo e Angústia; Sexo e Amor; Amor e Capitalismo; Imperialismo e Angústia; Patologia Dialética** etc, foi eleito para a Cadeira nº 2, da Academia Amazonense de Letras, cujo patrono é o inolvidável Euclides da Cunha.

Filho do saudoso Araújo Lima, patrono da Cadeira nº 25, ora ocupada pelo eminente Senador e Acadêmico José Lindoso, tem o escritor Cláudio de Araújo Lima, a parabenizá-lo em nossa estima e distinção, num seguimento de prova incontestável, os nossos votos que o elegeram, por unanimidade, para a A.A.L.

Um homem de letras, jurídicas, políticas, científicas, eminentemente literárias, jamais chega tarde ao nosso Silogeu. De há muito, estávamos a esperar, na Casa de Adriano Jorge, nosso dileto confrade Cláudio de Araújo Lima. Chegou, entrou, não nos pediu licença. Era um dos nossos. Melhor: é um dos nossos nesta ventura que sabemos bela e dignificante na majestade espiritual das boas letras.

"COLEÇÃO ACADEMIA AMAZONENSE"

Em sua profícua gestão na Presidência da Academia, o Acadêmico Djalma Batista lançou a "Coleção Academia Amazonense", destinada à publicação, por este sodalício, dos livros dos Acadêmicos. Impressos pela editora Conquista, do Rio de Janeiro, e cobertos por um tipo padronizado de capa, de muito bom gosto e artística concepção do capista carioca Célio Barroso, — diferindo uma da outra apenas quanto à cor, —, quatro são os livros que, no período de 1971 — 1973, fez editar a Academia, sob o selo "Coleção Academia Amazonense", a seguir relacionados:

1 "Fundação de Manaus". Mário Ypiranga Monteiro. 3ª edição aumentada. Rio de Janeiro. Conquista 1971.. 206.
2 "O Poeta e a Forma Exata". Mendonça de Souza. Rio de Janeiro, Conquista, 1972, 222p.
3 "Versos de Outrora". Cosme Ferreira Filho. Rio de Janeiro, Conquista, 1972, 78p.
4 "Dicionário Amazonense de Biografias. Vultos do Passado". Agnello Bittencourt. Rio de Janeiro, Conquista, 1973. 520p.

MAIS LIVROS DE ACADÊMICOS

Além dos autores, membros da Academia Amazonense de Letras, citados entre os que lançaram livros na "Coleção Academia Amazonense" e nas Edições Fundação Cultural do Amazonas", temos a registrar mais os seguintes, em lançamentos no decurso dos anos de 1971 a 1974:

WALDEMAR BATISTA DE SALES — "O Amazonas — o meio físico e suas riquezas naturais".

— "Uma Voz Dentro da Noite" (Crônicas).

MOACIR ROSAS (Pablo Cid) — "As Amazonas Amerígenas"

— "Pablo Cid na Conceituação Planiciária".

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO — "História do Monumento da Praça de São Sebastião".

PAULO JACOB — "Chão de Maiconã" (Prêmio Walmap)

OYAMA ITUASSU DA SILVA — "Em Torno da Liberdade"

WILLIAM RODRIGUES — "Subsídios para estudos das sapotáceas da Amazônia".

— "Virola Theiodora como planta alucionógena e tóxica da Amazônia".

— "Subsídios para estudo das leguminosas da Amazônia".

CARLOS DE ARAÚJO LIMA — "A Cadeira"

— "Criminalidade comum e Segurança nacional".

EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO AMAZONAS

Superiormente dirigida, há 4 anos, pelo Acadêmico João Mendonça de Souza, a Fundação Cultural do Amazonas é, sem dúvida, o setor cultural mais eficiente e de maior produtividade no Amazonas. Admiráveis e de uma valia inestimável são as edições do "Jornal-Cultura", que a instituição edita trimestralmente, constituindo-se, pela seleção da matéria e pelo primor artístico da feição gráfica, o mais belo e o mais sério dos nossos órgãos de divulgação literária

No decurso de 1974, a Fundação Cultural fez imprimir 6 livros, que ficaram compondo os volumes iniciais da "Coleção Pindorama", das Edições Fundação Cultural do Amazonas. São eles:

— "Caminhos de Sílvio Romero". João Mendonça de Souza. (Coleção Pindorama — vol. I) Manaus, Imprensa Oficial, 1974. 425p.

— "Sociologia de Manaus". André Vidal de Araújo. (Coleção Pindorama — vol. II). Manaus, Imprensa Oficial, 1974. 341p.

— "Roteiro do Folclore Amazônico". Mário Ypiranga Monteiro. Tomo II (Coleção Pindorama — vol. III), Manaus, Imprensa Oficial, 1974. 564p.

"Deus na Guerra dos Homens"Wilson Brandão Silva.)Coleção Pindorama — vol. IV). Manaus, Imprensa Oficial, 1974.

— "Faturação do Ócio". Jorge Tufic. (Coleção Pindorama — vol. V). Manaus, Imprensa Oficial, 1974. 134p.

— "Nuances Sentimentais". Oséas Martins. (Coleção Pindorama — vol. VI) Manaus, Imprensa Oficial, 1974.

Em dezembro de 1974, estava no prelo, na mesma Coleção, o livro "Chão e Graça de Manaus", Genesino Braga, que foi lançado em princípio de 1975.

Ofício desta cidade, às folhas duzentas e trinta e cinco (235), do livro número Dois-B (2-B), a margem da inscrição hipotecária do numero dois mil seiscentos e sete (2.607), e as folhas setenta e um (71), do livro Tres-P (3-P) à margem da transcrição de n.º dezesseis mil quatrocentos e um (16.401) e pelo Oficial do Cartório do Registro de Imóveis de Terceiro Ofício desta cidade, às folhas noventa e dois (92) a noventa e tres (93), do livro Dois-A (2-A) à margem da inscrição n.º cento e setenta e dois (172); que, assim, sendo senhores e possuindo legitimamente o dito prédio, livre e desembaraçado de qualquer ônus judicial ou extra-judicial convencionaram e se comprometem os Outorgantes Promitentes a permutar o mesmo e o seu respectivo terreno por salas de um edifício que deverá ser construido pela Outorgada-Promitente, mediante as clausulas e condições a seguir: PRIMEIRA — O Edifício deverá ter o nome de "EDIFICIO BRASIL", ocupando toda à área do prédio atual número oitenta e nove (89) da Rua Marechal Deodoro e acima descrito. Item I-O dito edifício terá o minimo de doze (12) pavimentos podendo alcançar o máximo de gabarito permitido pela Prefeitura Municipal de Manaus, por ocasião da aprovação do seu projeto e licenciamento da construção pela referida Prefeitura. Item II-O "Edifício Brasil", será construido inteiramente a expensas da Outorgada Promitente, à qual caberão todos os ônus e obrigações decorrentes da construção, desde o seu licenciamento até concessão do "habite-se", compreendendo inclusive, as obrigações e responsabilidades previstas nas legislações trabalhistas, previdenciárias, de acidentes de trabalho ou responsabilidade perante terceiros, tributárias e fiscais; SEGUNDA — A construção deverá ser iniciada, improrrogavelmente, dentro do prazo de tres (3) anos, para ser concluida dentro do prazo de seis (6) anos, com o competente "habite-se", ambos esses prazos sendo contados a partir da data da assinatura da presente escritura de promessa de permuta. Item I — Salvo motivo de força maior devidamente comprovada se a Outorgada — Promitente exceder o prazo de seis (6) anos, previstos nesta clausula para o término da construção, pagará aos Outorgantes Promitentes a multa no valor correspondente a quarenta (40) salários mínimos regionais, relativa a cada mês ou fração do mês que exceder o referido prazo, até o máximo de doze (12) meses. Item II - – Ultrapassando de doze (12) meses o prazo de seis (6) anos convencionado para a conclusão do edifício e concessão do "habite-se", ficará reservado aos outorgantes Promitentes o direito de per si ou por cessão desse direito a terceiros concluirem a construção do edifício, perdendo a Outorgada-Promitente, e favor dos Outorgantes-Promitentes o

direito a dois (2) pavimentos construidos se o edifício ainda não tiver atingido a metade da sua construção de acordo com o projeto aprovado e licenciado ou perdendo o direito a um (1) pavimento, tambem em favor dos Outorgantes-Promitentes, se o edifício já tiver atingido a metade da sua construção, sem prejuizo do convencionado no Item I, anterior. TERCEIRA — A prometida permuta de prédio e terreno situado à rua Marechal Deodoro número oitenta e nove (89), esquina com a Rua Theodureto Souto e Avenida Eduardo Ribeiro, descritos nesta escritura, será feita por dois (2) pavimentos do edifício construido e mais uma (1) sala, em outro pavimento. Item I — Os dois (2) pavimentos acima referidos, serão os imediatamente superiores ao ultimo correspondente a loja ou sobre-loja que constar do edifício, sendo cada um dos mesmos dividido em oito (8) salas, todas com a mesma área, nas quais será empregado o mesmo material e feito o mesmo acabamento das melhores salas que a Outorgada-Promitente, construir nos demais pavimentos superiores. Item II — As salas referidas no item anterior são doados pelos Outorgantes-Promitentes, sem encargos para os donatários, para as pessoas e entidades a seguir designadas e pela forma que vai descrita. a) no primeiro pavimento, seguindo-se a ordem de numeração que tomarem as salas, em favor de: ILANE ISABEL PINHEIRO, brasileira, solteira, menor, estudante uma (1) sala; LUCIA DE FÁTIMA PINHEIRO DE SOUZA, brasileira, solteira, menor, estudante — uma (1) sala; HELOISA HELENA PINHENRO, brasileira, solteira, menor, estudante, uma (1) sala; MARIA D'ASSUNÇÃO PINHEIRO, brasileira, casada, estudante — uma (1) sala; GUILHERME AUGUSTO PINHEIRO, brasileiro, solteiro, comerciante, uma (1) sala; JORGE PINHEIRO FILHO, brasileiro, solteiro, comerciante — uma (1) sala; LUCIA COELHO PINHEIRO, brasileira, casada, de prendas do lar, — duas (2) salas contíguas; b) no segundo e superior ao pavimento acima dito seguindo-se a ordem de numeração que tomarem as salas em favor de: NAIR VIEIRA DE MEDEIROS, brasileira, desquitada, professora — uma (1) sala; HILDO JORGE VIANA PINHEIRO, brasileiro, menor, estudante — uma (1) sala; ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS uma (1) sala; INSTITUTO GEOGRÁFICO HISTÓRICO DO AMAZONAS — uma (1) sala; GINÁSIO ALVARO BOTELHO MAIA — uma (1) sala; HOSPITAL ALLANKARDEC uma (1) sala; TATWA NIRVANA — uma (1) sala; COLEGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA — uma (1) sala; Item III — A outra sala referida no **caput** desta clausula é doada pelos Outorgantes-Promitentes ao Professor DAVID ALVES DE MELLO, brasileiro, casado, advogado, em contemplação de merecimento pelos serviços profissio-

nais pelo mesmo prestados aqueles, ficando expressamente reservado e assegurado ao dito donatário o direito de escolher sua sala em qualquer dos outros pavimentos, assim como o direito de adquirir, a sua custa, uma (1) sala, contigua à doada ou não. Item IV — A Outorgada Promitente, por meio desta escritura, fica com poderes expressos e plenos para, concluida a construção das salas e expedidos os componentes "habite-se" passar diretamente em favor dos donatários designados no item II (dois), letra "a e b", e no item III (tres), ou de terceiros pelos mesmos indicados a competente escritura de doação, sem qualquer despesa para os ditos donatários; Item V — O traslado ou Certidão da presente escritura servirá de título para os donatários exigirem o cumprimento do estipulado no item IV, anterior, ou de quaisquer outros direitos que lhes assistam e decorrentes desta escritura. Item VI — Concluida a construção do edifício e concedido o seu "habite-se" total, as Outorgantes-Promitentes passarão à Outorgada-Promitente a escritura definitiva de permuta, que assim ficará efetiva perfeita e acabada. O convencionado neste item não prejudicará o disposto nos itens IV (Quatro e V (Cinco) da presente Clausula, quanto ao exercício dos direitos nos mesmos assegurados aos donatários, que poderão receber a escritura de doação independentemente da outorga da escritura da permuta, que assim poderão tambem exigir a escritura de doação; QUARTA — Como torna da permuta, a Outorgada Promitente pagou aos Outorgantes Promitentes a quantia certa de Trezentos e Vinte Mil Cruzeiros (Cr$ 320.000,00) que estes declaram ter recebido, neste ato, em moeda legal e corrente no País, contaram e conferiram, dando plena e irrevogável quitação. Item I — A referida quantia dada como torna não será restituida à Outorgada-Promitente, em hipótese alguma inclusive se vier a ser recindido o presente contrato; QUINTA — No ato da assinatura desta escritura, os Outorgantes Promitentes, transmitem a plena posse do prédio e terreno objeto da presente permuta à Outorgada-Promitente, podendo esta demolir o dito prédio e executar o projeto que for elaborado e aprovado para a construção do "EDIFÍCIO BRASIL"; SEXTA — A Outorgada Promitente continuará pagando o aluguel pela locação do prédio objeto da presente permuta, nas bases atualmente vigorantes entre a mesma e os Outorgantes Promitentes — Item I — O referido aluguel deixará de ser pago a partir do início da construção do edifício. Item II — Para efeito do estabelecido no **caput** desta clausula o item I o início da construção do edifício será considerado a partir do dia em que estiverem concluidas a demolição do prédio atual e os serviços de sondagem; SÉTIMA — A

construção do edifício poderá ser feita pela Outorgada Promitente sob a forma de incorporação, na conformidade de legislação específica a respeito, ficando expressamente excluidas dessa forma, porem, todas as salas correspondentes à permuta e referidas na clausula Terceira, supra. Item I — Por efeito do estipulado na presente clausula, fica a Outorgada Promitente autorizada a prometer a venda de partes ideais do terreno, assim como constituir garantias reais sobre as ditas partes ideais e salas do edifício, na hipótese de operação de financiamento, observada, expressamente nos atos que forem celebrados para esses fins, a exclusão das salas de que trata a clausula Terceira desta escritura. OITAVA — A Outorgada-Promitente fará fundir tres (3) placas em bronze, afixá-las, por ocasião da inauguração. e mantê-las nas fachadas do "Edifício Brasil", nos seguintes locais e com os seguintes dizeres: a) lado da Rua Marechal Deodoro — Foi neste Local que, a 3 de janeiro do ano de 1928, iniciei a minha primeira empresa comercial, conduzindo em minha frente a bandeira daabenegação, escudada pelo amor ao trabalho. Amparado neste princípio, tornou-se esta firma um poste de preferência pela confiança que imprimia em minhas transações, tendo como base a ordem e a disciplina. Esta instituição fora mantida até 11 de novembro de 1943, onde continuei a empregar as minhas atividades até 1948, época em que constitui a Ferragens Pinheiro Ltda., onde continuei as minhas atividades Ildefonso da Silva Pinheiro — b) no lado da Avenida Eduardo Ribeiro "O que tiver a fé no tamanho de um grão de mostarda removerá uma montanha". Foi amparado nesta parábola que eu me libertei dos tesouros da terra. Senhor, dai-me razão e sabedoria para que eu possa sempre, amparado nas Vossas parábolas, desprender-me das riquezas do orbe e, nesta fé, caminhar e trabalhar, pensando nas glorias e heranças, em prol do equilíbrio do vosso reino. Vós que passais, e refleti na lei das leis que constroem sempre, a extasiar todo aquele que pacientemente medita e persevera no Evangelho e escudado na fé, na prece, nas esperanças e na caridade, caminha sem vacilar. Foi assim, que na compreensão do amor ao meu próximo, forjei estas lições que lego aos pósteros, como exemplo de quanto pode o homem quando espera em Deus. Ildefonso da Silva Pinheiro". c) no lado da Rua Theodureto Souto. "Vós que passais, meditai na bondade de Deus, que tudo nos proporciona quando observamos desprendidos dos tesouros da terra. Se quizerdes ser felizes, amai os vossos irmãos, dando a cada um aquilo que de graça recebestes do Senhor nosso. Deus. Foi assim que caminhei de ascensão em ascensão, com os olhos voltados para a caridade, luz ascensorial de to-

das as minhas conquistas sobre a terra. Ildefonso Pinheiro". NONA — O presente contrato, na sua integra e para todos os efeitos, não se obriga as partes contratantes como os seus herdeiros e/ou sucessores. Certifico que me foi distribuida esta escritura, pelo bilhete que vai apenso ao respectivo traslado. Depois de escrita esta, eu Tabelião, a li em voz alta perante as partes e testemunhas, que são: Mary Brigida Ribeiro e Nair Araujo de Oliveira, maiores, solteiras, residentes nesta cidade, que achando-a conforme, assinam; dou fé. Eu, Marlene Pereira da Silva, escrevente juramentada a escrevi. E eu, Milton Nogueira Marques Tabelião a subscrevo e assino. MILTON NOGUEIRA MARQUES. Manaus, 4 de Setembro de 1974 (aa) ILDEFONSO DA SILVA PINHEIRO. LUCIA COELHO PINHEIRO. ELETRO-FERRO CONSTRUÇÕES S/A. CARLOS ISRAEL RAMOS LINS, JOSÉ LOPES DA SILVA, Mary Brigida Ribeiro, Nair Araujo de Oliveira. Trasladado do próprio original na data, retro e pela 12.º vez dou fé. Eu, Milton Nogueira Marques.

Tabelião a subscrevo assino em público e raso.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 3 DE MARÇO DE 1971

Realizou-se no dia 3 de março de 1971 a sessão ordinária presentes os acadêmicos Djalma Batista, Mário Ypiranga Monteiro, Genesino Braga, João Mendonça de Souza, Cosme Ferreira Filho, João Crysostomo de Oliveira, Waldemar Batista Sales, Sebastião Norões, Elson Farias e William Rodrigues, Expediente: feitura da ata de posse do acadêmico Moacyr Alves, agradecimento a convites da Suframa e da Assembléia Legislativa, assim como acusando recebimento da comunicação da nova diretoria do IGHA, e da Prefeitura Municipal comunicando que faria justas homenagens póstuma ao Acadêmico Álvaro Maia. **Ordem do dia**: Edição para preenchimento da vaga deixada por morte de Américo Antony, poltrona nº 28, estando inscrito o poeta Luis Bacelar, que em dois escrutínios não obteve o número suficiente para considerar-se eleito, havendo um total de 20 votantes, 10 presentes e 10 por correspondência. No primeiro escrutínio o candidato obteve 15 votos, 2 negativos e 3 em branco, no segundo, 14 votos, 3 negativos e 2 em branco, já não se fazendo presente um dos acadêmicos, permanecendo vaga a poltrona. A seguir André Araújo foi designado para falar em nome da Academia na homenagem da Prefeitura, a memória de Álvaro Maia. William Rodrigues comunica que obteve uma bolsa de estudos, enquanto João Crysostomo de Oliveira participa que deixou a direção da Faculdade de Filosofia. Cumprimentos a Cosme Ferreira Filho pela obtenção do Troféu Estácio de Sá.

SESSÃO PLENÁRIA DE 8 DE MAIO DE 1971

Compareceram os acadêmicos: Djalma Batista, Genesino Braga, Moacyr Alves, João Crystomo de Oliveira, Jorge Tufic, Elson Farias, Waldemar Salles, Mário Ypiranga Monteiro, João Mendonça de Souza e Oyama Ituassu. Após leitura dos expedientes recebidos entre eles do Consulado do Japão p/ a festa do Aniversário de S.M. o Imperador Hirohito, cartas dos

acadêmicos Peregrino Jr. e Agnello Bittencourt além do convite especial do Conselho do Mérito Jornalístico para assistirem à entrega da medalha ao confrade Genesino Braga. Na ordem do dia, discutiu-se a maneira de como incentivar o desenvolvimento cultural do Estado, havendo falado os acadêmicos Genesino Braga e Djalma Batista, secundados por Elson Farias. Pesar pelo falecimento do acadêmico Sebastião Norões. Programação para o aniversário de Castro Alves. Programação para o recebimento na Academia dos acadêmicos eleitos Paulo Jacob, Manuel Bastos Lira e Newton Sabbá Guimarães, todos eleitos há tempos e ainda não empossados em suas cadeiras. Doação de Cr$ 5.000,00 pelo Banco do Estado do Amazonas à Academia. Comissão composta de Jorge Tufic, Moacyr Alves e Oyama Ituassu para uma visita ao acadêmico Pereira da Silva, enfermo.

SESSÃO DO DIA 5 DE JUNHO DE 1971

Presentes os acadêmicos: Djalma Batista, Genesino Braga, João Crysostomo de Oliveira, Francisco Pereira da Silva, Moacyr Rosas, Mário Ypiranga Monteiro, Waldemar Salles. Leitura do expediente recebido, entre outros da viúva Andrômaca Moraes, de Jacob Benoliel e de João dos Santos Pereira Braga, este último participando aqui a Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Amazonas, consignara em ata um voto de pesar pelo falecimento do acadêmico Sebastião Norões. Na ordem do dia, o presidente consultou os acadêmicos sobre a possibilidade da Universidade do Amazonas, trazer conferencistas do sul para ministrarem conferências na Academia. Normas do concurso de Poesia Castro Alves. Preparação do vol. 15 da Revista da Academia. Designar os acadêmicos Petrarca Maranhão e Agnello Bittencourt para representarem a AAL junto à Federação das Academias de Letras. O acadêmico Mário Ypiranga designado para auxiliar o acadêmico A.S. Mendonça Jr., Presidente da Federação das Academias, na seleção de uma antologia dos poetas do Amazonas. Tratou-se ainda da posse dos acadêmicos eleitos Paulo Jacob Maciel, João Machado, Manuel Bastos Lira, Newton Sabbá Guimarães e Plínio Coelho, devendo serem marcados os dias da solenidade da recepção dos cinco novos imortais. Os acadêmicos Carlos de Araújo Lima, Nunes Pereira e Arthur Cézar Ferreira Reis representarão, no Rio de Janeiro, a Academia. A Justiça, em 1ª instância, dá ganho de causa ao candidato Olavo Farias em sua ação contra a Academia. O Acadêmico Oyama Ituassu é o advogado do

sodalício. Declara-se aberta a vaga deixada por morte do Acadêmico Sebastião Norões.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 14 DE AGOSTO DE 1971

Compareceram os acadêmicos: Djalma Batista, Waldemar Salles, André Araújo, Moacyr Alves, João Mendonça de Souza, Mário Ypiranga Monteiro e Paulo Jacob Maciel. Leitura dos expedientes recebidos — cartas dos acadêmicos Agnello Bittencourt, Ramayana de Chevalier, do escritor Ferreira de Castro, Juiz Neuzimar Pinheiro — além de telegramas vários. Homenagem póstuma da Casa ao acadêmico Anísio Jobim, ficando vaga a cadeira cujo patrono é "Farias Brito". O escritor Luís Ruas inscreveu-se para a vaga deixada por Sebastião Norões, sendo nomeada uma comissão composta dos acadêmicos Waldemar Batista de Salles e Moacyr Alves para dar parecer. Criada a comissão composta dos acadêmicos Moacyr Alves, João Crysostomo de Oliveira e Elson Farias para julgamento de trabalhos que concorreram ao Prêmio Castro Alves. Preparativo do volume nº 15 da Revista. Mário Ypiranga Monteiro leva os originais do seu livro sobre "Fundação de Manaus", os de João Mendonça de Souza — "O Poeta e a Forma Exata" —, e os de Agnello Bittencourt — Dicionário Amazonense de Biografias — para a editora, no Rio de Janeiro. Comunicação de que o paisagista Burle Max virá pronunciar conferências na Academia. Genesino Braga solicita e obtém permissão para mandar fazer reparos na sede da Academia e Djalma Batista comunica que a 3 de setembro o escritor Paulo Jacob Maciel tomará posse no sodalício.

SESSÃO SOLENE DO DIA 3 DE SETEMBRO DE 1971

Presentes os acadêmicos: Djalma Batista, que presidiu a reunião, André Araújo, João Crysostomo de Oliveira, Genesino Braga, Walter Nogueira, Waldemar Batista de Salles, Elson Farias, Jorge Tufic, João Mendonça de Souza, Moacyr Alves, Raimundo Pinheiro, bem como os sócios correspondentes D. Alberto Ramos, Deoclydes de Carvalho Leal e Cláudio de Araújo Lima. Compuseram a mesa: Dr. Deoclydes de Carvalho Leal, vice-governador representando o Governo do Estado. Desembargador Arthur Gabriel Gonçalves, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, General Álvaro Cardoso, Comandante Militar da Amazônia, e P. Alberto Ramos, arcebispo do Pará. Os acadêmicos André Araújo, Genesino Braga e Waldemar Salles introduziram no recinto o Acadêmico Paulo Jacob. Logo mais

foi convidado a pronunciar o seu discurso e o fez em cinqüenta minutos, estudando a personalidade de Álvaro Maia e Maranhão Sobrinho, sendo muito aplaudido.

A mesma comissão que o introduzira no salão conduziu-o à sua poltrona. Falou a seguir o acadêmico Jorge Tufic, dando as boas vindas da Casa ao amável imortal, e estava assim preenchida mais uma cadeira da Velha Instituição.

SESSÃO DO DIA 25 DE SETEMBRO DE 1971

Compareceram os acadêmicos: Djalma Batista, Waldemar Batista de Salles, André Araújo, João Mendonça de Souza, Paulo Jacob e Mário Ypiranga Monteiro — Leitura do expediente, inúmeros ofícios e cartas agradecendo o envio do nº 14 da Revista da Academia. Convite do IGHA para a posse do novo membro naquela instituição. Telegrama do Ministro Jarbas Passarinho agradecendo convite da AAL para a posse do acadêmico Paulo Jacob. Outros ofícios recebidos e expedidos a diversas personalidades do mundo intelectual regional e nacional. Aceitação unânime da proposta sobre o Ministro Jarbas Passarinho para sócio-correspondente, sendo marcada a data para a sua recepção na Casa. Apresentação pela comissão sobre o resultado dos vencedores do Concurso Castro Alves sendo eles: 1º lugar: Nelson Azevedo dos Santos; 2º lugar: Eneida Lana Keller; 3º lugar: Henrique R. de Lacerda, ficando decidido que a entrega do prêmio se fará no dia da posse do acadêmico Jarbas Passarinho. Apresentação do balancete das contas pelo Tesoureiro. Nove acadêmicos propõem uma modificação no Estatuto, devendo ser a mesma apreciada em sessão futura. Deixa de ser apreciada a inscrição do candidato Luiz Ruas, Inscrito para a vaga deixada pelo acadêmico Sebastião Norões, por uma questão de ordem suscitada pelo acadêmico Paulo Jacob. Fica marcado o dia 16 de outubro para a votação. André Araújo por motivos de seus empenhos pede que seja adiada a posse do acadêmico-eleito Newton Sabbá Guimarães a quem foi incumbido de saudar. O Acadêmico João Crysostomo de Oliveira propõe que se apresse a posse do acadêmico-eleito Newton Sabbá Guimarães, sendo aprovado pelos demais, em virtude daquele novo imortal já haver apresentado o seu discurso. Comunica-se à Casa que a Reitoria concedeu passagem ida e volta ao escritor João Décio, de Marília, São Paulo, a fim de que o mesmo venha a Manaus pronunciar uma conferência. O acadêmico Genesino Braga apresenta relatório das compras realizadas para a Academia, e o Acadêmico João Crysostomo de Oliveira pede se envie telegrama de congratu-

lações ao ex-secretário da Educação e Cultura, Temístocles Gadelha.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1971

Estiveram presentes os acadêmicos: Djalma Batista, André Araújo, Genesino Braga, João Crysostomo de Oliveira, Waldemar Batista de Salles, Cosme Ferreira Filho, Sadoc Pereira, Walter Nogueira, Elson Farias, Paulo Jacob, João Mendonça de Souza, Moacyr Alves e Oyama Ituassu. Leitura da ata anterior e sua aprovação. Expediente recebido: cartas, convites, e ofícios de intelectuais e entidades culturais, salientando-se o ofício do CMA agradecendo a participação da Academia, na pessoa do acadêmico André Araújo em recente concurso sobre o Dia de Tiradentes e do Ministro Henoch Reis agradecendo o envio de n.º 14 da Revista da Academia. O deputado Leopoldo Peres comunica que doou a quantia de Cr$ 15.000,00 ao Sodalício. O prof. João Décio comunicando que virá a Manaus para a conferência programada. O senador José Lindoso comunica a dotação de uma verba no valor orçamentária de Cr$ 5.000,00 para a Academia. Na ordem do dia tratou-se da publicação do livro da Academia entre eles o de poemas "Versos de Outrora", do acadêmico Cosme Ferreira Filho, assim como o de Agnello Bittencourt, "Dicionário Amazonense de Biografias". Fixada a data para a entrega do diploma de sócio ao Ministro Jarbas Passarinho — 25|11|71. Comunica o presidente que chegará a Manaus o escritor Abguar Renault e que pronunciará conferência na Academia. Eleição para a vaga deixada pelo acadêmico Sebastião Norões, falecido recentemente. Inscrito o candidato Luiz Ruas, que nos três escrutínios realizados não obteve o número legal de votos necessários para que se considerasse eleito, continuando vaga a cadeira. Acadêmico Genesino Braga apresenta suscinto relatório sobre o problema da eletricidade no edifício. O presidente comunica que os originais do volume 15, da Revista da Academia, já se acham na Imprensa Oficial. Aceitando sugestão do acadêmico Cosme Ferreira Filho, o acadêmico João Mendonça de Souza, propõe que cada sócio escreva um tópico na seção da Academia em "O Jornal" sobre o Acadêmico Agnello Bittencourt que aniversariará no dia 14 de dezembro. O tesoureiro apresenta orçamento e o acadêmico João Crysostomo de Oliveira propõe voto de louvor à Orquestra Sinfônica do Amazonas, sendo aprovado.

ATA DA SESSÃO DO DIA 8 DE JANEIRO DE 1972

Presentes os acadêmicos: Djalma Batista, João Crysostomo de Oliveira, João Mendonça de Souza, Genesino Braga, Mário Ypiranga Monteiro e Waldemar Batista de Sales. Leitura do expediente recebido. O secretário leu todo o expediente recebido e a seguir passou-se à ordem do dia, tratando-se da saudação de Djalma Batista à presidência do sodalício, assim como a autorização para a publicação dos primeiros livros que formarão a série de edições da Academia Amazonense de Letras. São depois tratados assuntos internos da Casa, inclusive problemas de água e luz. Os sócios presentes autorizam providências da Academia relativas à edição do n.º 15 da Revista da A.A.L.

ATA DA SESSÃO DO DIA 5 DE FEVEREIRO DE 1972

Estiveram presentes os acadêmicos: Djalma Batista, Genesino Braga, Waldemar Batista de Salles, Moacyr Rosas, Mário Ypiranga Monteiro, André Vidal de Araújo, José Lindoso, João Mendonça de Souza, Cosme Ferreira Filho e William Rodrigues. Leitura do expediente recebido e aprovação da ata anterior. Depois passou à discussão a proposta por 16 acadêmicos para a reforma do Estatuto, havendo ainda uma segunda proposta para alterar a redação dos artigos 11 e 19, discutida pelos acadêmicos João Mendonça de Souza, Waldemar Batista de Salles, Cosme Ferreira Filho e William Rodrigues. Em seguida deu-se a eleição da nova diretoria, por aclamação, ficando assim instituída: Presidente Djalma Batista, 1.º Vice-Presidente: André Araújo, 2º Vice-Presidente: João Crysostomo de Oliveira, Secretário-Geral: Genesino Braga, Secretário-Adjunto: Oyama Ituassu. Tesoureiro: Walter Nogueira, Bibliotecário: Mário Ypiranga Monteiro. O acadêmico Djalma Batista expõe sobre as edições futuras da Casa enquanto o acadêmico Genesino Braga propõe o escritor Aláudio Melo para sócio-correspondente, e o acadêmico Moacyr Rosas propõe igualmente o escritor Demostenes G. Pereira, na mesma proposição sendo aceitos com aplausos. O acadêmico João Mendonça de Souza, tece comentários em torno da Revista da Academia e da coluna "Letras & Artes" que vem mantendo há mais de 3 anos em "O Jornal". O mesmo acadêmico requer seja registrado em ata voto de pesar pelo falecimento do Editor Bruno Bruccini. O presidente do sodalício, por ter que viajar ao sul do país, passa a presidência ao Acadêmico André Araújo e congratula-se pela nomeação do acadêmico João Mendonça de Souza para Diretor-Superintendente da Fundação Cultural do Amazonas.

ATA DA SESSÃO DO DIA 8 DE ABRIL DE 1972

Contou com a presença dos acadêmicos: Djalma Batista, Walter Nogueira, João Mendonça de Souza, João Crysostomo de Oliveira, Genesino Braga, Moacy Alves e Waldemar Batista Salles. Leitura dos expedientes recebidos. Passando à Ordem do Dia, deliberou-se que a posse do acadêmico-eleito Newton Sabbá Guimarães, teria lugar no dia 5 de maio, sendo indicado para saudá-lo o acadêmico André Vidal de Araújo. A seguir, tratou-se da Semana de Camões com a participação da Academia em data a ser marcada.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 10 DE JUNHO DE 1972

Compareceram os acadêmicos: Arthur Cezar Ferreira Reis, André Araújo, Cosme Ferreira Filho, Moacyr Alves, João Nogueira da Mata, João Crysostomo de Oliveira, William Rodrigues, Waldemar Batista Salles, Mário Ypiranga Monteiro, João Mendonça de Souza e Djalma Batista. O acadêmico Arthur Reis ofertou a casa 2 exemplares do livro de Alberto Rangel sobre "Dois Ingleses" e um "Álbum Cultural do Brasil", editados pelo Conselho Federal de Cultura. É pedido ao presidente do C.F.C. o custeio da vinda do escritor Viana Moog a Manaus a fim de pronunciar conferências. Pediu-se ainda a publicação do n.º 16.º da Revista.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 2 DE SETEMBRO DE 1972

Estiveram presentes os acadêmicos: João Mendonça de Souza, Waldemar Batista de Salles e João Crysostomo de Oliveira. Fez-se a leitura das atas anteriores e tratou-se apenas do andamento da ação rescisória proposta pelo candidato derrotado, advogado Olavo Farias, contra a Entidade. Leitura do expediente recebido.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 16 DE DEZEMBRO DE 1972

Presentes os acadêmicos: Genesino Braga, Moacyr Alves, João Crysostomo de Oliveira, Waldemar Salles, Mário Moraes, Paulo Jacob, Cosme Ferreira Filho, William Rodrigues, João Mendonça de Souza, Elson Farias, Jorge Tufic, Mário Ypiranga, Newton Sabbá Guimarães e André Araújo. Leitura do expediente. Voto de pesar pelo falecimento do filho do acadêmico Moacyr Alves. Passando à ordem do dia, trata-se da futura publicação do outro número da Revista da AAL e da votação

para preenchimento da poltrona antes ocupada por Ramayana de Chevalier e à qual se inscreveu o jornalista Cláudio de Araújo Lima, resultando o mesmo eleito com vinte votos, inclusive dos acadêmicos ausentes Carlos Barroso, Oyama Ituassu, Nunes Pereira, José Lindoso, Agnello Bittencourt, Pereira da Silva e Djalma Batista, sendo designado o Acadêmico Genesino Braga para saudar o novo imortal. Votos de congratulações pela passagem do 96.º aniversário do acadêmico Agnello Bittencourt.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 2 DE JUNHO DE 1973

Compareceram os acadêmicos: Genesino Braga, William Rodrigues, Newton Sabbá Guimarães, João Crysostomo de Oliveira, Waldemar Batista de Salles, Walter Nogueira, Elson Farias, Moacyr Rosas, Mário Ypiranga Monteiro, sob a presidência do acadêmico André Araújo. Leitura de ofícios e correspondência recebidas. Depois tratou-se da realização da posse dos acadêmicos eleitos, entre eles Manoel Bastos Lira, Plínio Ramos Coelho e João Pereira Machado. Foram designados para recebê-los os acadêmicos William Rodrigues, Walter Nogueira e Oyama Ituassu. A seguir discutiu-se a propósito da Galeria dos Imortais, do fardão dos acadêmicos e outros assuntos correlatos.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 30 DE JUNHO DE 1973

Contou com a presença dos acadêmicos: André Vidal de Araújo, Genesino Braga, Waldemar Batista de Salles, Newton Sabbá Guimarães, João Mendonça de Souza, Elson Farias, William Rodrigues, João Crysostomo de Oliveira. Leitura do expediente recebido e comentários do livro do confrade Waldemar Batista de Salles "O Amazonas, o meio físico e suas riquezas naturais". A seguir tratou-se novamente da unidade de os acadêmicos eleitos tomarem posse, assim como da difusão dos livros da edição da Academia. O acadêmico João Crysostomo de Oliveira distribuiu o seu trabalho "Titãs da Nacionalidade" entre os confrades. Votos de pesar pelo falecimento do filósofo Jacques Mauritain, e congratulações aos realizadores do filme "A SELVA'".

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 28 DE JULHO DE 1973

Estiveram presentes os acadêmicos: André Vidal de Araújo, José Benardino Lindoso, João Mendonça de Souza, Gene-

sino Braga, João Crysostomo de Oliveira, Moacyr Alves, Elson Farias, Moacyr Rosas, Waldemar Batista Salles, William Rodrigues e Newton Sabbá Guimarães. Leitura e apreciação da correspondência recebida. José Lindoso comenta da oportunidade de se reeditarem velhos e importantes livros sobre o Amazonas, como a "Historia do Amazonas" de Arthur Reis, a "História de Manaus" de Bertino de Miranda e a "Canção de Fé e Esperança", de Álvaro Maia. É organizada comissão composta dos acadêmicos Newton Sabbá Guimarães, Moacyr Alves e Elson Farias para se avistar com o Reitor e tentar maior aproximação entre a Academia e a Universidade. Outra comissão formada pelos acadêmicos André Araújo, João Crysostomo de Oliveira e João Mendonça de Souza, para irem ao Governador com o propósito de melhor entrelaçamento cultural entre a Academia e o Executivo. Cumprimentos pela passagem do 25º aniversário da vida literária de Djalma Batista junto à Academia. João Crysostomo de Oliveira propõe o General Mário Barata França para sócio correspondente da Academia.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 29 DE SETEMBRO DE 1973

Presentes os acadêmicos: André Araújo, João Crysostomo de Oliveira, Genesino Braga, João Mendonça de Souza, Moacyr Rosas, Waldemar Batista de Salles, Elson Farias, Newton Sabbá Guimarães e Oyama Ituassu. Pesar pelo falecimento do Acadêmico Francisco Pereira da Silva. Ofício do Senador Flávio Brito comunicando a concessão da verba de Cr$ 20.000,00, no orçamento do Ministério da Educação, para a Academia. Ofícios recebidos de várias entidades culturais e um convite da Academia do Piauí para um encontro das Academias em Teresina. Mensagem do Acadêmico Djalma Batista à Academia. Na ordem do dia, criaram-se duas comissões, sendo a primeira constituída dos acadêmicos Newton Sabbá Guimarães, André Araújo, João Mendonça de Souza e João Crysostomo de Oliveira, para examinar a possibilidade de difusão, entre os órgãos do Estado, das publicações da Academia, e a segunda, constituída dos acadêmicos Oyama Ituassu (redator), Newton Sabbá Guimarães e João Crysostomo de Oliveira para estudarem o assunto da redução da poltrona no sodalício e ofereceram parecer.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 1973

Estiveram presentes os acadêmicos: André Vidal de Araújo, Newton Sabbá Guimarães, João Crysostomo de Oliveira, Gene-

sino Braga, Moacyr Alves, William Rodrigues, Elson Farias. Leitura e resposta de expediente. Ofício do acadêmico José Lindoso comunicando que autorizou Cr$ 10.000,00 para a Academia no orçamento da União. Idem do deputado Raimundo Parente comunicando que oferecia Cr$ 2.000,00 de sua cota pessoal à Academia. Telegrama do deputado Leopoldo Peres participando que destinava Cr$ 20.000,00 de sua cota pessoal à Instituição. Fixa uma data para encontro da comissão composta dos acadêmicos André Vidal de Araújo, João Crysostomo de Oliveira, Newton Sabbá Guimarães, João Mendonça de Souza e Elson Farias para tratarem de assuntos referentes a publicação dos livros da Academia. Recebimento da valiosa biblioteca do acadêmico Sadoc Pereira, ofertada por aquele membro à Casa.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 12 DE JANEIRO DE 1974

Presentes os acadêmicos: André Araújo, Newton Sabbá Guimarães, Waldemar Batista de Salles, João Crysostomo de Oliveira, Elson Farias, Genesino Braga, e Walter Nogueira. Depois da leitura dos expedientes, passou-se à ordem do dia para tratar especificamente da alteração do art. 8 do Estatuto no tangente à composição da diretoria, o que foi feito com a aprovação unânime da Acadêmia. A seguir procedeu-se à eleição da nova diretoria, com a apresentação de uma chapa única. Resultando eleita a seguinte diretoria: Presidente: André Vidal de Araújo, 1° Vice-Presidente: Genesino Braga, 2º Vice-Presidente: Mário Ypiranga Manteiro, 3º Vice-Presidente: Oyama Ituassu, Secretário Geral: João Mendonça de Souza, Secretário-Adjunto: Newton Sabbá Guimarães, Tesoureiro: William Rodrigues; Tesoureiro-Adjunto: Moacyr Alves e Bibliotecário: Elson Farias. Proclamados eleitos, os novos membros da diretoria foram empossados. Fala do novo Presidente, acadêmico André Araújo. Votos de congratulações ao presidente que saiu, Djalma Batista.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 18 DE MAIO DE 1974

Compareceram os acadêmicos: André Araújo, Newton Sabbá Guimarães, Djalma Batista, João Crysostomo de Oliveira, William Rodrigues, Waldemar Batista de Salles, João Mendonça de Souza, Genesino Braga e Elson Farias. Votos de louvor pedido pelo presidente ao acadêmico Newton Sabbá Guimarães, recém-chegado de demorada viagem a vários países afro-árabes e o primeiro magistrado brasileiro a visitar

oficialmente as repúblicas da Índia e de Somália, sendo a proposição aprovada por unanimidade. Comentários a respeito de publicações de livros de acadêmicos: "Caminhos de Sylvio Romero", de João Mendonça de Souza, e Geografia do Amazonas, publicada por Waldemar Batista de Salles. Proposição por parte do Acadêmico André Araújo para a Academia organize cursos de Cultura Geral a serem ministrados por acadêmicos. Relatório minucioso, pelo acadêmico Newton Sabbá Guimarães, de sua viagem à África Oriental e Mundo Árabe. Oferta do acadêmico Genesino Braga, de 210 números de "O Jornal", no qual participaram com trabalhos literários, os membros da Academia Amazonense de Letras.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 3 DE AGOSTO DE 1974

Presentes os acadêmicos: Moacyr Rosas, Djalma Batista, João Mendonça de Souza, Oyama Ituassu, Elson Farias, Newton Sabbá Guimarães, Mário Ypiranga Monteiro, João Crysostomo de Oliveira, Genesino Braga. Leitura do expediente. Discurso de Djalma Batista lembrando da necessidade de se movimentar a Academia. Votos de restabelecimento ao acadêmico Sadoc Pereira que está doente. O acadêmico João Mendonça de Souza fala, elogiando as magníficas publicações da Casa e comenta o livro "Folclore Amazonense", 2º volume de Mário Ypiranga Monteiro. Lembra ainda que é preciso publicar com urgência as obras de Newton Sabbá Guimarães, assim como as de Genesino Braga, Djalma Batista, Elson Farias. Votos de Louvor pedido pelo acadêmico Mário Ypiranga Monteiro ao acadêmico João Mendonça de Souza, diretor do "Jornal Cultura". Os acadêmicos Elson Farias e João Crysostomo de Oliveira tecem comentários sobre recente publicação do acadêmico José Lindoso. O acadêmico Oyama Ituassu lê trechos de seu trabalho "Em torno da Liberdade", sendo muito aplaudido.

SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA 28 DE SETEMBRO DE 1974

Presentes os acadêmicos: Genesino Braga, Djalma Batista, Newton Sabbá Guimarães, Moacyr Rosas, Elson Farias, Moacyr Alves e João Mendonça de Souza. Leitura do expediente que incluia correspondência recebida de entidades culturais do Sul do país, dos acadêmicos Carlos Barroso e Nunes Pereira. O presidente em exercício, Genesino Braga, comunica que há, no Banco do Brasil, em nome da Academia, a importância de Cr$ 25.000,00. Distribuição de exemplares das

revistas publicação da Academia nas livrarias de Manaus. O acadêmico João Mendonça de Souza tece comentários sobre a situação atual da Academia e das publicações. Congratulações pelo restabelecimento do acadêmico André Araujo. Cria-se a comissão composta pelos acadêmicos João Mendonça de Souza, Moacyr Alves e Elson Farias para elaborar um anteprojeto a ser apresentado ao novo Governador, Ministro Henoch Reis, com os pleitos da Academia. Djalma Batista comunica que a Academia teve ganho de causa contra o pretendente Olavo Faria em recente decisão do Tribunal de Justiça, pedindo um voto de congratulações ao advogado da instituição, o acadêmico Oyama Ituassu. Recebimento de um documento de doação à Academia por parte do sr. Ildefonso Pinheiro.

ACADEMIAS DE LETRAS ESTADUAIS

Datas de fundação ou instalação e Fundadores Principais

15/ 8/1894 — **Academia Cearense de Letras**
Guilherme Studart (depois Barão de Studart)

3/ 3/1900 — **Academia Paraense de Letras**
Paulino de Brito

26/ 1/1901 — **Academia Pernambucana de Letras**
Carneiro Vilela

1/12/1091 — **Academia Rio-Grandense de Letras**
Olinto de Oliveira

10/ 8/1908 — **Academia Maranhense de Letras**
Antônio Lôbo

5/ 9/1909 — **Academia Paulista de Letras**
Joaquim José de Carvalho

25/12/1909 — **Academia Mineira de Letras**
Machado Sobrinho

7/ 3/1917 — **Academia de Letras da Bahia**
Arlindo Fragoso

22/ 7/1917 — **Academia Fluminense de Letras**
Quaresma Júnior

30/12/1917 — **Academia Piauiense de Letras**
Lucídio Freitas

1/ 1/1918 — **Academia Amazonense de Letras**
Benjamin Lima

1/11/1919 — **Academia Alagoana de Letras**
Demócrito Gracindo

7/ 9/1920 — **Academia Catarinense de Letras**
José Artur Boiteux

4/ 9/1921 — **Academia Espírito-Santense de Letras**
Alarico de Freitas

7/ 9/1921 — **Academia Mato-Grossense de Letras**
José de Mesquita

8/ 4/1926 — **Academia Carioca de Letras**
Atico Leite

1/ 6/1929 — **Academia Sergipana de Letras**
Pires Weynne

26/ 9/1936 — **Academia Paranaense de Letras**
Ulisses Vieira

8/11/1936 — **Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**
Luís da Câmara Cascudo

17/11/1937 — **Academia Acreana de Letras**
Paulo Bentes

29/ 4/1939 — **Academia Goiana de Letras**
Pedro Ludovico
14/ 9/1941 — **Academia Paraibana de Letras**
Coriolano de Medeiros

(A Federação das Academias de Letras do Brasil, que reune todas essas entidades, chamada de Senado Literário do Brasil, foi fundada **em** 13/5/1936, sendo seu Fundador Principal **Afonso Costa)**.

(Pesquisa de Manoel Albano Amora)

(Ext. da Revista "A Academia Cearense de Letras — nº 32 e 33 — 1969)

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas
da Imprensa Oficial
Rua Leonardo Malcher n.º 1189
Manaus Amazonas

Governo: HENOCH DA SILVA REIS

QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — D. Alberto Gaudêncio Ramos, Cônego Ápio Campos, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Líbero Luxardo e De Campos Ribeiro.

MARANHÃO — Antonio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Adauto Fernandes e Osmundo Pontes.

BAHIA — Carlos Eduardo da Rocha.

RIO DE JANEIRO — Aristêo G. Leite, Cônego Assis Memória, Cônego Jorge O'Grady de Paiva, Clovis Barbosa, Deoclydes Carvalho Leal, Geraldo Menezes, Heitor Péres, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Rosalina Coêlho Lisbôa Larragotti, Osvaldo Orico, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Pe. Manoel Albuquerque, Moacyr Paixão, José Luiz de Araújo Neto, F.P. de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Augusto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiuza, Moacir Dantas, Jesuíno Ramos, Áureo Mello, Paulo Bentes e Luiz de Miranda Corrêa.

ESTADO DO RIO — Mons. João de Barros Uchôa.

SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Caetano Estelita Pernet, Jorge Bertolaso Stella e Alceu Maynard Araújo.

MINAS GERAIS — Merolino Corrêa.

BRASÍLIA — Jarbas G. Passarinho.

ALEMANHA — Wilhelm Giese.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM